



Evelin Lindner

POR UMA ECONOMIA DIGNA

Fatiha Dechicha Parahya

Francisco Gomes de Matos

Maria José de Matos Luna

[Organizadores]

Fatiha Dechicha Parahyba
Francisco Cardoso Gomes de Matos
Maria José de Matos Luna
Organizadores

Por uma Economia Digna

Evelin Lindner
MD, PhDs (Dr psychol, Dr med)

Fatiha Dechicha Parahyba
Tradução

Recife | 2017

Copyright: Esta licença permite a livre utilização do material, com a ressalva de que o autor deve mencionado e que os trabalhos que fizerem uso do material devem ser regidos pela mesma licença.

Publicado pela World Dignity University Press, uma impressão de Dignity Press

16 Northview Court
Lake Oswego, OR 97035
USA
www.dignitypress.org

Visite o website do livro: www.dignitypress.org/dignity-economy

Direção de arte e desenho da capa de Uli Spalthoff

Foto da Capa (Protesto de direitos sobre a terra por agricultores em Jacarta, Indonésia) por Jonathan McIntosh (www.rebelliouspixels.com).

Foto da Contracapa ©Evelin Frerk 2011 (www.evelinfrerk.de).

ISBN 978-1-937570-03-3 Versão impressa em inglês

Este livro, na versão original em inglês, encontra-se também disponível como eBook:
eISBN 978-1-937570-04-0

Dedico ao meu pai, que, através de seu exemplo, me deu a coragem de *enfrentar*, em vez de ficar *passiva* diante da indignidade.

SUMÁRIO

Prefácio dos Diretores da Dignity Press	
Prefácio de Linda Hartling	VII
Prefácio de Ulrich Spalthoff	IX
Prefácio	XI
Introdução	XXVII
Parte I: Onde Estamos? Para Onde Podemos Ir?	35
Capítulo 1: Enquanto as Vozes Críticas Falam Mais Alto, Prevalece um Sentimento de Impotência	37
Capítulo 2: Vamos Trabalhar Juntos para Elucidar os Fatos!	53
Capítulo 3: Para Onde Podemos Ir? Rumo à Transição para a Dignidade	71
Parte II: Dignidade ou Humilhação? Eis a Questão!	99
Capítulo 4: Quando a Escassez e a Degradação Ambiental se Tornam Sistêmicas	101
Capítulo 5: Quando a Desconfiança se Torna Onipresente	115
Capítulo 6: Quando o Abuso se Torna um Meio para “Fazer com que as Coisas Sejam Feitas”	125
Capítulo 7: Quando o Medo se Torna Dominante e Debilitante	135
Capítulo 8: Quando as Escolhas Falsas Excluem as Escolhas Importantes	143
Capítulo 9: Quando Nossas Almas São Feridas pelo Modelo do Homo Economicus	159
Parte III: O Que Devemos Fazer? Vamos nos Unir Como Uma Família Humana!	177
Capítulo 10: Precisamos de uma Panóplia de Novas Estratégias para a Dignismo!	179

Capítulo 11: Precisamos Humanizar a Globalização com Igualização!	207
Capítulo 12: Precisamos de Muito Mais Vozes e uma Direção Clara!	239
Agradecimentos	291
Referências Bibliográficas	297

PREFÁCIO DOS DIRETORES DA DIGNITY PRESS

PREFÁCIO DE LINDA HARTLING

Eu tive a honra e o privilégio de colaborar com Evelin Lindner por mais de uma década. Nós nos encontramos através de Donald C. Klein, um pioneiro no campo da psicologia comunitária, que foi um dos primeiros psicólogos a iniciar um profundo debate sobre a dinâmica da humilhação. Em 1995, eu tinha acabado de concluir minha dissertação, desenvolvendo a primeira escala para avaliar a experiência interna de humilhação, enquanto em outra parte do mundo, Evelin estava formulando sua pesquisa, explorando a ligação entre humilhação e conflito violento. Durante aqueles anos, cada uma de nós sabia que éramos, virtualmente, pesquisadoras solitárias neste novo campo de estudo. Após a introdução de Don, em 1998, celebramos o fato de não estarmos mais sozinhas.

Desde o início, constatei que Evelin Lindner estava a caminho de se tornar uma estudiosa líder no mundo, no que diz respeito à experiência de humilhação e dignidade humana. Sua decisão de viver como uma cientista social global lhe proporcionou o amplo conhecimento, experiência e perspectiva que tornam possível esse livro. Transcendendo os limites do trabalho em um ambiente acadêmico convencional, Evelin vê o mundo como sua universidade. Ela se dedica a sintetizar e integrar o conhecimento obtido como resultado do seu engajamento em uma comunidade de especialistas, pesquisadores e profissionais, altamente diversificada. Sua vida como cidadã do mundo lhe permitiu questionar sistemas econômicos que esgotam e privam a humanidade de recursos sociais e naturais vitais, ameaçando a nossa existência neste planeta.

Um dos aspectos mais notáveis da pesquisa de Evelin Lindner, ao longo dos anos, reside em sua completa liberdade de influências de

VIII

corporações e de outras instituições voltadas para a obtenção de lucros. Em um mundo em que se cultua a acumulação de riqueza, Evelin é um exemplo vivo de como “o dinheiro deve servir e não conduzir os esforços”. A prática deste princípio lhe permitiu manter um nível independente de pensamento e de escrita que é essencialmente desconhecido hoje na ciência. Este livro é um tributo à sua fantástica habilidade criativa para transmitir a mensagem de seu trabalho, tanto intelectualmente quanto economicamente. Toda sua vida é um portal naquilo que pode ser realizado, sem ceder, desistir ou entregar-se.

Evelin Linden demonstra seu compromisso com a integridade intelectual, ao escolher a Dignity Press como editora de *Por uma Economia Digna*. Outras editoras influenciadas pela orientação atual da maximização do lucro poderiam enfraquecer a mensagem fundamental do seu trabalho. O incomparável compromisso com a integridade, por parte da autora, aliado ao seu espírito de humildade faz desta publicação um tesouro intelectual único. Este livro enriquecerá as vidas dos leitores que buscam um novo pensamento econômico, que pode nos conduzir a um futuro sustentável que dignifique as vidas de todas as pessoas.

Linda Hartling

Diretora

Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação

7 de novembro de 2011, Portland, Oregon, EUA

PREFÁCIO DE ULRICH SPALTHOFF

Eu e Evelin Lindner, nos encontramos pela primeira vez em 2003, no aeroporto de Paris, em um fila para controle de segurança do voo para Tel Aviv. Ela me falou sobre sua vida e me convidou para fazer parte de seu projeto de vida, denominado Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação. Fiquei impressionado por sua paixão e entusiasmo para a ação. Além de organizar uma rede e duas conferências anuais com o tema Estudos sobre Humilhação, ela publicou bastante, inclusive três livros.

Seu primeiro livro, *Making Enemies: Humiliation and International Conflict* - Fazendo Inimigos: Humilhação e Conflito Internacional, apresentou uma análise inovadora de conflitos internacionais e como esses conflitos, muitas vezes, resultam de práticas de humilhação. Este livro recebeu um prêmio na qualidade de “Título Acadêmico Excepcional”, em 2007, concedido pela revista *Choice*. Em seu segundo livro, *Emotion and Conflict: How Human Rights Can Dignify Emotion and Help Us Wage Good Conflict* - Emoção e Conflito: Como os Direitos Humanos podem Dignificar a Emoção e nos Ajudar a nos Engajarmos em um Bom Conflito, ela ampliou a discussão para as emoções e conflitos pessoais. Em seu terceiro livro intitulado: *Gender, Humiliation, and Global Security: Dignifying Relationships from Love, Sex, and Parenthood to World Affairs* - Gênero, Humilhação e Segurança Global: Dignificando Relacionamentos de Amor, Sexo e Parentesco a Assuntos Internacionais), ela enfatizou o papel importante do gênero na análise de sistemas de humilhação. O livro, novamente, foi altamente recomendado pela revista *Choice*.

Com este novo livro ela amplia a análise dos sistemas de humilhação para o campo da economia. A partir de nossas conversas, sei que ela observou, já há algum tempo, a maneira como os sistemas econômicos capitalistas do estilo ocidental contribuem para as práticas de humilhação que permeiam os estilos de vida pessoais e a tomada de decisões políticas.

É oportuno que ela seja capaz de apresentar sua análise, justamente agora, quando o malfuncionamento de nosso sistema financeiro tornou-se tão óbvio para as pessoas em todos os continentes. Porém, a personalidade de Evelin Lindner não lhe permite simplesmente apresentar uma análise. Ela vai além da pesquisa acadêmica tradicional. Ela é também uma ativista cujo desejo é provocar um impacto. Iniciando com a descrição da situação altamente alarmante e desastrosa, ela então procura por soluções em uma escala global. A esperança nunca morre, como afirmou Alexander Pope em seu *Essay on Man* (Ensaio sobre o Homem). Sua estrutura intelectual – identificando dinâmicas de humilhação e procurando por soluções que colocam sistemas de dignificação em evidência – lhe permite apresentar um grande número de iniciativas, propostas e apelos para ação. Ela faz isto de tal forma, que o leitor pode se sentir profundamente motivado a contribuir, pessoalmente, com as mudanças necessárias que todos nós temos que fazer.

Uma mudança sistemática necessária pode ser alcançada apenas se muitas pessoas fizerem mudanças em suas atitudes e em seus comportamentos. Portanto, eu acho muito apropriada a apresentação altamente pessoal do assunto, feita por Evelin Lindner. Ao ler este manifesto, eu não apenas aprendi sobre o nosso sistema econômico; fiquei também motivado a fazer parte da mudança necessária. Desejo a todos os leitores uma experiência similar.

Ulrich Spalthoff

Diretor de Projetos e Administração de Sistemas
Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação
25 de outubro de 2011, Dörzbach, Alemanha

PREFÁCIO

Você nunca muda as coisas lutando contra a realidade existente. Para mudar algo, construa um novo modelo que torne o modelo existente obsoleto.

—Buckminster Fuller

Nós, a família humana, vivemos em tempos de oportunidades sem igual. Até agora, criamos crises sem igual. Juntos, podemos mudar isso. Podemos reconhecer nossa grande sorte.

No passado, nós nos adaptamos à mudança das condições, ao acaso. Hoje, somos bem menos fantoches da história. Nunca tivemos antes um tão bom entendimento e tão boas ferramentas para moldar nosso destino, de formas sistemática e intencional. Hoje, podemos sentar juntos e planejar intencionalmente.

Este livro defende uma profunda mudança de paradigma, não de um paradigma rígido para um outro também rígido, mas totalmente longe da rigidez: distante de uma firmeza monolítica, em prol de processos fluidos criados em cooperação; longe de construções inflexíveis e em prol de um desenvolvimento orgânico, crescendo da forma como as árvores crescem; longe de instituições monolíticas e em prol de um movimento global que seja cocriado pelas pessoas e suas energias de paixão e de entusiasmo; longe de um mundo dominador combativo no qual as pessoas estão instaladas como pequenas rodas dentadas, em prol de uma parceria global que permita o florescimento de uma rica diversidade.

Este livro exemplifica esta abordagem. A primeira versão deste manuscrito foi apresentada em 20 de agosto de 2009, em uma conferência que nós organizamos na Universidade do Havaí, em Manoa. Desde então, ele foi se expandindo, quase que diariamente, e recebeu muitos títulos. Não

é um manuscrito tradicional, planejado sobre uma prancheta, elaborado “para vender”. Ele é mais uma foto instantânea tomada em um momento de um processo em desenvolvimento, um livro sempre inacabado, um livro “em movimento”, parte de uma jornada.

Este livro não é apenas sobre um novo *o quê*. O livro é também sobre um novo *como*. O novo *como* é sobre conversação fluida, sobre *deliberação pública*, sobre *estar às voltas* com *questões*. E ele é mais pessoal, vez que eu utilizo “eu”, porque desejo modelar um trabalho acadêmico que seja inserido em um contexto, em vez de fingir que ele existe em um vácuo social e psicológico. Este livro traz uma jornada muito pessoal para a mesa de discussão; uma jornada que percorre os círculos do *equilíbrio reflexivo* (capítulo 12); e uma jornada que está inserida na confluência de uma vasta rede global de relacionamentos: a rede de Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação. O livro modela sua ênfase no significado dos relacionamentos sociais ao reconhecer os membros desta rede. A clareza do fluxo do argumento pode, algumas vezes, ser interrompida por esses reconhecimentos, porém, no espírito da *teoria cultural-relacional* de Jean Baker Miller (capítulo 3), esta prática traz mais clareza na incorporação social desses argumentos.

Pensei, por um longo período, que este livro poderia nunca ser publicado. Como pode um livro sobre dignidade ser publicado em um contexto onde falta dignidade? Ele estaria enfraquecendo. “Os Editores Acadêmicos Fazem Murdoch Parecer um Socialista” é um título particularmente provocativo que denigre as práticas de alguns editores acadêmicos. Então, Linda Hartling e Uli Spalthoff desenvolveram o Dignity Press para a nossa rede de Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação e nossa *World Dignity University initiative* e, finalmente, abriram o caminho para a publicação deste livro. O presente livro está entre suas primeiras publicações.

A publicação deste livro foi também acelerada pelo movimento Ocupe Wall Street. Este movimento me motivou a sentar e trazer um manuscrito não concluído da gaveta para o nível de publicação.

Em 2010, terminei outro manuscrito sobre mudança profunda de paradigma, um livro que trata de como nós, enquanto humanidade, podemos dignificar todos os relacionamentos, em todos os níveis, do micro ao meso e ao macro, focando naquilo que chamo de *grande amor*. Trabalhei nesse livro durante anos. Inicia com o parágrafo seguinte:

A crise econômica que eclodiu em 2008 mudou o rumo deste livro. A crise tem muitos nomes, indo de “crise dos subprimes” à “escassez de crédito”, ao “tsunami financeiro” ou “Armagedon econômico”, precedida por uma “crise Enron”, possivelmente levando a uma “crise de *credit default swap*”. Contudo, no mundo todo, as pessoas estão chegando a um só diagnóstico: “Algo está profundamente doente em nosso mundo.” Até mesmo um ano antes, a maior parte das pessoas que conheci estava muito mais condescendente: “O mundo é como ele é, e se quisermos ser competitivos, devemos trabalhar mais e não reclamar!”

Quando pergunto sobre as razões para a crise, as pessoas apontam a ganância e a falta de moralidade. Contudo, deixem-nos perguntar: É ganância? É imoralidade? Os empregados de banco que conheço me dizem que eles se encontram sob extrema pressão para maximizar o lucro e que esta pressão tem aumentado desde que a crise começou, ao ponto em que alguns não podem mais suportá-la. Gerentes relatam que eles perderão seus empregos caso não coloquem o valor do acionista de curto prazo em primeiro lugar. Todos parecem ser vítimas de uma atitude mental que caminha em direção à crise, por falta de opção. Se há um comportamento antiético, é alimentado pela própria concepção dos nossos sistemas. Parece que as raízes de nossas crises são mais complexas e sistêmicas do que unidimensional e pessoal. Pode a falta de dignidade ser um desafio sistêmico?

Em 2011, quando “a Primavera Árabe” aconteceu, acrescentei o seguinte parágrafo a este manuscrito de economia:

Precisamos de uma revolução de dignidade, e não apenas na Tunísia ou no Egito. Agora, necessitamos de uma revolução de dignidade global, um movimento de dignidade mundial, um movimento que crie inclusão, tanto local quanto globalmente. Precisamos de um movimento de dignidade que construa instituições e políticas públicas globais que ajudem a dignidade a se manifestar em nossas realidades. Precisamos transcender as políticas e as instituições que causam a liquidação da dignidade, que “excluem pessoas de ter acesso a vidas dignas, social e economicamente,” e que tornam os danos ambientais invisíveis, tratando-os como mera “externalidade”. Caso não tenhamos êxito com tal revolução de dignidade (ou *refolução*, palavra que Timothy Garton Ash cunhou a partir de *reforma e revolução*), poderíamos ainda planejar outro *colapso*, como Jared Diamond descreve, desta vez, o colapso global da civilização humana.

Se a Primavera Árabe é a rebelião da “Arab Street”, então o movimento Ocupe Wall Street pode ser apenas exatamente o levante da *global street*, em relação ao qual eu chamo a atenção, apesar do meu desespero pelo fato de que o mundo parece estar adormecido. Pode ser o despertar da *pressão das pessoas*, como foi sugerido por analistas como Paul Hawken. Pode ser o que o economista Jeremy Rifkin chama de *revolução pró-democrática*, conduzindo-nos por um *poder lateral* em prol de uma *civilização empática*. Isto pode ser o começo de uma *refolução global*, o início de uma *reconstrução evolutiva* global, como denomina outro economista, Gar Alperovitz ou o começo da *grande transição* de Paul Raskin.

Como qualquer movimento que pretende mudar paradigmas, corre o risco de ser cooptado pelo antigo paradigma e descarrilhar. Caso isto ocorra, terá que ser revigorado, refrescado e renovado.

Podemos tomar qualquer movimento de libertação como exemplo. Tome-se a liberação da visão estreita e da intolerância no que diz respeito à sexualidade. Qual é o resultado, para todos verem, em qualquer quiosque

que vende revistas? Vemos corpos de mulheres desmembrados em pernas, seios ou coxas, reforçando a mensagem de que as mulheres são objetos, em vez de seres humanos completos. Mary Roach pergunta: Quando a pesquisa sobre sexo mudou do pudico para o livre e daí para o controle de corporações? Como isto aconteceu e por quê?

A Primavera Árabe e o movimento Ocupe Wall Street enfrentarão muitas tentativas de controle em função de outros interesses. Meus amigos egípcios acreditam que o sistema ainda é um regime Nasserista e que a Primavera Árabe tem ainda que alcançar o sucesso. Hala Mustafa, um dos mais proeminentes intelectuais liberais egípcios e fundador e editor do periódico sobre a democracia do Egito, está preocupado.

O perigo paira fora e dentro dos movimentos de libertação. Os que creem verdadeiramente na mudança têm que ser aqueles que estão mais em alerta. No passado, aqueles que se recusaram a ser subornados ou coagidos a renunciar a seus princípios, estiveram entre as primeiras vítimas a ser “purificadas” quando o poder sequestrou valores.

O movimento Ocupe Wall Street foi criticado pela sua aparente falta de apelos concretos para ação. Minha recomendação: quando grandes paradigmas precisam ser mudados, medidas curativas de pequena escala que se enquadram no paradigma antigo são insuficientes. Novas visões de larga escala que se adequam a novos paradigmas não são facilmente criadas, até porque não existe ainda uma linguagem para elas. Coletar ideias fora da rede atual para forjar visões inovadoras, decidir em quais visões agir, planejar como concretizar os próximos passos – nada disso pode ser feito rápida e claramente. Não vivemos mais em um mundo caracterizado pelo comando e pela obediência, de cima para baixo. Apelos por soluções imediatas traem a ignorância da profundidade da mudança que se faz necessária.

Senti-me muito confiante quando ouvi os representantes do movimento Ocupe Wall Street, em 5 de novembro de 2011, no 31º Ciclo Anual de Palestras E. F. Schumacher, na Cidade de Nova Iorque. Foram

muito claros ao defender o fato de que uma reflexão profunda faz-se necessária agora, em vez de um frenético “projotismo” (capítulo 2).

Políticos de todos os partidos parecem ter problemas para entender isto: eles acreditam que este movimento está ligado a eleitores frustrados ou à classe média perdendo seus empregos. Porém, muito mais está em jogo. A dignidade está em risco. A dignidade das pessoas, suas igualdades em dignidade, a dignidade de todos os seres humanos, a dignidade de nosso planeta. Nós, humanos, precisamos urgentemente mudar o curso para reverter as ações humanas de visão estreita que ameaçam toda a vida neste planeta. Até agora, nós o temos destruído. Até agora, estamos descendo ladeira abaixo, em um caminho de devastação. Aqueles que estão familiarizados com o trabalho de Jared Diamond entenderão quando eu digo que parecemos estar determinados a seguir o modelo da Ilha de Páscoa, uma receita para o esgotamento de recursos e destruição de sistemas sociais e ecológicos nesse processo.

Talvez, agora, seja a hora de explicar brevemente quem sou eu. Posso começar com uma pergunta: Você acredita que as pessoas são inerentemente preguiçosas? Será que ninguém faria um trabalho sério se não for humilhado para cumpri-lo ou recompensado com incentivos? Será que nossas melhores e mais inteligentes pessoas vão para onde o dinheiro está? Ou será que nossas melhores e mais inteligentes pessoas vão para onde a dignidade e a ética estão? Quem são nossas melhores e mais inteligentes pessoas, em sua opinião?

Considero que a visão segundo a qual “ir para onde está o dinheiro” é prova de excelência e inteligência degrada a humanidade de todos os envolvidos. Apresentei essa minha perspectiva em um livro anterior, da seguinte forma:

Pessoalmente, sinto-me humilhada quando se espera de mim que eu extraia minha motivação daquilo que faz a minha vida ter significado, do *status* ou da remuneração. Sou motivada

pela *estatura* – minhas contribuições pró-sociais – invés de *status*, nível social ou classe. Eu trabalho duro, dia e noite, sete dias por semana. E não recebo nem *status* tradicional e nem salário pelos meus esforços. Minha motivação é inteiramente independente de tais recompensas, e se fosse de outra maneira, acharia a degradação e a humilhação insuportáveis. Por conseguinte, minha trajetória não é altruísta ou egoísta; ela possui ambas as características, porque eu não sobreviveria à humilhação de ter que me definir como uma máquina produtora de *status* - ou de salário - que coloca em perigo o bem comum. Não sou um cão pavloviano que necessita de *status* ou remuneração como incentivo para trabalhar. Não sobreviveria a tal vazio de significado e a tal pobreza de espírito.

Já viram o filme “A Vida em Preto e Branco” (*Pleasantville*)? Eu me sentiria como se estivesse em Pleasantville, e ficaria seriamente deprimida, caso aceitasse não ser nada além de uma fornecedora ou consumidora de produtos ou de serviços. Reajo com desgosto quando a primeira informação que recebo sobre um produto ou serviço é que ele é “de graça” ou “tem desconto” ou “caro, porque você merece”. Reajo com repugnância quando ouço a doçura ingênua de uma voz em um anúncio, ou vejo um sorriso forçado de uma atriz que vende sua alma para fingir que um determinado produto ou serviço mudou a sua vida. O efeito do mundo falso sobre mim, que a publicidade vem criando em torno de nós, faz com que eu não deseje comprar mais nada. E me recuso, firmemente, a reduzir minha criatividade para servir de “marca pessoal”, de forma a me tornar um produto.

Deixar que eu me sinta incapaz, com receio de comprar ou vender alguma coisa, humilharia meu sentimento de humanidade, em seu âmago. A esperteza é algo repulsivo para mim – nada daquilo que faço é feito porque sou inteligente – e não sinto nenhuma satisfação em jogos mesquinhos de poder. Engajo-me apenas em atividades que são profundamente significativas para mim. Respondo ao fato de que tenho o que comer, o que vestir e um

teto sobre a minha cabeça, de maneiras que não exijam que eu comprometa aquilo que eu considere significativo. Ao contrário, contribuí para isso. Não desejo ter um emprego; quero ter uma vida. Sou profundamente egoísta neste aspecto, porque não poderia viver de outra forma.

Trago experiências raríssimas para discussão, tão raras que, muitas vezes, não disponho de uma linguagem para descrevê-las. Sou uma artista, vamos dizer assim, e não uma crítica de arte. Criei uma concepção de vida global que poderia ser descrita como uma escultura social.

As percepções oferecidas neste livro constituem o resultado de décadas de vida e de trabalho ao redor do mundo – em muitos países na África, Ásia, Europa e América. Vivi por longos períodos na Noruega (regularmente, desde 1977), Alemanha (intermitentemente, desde 1954), Suíça (intermitentemente, desde 2000), França (intermitentemente, desde 2001), Bélgica (intermitentemente, entre 1984 e 1991), Oriente Médio (intermitentemente, desde 1975), Egito (entre 1984 e 1991 e desde então), Somália (1998), os Grandes Lagos na África (1999), Tailândia, Indonésia, Malásia e Burma (1981), China (intermitentemente, desde 1983), Japão (entre 2004 e 2007), Nova Zelândia (1983, 2011), Austrália (2007, 2011) e Estados Unidos (intermitentemente, desde 1982).

Minha vida internacional me deu a oportunidade de observar tendências globais antes que a maioria das pessoas o fizessem. Ela me proporciona uma visão ampla e, ao mesmo tempo, uma estreita intimidade com muitas culturas que fazem nossa cultura humana. Durante os últimos 40 anos, no mundo todo, aumentou minha intuição de que dignidade e humilhação – ou mais precisamente, igualdade em dignidade ou *não dominação*, com humilhação, assim como sua violação – estão adquirindo significado, como nunca antes na história da humanidade.

Nasci no seio de uma família profundamente traumatizada, como muitas outras, por deslocamentos forçados da Europa Oriental, após a Segunda Guerra Mundial. Essa experiência inicial me colocou em um

caminho para trabalhar para “nunca mais”, nunca mais haver guerra e genocídio. O que se seguiu foi, até agora, quase quatro décadas de vida internacional.

Meu objetivo foi me tornar parte do maior número de culturas quanto possível e aprender tantas línguas quanto possível; entender, profundamente, o que nós, humanos, somos capazes, em amor ou em ódio, em guerra ou em paz, em conflito ou em resolução de conflitos. Minha meta foi adquirir um sentimento por tantas perspectivas culturais quanto fosse possível. Queria trazer essas perspectivas para dentro de meu corpo, sob a minha pele, em vez de fazer “trabalho de campo”, onde teria que *observar* as pessoas. Queria me tornar parte de tantas redes sociais e de pontos de vista de cultura local quanto possível. Como alguém se sente ao crescer na China, por exemplo, onde uma criança não pode evitar a absorção de uma elaborada filosofia, simplesmente ao aprender a ler e escrever, algo que leva uma vida inteira? Em contrapartida, como alguém se sentiria ao crescer com a língua árabe, uma escrita tão fonética e fácil de aprender, o que pode ser feito em uma única tarde, enquanto a língua em si é tão rica, que uma vida inteira é insuficiente para apreender toda a sua elegância? Ou como alguém se sente ao se orgulhar de uma história que eclipsa a história da maioria dos povos – **como acontece com a história da China e a do mundo Árabe** – enquanto têm sido humilhados por potências ocidentais durante séculos recentes? A lista de questões similares que venho me perguntando ao longo dos últimos 40 anos de vida global é uma lista sem fim.

Minhas raízes no deslocamento me deram um grau considerável de liberdade interna. O deslocamento me proporcionou uma distância dos ditames culturais do mundo e esta distância aumentou através do movimento entre os domínios culturais. Por exemplo, alcançar um maior *status* em um contexto pode prejudicar o *status* de alguém em outro contexto e, dessa forma, o clamor por *status* revela-se, no conjunto, como esforço um tanto fútil. Tornei-me ainda mais independente de formalidades locais e mais ainda à vontade em relações igualitárias diretas de humano para humano, ao redor do mundo, em todos os domínios culturais.

Atualmente, me identifico com as palavras do poeta persa Sufi, do século XIV, Hâfez-e Širâzi: “Aprendi tanto de Deus, que não posso mais me definir como um cristão, um hindu, um mulçumano, um budista ou um judeu. A verdade jorrou tanto em mim, que não posso mais me chamar de homem, de mulher.”

Caso me perguntem sobre minha religião, eu digo: “Minha religião é o amor, a humildade, e reverencio um universo grande demais para nós o compreendermos.”

Recentemente, fui questionada: Por que você é tão “pura” e tão “insubornável”? Respondi que não sou capaz, nem desejo trocar significado por “atalhos” ilusórios. “O que você quer dizer com isso?” Esta foi a resposta perplexa. Fiz uma pergunta em troca: “É possível para as pessoas que têm dinheiro comprar uma casa?” “Sim”, foi a resposta. Minha resposta foi “não”. Você pode apenas comprar uma *casa*. Uma casa pode ser também uma prisão. Uma casa é um lar só se você cultivar as relações com as pessoas que vivem nesta casa, incluindo a relação com você mesmo. Você não pode comprar relacionamentos, não com você mesmo, não com sua família, não com Deus, e você não pode comprar felicidade. Portanto, você pode apenas comprar uma casa, não um lar. É uma esperança ilusória acreditar que é possível criar um atalho para a felicidade através do dinheiro, e esta esperança ilusória é construída no uso da expressão “comprar uma casa”. Sou incapaz de fazer parte disto, por mais que isso seja culturalmente aceito.

“Você nunca sente ganância? Você nunca sente inveja daqueles que têm mais que você?” Esta era a pergunta seguinte. Minha resposta: “Sou muito mais ávida e invejosa do que qualquer outra pessoa que eu conheço”. Sou ávida por significado, por ser capaz de dar amor e ser amada – Sou muito ávida para trocar qualidade por quantidade. E tenho inveja dos pássaros, das nuvens e das estrelas, não de adornos de luxo, que mantêm suas vítimas em gaiolas de ouro (capítulo 9).

Recentemente, acrescentei os seguintes parágrafos à minha página biográfica em nosso *site*:

É importante para mim, deixar claro que minha vida global não é uma vida sem teto, ou uma vida sem descanso. Não utilizo nem o termo “viajar”, uma vez que vivo em uma aldeia global e, em uma aldeia, a pessoa não viaja, vive lá, mesmo se ela se move dentro dela. Quando procuro por modelos culturais para a minha vida, os quais tratam nosso planeta como uma localidade não dividida, eu penso em caçadores-coletores animistas migrantes, com um modo de vida que definia o ser humano em época anterior a 10.000 anos atrás. Eu endosso o que o indígena, líder nativo americano Sitting Bull (1831 -1890), disse: “Homem branco gosta de cavar o chão em busca de sua comida. Meu povo prefere caçar o búfalo... Os homens brancos gostam de permanecer em um lugar. Meu povo gosta de mover suas tendas aqui e ali, em busca de diferentes áreas de caça. A vida dos homens brancos é escravidão. São prisioneiros em suas cidades ou fazendas. A vida que meu povo quer é liberdade.” Obviamente, eu não caço búfalo e não tenho uma tenda. Mesmo assim, eu me abstenho de definir uma pequena localidade geográfica como “minha casa”. Minha casa é a aldeia global inteira ou, mais precisamente, as pessoas que eu amo nesta aldeia. Não vejo minha vida como nomádica e, como mencionei acima, não compartilho a noção de viagem. Para mim, eu “fico amando”, em vez de “viajar em círculos em uma corrida de ratos enjaulados”. Em outros termos, eu me vejo como sendo muito mais “imóvel” e fiel ao “meu lugar”, denominado amor, do que aqueles que vendem suas almas por uma estressante corrida de ratos, que é definida por estruturas sociais de larga escala, que se tornaram progressivamente tóxicas durante as décadas passadas. Muitas pessoas viajam intensivamente. Mesmo assim, geralmente, elas adotam uma estrutura de “corrida de ratos enjaulados”, dentro da qual elas viajam. Prefiro “permanecer imóvel” no domínio do amor. Estou mais perto de uma pessoa que escolhe optar por escapar

da corrida de ratos para viver uma vida mais simples, mais perto da natureza, por exemplo, do que de um homem de negócios que viaja frequentemente em círculos, no interior de uma bolha de elite isolada de hotéis internacionais. Nunca procuro por um “lugar para ficar”. Eu me movo entre diferentes contextos relacionais de amor e “o lugar para ficar” é secundário, estando incorporado dentro dos relacionamentos de carinho mútuo.

Encaro minhas raízes em deslocamento e a trajetória que resulta disso como uma responsabilidade. É uma trajetória extremamente difícil e eu pago um preço muito alto por ela, em muitas formas e em muitos níveis. Contudo, é também uma trajetória absolutamente enriquecedora e, para mim, não há alternativa. Manifestar a humanidade ao máximo representa o único caminho para mim, através do qual eu posso estar em um mundo que, de outra forma, vende a humanidade por lucro.

Junto com Linda Hartling e uma valiosa e querida equipe que partilha ideias semelhantes, fundamos a rede - Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação, e lançamos a *World Dignity University Initiative*.

Na página inicial de nosso site, vocês podem ler (a partir de novembro de 2011):

Somos uma rede interdisciplinar e uma comunidade de acadêmicos e profissionais interessados. Desejamos estimular a mudança sistemática em níveis global e local, para abrir espaços para que a dignidade e o respeito mútuo, assim como a estima, enraízem-se e cresçam, dando fim, assim, às práticas de humilhação ao redor do mundo.

Sugerimos que se faça necessária uma estrutura de cooperação e humildade compartilhada – não uma mentalidade de humilhação – se desejarmos construir um mundo melhor, um mundo de dignidade igual para todos.

Atualmente, temos aproximadamente 1.000 membros, convidados pessoalmente, com mais de 2.000 outras pessoas dando apoio ao nosso trabalho, e o nosso site está sendo visitado por cerca de 40.000 pessoas anualmente, de mais de 180 países.

Este livro de economia é diferente dos meus três primeiros livros. Ele é mais aberto, mais “inacabado”, uma vez que segue uma jornada sem fim, à medida que se desenvolve.

No meu primeiro livro sobre dignidade e humilhação, *Making Enemies: Humiliation and International Conflict* (2006) - Fazendo Inimigos: Humilhação e Conflito Internacional, eu descrevo minha visão de um mundo mais digno. Primeiro, este livro apresenta uma teoria da dinâmica mental e social da humilhação e propõe a necessidade de se ter “igualização” (a anulação da humilhação) com vistas à uma sociedade global sadia. Apresenta, em seguida, capítulos sobre o papel dos mal-entendidos no fomento de sentimentos de humilhação; o papel da humilhação em conflito internacional; e a relação da humilhação com o terrorismo e a tortura. Conclui com uma discussão de como dissipar sentimentos de humilhação e criar um mundo digno. Este livro foi caracterizado como um livro pioneiro, premiado como “Título Acadêmico Excepcional” pelo periódico *Choice*, em 2007, nos EUA.

Meu segundo livro, *Emotion and Conflict: How Human Rights Can Dignify Emotion and Help Us Wage Good Conflict* (2009) - Emoção e Conflito: Como os Direitos Humanos podem Dignificar a Emoção e nos Ajudar a nos Engajarmos em um Bom Conflito, é uma expansão de um capítulo que eu escrevi para o Manual de Resolução de Conflito de Morton Deutsch -. *Handbook of Conflict Resolution*. Eu descrevo como a concretização da promessa de igualdade na dignidade pode ajudar a melhorar a condição humana em todos os níveis – do micro ao meso e do meso ao macro. Este livro faz uso de uma perspectiva histórica ampla que inclui toda a história humana, de sua origem caçadora-coletora à promessa de uma sociedade

do conhecimento, unida globalmente no futuro. Enfatiza a necessidade de reconhecer e transcender os efeitos culturais, sociais e psicológicos malignos do passado. O livro exorta a comunidade mundial, acadêmicos e igualmente os cidadãos a reconhecer as oportunidades oferecidas pela crescente interdependência global.

Meu terceiro livro, *Gender, Humiliation, and Global Security: Dignifying Relationships from Love, Sex, and Parenthood to World Affairs* (2010) - Gênero, Humilhação e Segurança Global: Dignificando os Relacionamentos, de Amor, Sexo e Parentesco a Relações Internacionais - examina as ramificações sociais e políticas de violações humanas e crises mundiais relacionadas com a humilhação. O Arcebispo Desmond Tutu contribuiu com o Prefácio. É um livro sobre o *grande amor*, no espírito da *satyāgraha* (ação não violenta), de Gandhi, um termo resultante da junção de *agraha* (firmeza/força) e *satya* (amor verdadeiro). Analisa porque as mulheres foram desvalorizadas durante os milênios passados e porque o trabalho de cultivar os relacionamentos, incluindo o trabalho do amor, tornaram-se invisíveis. O livro encoraja a mudança construtiva social, política e cultural através da força do *satyāgraha*. O livro está sendo “altamente recomendado” pelo periódico *Choice*.

Em todo meu trabalho, eu defendo que a igualdade em dignidade, com a humilhação como sua violação, se torna mais evidente quando a interdependência global aumenta. Nunca antes existiu algo chamado *aldeia global*. Até recentemente, o mundo estava fragmentado em muitas “aldeias”, todas com medo de seus vizinhos, os quais poderiam, rapidamente, tornarem-se inimigos. Nenhuma lição da história nos ajuda, porque a noção de *uma* aldeia global converte toda a humanidade em *um* grupo único (com diversidade interna) em *um* pequeno planeta, algo que nunca ocorreu antes.

Da mesma forma que os meus três primeiros livros, *Por uma Economia Digna* foi escrito em diálogo com Linda Hartling e os outros membros de nossa rede. Faz parte de um corpo maior de trabalho que

objetiva criar novas visões para o futuro, visões voltadas para a mudança de paradigmas sistêmicos, visões de *unidade na diversidade*, não apenas localmente, mas globalmente.

Nossa meta é estimular os próximos Rosa Parks e Nelson Mandelas a mudarem o mundo. Para servir a essa finalidade, lutamos para remediar as lacunas existentes. Fazemos a ligação entre disciplinas acadêmicas, criamos o elo entre a academia e a prática, e reunimos aqueles que focam a criação de uma nova consciência *interna* com aqueles que têm as suas atenções centradas na construção de novas estruturas institucionais no mundo.

Entre o forte e o fraco, é a liberdade que oprime e a lei que emancipa.

(Entre o fraco e o forte, entre o rico e o pobre, entre o senhor e o escravo, é a liberdade que oprime e a lei que liberta.)

—Jean-Baptiste Henri-Dominique Lacordaire

INTRODUÇÃO

*Quando todas as árvores tiverem sido derrubadas,
quando todos os animais tiverem sido caçados,
quando todas as águas estiverem poluídas,
quando todo o ar estiver perigoso para se respirar,
só então, você descobrirá que você não pode comer dinheiro.*

- Profecia Cree

Nós, a família humana neste planeta Terra, vivemos em tempos de risco sem precedentes na História, e também em tempos de oportunidade sem precedentes na História.

Será que nossos ancestrais viram imagens do nosso Planeta Azul, na perspectiva de um astronauta? Foram os nossos antepassados capazes de *ver* - como nós o fazemos - como nós, humanos, somos *uma* espécie viva em *um* pequeno planeta? Será que nossos avós tiveram acesso a tão completa base de conhecimento sobre o universo e o nosso lugar nele, como nós temos?

Nós, humanos modernos, surgimos no planeta Terra há 200.000 anos. Desde então, enfrentamos muitos desafios. As condições de vida mudaram dramaticamente. Sobrevivemos como uma espécie porque somos muito adaptáveis. Até agora, os nossos esforços de adaptação foram bastante aleatórios. De certa forma, nós fomos marionetes da História. Hoje, temos um entendimento de nossa situação que é muito mais completo, e temos as ferramentas para moldar nosso destino, de forma intencional. Hoje, nós podemos nos sentar juntos e refletir, e agir mais intencionalmente e efetivamente do que nunca antes em nossa história.

Nunca antes existiu algo chamado de *aldeia global*. Nos milênios passados, o mundo era compartimentalizado em muitas “aldeias”, todas

com medo de seus vizinhos. Os vizinhos podiam ser amigos, mas, rapidamente, também se tornarem inimigos. Em um mundo fragmentado de uma anarquia Hobbesiana, o caminho mais rápido para o poder e a riqueza era pilhar os recursos que outros haviam cultivado e preservado. Os colonizadores, por exemplo, eram essencialmente assaltantes, pegavam caronas nos recursos dos outros.

No entanto, a pilhagem torna-se sempre mais inviável quando o mundo fica mais interdependente, enquanto a dignidade e a humilhação se tornam evidentes em uma escala que era, até agora, desconhecida. Ou, para ser mais precisa, igualdade em dignidade ou a *não dominação* torna-se mais evidente, com a humilhação, assim como a sua violação. No passado, esperava-se que grandes massas aceitassem a humilhação de forma subserviente. Somente as elites aristocráticas tinham o direito de responder à humilhação com raiva e evocar duelos, ou ataques do tipo duelo, ou guerras. Com a reunião da família humana e com a progressiva aceitação do ideal dos direitos humanos de que todo ser humano é um membro igual da família humana, o direito de se revoltar quando se é humilhado foi, então, “*democratizado*”. Milhões de pessoas que eram usadas para calmamente aceitar que eram “seres inferiores”, merecendo ser explorados, não mais o fazem. Em 2006, escrevi:

O desejo pelo reconhecimento nos une como seres humanos e, desse modo, fornece-nos uma plataforma para contato e cooperação. Diferenças étnicas, religiosas ou culturais, ou conflitos de interesse, podem levar à cooperação criativa e à solução de problemas, e a diversidade pode ser uma fonte de enriquecimento mútuo, mas somente dentro de relações caracterizadas pelo respeito. Quando o respeito e o reconhecimento falham, contudo, aqueles que se sentem vitimados são propensos a ressaltar as diferenças para “justificar” as cisões causadas pela humilhação. Os *choques de civilizações* não são um problema, mas os *choques de humilhação* o são.

Neste novo contexto, surgem muitos novos conceitos. *Segurança humana*, em vez de segurança nacional, significa “liberdade do medo” e “liberdade do querer” para seres humanos, em vez de segurança de estados. Isto significa uma “segurança centrada nas pessoas” ou “segurança com uma face humana”. O Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) começa assim: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos”. A segurança humana existe quando esta locução é levada a sério.

Como pode a segurança humana ser alcançada? Deve ela ser construída sobre o marco jurídico global de direitos humanos, ou será que este marco faz parte do problema da insegurança global? Como são melhor abordadas as causas básicas de insegurança, tais como as fontes subjacentes de desigualdade existentes hoje no mundo?

Indignem-se! Gritem! Esta é a voz de Stéphane Frédéric Hessel, um herói da resistência francesa no tempo da guerra, nascido em 1917. Na década de 1940, ele gritou contra o Nazismo. Hoje, ele convoca as pessoas para “gritarem contra a cumplicidade entre políticos e forças econômicas e financeiras” e para “defenderem nossos direitos democráticos.”

Muitas pessoas perguntam hoje: “Essas pessoas que gritam... o que elas querem? Qual é a sua mensagem?”

Minha resposta (como consta do prefácio): Quando se abrem janelas de oportunidade com vistas à mudanças de paradigma de larga escala, elas não podem ser formuladas como “pequenas mudanças” dentro do velho paradigma. Enormes mudanças requerem um conjunto coordenado de idéias, um “fantasiar” de forma colaborativa, criação em cooperação de visões inovadoras para um futuro melhor, e planejamento para a ação baseada no consenso, tudo isto em larga escala. “Sonhos surgem em uma dimensão muito grande, de tal forma que você pode crescer dentro dele”. Nosso primeiro dever é se conter da vontade de gritar “isto não pode ser feito”. Todas as visões por um futuro melhor necessitam ser colocadas sobre

a mesa e protegidas de serem abortadas antes de seus nascimentos, através de intervenções do tipo “isto é impossível”. No mínimo, deve ser levado em consideração o provérbio chinês que adverte: “A pessoa que diz ‘isto não pode ser feito’ não deveria interromper a pessoa que o está fazendo”.

Em seguida, precisamos de novas palavras, nova linguagem, novas âncoras linguísticas. O que dizer de *inclusionismo* (cunhagem de Linda Hartling), ou *dignismo* (cunhagem de Evelin Lindner), em vez de *comunismo* ou *capitalismo*? O que dizer de “humanização da globalização com *igualização*” . O que dizer de *globigualização* (cunhagem de Evelin Lindner, ver mais no capítulo 3)?

Precisamos também de novos métodos para alimentar uma nova linguagem, com novo significado, e manifestá-la em novas realidades. Em um mundo interdependente, não há nenhum “buraco negro” no qual se pode descartar “lixo” de forma segura, seja ele uma pessoa ou coisas. Precisamos parar de produzir inimigos e lixo. Devemos nos juntar e pensar em soluções que funcionem para toda a família humana e seu habitat. Os 99% e o 1% terão crianças que não encontrarão um planeta decente para viver, caso não rompermos a barreira da acusação e da humilhação. O Prêmio Nobel da Paz de 1993, Frederik Willem de Klerk, que teve êxito no cumprimento do *apartheid*, foi premiado junto com Nelson Mandela, que ajudou a pôr fim ao *apartheid*. (Gandhi, Mandela, Tutu e todos os outros pacificadores são tratados neste livro segundo um tipo ideal à moda Weberiana. Seus nomes representam a essência de suas estratégias construtivas, as quais não são diminuídas pelas críticas que alguns podem querer levantar contra eles em outras áreas.)

Todos nós ouvimos falar como os povos indígenas receberam contas de vidro brilhantes sem valor e licores inebriantes, em troca de suas mais valiosas possessões. Foi um saque duplo. Primeiro, seus objetos de valor foram tirados deles e, depois, suas almas. Eles eram manipulados para serem cúmplices do sistema que os assaltava. E os colonizadores que lucraram no longo prazo, tiveram suas reputações difamadas. Hoje, eles não são mais vistos como heróis; são os vilões. No longo prazo, ninguém ganhou.

Hoje, nós, a maioria da família humana, concordamos em sermos pilhados. Atualmente, somos os otários. Entregamos o mundo a um pequeno grupo de especuladores que acredita que suas apostas são boas para todos nós, não apenas para uns poucos escolhidos e no curto prazo. Chegamos até mesmo a vender nossos políticos e sistemas jurídicos a grandes fortunas, de tal forma que novas leis irão criar fortunas ainda maiores.

Como resultado, vivemos em tempos de fusões – das fusões financeiras que chocaram o mundo em 2008 à fusão de Fukushima, no Japão, em 2011 – todas catástrofes evitáveis, ao menos parcialmente, caso não tivéssemos objetivando a maximização do lucro. Essas fusões são de tirar o fôlego e mostram como o jogo é perigoso, tanto para os 99%, como para os 1%, quando o mundo inteiro é afetado. Contudo, existem outras fusões – menos chocantes de forma explícita, porém terrivelmente mais traiçoeiras – que deveriam nos alarmar mais ainda: testemunhamos o derretimento, no longo prazo, das capacidades ecológicas e sociais que dispomos. Nossos habitats ecológicos estão degradados, juntamente com a nossa coesão social global. E a falta de uma coesão social global pode se traduzir em terrorismo global, que por sua vez, pode combinar todos os colapsos, de maneiras que tornam insignificante o ocorrido em 11 de setembro de 2001. Se os terroristas se apropriassem de material nuclear suficiente para construir e explodir “bombas sujas”, o caos seria indescritível.

Após a revolução da dignidade no Mundo Árabe e a morte de Bin Laden, muitas pessoas no Ocidente reagem com um triunfalismo, que é remanescente do fim da Guerra Fria e que, às vezes, parece remeter aos sentimentos imperialísticos de superioridade em tempos coloniais. Estaria o triunfalismo do Ocidente garantido?

“Talvez o ocidente se beneficiasse da humildade” - alertou o jornalista Matthias Matussek, em maio de 2011: “Se o esclarecimento é a saída para a imaturidade autoinfligida, devemos admitir: falhou”, ele escreve e continua:

“O mercado nos tem presos em suas garras, mais firmemente do que qualquer Igreja o fez. Costurou etiquetas de preço em nós e retirou a dignidade de cada um de nós. Ao mesmo tempo, construir este mundo racional está inextricavelmente ligado a um grau significativo de irracionalidade. Produzimos as batatas ‘turbo’, geneticamente melhoradas, porém, 30.000 pessoas morrem de fome diariamente. Perfuramos o fundo do mar, derrubamos florestas e exploramos a natureza até os ecossistemas se esgotarem e as espécies morrerem. Sim, o que fazemos é subjugar a natureza a um grau no qual ela entra em colapso, ofegante, à nossa frente. Ou nos submetemos a uma tecnologia que pode nos destruir, como estamos vendo agora em Fukushima. É um mistério, para mim, de onde vem o orgulho para esta forma de razão”.

“A história da economia mundial provou que nada é tão confiável quanto o triunfo do mercado livre – além da razão.” Infelizmente, esta frase escrita pelo octogenário pensador Dieter Hildebrandt, na Alemanha, parece ser um lema adequado para os tempos de hoje. Nadine Gordimer, famosa escritora Sul- africana, descreve como as mesmas pessoas que eram bravas na luta contra a *apartheid* e bravas na prisão falham ao serem bravas enfrentando a ganância econômica, e se tornaram corruptas.

Desejamos viver em um mundo como esse? Em um mundo onde mesmo as mentes dos bebês são manipuladas por dinheiro? *Adweek* relata que marqueteiros “desesperados” de Disney a Versace estão “agressivamente focando em bebês até três anos de idade.” Estudos mostram que crianças americanas podem reconhecer uma média de 100 logomarcas, na idade de três anos, e alguns bebês “exigem marcas, tão logo conseguem falar.” 80% das crianças com menos de cinco anos de idade navegam regularmente na internet: um novo “mercado”, no qual campanhas publicitárias *online* investem maciçamente.

Desejamos viver em um mundo onde a educação tornou-se uma mercadoria que arruína seus estudantes? A quantidade total de empréstimos

para estudantes nos Estados Unidos da América excederá US\$ 1 trilhão em 2011 – os americanos devem, atualmente, mais em empréstimos estudantis que em dívidas no cartão de crédito. Onde está o respeito pelo *direito à educação*, que faz parte do Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, assinado em 1966, e em vigor desde 1976?

Já não é hora de tirar lições sérias? Não é hora para nós, como espécie humana, transcendermos nossa aceitação cega de dogmas ideológicos de autodestruição? É realmente necessário, por exemplo, maximizar o lucro a todo o custo, mesmo ao custo do colapso global? Se o uso atual da “razão” é insustentável para o nosso futuro coletivo como espécie humana, será que não deveríamos visualizar uma mudança profunda, em vez de adotar uma placidez sintomática? Um sistema que funciona bem requer “racionalidade social”, tanto quanto “racionalidade econômica”, diz o nonagenário estudioso Morton Deutsch, “pai” do campo da resolução de conflito.

Neste livro, desejamos abordar o papel da economia e das estruturas monetárias para *as relações do direito* – mutualmente benéficas e apenas relações econômicas e outras – com a necessária humildade, mas também com a devida sinceridade.

Em tempos de mudança, os aprendizes herdaram o mundo,
enquanto os que detêm o conhecimento se consideram belamente
equipados para lidar com um mundo que já não mais existe.

—Eric Hoffer

PARTE I: ONDE ESTAMOS? PARA ONDE PODEMOS IR?

**CAPÍTULO 1: ENQUANTO AS VOZES CRÍTICAS FALAM MAIS ALTO,
PREVALECE UM SENTIMENTO DE IMPOTÊNCIA**

Não podemos resolver problemas usando o mesmo tipo de raciocínio que utilizamos quando os criamos.

—Albert Einstein

“Apenas pequenos segredos precisam ser protegidos. Os grandes são mantidos em segredo devido à incredulidade pública.”

O maior segredo de nosso tempo é que nós, a família humana, enfrentamos oportunidades historicamente sem precedentes. Essas oportunidades são tão vastas, que parecem grandes demais para serem apreendidas. Nós nos encolhemos diante delas. Cavamos fundo na busca por soluções do passado, que são insuficientes para hoje.

Por que não acordar? As soluções do passado foram moldadas por pessoas que *não* tiveram a oportunidade de ver fotos de nosso Planeta Azul, da perspectiva de um astronauta. As soluções do passado foram elaboradas por pessoas que *não* eram capazes de *ver*, como nós vemos, que nós humanos somos *uma* espécie que vive em *um* pequeno planeta. As soluções do passado foram forjadas por pessoas que *não* tiveram acesso ao nosso conhecimento sobre o universo e sobre nosso lugar nele. Nossos antepassados merecem nosso maior respeito, mas não um respeito cego.

Nenhum de nossos antepassados teve o privilégio de enfrentar tal janela de oportunidade, como nós temos agora. Portanto, não podemos aprender com a História. Podemos apenas “colher” as práticas culturais presentes e históricas que nos ajudem nessa situação profundamente inovadora; devemos ir além daquilo que não nos ajuda. Só para fazer uma sugestão: vamos para além das tradicionais culturas de pilhagem e estudar a sabedoria indígena

para proteger o bem comum. “Viver Bem”, por exemplo, é um sistema social indígena que foca na reciprocidade entre as pessoas e a Terra.

Está se tornando urgente. As vozes críticas falam cada vez mais alto. O sofrimento decorrente das recessões econômicas aumenta, em partes cada vez maiores do mundo. Alguns ainda estão alegremente desperdiçando recursos do nosso planeta – a China, por exemplo, está construindo cidades fantasmas, desprovidas de pessoas, e a indústria alemã está orgulhosa de dar assistência – porém, um número cada vez menor de regiões pode continuar a grande festa bulímica. Mais pessoas duvidam se a grande festa foi mesmo uma boa idéia. A frustração encontra uma miríade de expressões em diferentes regiões do mundo. “Americanos Indignados colocam seu Dinheiro em Cooperativas de Crédito” é o título de um videoclipe que pode figurar aqui como um, entre uma miríade de sinais.

Ao mesmo tempo, um sentimento de impotência define a situação – se ao menos fosse tão fácil como escolher entre dois tipos de refrigerantes! Se ao menos fosse tão fácil como escolher entre dois candidatos à presidência! Mas, não é.

Sabe-se que devemos evitar o *comunismo* opressivo da Coréia do Norte. Nós também queremos evitar a dessolidarização que flui do extremo *capitalismo* da Wall Street. O que, então, desejamos realmente?

Em minha pesquisa de doutorado, descobri que a estrutura analítica da saúde é útil. O que é chamado de *capitalismo de cassino*, ou *capitalismo predatório*, poderia, talvez, ser chamado de *capitalismo bulímico*. Uma economia de produtividade, passando implacavelmente de recurso para lixo, parece uma bulimia, da alimentação exagerada ao vômito.

Para onde poderemos ir de onde estamos? Como podemos superar o capitalismo bulímico? Linda Hartling sugere o *inclusionismo*. Eu sugiro *dignismo* (ou *dignitismo*, este é um termo que começa com dignidade, então vira *dignit-ismo*, e em sua versão abreviada *dignismo*).

Ambos os termos, inclusionismo e dignismo, poderiam ser também expressos como *economia ética*, *economia plural*, ou economia solidária.

A *Unidade na diversidade* e o princípio da *subsidiariedade* são essenciais ao inclusionismo e ao dignismo. Nós, como humanidade, não devemos permitir que a *unidade* se degrade em *uniformidade*, como no comunismo opressivo, por exemplo, e no consumismo global. E não devemos permitir que a *diversidade* se degrade em *divisão* de todos–contra–todos, como acontece no extremo individualismo a que assistimos em contextos capitalistas em estado de desintegração.

Subsidiariedade é um princípio promissor para transformar unidade na diversidade operacional. Isto significa que a tomada de decisão local e as identidades locais ficam mantidas o máximo possível. A União Européia usa este princípio. *Holarquia* ou *pirâmides regulatórias* são conceitos similares. No pensamento jurídico, noções como o *pluralismo legal*, a *complementaridade* e o *respeito qualificado* são discutidas.

O conceito de *pluralismo* combina *o que* e *o como* (prefácio). Implica perspectivas de *conteúdos* (como unidade na diversidade) e perspectivas de *processo* (como subsidiariedade). “Promover o pluralismo não significa prescrever nenhuma forma específica de organizar a sociedade ou sistema político. Significa abrir espaços para o diálogo e reforçar a dignidade humana e a igualdade... O pluralismo promove o engajamento ativo com diversidade... O pluralismo não é um valor ‘universal’, mas a própria noção pluralista” discute o Projeto Pluralista. A abordagem das capacidades, na maneira como foi desenvolvida pelo economista Amartya Sen e pela filósofa Martha Nussbaum, estabelece que as pessoas deveriam ser respeitadas pelo que elas têm motivo para valorizar em suas vidas.

Seria útil encontrar modelos ou iniciativas para servir de planos para um sistema global de inclusionismo e dignismo. Linda e eu, assim como os membros de nossa rede, viajamos ao redor do globo para “colher”

em todas as tradições culturais, passadas e presentes, aquelas verdades e práticas que ajudam a proteger a dignidade da unidade na diversidade. Como foi mencionado antes, “Viver Bem” é um sistema social indígena que foca a reciprocidade entre as pessoas e a Terra. Bob Randall, um idoso Uamlitutkatkare, proprietário tradicional de Uluru (Ayers Rock), na Austrália, é um membro do conselho consultivo global de nossa rede de Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação. Carmem Hetaraka, um portador da tradição Maori oral, foi um dos “pilares” de nossa 17ª Conferência Anual em Dunedin, Nova Zelândia, em agosto de 2011. Ela foi trazida para nós por Michelle Brenner, no contexto de sua abordagem de Comunicação Holística. Alvin Cota, um nativo americano Yoeme, do Arizona, compartilhou conosco, generosamente, seu conhecimento histórico, em outubro de 2011.

O primeiro esboço deste livro foi escrito no início da crise econômica que começou a dar sinais em 2007 e irrompeu em 2008. Linda e eu estávamos concentradas na rede de - Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação, nossa rede transdisciplinar de cientistas sociais e profissionais em áreas tão diversas como antropologia, psicologia e ciência política. Linda escreveu sua tese de doutorado sobre humilhação, em 1995, e eu, em 2001.

Quando a crise econômica eclodiu, estávamos muito ocupadas formulando nossos pensamentos sobre dignidade, orgulho, honra, humilhação, humildade e vergonha, em todos os níveis, do nível individual ao nacional e ao internacional. Este livro ficaria muito extenso, se nós incluíssemos aqui uma visão completa do nosso trabalho. Esperamos que o leitor, após ler este livro, tenha adquirido um sentimento de nossa abordagem e queira aprofundar-se mais em nosso trabalho, posteriormente. O tópico da humilhação é, até certo ponto, novo; há, contudo, um importante conjunto de obras sobre dignidade. Linda e eu tivemos o prazer de conversar com a especialista em resolução de conflitos, Donna Hicks, quando ela escreveu seu livro sobre dignidade e isto pode, aqui, servir de respaldo a esta área de investigação.

Uma vez que não somos especialistas na área de economia, nunca cogitamos escrever sobre ela. Mas ficamos cada vez mais desconfortáveis, na medida em que mais e mais mensagens alarmantes chegavam dos membros de nossa rede, de várias partes do mundo. As mensagens abaixo servem de exemplo. Harsh Agarwal, um membro da rede da Índia, escreveu-nos: “Corporações tornaram-se a voz do país em cada e em todo assunto, enquanto pensadores, filósofos e acadêmicos perderam suas vozes e foram escanteados.” Yves M. Musoni, de Goma no Congo, escreveu (de Nashville, Tennessee): “Eu acredito que nosso futuro global reside na nossa capacidade de repensar nossa humanidade. Precisamos achar uma nova roupagem para nosso belo mundo, que já iniciou o processo de ‘eclosão.’ Como um adolescente, nosso mundo não está na idade da maturidade. Está em ‘turbulência.’ Na perspectiva de um cientista da atmosfera, ‘turbulência’ pode balançar qualquer avião, não importa quão grande seja e não interessa a importância dos passageiros.”

Membros da nossa rede mundial observam como as consequências da crise econômica desvendam os aspectos e efeitos malignos dos sistemas econômicos globais que fornecem a estrutura para quase todas as pessoas. O que ouvimos de todos os cantos do planeta confirma que precisamos da *grande transição* para a qual Paul Raskin faz apelo. Uma grande transição significa mais do que simplesmente reformar o *status quo*.

Linda e eu sentimos, progressivamente, que não poderíamos ficar nos escondendo atrás da desculpa de que não somos economistas, enquanto testemunhamos, ao mesmo tempo, o aumento dos efeitos da humilhação oriunda de práticas econômicas e instituições existentes. Uma vez que as estruturas econômicas representam as estruturas mais amplas dentro da qual as atividades humanas ocorrem, elas são da maior importância e não podem ser negligenciadas. Se as estruturas mais amplas existissem para introduzir humilhação sistêmica, na forma como foi feito no *apartheid*, isto seria extremamente significativo. Sob o *apartheid*, uma vez que era um sistema abrangente, todas as vidas e as relações eram maculadas com humilhação. Era impossível dignificar o *apartheid*

somente pelo fato de se tornar mais gentil uns com os outros, ou através de iniciativas bem-intencionadas em pequena escala. O sistema inteiro teve que ser reformulado numa escala maior e de forma mais apropriada. E se o *apartheid*, hoje, fosse representado pelo fato de que o crescimento (exponencial) é incompatível com a sustentabilidade?

Herman Cain, candidato republicano à Presidência dos Estados Unidos, alega que precisamos individualizar problemas sistêmicos. Ele disse, em 5 de outubro de 2011: “Não culpe Wall Street. Não culpe os grandes bancos. Se você não tem um emprego e você não é rico, culpe a si mesmo.”

Devemos seguir Cain e tentar fazer com que as pessoas fiquem mais preparadas para a corrida de ratos, que se torna cada vez mais inviável e prejudicial para nós e para nosso meio ambiente?

Linda e eu nos sentimos, frequentemente, tão impotentes quanto o Arcebispo de Canterbury, que exigiu uma “re-humanização da economia” e a “discussão do relacionamento entre riqueza e bem-estar,” em um debate na Biblioteca Britânica, em 1 de outubro de 2010. “O Arcebispo descreveu-se como um ‘analfabeto em economia’. Disse que a Igreja foi ‘hipnotizada pela afirmação de competência’ em assuntos relacionados com a economia.”

Porém, Linda e eu, também, tentamos seguir as palavras de Ole Danbolt Mjøs, ex-ocupante de cadeira do Comitê do Prêmio Nobel da Paz, do Parlamento Norueguês, que escreveu o seguinte, para o meu livro *Gender, Humiliation, and Global Security* - Gênero, Humilhação e Segurança Global: “O futuro da humanidade está em risco. Em tempos de crise, precisamos de pessoas de coragem, pessoas que deem um passo fora do caminho habitual da familiaridade e examinem a situação sob uma nova perspectiva. Poucas pessoas têm a experiência global e antecedente transdisciplinar que Evelin Lindner traz para essa tarefa. Este livro é um alerta e uma orientação para a humanidade seguir, se deseja sobreviver.”

Linda e eu ficamos encorajadas quando vimos pessoas, em partes do mundo, amplamente díspares, ligando a economia a temas como dignidade e paz. Organizamos recentemente nossa 17ª Conferência na Nova Zelândia³ e, como mencionado acima, a Conferência teve como ponto central a presença de Carmen Hetaraka, portador da história Maori oral. Carmen compartilhou sua sabedoria nativa Maori, uma sabedoria que é crucial, se desejarmos vislumbrar um futuro melhor. Fomos também encorajadas por muitas outras iniciativas na região do Pacífico Sul, como, por exemplo, o trabalho do *Institute for Economics and Peace* - IEP (Instituto para Economia e Paz), na Austrália. A pesquisa do Instituto inclui o Índice de Paz Global, que classifica 153 países, em termos de sua situação de paz.

As pessoas em todos os cantos do mundo tiram, cada vez mais, conclusões muito críticas. *Redet Geld, schweigt die Welt: Was uns Werte wert sein müssen* é um livro de 2011, escrito pelo renomado autor alemão Ulrich Wickert. Traduzido, o título significa, *Quando o Dinheiro Fala, o Mundo Silencia: Como Devemos Avaliar Nossos Valores*. O filósofo David Richard Precht, também estabelecido na Alemanha, pergunta-se, por que “*immer mehr ist immer weniger*”, cuja tradução é: por que parece que nós temos sempre menos, muito embora, supostamente, temos sempre mais? Ele pergunta: “*Wer bestimmt eigentlich über den Fortschritt?*”, ou seja, ‘Quem decide o que é progresso?’

Michael Heilemann é um especialista em treinamento antiagressão, na Alemanha. Ele conclui em seu trabalho nas prisões, que as formas atuais do capitalismo de cassino tornaram quase impossível para as “pessoas normais” obterem um sentimento individual de valor. Ele escreve:

O que o indivíduo pode fazer? O que se espera é um bom comportamento. Que a pessoa participe de concursos de programas de TV ou de categorias de direito, de forma a aparecer como modelo para o papel e que os outros precisem se conformar – isto é recompensado... Em outras circunstâncias, não há muitas oportunidades: uns poucos

extremamente carismáticos de uma classe inferior podem ter sucesso em atingir o topo – mas, uma vez no topo, permanecem como buchas de canhão. Em tal situação, o mergulho em uma revolução (devolvendo a humanidade aos humanos) permanece, portanto, como a reserva de idéias suicidas, ou máquinas terroristas altamente organizadas. Pouco espaço para as ‘pessoas normais’!

Linda e eu, inicialmente, esperavamos que nossos intelectuais, particularmente os economistas tivessem a resposta; todavia, ficamos desapontadas. Por mais de três décadas, eu tenho feito às pessoas ao redor do mundo a seguinte pergunta: “Como você pensa que nós, como humanidade, devemos mudar nosso planeta, para fazer valer a pena viver nele?” Quase sempre, recebi respostas que me chocaram: “Esta é uma questão muito extensa. Eu sou um especialista, não um generalista. Desculpe.”

Esta parece ser uma característica definidora de nosso tempo: a especialização cega até mesmo em nossos mais altamente entendidos especialistas. Em tempos passados, elites poderosas se escondiam atrás de muros grossos e pesados; construíram palácios e templos como a Cidade Proibida de Pequim. Hoje, encontramos os mesmos muros na forma de camuflagem de uma complicada “linguagem técnica” que fragmenta a realidade de tal forma que nenhuma imagem completa pode ser percebida. “Névoa de guerra” é uma expressão atribuída ao analista militar da Prússia Carl von Clausewitz. Hoje, parece que estamos cercados por uma “névoa de palavras” que ergue muros tão eficazes quanto os muros da Cidade Proibida. Podemos nos perguntar se há uma guerra de dominação em andamento, muito embora não seja uma guerra claramente definida no sentido clássico.

Quando Linda e eu nos desesperamos diante da complexidade da situação ou nos sentimos desencorajadas porque não fomos treinadas como economistas, recordamos que quando observamos o mundo a partir de uma visão com ampla perspectiva, e quando deixamos nossa empatia entrar em sintonia com as experiências diárias de pessoas que têm os pés

no chão, nós não precisamos ser especialistas em economia para ouvir as vozes críticas que estão se tornando mais altas em quase todo lugar no mundo, e não precisamos ser especialistas em economia para entender o que essas vozes têm a dizer.

As vozes críticas já eram marginais antes de 2008. Agora, entram nos meios de comunicação dominantes. Nós lemos sobre “O Aumento e a Queda do PIB” e como “os economistas desarrumam tudo,” como alerta Alex Michalos, um ex-reitor da *University of Northern British Columbia*. Estudiosos renomados, como Thomas Homer-Dixon ou Immanuel Wallerstein, alertam que as economias não podem continuar crescendo e que a economia global não se recuperará, nem agora nem nunca. Mervyn King, presidente do Banco da Inglaterra, disse em um discurso na cidade de Nova Iorque, em 2009, que, de todos os sistemas que alguém pode utilizar para organizar bancos, “o pior é o que nós temos hoje” Ele ressaltou que os bancos da Grã-Bretanha apresentam riscos incomuns, vez que possuem “ativos” (bolha de valoração?) 4,5 vezes o tamanho da economia britânica.

Será que os banqueiros aprenderam com a crise econômica que eles mesmos desencadearam? Uma ampla pesquisa sobre a qualidade dos serviços bancários feita na Alemanha, em 2009, indica que eles não aprenderam. Os resultados mostram que os serviços bancários ainda são catastróficamente deficientes, apesar da crise financeira. E o pior, os empregados de bancos são levados a ter um comportamento antiético, com mais frequência do que antes. Apenas *um* dos 25 consultores bancários passou pelo teste de coleta das informações necessárias sobre os antecedentes financeiros de um cliente em potencial e orientou esse indivíduo corretamente. Os bancos alemães, na sua ânsia de serem competitivos no mercado internacional, venderam os chamados “produtos estruturados”, que são proibidos até mesmo nos Estados Unidos. Os banqueiros de investimento fizeram o marketing desses produtos para uma clientela mais ampla, enquanto tomavam muito cuidado em nunca investir seu capital privado em tais produtos.

É esclarecedor entender o quanto o valor do pagamento pode não refletir o verdadeiro valor de um emprego. Justificativas por altos salários podem pertencer à esfera do mito. Um estudo no Reino Unido revela:

- Banqueiros da Elite da Cidade de Londres (ganhos de £1 milhão – mais bonus) destróem £7 do valor de cada £1 que eles geram.
- Faxineiros de hospitais criam mais de £10 em valor para cada £1 que eles recebem como pagamento.
- Executivos de publicidade destróem £11 de valor para cada £1 gerada.
- Cuidadores de crianças geram entre £7 e £9,50 para cada £1 que recebem como pagamento.
- Contadores da área fiscal destróem £47 para cada £1 que eles geram.
- Trabalhadores em reciclagem de lixo geram £12 para cada £1 gasta com seus salários.

A pessoa não precisa ser especialista em economia para observar que, ao longo da História, as ferramentas novas e melhoradas e as armas (ou métodos de manufaturá-las) proporcionaram uma alavancagem maior. Atualmente, a ação do mercado financeiro global parece ser a “arma” mais inovadora de nosso tempo, mais eficaz no alcance da dominação do que qualquer equipamento militar nacional. O lendário investidor Warren Buffet notoriamente descreve derivativos que são comprados especulativamente como “armas financeiras de destruição de massa”. Buffet também atacou aqueles que arquitetam este novo tipo de dominação, chamando-os de “super-pagos, notáveis do irresponsável setor financeiro.”

Por que esses “notáveis” ainda são tão influentes? Bo Lundgren, ministro para assuntos fiscais e financeiros da Suécia, que gerenciou a crise

financeira da Suécia, nos anos 1990, acredita que as pessoas influenciadas pela cultura anglo-saxônica são propensas a definições perigosas de liberdade. Parece, diz Lundgren – segundo o pensamento do filósofo Isaiah Berlin (1909 – 1997) – que uma cultura que define liberdade como *ser livre de forma irrestrita*, incluindo a liberdade para os dominadores fazer da *ação de poder um direito*, tende a manter aqueles dominadores no poder, condenando as grandes massas ao papel de vítimas exploradas. Somente uma cultura que define liberdade como um *nível de campo de ação protegido por regulamentos apropriados* pode proteger o bem comum para todos (capítulo 8).

parece, Lundgren tem razão. A ação coletiva na União Europeia para regular mercados financeiros foi desacelerada em função de vetos do Reino Unido, nos seus esforços de proteger interesses especiais da Cidade de Londres.

Como parece, quando a sociedade dá primazia à maximização do lucro, os políticos tornam-se vulneráveis, por concepção, a serem subornados a flexibilizar a legislação. O analista fiscal Larry Bartels explica que “nosso sistema tributário atual reflete um padrão mais amplo de tomada de decisão, o qual é distorcido em função dos interesses de cidadãos afluentes. Nos Estados Unidos, país claramente desigual, “é provável que as pessoas de renda mais baixa consigam trilhar seus caminhos, apenas quando as suas preferências estariam no mesmo patamar com as preferências de pessoas com o nível de renda mais elevado” O atual nível de desigualdade nos Estados Unidos é medieval.

Todos os campos políticos parecem estar conscientes desta situação. Lemos na revista *Time*:

Quando John McCain era ainda um reformador raivoso, ele apontava para o Código Tributário como a base para a corrupção de políticos americanos. Interesses especiais pagam grandes quantias de dinheiro a políticos, para suas campanhas

e, em retorno, obtêm isenções ou créditos previstos no Código Tributário. Em outros países, este tipo de suborno acontece debaixo do pano e com dinheiro em envelopes marrons. Na América, isto é institucionalizado e legal, mas é a mesma coisa – dinheiro para políticos, em troca de um tratamento favorável por parte do governo. O sistema tributário dos EUA não é simplesmente corrupto; é corrupto de uma maneira enganosa, que levou à degradação o sistema inteiro do governo americano. O Congresso é capaz de canalizar vastas somas de dinheiro para seus financiadores, os quais são favorecidos através do Código Tributário – sem ninguém perceber isso. A forma mais simples de afastar a corrupção de Washington é remover o prêmio que membros do Congresso oferecem gratuitamente: tratamento fiscal preferencial.

A pessoa não precisa ser um especialista em economia para observar os atuais desequilíbrios de poder, não somente em nível nacional, mas também entre mercados financeiros globais e políticos nacionais. A “Declaração dos Líderes da Cúpula do G-20, em Pittsburgh, em 24-25 de setembro de 2009” inicia com a frase: “Nós nos encontramos no meio de uma transição crítica da crise para a recuperação, para virar a página de uma era de irresponsabilidade e adotar um conjunto de políticas, regulações e reformas para atender às necessidades da economia global do século XXI.”

Depois de uma retórica promissora, geralmente os resultados decepcionantes são revelados para que sejam vistos por todos. E as razões para o insucesso são evidentes e identificáveis em muitas partes do mundo. Como resultado, como Halldór Gudmundsson alerta em seu livro, *We Are All Icelanders*, o destino da Islândia alcançará o resto do mundo, mais cedo ou mais tarde.

Por que a retórica política é tão vazia? Os especuladores econômicos trabalham em comunidades informais, com longo alcance global – O *The Wall Street Journal*, por exemplo, relata, abertamente, como os “Hedge

Funds utilizam a ‘Negociação de Carreira’ em relação ao Euro.” Ao mesmo tempo, os políticos nacionais estão divididos. A ação coletiva de nações depende de processos de busca de consenso, que são tediosos, na melhor das hipóteses. Títulos evocativos abundam, tais como “Como o Medo de Especuladores Direcionam Líderes Europeus”, ou “Revelada – a Rede Capitalista que Rege o Mundo.”

Está faltando “vontade política” e nós não deveríamos ficar surpresos. Muitos líderes perderiam mesmo suas posições se eles promovessem seriamente a mudança que é necessária no mundo. O ex-Presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, disse: “O que funciona na vida real é pessoas se reunindo com diferentes perspectivas e descobrindo como resolver problemas. A cooperação funciona. O que funciona na política é o conflito.”

A pessoa não precisa ser um economista especialista para ver que transformação cultural profunda é o lema do dia, localmente, mas, particularmente, a níveis globais. Pode ser interessante começar indagando sobre como diferem as culturas anglo-saxônica, europeia continental e escandinava. Todo mundo concorda que a vitória anglo-saxônica sobre a Alemanha Nazista foi extremamente importante para o mundo. O sistema da crença Nazista era desastroso. Contudo, a confiança que flui da vitória pode ser “alegremente” e perigosamente mal investida posteriormente. Não deveria ser mal investida em novas crenças desastrosas, definindo a liberdade como a falta

A pessoa não precisa ser um economista especialista para ver que a crise econômica não pode ser remediada com um crescimento *desenfreado* de economias de alta produtividade (que processam recursos em resíduos, em contraste com as economias do tipo *cradle-to-cradle*, por exemplo, que criariam círculos de recurso para recurso, ou para *economias sem crescimento*).

As perdas ecológicas contínuas da Terra podem começar logo a causar estresse nas economias nacionais, alerta o importante relatório

das Nações Unidas, o Panorama da Biodiversidade Global 3 (GBO-3). O relatório afirma que alguns ecossistemas podem, logo, atingir pontos de ruptura no qual eles ficam, rapidamente, menos úteis para a humanidade. “Muitas economias permanecem cegas em relação ao imenso valor da diversidade dos animais, plantas e outras formas de vida e o seus papéis em relação a ecossistemas saudáveis e em funcionamento,” disse Achim Steiner, diretor executivo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA. “A Humanidade produziu a ilusão de que, de alguma forma, podemos conseguir passar sem a biodiversidade ou que ela é, de alguma forma, periférica ao nosso mundo contemporâneo. A verdade é que precisamos dela mais do que nunca, em um planeta de seis bilhões, caminhando para mais de nove bilhões de pessoas em 2050.”

Quanto mais degradados se tornam os ecossistemas, dizem as Nações Unidas, maior o risco de que esses sistemas sejam explorados “até a exaustão.” Por exemplo, sistemas de água doce, poluídos com excesso de fertilizante agrícola, ficarão sufocados com algas, matando peixes e tornando a água imprópria para consumo humano.

A pessoa não precisa ser um economista especialista para ver que a conexão das corporações e governos - que nivelam por baixo sob a cobertura da ideologia do “livre mercado”, quando a liberdade significa que possibilidade é direito - virá com o preço da insustentabilidade ecológica e social.

Um sentimento de impotência é o único “realismo” verdadeiro em tempos de crise, em tempos nos quais as práticas corriqueiras são utópicas. Criar um futuro que ainda não tem uma linguagem é uma tarefa tão grande que deveria nos deixar perplexos. Admitir esse sentimento de impotência, em humildade compartilhada, em vez de lutar em torno de crenças e soluções ultrapassadas, é o caminho a seguir. Juntar as mãos em busca de futuros novos e mais inclusivos é o caminho a seguir, em vez de defender ideologias e arranjos que não salvarão nem o planeta, nem os 99%, nem os filhos dos 1%.

Talvez seja a hora de sermos humildes, e de sermos humildes juntos. Foi por isso que eu escrevi meu último livro sobre o amor, *big love*. Somente na humildade compartilhada e amando mutuamente que podemos embarcar nas grandes tarefas que se apresentam diante de nós.

Precisamos de uma nova geração de Rosas Park e Nelsons Mandela, que sejam capazes de liderar em novos caminhos. Requer-se uma “Liderança altruísta”, em vez de estilos autocráticos de “egos elevados”. O ecologista social Peter Drucker convoca instituições a funcionarem como orquestras.

Em conversa com Morton Deutsch, em novembro de 2011, eu expliquei porque nós fundamos a *World Dignity University Initiative*. É exatamente a manifestação de um novo futuro, começando um novo tipo de instituição, que está longe o bastante de paradigmas existentes do ponto de vista conceitual para encorajar a mudança e, ao mesmo tempo, está perto o bastante para a cooperação, na prática.

Você não pode colocar uma corda em torno do pescoço de uma idéia; você não pode colocar uma idéia contra uma parede e crivá-la com balas.

—Sean O’Casey

CAPÍTULO 2: VAMOS TRABALHAR JUNTOS PARA ELUCIDAR OS FATOS

Ninguém é mais desesperadamente escravizado do que aqueles que falsamente acreditam que são livres.

—Johann Wolfgang von Goethe

Em nosso trabalho na rede de Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação, tentamos adquirir um sentido do *Zeitgeist* - espírito do tempo¹ - mantendo nossos dedos no ritmo da mudança. Esforçamo-nos sempre para entender todos os lados de um argumento, inclusive seus extremos.

Linda e eu sempre tentamos encontrar especialistas que pudessem nos explicar a situação de uma forma facilmente acessível. Por exemplo, perguntamos: o que é empréstimo baseado *em* reserva fracional (*fractional reserve lending*), e será que essa prática, talvez, esteja no centro de nossas preocupações? Em caso afirmativo, qual seria o melhor arranjo? O que é *facilitação quantitativa*?

Conforme relatado anteriormente, para nossa desilusão, a maioria das pessoas, mesmo aquelas da área de economia, confessou-nos que elas não compreendem inteiramente os mecanismos de todos os sistemas econômicos e monetários. Um manto de mistério e incerteza em torno dos negócios econômicos nos mantém na escuridão.

Um jovem estudante perguntou a Neva Rockefeller Goodwin, uma pioneira da educação em economia contextual, qual escola de administração ela lhe recomendaria. Isto aconteceu no 30º Ciclo Anual de Palestras E. F. Schumacher em 20 de novembro de 2010, na cidade de Nova Iorque. Ele queria aprender sobre os desafios econômicos reais que ela havia discutido

¹ N.T. Optamos pela manutenção do termo alemão *Zeitgeist* na tradução, acompanhado de seu significado: 'Espírito do tempo' ou 'Contemporaneidade'.

em sua palestra. Ela recomendou que ele procurasse fora dos programas das escolas de administração ou economia, ou seja, em antropologia e sociologia.

Linda e eu iniciamos nossa jornada no campo da economia examinando os clássicos. Henry George (1830 -1897) era um escritor americano, político e economista político e o mais influente proponente do imposto sobre o valor da terra. Edwin Clarence (E. C.) Riegel (1879–1953) foi elogiado por fornecer “a melhor explicação do livre mercado”. Ele promoveu uma teoria monetária alternativa e uma alternativa inicial de moeda para empresa privada. Paul Anthony Samuelson (1915–2009) foi o primeiro americano a ganhar o Prêmio Nobel de Economia. Foi autor do livro texto de economia mais vendido de todos os tempos, *Economia: Uma Análise Introdutória*, publicado inicialmente em 1948 e agora está em sua 19ª edição. James E. Meade foi o britânico laureado com o Prêmio Nobel de Economia em 1977 (juntamente com o economista sueco Bertil Ohlin) por sua contribuição para a teoria do comércio internacional e movimentos de capital internacional.

Para a história de juro ou *usura*, voltamo-nos para John M. Houkes, que, durante seu mandato como chefe da Biblioteca de Administração e Economia da Universidade de Purdue, compilou um extenso trabalho bibliográfico sobre este tópico.

Estudamos o papel da religião e ouvimos Giles Anthony Fraser, um padre da Igreja Anglicana, o ex-Reitor Canônico da Catedral de St. Paul, em Londres, dizendo que ele pensa que “Jesus seria mais extremista que ele na moldagem do capitalismo moderno.” Quando a polícia preparou o ato contra a ocupação de manifestantes fora da Catedral de St. Paul, Fraser renunciou, uma vez que ele sentiu que não poderia sancionar o uso da força. Ele disse “eu acho que há uma ironia pelo fato de nós estarmos tendo esta conversa, hoje, no 25º aniversário do *Big Bang*, a desregulação da Bolsa de Valores, liberação das regras e regulações regulamentando a Cidade... parece-me de forma muito clara que os mercados foram feitos para o

homem e não o homem para o mercado... Não sou contra o capitalismo. Não sou uma dessas pessoas que pensam que o capitalismo é inerentemente perverso.”

Linda e eu tentamos entender como “ganância é ruim” poderia algum dia se transformar em “ganância é bom.” Assistimos o encontro anual conservador *RightOnline Conference* da *Americans for Prosperity Foundation*, tão atentamente quanto lemos o blog do Prêmio Nobel Memorial em Economia, em 2008, Paul Krugman. O capítulo 11 apresenta uma longa lista de iniciativas que examinamos.

Em 25 de julho de 2009, visitamos o ativista canadense Paul Grignon, na Ilha Gabriola, Canadá. Ele é autor de *A Essência do Dinheiro, e Dinheiro Como Dívida I, II e III. Moeda Digital* é uma proposta desenvolvida por Grignon.

Participamos do Ciclo Anual das Conferências E. F. Schumacher, em Nova Iorque, em 2010 e 2011. “*Small is beautiful*” - “Pequeno é bonito” - é uma coleção de ensaios do economista Ernst Friedrich “Fritz” Schumacher (1911–1977). “*Voices of a New Economics*” - Vozes de uma Nova Economia - foi o título da palestra de 20 de novembro de 2010 e *Voices of Today’s Youth: Occupy Wall Street and Youth for a New Economy*” - Vozes da Juventude de Hoje: Ocupe Wall Street e Juventude por uma Nova Economia - foram incluídas em 5 de novembro de 2011.

Os palestrantes das Conferências Schumacher, em 2010, foram Gus Speth, Neva Rockefeller Goodwin e Stewart Wallis. Gus Speth é um proeminente ambientalista que tem estado na vanguarda do repensamento da conexão entre a saúde do meio ambiente e a natureza de nosso sistema econômico. Neva Rockefeller Goodwin, como mencionado acima, é uma pioneira da educação em economia contextual no Instituto do Desenvolvimento Global e meio Ambiente, da Universidade de Tuft. Stewart Wallis é o diretor executivo da New Economics Foundation – NEF, de Londres.

Os palestrantes de 2011 foram Juliet B. Schor e Gar Alperovitz. Juliet Schor é a cofundadora do *Centro para um Novo Sonho Americano* - CNAD. Schor falou do *estado capturado*, afirmando que ele precisa ser “recapturado.” Gar Alperovitz é membro do conselho de diretores da *E. F. Schumacher Society*, que trabalhou, recentemente, com a *New Economics Foundation-NEF* em Londres, para formar o *New Economics Institute*, na América do Norte. O veredicto de Gar Alperovitz foi de que uma mudança mais profunda é necessária agora: “O tempo das regulações já acabou.”

Um painel da Juventude foi incluído no Ciclo de Palestras Schumacher de 2011, onde Charlie Young, Kyle Gracey, Rina Kuusipalo, Karanja Gacuca, e Annie McShiras fizeram reflexões sobre a abordagem de sua geração com relação à justiça econômica, ao Ocupe Wall Street, ao governo internacional, sustentabilidade, movimentos sociais e cultura jovem global. Como mencionado acima, suas apresentações me deram grande esperança. Todos os palestrantes entenderam que não é hora para soluções rápidas; um processo de mudança de longo prazo precisa ser modelado.

Com o passar do tempo, Linda e eu encontramos mais pessoas que afirmam que todas as partes da vida estão “contaminadas” pela precipitação radioativa de estruturas nocivas de larga escala, insistindo que uma reforma radical é necessária. Margrit Kennedy, uma arquiteta que trabalha internacionalmente, é uma dessas vozes. Seu trabalho sobre arquitetura ecológica, iniciado em 1982, levou-a à descoberta de que é “virtualmente impossível conduzir conceitos ecológicos consistentes na escala que é exigida hoje, sem fundamentalmente alterar o sistema monetário atual ou criar novas moedas complementares.” Kennedy recomenda, considerando o argumento de Bernard Lietaer, que moedas complementares podem proteger contra os efeitos destrutivos da desvalorização das principais moedas.

Linda e eu sentimo-nos encorajadas pelo economista Rodrigue Tremblay e seu livro de 2010 sobre ética global. Ele expõe a camuflagem da

“terminologia especialista” e a torna menos opaca para os não economistas. Escrevemos para Paul Krugman e outros, com a idéia de criar um *Banco da Dignidade*, um banco que coloca dinheiro a serviço da sociedade e não a serviço da maximização do lucro, um banco que opera sem juros e nutre o inclusionismo e o dignismo, em vez do comunismo opressivo ou capitalismo bulímico.

Contudo, assim aprendemos, talvez seja impossível colocar dinheiro a serviço da sociedade. Até mesmo a iniciativa mais bem-intencionada em um sistema do tipo apartheid seja talvez inútil. Howard Richards, estudioso da paz e de estudos globais e filosofia, afirma que o sistema inteiro deve ser remodelado e que todas as tentativas de tirar as pessoas da pobreza, trazendo elas para o mercado monetário, como ele é definido hoje, estão condenadas ao fracasso. O filme *Caught in Micro Debt*, mostrado na televisão estatal da Noruega, em 30 de novembro de 2010, sustenta a mensagem de Richards, lançando uma luz crítica nas práticas do microempréstimo, outrora saudado como um caminho a seguir. Howard Richards explica:

O ponto principal que marca a civilização moderna como fundamentalmente defeituosa, sendo diferente de incidentalmente problemática, é, como nos informa Daniel Quinn, autor de *Ishmael*, questionando se as pessoas compartilham alimento. Amartya Sen reforça o ponto de Quinn em seu estudo sobre a fome e os direitos. No mundo moderno, as pessoas passam fome não porque não há alimento, mas porque não há uma norma prescrevendo a sua divisão, enquanto existem normas separando propriedade da necessidade. Esta é uma conclusão que ilustra um ponto chave; ele descreve não tanto o que pensamos, mas o que pressupomos; não tanto as nossas conclusões científicas, mas a estrutura normativa mítica que constitui o paradigma, dentro do qual cientistas sociais dominantes fazem ciência social normal.

Certa vez, O empreendedor social William Drayton disse sobre empreendedorismo social: “Nosso trabalho não é dar peixe às pessoas, não é ensiná-las a pescar, é construir uma nova e melhor indústria de pesca.” Parece que, atualmente, necessitamos mais do que uma indústria de pesca. É possível que as fundações básicas de nossas estruturas econômicas e sistemas monetários (ou a ausência deles) sejam falhos?

Douglas Hurd, um ex-diplomata e secretário de relações internacionais do Reino Unido, pelo partido conservador, explica numa entrevista, como também em seu livro de 2010, como instituições multilaterais (como as Nações Unidas, instituições Bretton Woods, OTAN) são falhas. Ele alerta que perdemos a oportunidade de reimaginar as grandes instituições do mundo já em 1989. A comunidade mundial necessita de instituições que possam lidar com a mudança climática e que possam resolver quando intervir em assuntos de outros povos e quando ficar de fora. Esses são “cânones soltos” que não foram resolvidos no grande acordo de 1945. Devem ser resolvidos agora, adverte Hurd.

“*Financial Reform: Unfinished Business*” - Reforma Financeira: Negócio Inacabado - é o título de um artigo de Paul Volcker, Presidente do Federal Reserve. Ao que parece, *uma longa revolução inacabada* clama para ser transportada para o futuro.

Paul Krugman e Robin Wells analisam a situação, como descrito a seguir:

Nos fins dos anos 1940, as mais importantes economias haviam regulado de forma rigorosa os sistemas bancários, prevenindo a recorrência de crises bancárias à moda antiga. Ao mesmo tempo, limitações generalizadas no movimento de capital internacional tornou difícil para as nações contraírem os tipos de grandes dívidas internacionais que tinham previamente levado a frequentes inadimplências. (Essas restrições assumiram várias formas, incluindo limites de compra de seguros internacionais e limites na compra

de moeda estrangeira para a realização de investimentos; mesmo nações avançadas como a França e Itália mantiveram essas restrições nos anos 1980.) Basicamente, era um mundo com restrições que pode ter limitado as iniciativas, mas também deixou pouco espaço para a irresponsabilidade em grande escala.

Krugman e Wells continuam a explicar que as memórias dos anos 1930 se desvaneceram, com as restrições começando a ser retiradas. Nos anos 1980, depois que muitas restrições foram retiradas, explodiu a crise da dívida da América Latina, seguida pela crise da Ásia nos anos 1990. Os autores descrevem como o enfraquecimento da regulação bancária permitiu o colapso das poupanças e dos empréstimos nos Estados Unidos, nos anos 1980, e a crise bancária Sueca, do começo dos anos 1990. No início do Século 21, “bancos sombra” tais como Lehman Brothers estavam crescendo rapidamente. Não aceitavam depósitos e não eram cobertos por regulamentos bancários convencionais.

Krugman e Wells explicam que a principal vantagem de controles mais flexíveis foi a de facilitar o acesso ao crédito, algo que pode estimular o crescimento, contudo, somente quando usado de forma conscienciosa. O problema foi que havia alguns que não eram conscienciosos e que fizeram uso da falta de controle “para conseguir dinheiro rápido”, alimentando o velho e perigoso ciclo de dívida, crise e inadimplência.

Por que não houve mais pessoas que vislumbraram isso? Krugman e Wells mostram que os instrumentos financeiros aparentemente mais sofisticados, e a (ilusória) maior propagação de riscos fizeram as pessoas acreditarem que as velhas regras de prudência que nossos avós seguiram não eram mais necessárias. Outros tinham um grande interesse em manter a explosão da dívida e o setor financeiro inflando: eles estavam ganhando muito dinheiro com isso. Krugman e Wells concluem:

Os dois grandes centros financeiros do mundo, Nova Iorque e Londres, exerceram grande influência sobre

os seus respectivos governos, independentemente do partido. A administração Clinton, nos Estados Unidos, e o governo Trabalhista, na Grã-Bretanha, sucumbiram, igualmente, ao som da sirene da inovação financeira – e foram impulsionados, em parte, pela competição entre esses dois grandes centros. Porque os políticos eram todos muito facilmente convencidos de que ter um grande setor financeiro era uma coisa maravilhosa. Somente quando a crise eclodiu, ficou claro que o crescimento de Wall Street e da Cidade de Londres, de fato, expuseram suas nações a riscos especiais, e que as nações que não desfrutaram do glamour das altas finanças, como o Canadá, também não desfrutaram do pior da crise.

Outro resumo muito convincente do dilema do dinheiro é dado pelo economista comunitário Thomas Henry Greco, Jr.:

Diz-se que o dinheiro serve a diversas funções: ele é (1) um “meio de troca” geralmente aceito; (2) “uma reserva de valor”; (3) um “padrão de pagamento diferido” e, fundamentalmente; (4) “uma unidade contábil” ou “medida de valor” (Dunkman, 1970). Pensamos que sabemos do que estamos falando quando usamos a palavra “dinheiro” mas, de fato, nós não sabemos. Todas as definições ortodoxas de dinheiro descrevem suas supostas funções e não a sua essência. Ademais, uma vez que o termo “dinheiro” é comumente aplicado para uma variedade diversa de instrumentos financeiros que são criados em uma variedade de formas. Toda a questão resultou em um mar de confusão. É um fato curioso que os problemas que surgem dessas funções contraditórias, enquanto não passam inteiramente despercebidos, foram completamente varridos para debaixo do tapete.

Michael Hartmann, sociólogo da Universidade de Darmstadt, examinou a sociologia das elites e chegou à conclusão de que não é a

psicologia individual (ganância), nem o sistema (falta de regulações), mas o interesse daqueles que fazem o sistema é o que merece a nossa atenção. De fato, se acreditarmos no que afirma o estudioso e estrategista David J. Rothkopf, um número reduzido de pessoas (cerca de 6.000) ao redor do mundo, altamente poderosas e não eleitas, moldou o mundo durante as décadas passadas de maneiras que tornaram possível o colapso financeiro.

Como relatado antes, nos Estados Unidos, o nível de desigualdade é medieval. Junto com Gar Alperovitz, estamos interessados em descobrir quais “podem ser as possibilidades pré-históricas da próxima grande mudança”.

A partir do meu trabalho sobre humilhação, estou ciente de que, historicamente, os ditadores, sempre, sequestraram sistemas. Adolf Hitler sequestrou as instituições estatais alemãs e Siad Barre fez o mesmo na Somália, para citar apenas dois exemplos. Enquanto eles agiam, criaram meios de camuflagem para esconder suas ações. Como foi mencionado anteriormente, os muros da Cidade Proibida, em Beijing, representaram uma proteção objetiva. Atualmente, a proteção parece ser provida pela complexidade da linguagem de “especialistas” vendendo, supostamente, “inovação moderna” e “progresso”. Essas “inovações” deixam a maioria das pessoas – mesmo os pensadores de primeira classe – sem condições de entender.

O futurologista Robert Jungk (1913–1994) escreveu sobre a ligação entre as economias de grande escala, em especial, as relativas à energia atômica, e o perigo de soberania totalitária, e contrastou esse cenário com a esperança de que um novo movimento global o neutralizará. O artista japonês Isao Hashimoto criou recentemente um mapa de lapso de tempo que Jungk acharia interessante: um mapa das 2.053 explosões nucleares que ocorreram entre 1945 e 1998.

É fascinante ver como Robert Jungk é relevante hoje (tradução da autora):

Não é frequente que membros de uma profissão alertem o público contra seus próprios colegas. Isto aconteceu em agosto de 1977, quando mais de 28 físicos proeminentes, de 32 países, exprimiram as seguintes opiniões contra a influência de físicos no debate nuclear, após um colóquio da *Scuola Internazionale Enrico Fermi*, no Lago de Como: “O problema mais sério é que a discussão dessas questões não está realmente ocorrendo entre os cidadãos, mas está dominada por uma elite de profissionais... Os operadores de energia nuclear aceitam apenas aqueles cientistas que apoiam o programa nuclear governamental... Exortamos o público a observar as visões desses especialistas, de maneira muito crítica, e não seguir cegamente as afirmações de todos aqueles que dizem saber tudo.

Neste [novo movimento global], a participação real é possível, como exigida pelo movimento antinuclear na vida política. Isto inclui aprendizado mútuo, ouvindo-se e conversando uns com os outros. Na vida profissional e política, a elaboração de propostas próprias é encorajada, não apenas a repetição das propostas de outros. Todo mundo é um “especialista” insubstituível de suas necessidades e desejos. A “participação” é entendida não somente como ter uma voz, mas também como uma cocriação. Isto leva tempo, que não mais existe na sociedade que é caracterizada pelo relógio, pela racionalização, pela busca pela velocidade e pela produção de coisas em quantidades cada vez maior.

Jungk continua afirmando que este novo movimento trabalhará segundo novas formas, que evitarão o problema do passado, quando líderes de opinião dominante e formadores de opinião, através de suas regras, fizeram desaparecer a criatividade original de seus colegas. Jungk prevê que a constante corrente de energia, de muitas mentes e corações, será liberada: será o *poder criativo humano*, em vez de *poder nuclear*. Ele continua:

Modéstia, justiça, amor da natureza e beleza, aceitação do emocional, participação e liberação da imaginação, esses são alguns dos valores de um futuro mais humano que estão presentes no movimento, supostamente “apenas negativo” e “destrutivo”, contra o setor nuclear e o estado nuclear.

Novas formas cooperativas de produção independentes e autogerenciadas, que ficam livres do crescimento e do lucro artificialmente direcionados, estão emergindo em muitos lugares, sobretudo onde a velha e falha economia levou ao desemprego.

Contudo, é ainda possível que a penetração do estado atômico force o novo [movimento global] internacional, não violento, temporariamente, nas catacumbas. Mas a tirania tecnológica está mais poderosa e, ao mesmo tempo, mais vulnerável que as tiranias anteriores. No fim das contas, a água será mais forte que a pedra.

Geralmente, ouvimos de economistas que as desigualdades são inevitáveis para que a “inovação moderna” e o “progresso” floresçam. Contudo, através do seu trabalho sobre o impacto da desigualdade, Richard G. Wilkinson, estudioso em epidemiologia social e especialista em saúde pública, junto com seus colegas, apresenta um estudo aprofundado de pesquisa relevante sobre as consequências desastrosas da desigualdade.

No capítulo 11, far-se-á referência ao sucesso do “modelo escandinavo” e ao trabalho de Karl Ove Moene no *Centre of Equality, Social Organization, and Performance* (ESOP) - Centro de Igualdade, Organização Social e Desempenho.

É interessante notar que, ao perguntar diretamente às pessoas, elas respondem, informando que preferem uma distribuição igual a uma distribuição desigual de recursos. Michael I. Norton e Dan Ariely realizaram uma pesquisa nos Estados Unidos, onde os respondentes “subestimaram, radicalmente, o nível atual de desigualdade de riqueza” nos EUA. Ainda mais interessante, é que tanto os republicanos quanto os liberais preferiram uma distribuição de riqueza que se assemelha mais à da Suécia do que a dos EUA. “Todos os grupos democráticos – mesmo aqueles não comumente associados à redistribuição da riqueza, como os

republicanos e os muito ricos – desejaram uma distribuição de riqueza mais igual do que o *status quo*.”

Morton Deutsch, o “pai” do campo da resolução de conflito, hoje, com mais de 90 anos, escreve:

As limitações da “racionalidade econômica” foram objeto de crítica em relação à medida do Produto Interno Bruto (PIB). O PIB é uma medida econômica imperfeita do valor econômico dos bens produzidos nacionalmente, em um dado ano (não inclui muitos custos de aumento da produção econômica, tais como o custo produzido pela poluição ambiental) o qual é, frequentemente, tomado como indicador de bem-estar dos cidadãos de uma nação, individualmente e coletivamente. Assim, Stiglitz, Sen, e Fitoussi (2010) argumentam em *Mismeasuring Our Lives: Why GDP Doesn't Add Up* - Medindo Incorretamente nossas Vidas: Por Que o PIB não Acrescenta-, que o PIB é um indicador de bem-estar altamente deficiente. Nussbaum (2011), também, em seu livro recente *Creating Capabilities, The Human Development Approach* - Criando Capacidades, a Abordagem do Desenvolvimento Humano, indica que a igualdade que vai bem (para uma nação) com um aumento do PIB per capita distrai a atenção de problemas reais de criação de bem-estar para todos os membros de uma sociedade, ao sugerir que o caminho certo para melhorar a qualidade de vida é através do crescimento econômico apenas (ou seja, PIB aumentado).

A partir de uma perspectiva geo-histórica em larga escala que utilizo em meu trabalho, tentei entender as circunstâncias que estimulam o surgimento de culturas de pilhagem. Eu aprendi bastante quando fiz minha pesquisa do doutorado na Somália (capítulo 7). Ninguém deveria ficar surpreso ao saber que a cultura de guerra da Somália fornece piratas ao mundo. “Quando a pilhagem se torna um meio de vida para um grupo de homens vivendo juntos em uma sociedade, ao longo do tempo, eles criam para si mesmo, um sistema jurídico que autoriza a pilhagem e um código moral que a glorifica” disse o economista francês Frederic Bastiat (1801–1850).

A cultura de saque europeia foi indentificada como um pano de fundo para a atual crise econômica. Lundgren, Moene e Hartmann foram mencionados, anteriormente, comentando sobre a cultura anglo-saxã nesses moldes. Explicam que a prática do negócio do *saque corporativo* foi associada a valores do tipo “ganância é bom.” De fato, o assalto ao fundo de pensão dos trabalhadores americanos talvez seja o mais insidioso saque perpetuado ao longo dos últimos anos.

Durante a minha pesquisa de doutourado, estudei como os senhores da guerra somalianos abastecem a milícia com drogas e sexo (capítulo 12). Não fiquei surpresa ao ler que a testosterona pode estar ligada ao mercado monetário e que banqueiros de investimento têm uma propensão para drogas caras e festas de sexo. O documentário *Inside Job - A Verdade da Crise*, de 2010, apresentou Jonathan Alpert, um terapeuta de Nova Iorque cujos clientes incluem muitos altos executivos de Wall Street, dizendo: “Essas pessoas são tomadoras de risco; são impulsivas. Faz parte de seu comportamento, faz parte de sua personalidade. E que se manifesta também fora do trabalho. É muito típico os indivíduos saírem, irem a bares de strippers, usarem drogas. Eu vejo muito uso de cocaína e da prostituição.”

Saquear é uma distração de alta intensidade para pilhadores; é “eletrizante.” Jon Stevens Corzine, um ex-diretor executivo da Goldman Sachs, tornou-se presidente e diretor executivo da MF Global Inc., uma firma de serviços financeiros especializada em corretagem de mercado futuro, em 2010. Ele teve que pedir concordata, em outubro de 2011. Isto foi um choque e colocou a Goldman Sachs em evidência. O livro de William D. Cohen, de 2011, *How Goldman Sachs Came to Rule the World - Como a Goldman Sachs Veio a Governar o Mundo* - recebeu ampla atenção. Corzine era um “negociante agressivo” e isto significava um elogio no auge do mercado de capitais. Robert Rubin, atual Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, por exemplo, “juntou-se ao Citigroup como um consultor sênior e membro do conselho, em 1999. Um negociador deslumbrante quando estava na Goldman. Aconselhou o Citigroup que a empresa deveria assumir mais risco.”

O que aprendemos? Um contexto cultural geo-histórico permite que uma cultura de saque floresça e permite que elites sequestram instituições (as 6.000 pessoas a quem se refere Rothkopf, que Hartman analisa, usando estratégias que Tremblay resume) e desenvolvam novos “armamentos” econômicos inovadores (Collateralized Debt Obligations ou CDO e Credit Default Swaps ou os CDS, ver, também, os comentários de Warren Buffett). Este novo armamento dá a essa elite um poder sem paralelo, pelo menos no curto prazo, mesmo em detrimento de todos; no longo prazo, incluindo os filhos daquelas elites e os filhos de seus filhos. Isto significa que a atual crise econômica, além de enriquecer uns poucos, cria condições absolutamente insustentáveis para a totalidade de nossa socio-ecossfera

Um certo contexto cultural geo-histórico



que permite “florescer” a cultura do saque



e sequestrar instituições



com ferramentas e intervenções inovadoras



leva à dominação e à exploração



e, se isto acontecer em uma escala global, significa a destruição da socio-ecossfera inteira.

Isto é onde estamos no momento. Qual é a solução?

A transição que precisamos requer agora uma abordagem abrangente, com dois movimentos centrais (usando a abordagem do *tipo ideal* de Max Weber). Deixem-me denominá-la de *transição para a dignidade*. Deve ser uma abordagem híbrida de baixo para cima e de cima para baixo. Uma simples combinação das abordagens de baixo para cima e de cima para baixo não seria suficiente, porque não podemos esperar que a maioria dos cidadãos do mundo se torne Mandelas de baixo para cima. Também

não podemos esperar que os políticos de nosso tempo implementem as mudanças necessárias de cima para baixo (ver mais no capítulo 10).

Antes de embarcarmos em uma missão pela unidade global, é possível que precisemos enfrentar nossos medos. Muitas pessoas com quem Linda e eu conversamos têm medo de que o apelo por uma mudança sistêmica global seja apenas uma perigosa busca pela perfeição da utopia e leve apenas a uma ditadura global Orwelliana. Esse medo é justificado.

A História mostra muitos exemplos de suseranos unindo países fragmentados. Eu conheço particularmente bem a Noruega. Até em torno do ano 860, os territórios noruegueses eram governados por nobres medievais. Em torno de 860, Harald Hårfagre uniu os territórios, criando o Reino da Noruega. Onde quer que esses processos de unificação tenham ocorrido na História, geralmente trouxeram um lado positivo e um lado sombrio: havia unidade, mas havia também uma opressiva uniformidade, excluindo a diversidade. Esses processos, muitas vezes, começavam com uma relação até certo ponto igualitária, depois um governante se tornava um *primus inter pares*. Contudo, ao longo do tempo, os governantes tiveram êxito acumulando poder central. A colonização seguiu esse roteiro: em muitos lugares, começou com o comércio que tratava todos os atores como iguais. Depois, o poder econômico foi traduzido em poder político.

Atualmente, vivenciamos algo similar em nível global. Um mundo fragmentado está sendo unido. O lado promissor é que isto faz os povos se unirem. “Pela primeira vez desde a origem de nossa espécie, a humanidade está em contato consigo mesma”, disse o antropólogo William Ury. Os antropólogos chamam isto de *aglomeração* das tribos humanas. Contudo, a globalização também tem um lado sombrio; por exemplo, ela criou uniformidade corporativa global. O “rei que une” é agora a corporação global, e os aspectos destrutivos decorrentes da cultura global de pilhagem que devasta os bens comuns ecológicos e sociais.

Em meu trabalho, faço apelo para nós, a família humana, ‘humanizarmos a globalização com igualização.’ A *Igualização* conota a verdadeira manifestação de igualdade em dignidade pra todos. Eu, então, junto as duas palavras para formar *globigualização*.

Liberté, égalité, fraternité era o mote da Revolução Francesa, em 1789, (liberdade, igualdade, fraternidade: hoje acrescentaríamos irmandade) ou uma livre comunidade de seres iguais. *Globigualização* aponta para liberdade e igualdade, com fraternidade faltando ainda, de certa forma. Portanto, escrevi meu livro de 2010 sobre *Gender, Humiliation, and Global Security* - Gênero, Humilhação e Segurança Global, para incluir a solidariedade amorosa. 69

Quando nos demos as mãos, quando cooperamos, quando colaboramos, nós usamos o prefixo “co” para dar a conotação de “juntos”. Eu cunhei a palavra *co-globigualização* para trazer liberdade, igualdade e fraternidade em uma só palavra (ver também o capítulo 3).

O que quero dizer com *co-globigualização*? Quero dizer que precisamos nos tornar cada vez mais conscientes de que somos uma família humana e que uma família é uma boa família quando seus membros estão ligados em *liberdade, igualdade e fraternidade*.

Eu descreveria minha consciência pessoal como uma *consciência pós-individual*, uma *consciência unitária* ou uma *consciência planetária*. Como eu escrevi no prefácio, eu estou de acordo com o que diz o poeta persa Sufi Hâfez-e Širâzi: “Aprendi tanto de Deus, que não posso mais me definir como um cristão, um hindu, um mulçumano, um budista ou um judeu. A verdade jorrou tanto em mim, que não posso mais me chamar de homem, de mulher” Minha religião é amor, humildade, e reverencio um universo grande demais para nós o compreendermos. Eu falo de *letramento do amor*.

Eu sugiro que nós todos, no espírito de amor e humildade, reflitamos sobre soluções de governança global, tais como *cosmopolitanismo* ou *federalismo mundial*, não como construções rígidas, mas como sistemas

fluidos, não como uma ditadura global Orwelliana, mas como um caminho para nutrir o *florescimento* global. Um sistema democrático é mais flexível que uma ditadura – a sangrenta queda do governante líbio Muammar Gaddafi trouxe este fato para o país, muito recentemente. Porém, as práticas democráticas não são ainda flexíveis o bastante. Temos ainda um longo caminho a seguir para nos tornarmos verdadeiramente civilizados.

O economista Jeremy Rifkin faz um apelo para o surgimento de uma *civilização empática*. Civilização empática é o oposto da perfeição da utopia, tendo em vista que a empatia flui de nossas fragilidades e imperfeições. Porém, uma civilização empática significa também mudança sistemática, está consciente de que intervenções fragmentadas não são suficientes.

Isto nos trás de volta ao significado de dignidade. “Todo ser humano nasce com direitos iguais e dignidade,” esta é a primeira frase do Artigo 1º da Declaração dos Direitos Humanos. Desde a adoção dessa Declaração, em 1948, os direitos políticos ficaram em primeiro plano.

Agora é hora de dar mais atenção à dignidade. E dignidade humana implica a ética do cuidado (capítulo 4). Seyla Benhabib é professora de ciência política e filosofia. Escreveu recentemente um livro intitulado *Dignity in Adversity: Human Rights in Troubled Time* - Dignidade na Adversidade: Direitos Humanos em Tempos Conturbados. Cosmopolitanismo, de acordo com Benhabib, coloca a solidariedade moral em primeiro plano e torna a abstração da humanidade em “seres concretos”.

Como podemos superar nossos medos da utopia global, da ditadura global Orwelliana e considerar a possibilidade de florescimento global? Levantar questões mais profundas pode ajudar, em vez de simplesmente retrair-se para longe do pensamento de sistemas globais.

Em um espírito de amor e humildade, é possível querermos considerar aceitar que nós, como espécie humana neste planeta, possamos não representar a “coroa” da criação, mas a verdadeira causa de sua destruição. O filósofo norueguês Arne Næss, “pai” da *ecologia profunda*, desenvolveu a

noção da “profundidade de intenção,” a “profundidade de questionamento” ou “profundidade de respostas.” Næss escreve: “nossa profundidade em intenção melhora apenas lentamente, após anos de estudo. Há um abismo de profundidade em tudo aquilo que é fundamental.” Maior profundidade significa continuar a perguntar, a partir do ponto em que outros param de perguntar.

Linda e eu, juntamente com nossos colegas, desejamos continuar fazendo perguntas. Desejamos abordar tudo, incluindo o papel da economia e das estruturas monetárias para as “relações do direito”, com a necessária humildade, mas também com a devida candura.

No resto do livro, ofereço uma análise breve de alguns dos efeitos de humilhação da economia contemporânea e dos arranjos monetários, e termino com a seção de “visão global”.

Terminemos este capítulo enfatizando, mais uma vez, como é importante que nós todos juntemos as mãos e concebamos soluções que funcionem para a família humana inteira e seu habitat. Os 99% e o 1%, todos nós temos filhos que não encontrarão um planeta decente para viver, se não formos, agora, além da acusação e do empreendedorismo de humilhação. Ciclos de humilhação somente ofuscam nossas mentes e impedem as transições necessárias.

Lembremo-nos que o Prêmio Nobel da Paz de 1993 foi concedido a Nelson Mandela e Frederik Willem de Klerk, conjuntamente, dois antigos inimigos que trabalharam juntos para criar um mundo melhor para todos os sul-africanos.

Geralmente, as coisas terríveis que são feitas com a desculpa de que o progresso as exige não constituem realmente nenhum progresso, mas apenas coisas terríveis.

—Russell Baker

CAPÍTULO 3: PARA ONDE PODEMOS IR? RUMO À TRANSIÇÃO PARA A DIGNIDADE

Não se pode atravessar o oceano simplesmente ficando parado e olhando em direção à água.
—Rabindranath Tagore

Um pássaro não pode saber se o sorgo está pronto para ser colhido, a menos que ele voe.

—Provérbio Kinyarwanda¹²⁰

Este capítulo começa com uma carta escrita pelo professor de economia Kamran Mofid, fundador da iniciativa *Globalisation for the Common Good* –(GCG) - Globalização para o Bem Comum, em 20 de maio de 2011:

Amigos,

Vocês se lembram de Margaret Thatcher, a quem chamavam de Dama de Ferro! Ela disse aos britânicos que iria colocar o “Grã” de volta à “Grã” Bretanha. Vocês se lembram? Depois, ela nos disse que isto só poderia acontecer se nós aceitássemos e implementássemos o “Consenso de Washington”, o chamado neoliberalismo. Disse que não havia alternativa. Disse que seríamos todos prósperos e nós nos desenvolveríamos mais facilmente e igualmente. Ela venceu eleição após eleição. Tudo foi privatizado, desregulado, autorregulado. A indústria, a manufatura (a economia real) foram destruídas. Inversamente, os bancos e os banqueiros foram encorajados a governar o mundo. Os economistas sem princípios e valores foram “comprados” e as escolas de administração, como Harvard e

Columbia, receberam enxurradas de dinheiro, para agirem como “*Cheer Leaders*” para o neoliberalismo (para evidências, ver também *Inside Job - A Verdade da Crise*). Comunidades foram desmanteladas e desorganizadas. Fomos informados de que não existe tal coisa como uma sociedade e comunidade. Estamos todos inseridos no contexto, apenas por nós mesmos, assim fomos informados. A competição destrutiva às custas de cooperação para melhoria de vida, colaboração e diálogo foi prontamente estimulada. Fomos informados para dizer não ao amor, à delicadeza, ao individualismo e ao narcisismo, como se esses valores queimassem a máquina do capitalismo e a criação de riqueza! Para o inferno com o bem comum, foi, em resumo, no que fomos encorajados a acreditar.

O projeto Centenário do HBS sobre o Futuro do Capitalismo de Mercado, tem explorado a evolução do capitalismo – o valor que gerou e as ameaças que podem estar surgindo e que poderiam impedir sua futura criação de valor. Para este projeto, líderes empresariais ao redor do mundo foram entrevistados para documentar seus sentimentos sobre quais seriam algumas das ameaças em potencial - e o que pode ser feito em relação a elas. Qual é a sua opinião?

Em muitos países, a diferença entre os ricos e os pobres cresceu e continuará a aumentar. Alguns dizem que o crescimento da desigualdade pode ser uma consequência lamentável do crescimento econômico, mas que isto não é um problema, desde que a renda de todos melhore. Outros dizem que o crescimento da desigualdade enfraquecerá as fundações de nossas democracias e, conseqüentemente, de nossas economias. Qual é a sua opinião?

Recentemente, tem havido muita discussão sobre degradação ambiental e, particularmente, sobre mudança climática global. Alguns acreditam que o capitalismo, pela sua natureza,

buscará reduzir ou evitar a regulação ambiental, exarcebando o prejuízo ambiental e colocando em perigo a saúde futura de nosso planeta. Outros veem empresas que visam ao lucro reconhecendo cada vez mais a importância das questões ambientais, trabalhando para minimizar os seus impactos negativos sobre o meio ambiente e inventando tecnologias que tornarão o negócio mais sustentável. Como você vê isso? O capitalismo de mercado é o problema – ou a solução?

Se fôssemos analisar a situação como Kamran Mofid denuncia de forma tão eloquente, quais seriam os problemas centrais? Três práticas problemáticas parecem existir no âmago das atuais dificuldades econômicas:

1. Uma primeira prática problemática parece estar conectada ao fato de que o dinheiro é criado como dívida. O governo dos Estados Unidos, por exemplo, emite títulos. O dinheiro é criado em livros bancários para comprar esses títulos e o governo promete honrá-los pagando suas dívidas ao longo do tempo. Isto cria vários dilemas. Uma dificuldade central está ligada ao que é chamado de *consideração*. Consideração é um conceito de valor jurídico em lei de contrato, definida como ação prometida ou omissão de ação. Um caso jurídico famoso, o First National Bank of Montgomery contra Jerome Daly, ilustra o problema. Em 9 de dezembro de 1968, no Tribunal de Justiça de Minnesota, o juiz decidiu em favor do devedor Jerome Daly, que deixou de honrar a sua hipoteca. Devido à *falha de uma consideração lícita*, o banco foi proibido de se apropriar dos ativos de Daly. O juiz considerou ser ilegal para um banco emprestar dinheiro que ele não tem e que, simplesmente, criou virtualmente em seus livros.

“Outro problema importante do governo lançar obrigações é que, ao fazê-lo, o governo/sociedade consome hoje o excedente futuro da economia (coletado sob a forma de impostos). Isto é parecido com o agricultor que come os grãos que ele semearia na próxima

primaveira,” comenta o analista técnico-econômico Ulrich Spalthoff.

1. Uma segunda dificuldade parece fluir do sistema de reserva fracional. Este sistema é explicado, por exemplo, no panfleto *Modern Money Mechanics* - Mecânica do Dinheiro Moderno, pelo Federal Reserve Bank de Chicago. Reserva fracional bancária é uma prática bancária, através da qual o banco mantém apenas uma fração de seus depósitos em reserva. Esta prática é universal no sistema bancário moderno.
2. Uma Terceira prática problemática tem a ver com a maneira como dinheiro e dívida estão ligados. Paul Grignon explica:

No sistema de endividamento, o dinheiro é apenas uma promessa para pagar de volta a mesma quantia, ou mais, de dinheiro. Dinheiro Novo = dívida nova. A dívida força as pessoas a serem produtivas e a criarem valores para ressarcir suas dívidas, incluindo o juro, mas suas novas produções não criam novas quantias de dinheiro mediante alguma alquimia mágica, como muitas pessoas parecem acreditar. Novo valor = novo dinheiro faz sentido intuitivo e é como funcionam as moedas com crédito autoemitido. Contudo, em nosso sistema dominante, dívida nova para com um banco = nova quantia de dinheiro. Todo o dinheiro é crédito bancário, exatamente uma promessa para se pagar em papel moeda quando solicitado. Portanto, cada dólar (ou qualquer moeda) tem um compromisso para ser pago de volta ao banco que o criou (demanda um). Entretanto, se ele foi emprestado novamente ou, de outra forma, foi investido para ganhos, espera-se que ele cresça para sempre (demanda dois). As duas demandas opostas podem ser apenas reconciliadas se, direta ou indiretamente, o dinheiro para investimento for gasto para contratar o tomador. O dinheiro é pago de volta ao banco, e a

produtividade do tomador cria um novo valor monetário (não é dinheiro) no patrimônio do investidor. Contudo, eu acho que há um problema aritmético aqui. Este sistema é apenas compatível com o crescimento sem fim. O crédito bancário é emprestado novamente, seja em retornos pesados como um empréstimo, seja em retornos suaves como um investimento. Isto provoca uma dívida perpétua – o banco só pode ser compensado através de empréstimo feito por um segundo credor, o segundo credor por outro empréstimo bancário, *ad infinitum*. Isso faz com que seja impossível extinguir essa dívida, ou mesmo sua redução, sem inadimplência. Essa dívida só pode crescer. Assim, qualquer tentativa de “viver modestamente”, mediante a redução do resultado econômico (capítulo 1) causará um colapso financeiro. Precisamos mudar a matemática do sistema, de forma que ele possa se adaptar à retração, de maneira tão elegante como no crescimento. Eu tenho uma proposta muito detalhada de como fazer isso.”

Mais adiante, Grignon acrescentou que alguns países islâmicos e alguns países da América do Sul, incluindo Malásia, Brasil, Argentina e Bolívia, resistem à tendência atual da “escravidão do dívida” global. O conceito de *Moeda Digital* de Grignon ainda não foi experimentado. Moedas alternativas são difundidas, mas até o momento, ainda de forma marginal.

Quais são as raízes históricas da situação atual? O antropólogo William Ury elaborou uma *descrição simplificada da história* (cujos elementos centrais são amplamente aceitos na antropologia):

simples caçadores-coletores (primeiros 95% da história humana, se o ponto inicial é estabelecido a 200.000 anos atrás)

agricultores complexos (últimos 10.000 anos, evoluindo em torno de 12.000 A.C. a 5.000 A.C., representando os 5% recentes da história humana)

1. *sociedade do conhecimento* (atualmente em construção)

O comportamento humano é, ao menos parcialmente, um comportamento aprendido, e pode, portanto, ser desaprendido quando os contextos culturais mudam (ver a discussão do argumento de natureza *versus* cultura, no capítulo 3, sobre *Gender, Humiliation, and Global Security* - Gênero, Humilhação e Segurança Global). Dessa maneira, é importante analisar a interação entre contexto e adaptações humanas, ao longo da história humana:

Ad 2. Aproximadamente 10.000 anos atrás, a circunscrição começou a se fazer sentir – em poucas palavras, enquanto os primeiros animistas migravam livremente e eram cercados de uma abundância intocada, em algum momento, “o próximo vale” era ocupado por outras pessoas. A agricultura complexa representou uma forma de adaptação do *Homo Sapiens* à mudança das condições. Como resultado, começando em torno de 10.000 anos atrás, até tempos recentes, o *dilema da segurança* tornou-se extremamente significativo e como estrutura definitiva para cada detalhe da vida. O termo *dilema da segurança* é usado na ciência política para descrever como a desconfiança mútua pode levar estados que não têm nenhuma intenção de se prejudicarem um ao outro, a entrar em uma guerra sangrenta. O dilema da segurança é trágico porque a sua “lógica de falta de confiança e medo” é inescapável: “Preciso acumular armas, porque estou com medo. Quando acumulo armas, você tem medo. Quando você se arma, eu fico com mais medo.”

O dilema da segurança foi baseado em uma *dualidade* e criou uma segunda:

- 2.1. o dilema da segurança é baseado em uma dualidade horizontal de *dentro/fora*: amigos intra-grupo são diferenciados dos aliados/inimigos extra-grupo em potencial.

2.2. O dilema da segurança força a dualidade vertical de cima/baixo, que é subjacente aos modelos dominadores do macho-dominante “homem forte” estratificados de sociedades coletivistas e de honra hierarquizada: a dominação/submissão caracterizou sociedades estratificadas do tipo coletivista de honra hierarquizada (incluindo segregação de gênero) iniciou aproximadamente 10.000 anos atrás. A “arte da dominação”, subsequentemente, refinou esse sistema, tendo como resultado o fato de que a estrutura de dominação/submissão tornou-se cada vez mais encoberta, mantendo, furtivamente, as elites tradicionais e criando novas elites, com o imperativo cultural da maximização do lucro como sua mais recente expressão (ver a discussão em *Emotion and Conflict* and *Making Enemies* - Emoção e Conflito e Fazendo Inimigos, e outras publicações relevantes listadas em www.humiliationstudies.org).

Ad 3. No ponto atual da história, a humanidade se encontra no meio de uma transição, que é tão radical quanto aquela que começou há 10.000 anos. Os ideais dos direitos humanos representam uma guinada normativa contra a cultura dominadora dos dez milênios passados. O ideal de igualdade em dignidade para todos é uma nova estrutura ética. A noção de humilhação oferece um marco histórico: no mundo anglófono, a humilhação foi definida pela primeira vez, em 1757, como uma violação nociva da dignidade. O ideal de igualdade em dignidade para todos flui, e por sua vez, facilita o surgimento de uma experiência de *um mundo*. Isto é mediado, também, através de várias visões e experiências que apelam para a humildade. Por fim, quanto mais a interdependência se manifesta em um mundo de *uma* família humana, mais o dilema da segurança de “nós contra eles” – com seus efeitos primários e secundários – é sujeito a ficar enfraquecido. Durante a primeira transição, que começou 10.000 anos atrás, o valor tornou-se hierarquizado – seres superiores presidiam seres inferiores em sociedades dominadoras, e isto era visto como altamente legítimo. A transição em curso, atualmente, deslegitima a primeira e desfaz a hierarquia da importância humana, transformando-a em dignidade igual para todos.

A transição atualmente em curso – longe do período dominador dos passados 5% da história humana e em direção ao modelo de parceria do futuro – está repleta de confusão. Em meu livro *Making Enemies: Humiliation and International Conflict* - Fazendo Inimigos: Humilhação e Conflito Internacional, eu utilizo o tráfego como metáfora para ilustrar esta transição:

Nós vemos que enquanto havia um espaço amplo, todos se moviam sem perceber os outros motoristas. Em condições de abundância, os caçadores e coletores desfrutavam de um orgulho primitivo. Nos primeiros impérios agrícolas com populações mais densas, contudo, o mais poderoso usurpava o direito de passar à frente. A honra definia que veículos grandes avançassem primeiro em um cruzamento, enquanto os menores esperariam, com a devida reverência. Um senhor considerava legítimo excluir os menores, que aceitavam este tratamento como ordenado divinamente. Ocasionalmente, alguém tentava adquirir um veículo maior. Se tivesse êxito, era o novo senhor, com todos os direitos de um senhor, uma vez que as revoluções derrubavam os senhores, mas não os sistemas. Contudo, fora a ameaça de revolução - uma ameaça que exigia atenção constante dos senhores - este sistema oferecia um certo grau de estabilidade pública, calma e ordem. Em determinado ponto, quando o termo humilhação começou a ter a conotação de violação, iniciou-se uma discussão (para permanecer com a metáfora) sobre a gestão mais eficaz do tráfego, através do uso de semáforos. Dignidade igual para todos significa que cada motorista, independentemente do tamanho do veículo, tem os mesmos direitos diante dos novos semáforos. O tamanho do veículo, sua cor e seu preço não afetam o *status* ou os direitos do motorista.

Os direitos humanos foram erguidos a partir das noções de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa (fraternidade e irmandade,

ver capítulo 2) Liberdade pode ser definida como “ausência de restrição” (ausência de regras de tráfego) ou pode ser interpretada como um “campo de jogo igual” (semáforos regulando cruzamentos, ver também a análise de Bo Lundgren, capítulo 1). A primeira definição é prevalente, por exemplo, nos Estados Unidos da América, talvez derivando o seu fervor do orgulho nacional americano sobre a rebelião exitosa contra o controle britânico.

A eliminação de restrições, contudo, produz liberdade apenas por pouco tempo. Depois, isto começa a comprometê-la. Liberdade assim definida legitima o *poder* como *direito*, o qual logo restringe a liberdade. Aqueles que têm mais sucesso investem seus novos recursos ganhos para proteger suas vantagens contra as forças livres do mercado. Eles começam a coagir e a cooptar os menos poderosos, incluindo atores políticos, através de *lobby* ou financiando partidos políticos. Eles “capturam” o estado e pressionam instituições (regras e sinais de trânsito) com o objetivo de preservar suas vantagens. A eliminação de restrições, em outras palavras, rapidamente leva a uma situação de desigualdade. Os sinais de trânsito luminosos precisam ser planejados, colocados e mantidos de uma forma sistêmica orquestrada. Em um estado capturado, os proprietários de carros grandes, simplesmente, adquirem prioridade e replicam o modelo dominador que eles estabeleceram para ficarem livres dele.

A evidência é onipresente, como foi discutido no capítulo 1. Mais exemplos podem ser encontrados em todos os lugares. A maior parte das elites universitárias nos Estados Unidos, por exemplo, replicam o privilégio, dando preferência aos filhos de ex-alunos, e algumas vezes mesmo, aos seus netos e irmãos e irmãs. No caso da turma de Princeton de 2015, 33% daqueles a quem foi oferecida uma vaga eram filhos de ex-alunos. Para Harvard foi 30% e para Yale, de 20 a 25%. “Os graduados têm se empenhado em passar vantagens para seus filhos. Se seus pais têm graduação, suas chances de entrar na universidade são excelentes. Se seus pais concluíram o ensino médio, suas chances são terríveis... Ao longo de várias décadas, os benefícios econômicos da educação têm aumentado, continuamente,” escreve David Brooks. Ele fala de desigualdade *vermelha* e *azul* e evoca

que negligenciamos a desigualdade que mais prejudica, nomeadamente a desigualdade vermelha. A desigualdade azul é a desigualdade entre os 1% do topo e os 99% da base. A desigualdade vermelha está entre aqueles com um grau universitário e aqueles que não têm.

As diferenças entre as sociedades hierárquicas dos milênios passados e os atuais arranjos mundiais são muito menos dramáticas do que a moderna retórica da liberdade pode indicar. No passado, os indivíduos eram apenas mais “congelados” em instituições fixas (como o feudalismo e o direito divino dos reis). Os mecanismos modernos de hierarquização são mais frequentemente baseados em um uso eletivo da ciência por aqueles que auferem benefícios (a “mão invisível” de Adam Smith, por exemplo, foi citada com tanta frequência que tornou-se um termo geralmente reconhecido, mas, é tão desconhecido, que Smith também discutiu regulações, ou o que pode ser denominado de “mão visível”).

As hierarquias do passado e do presente são, frequentemente, legitimadas pela invocação de forças divinas. No passado, governantes absolutistas afirmaram que o seu poder era concedido por Deus. Não é incomum, os ricos de hoje considerarem, também, sua prosperidade como um sinal da aprovação de Deus. O sociólogo Max Weber (1864 – 1920) fez a ligação entre os ensinamentos religiosos de João Calvino com a ascensão do capitalismo:

Calvino enfatizou a doutrina da *predestinação* – a crença de que, mesmo antes de nascerem, todas as pessoas estão divididas em dois grupos, os salvos e os condenados, e somente Deus sabe quem irá para o paraíso (o eleito) e quem irá para o inferno. Uma vez que as pessoas não podem saber se elas serão salvas, tendem a procurar sinais terrenos de que estão entre os eleitos. De acordo com a ética protestante, aqueles que têm fé desempenham bons trabalhos e alcançam sucesso econômico; são os mais prováveis de estarem entre os escolhidos de Deus... Os abastados podem usar a religião

para justificar seu poder e privilégio: É um sinal da aprovação de Deus de seu trabalho duro e de sua moralidade”.

No curso de minha vida internacional, observei o *status* quase divino do dinheiro (em vez do *status* tradicional) sendo mais acentuado na Costa Oeste dos Estados Unidos (com um sabor de Nova Era) e na China (na tradição chinesa de desejar “riqueza e vida longa”).

Glen T. Martin, professor de filosofia e estudos religiosos e presidente do programa Estudos da Paz na Universidade de Radford, na Virgínia, leu minha metáfora do tráfego. Ele reagiu a esta afirmação com o seguinte comentário: “veículos grandes e pequenos (o capitalismo permite tais diferenças), todos devem parar no semáforo... o motorista de um Rolls Royce assim como o pedestre, tem uma palavra a dizer (democracia)”:

O modelo, certamente, é excelente para a democracia e o Estado de Direito, mas parece ignorar o fato de que a igualdade política, sustentada na democracia liberal tradicional (você cita Locke: um voto cada, para o motorista do Rolls Royce e para o pedestre), mascara o fato de que o motorista do Rolls Royce pode ter um imenso poder político, que falta ao pedestre. Este poder é rotineiramente e sistematicamente usado para manipular as leis que governam o sistema econômico em seu próprio interesse, em formas que resultam na imensa humilhação da pobreza global.

A ironia pode residir no fato de que a pessoa que controla imensas concentrações de riqueza privada pode não ser racista ou flagrada na prática de humilhação cultural ou outras formas de padrões de humilhação intra-grupo ou extra-grupo. Nosso mundo está dominado *atrás das cenas* (ver o livro de Ellen Brown) por imensas forças estruturais de exploração que criaram o mundo horrendo, no qual 50% da população global vive com menos de US\$ 2,00 por dia e

as 225 pessoas mais ricas no mundo têm uma riqueza total equivalente a estes 50% da base. Percebo que você conhece bem esses fatos, mas minha questão é “como podem ser integrados em uma estrutura interpretativa de dignidade versus humilhação?”

O que fazer? O que está no âmago da humilhação sistêmica? O Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos sempre nos lembra: “Todos os seres humanos nascem livres e são iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir, um em relação ao outro, com um espírito de fraternidade.” Por que esses ideais estão esperando ainda para serem completamente realizados?

É possível que um contexto jurídico e cultural que dê primazia à maximização do lucro esteja intimamente ligado com a confusão em torno do termo liberdade? A necessidade de maximizar lucro está construída no sistema monetário, quando esse sistema baseia-se no dinheiro como dívida que deve ser reembolsada?

O resultado de tal sistema é que o bem-estar das pessoas é colocado em segundo plano ao ganho monetário – por concepção, não por escolha individual. Um empreendimento não mais fará parte do mercado caso priorize considerações éticas que criam obstáculos para a rentabilidade. A confiança é enfraquecida de forma sistêmica, haja vista que não se pode nunca estar seguro de quais produtos podem ser ofertados meramente pelo lucro, em vez de melhorar o bem-estar das pessoas e do meio ambiente. A escassez é criada e mantida por concepção, visto que a abundância não é vendável – apenas produtos escassos alcançam pagamento (Parte III).

É possível que as práticas monetárias elencadas acima levem sistemas de pirâmides históricas a evoluir para esquemas de pirâmides globais, por concepção? É possível que tais sistemas deem poder para o que foi denominado de *corporatocracia*, ou um sistema que negligencia, ou

mesmo, cruelmente, coloca em risco, a destruição ambiental e o sofrimento humano? Tais sistemas de coerção encobertada, talvez poderiam, também, ser chamados de *monetarismo*, um contexto que cria a liberdade apenas como uma ilusão. A dignidade é então violada, por concepção: a cultura mascara o sistema real da humilhação orientada pelo lucro. Como em um sistema de *apartheid*, nenhuma relação dentro de tal estrutura pode escapar de seus efeitos humilhantes, desde que não haja nenhum sistema alternativo disponível.

Alcançar um nível sustentável de campo de ação pode exigir a diferenciação entre restrições legítimas e ilegítimas e o entendimento de quais restrições são necessárias para garantir equidade econômica para todos, e quais a prejudicam. Isto significaria implementar a quantidade certa e os tipos certos de instituições sociais, inclusive instituições econômicas e monetárias (leis de tráfego).

Talvez todos possam concordar que um mundo de homeostase econômica envolverá cuidados para manter seu equilíbrio, em contínuos processos dinâmicos de recalibração. A cobiça como fenômeno psicológico individual pode não ser o problema. O problema real pode estar surgindo da atividade humana em instituições que priorizam a cobiça de forma sistêmica. A maximização do lucro como princípio primário definidor do mundo pode ser insustentável.

Muitas vezes já foram ouvidas neste livro, e os renomados cientistas Paul e Anna Ehrlich estão entre elas, quando eles alertam que a população do mundo está enfraquecendo nossa base da vida – nossos ecossistemas – em favor do empreendimento. Eles apontam para o argumento de Jared Diamond de que as civilizações entram em colapso como resultado de um fator: a má gestão dos recursos naturais.

O que fazer? Para onde ir, de onde estamos? Quais seriam os elementos centrais apropriados de melhores arranjos de assuntos humanos no planeta Terra?

Unidade na diversidade se oferece como um princípio apropriado para um mundo equilibrado. Unidade na diversidade significa evitar a uniformidade opressiva, de um lado, e a divisão violenta, de outro. Como exemplo, a Coreia do Norte e Burma mostram que, quando o governo cresce muito, aparece uma uniformidade opressiva e a diversidade é perdida. Ninguém quer instaurar um modelo global Orwelliano. Uniformidade opressiva é a degradação do polo de unidade do princípio de unidade na diversidade que deve ser evitado.

Contudo, a degradação do outro polo é igualmente perigosa. Quando as instituições públicas falham, divisões violentas ameaçam o potencial da diversidade de ser enriquecedora e inspiradora. Um exemplo é a Somália, devastada pela guerra, onde foi permitido aos violentos senhores da guerra abusar do vácuo de poder existente no país nas duas décadas passadas. Da mesma forma, o vácuo de poder em nível global foi explorado por protagonistas financeiros durante os anos passados, levando à crise econômica que começou em 2007 e se espalhou pelo mundo em 2008.

O estudioso de comunicação intercultural, Muneo Yoshikawa, desenvolveu um modelo de *dupla oscilação não dualística* (a unidade é criada a partir da realização de diferenças), que mostra como os indivíduos, culturas e conceitos intelectuais podem se misturar de formas construtivas. Este modelo pode ser visualizado graficamente como um símbolo do infinito, ou a banda de Möbius (∞). Yoshikawa reuniu o pensamento oriental e o ocidental utilizando a idéia de Martin Buber relativa à “unidade dialógica – o ato de encontro de dois seres diferentes, sem eliminar a diferença ou a singularidade de cada um” – e de Soku, a lógica não dualística Budista do “Não Um, Não Dois”, descrita como o movimento duplo entre o eu e o outro, que permite a ambos, a unidade e a originalidade. Yoshikawa chama a unidade que é criada de tal realização de diferenças, de *identidade na unidade*: a unidade dialógica não elimina a tensão entre a unidade potencial básica e a aparente dualidade.

Linda e eu ficamos impressionadas quando ouvimos a palestra de Dorothy (Dot) J. Maver, codiretora da *National Peace Academy*, sobre

relações do direito, no encontro Hollyhock Summer Gathering em 26-31 de julho de 2009, em Cortes Island, BC, Canadá. Dorothy apresentou formulações particularmente concisas, tais como “Grandes momentos decisivos podem ser grandes pontos de aprendizagem!” Seguem aqui algumas notas de Linda sobre a apresentação de Dot Maver:

Dot está procurando por sinais de relações do direito. Ela se reporta ao Quadro Terra, vinculando uma mensagem sobre viver consigo mesmo e com outros. Ela fala sobre transformar todos os colapsos de sistemas em todos os avanços de sistemas. Indo de comunidades seguras e saudáveis para um planeta saudável. De parte interessada a pessoa detentora de cuidado. DD significa: Devemos nos Desarmar!

Dot Maver explicou que ela trabalha na “ciência das relações do direito”. Ela disse: “Eu não desejo a paz, eu vivo para a paz. Paz não é o objetivo, é o resultado. Nós somos o tecido conectivo.”

Sim, Linda concorda, “precisamos transcender políticas e instituições que causam a liquidação da dignidade, que ‘excluem pessoas do acesso a vidas dignas, tanto social quanto economicamente.’”

Dot Maver falou sobre a lei 263 do Senado, em Vermont, uma lei que se refere ao que Paul Grignon descreve: “É exigido por lei que os presidentes executivos maximizem os lucros dos acionistas. Eles poderiam até ir para a cadeia, por não fazê-lo de propósito. Nada mais pode superar esta prioridade. Até que esta lei seja mudada, nada mais mudará.” A lei 263 do Senado foi aprovada em uma sexta-feira, 12 de março de 2010, pelo Comitê de Desenvolvimento Econômico, Habitação e Assuntos Gerais. Espera-se que esta lei possa interromper centenas de anos de lei e cultura corporativas, dando poderes às corporações nacionais a se enquadrar como corporações *visando ao lucro*, uma nova designação jurídica para negócios socialmente responsáveis. *Corporações visando ao lucro* combinam os aspectos de não lucro e pró-lucro e permitem do ponto de vista jurídico que

as companhias considerem as necessidades dos clientes, dos trabalhadores, da comunidade e do meio ambiente, sem que os diretores executivos se arrisquem a serem processados por não maximizarem os lucros. Existem muitas vozes com mensagens similares. A jornalista de negócios Marjorie Kelly, por exemplo, fala da transição para o negócio visando ao lucro.

Um novo padrão para contabilidade urbana e comunitária foi ratificado no início de 2007. O evento Nações Unidas e Governos Locais pela Sustentabilidade (ICLEI) ratificou a abordagem da linha tripla de base (*triple bottom line approach*), abreviada em inglês como “TBL” ou “3BL”. Esta abordagem é também conhecida como “os três pilares” de “pessoas, planeta, lucro” ou “economia, ecologia e social.” TBL tornou-se a abordagem dominante para contabilizar os custos totais da atividade institucional no setor público (ver, também, o padrão eco-orçamento para informar sobre o percurso ecológico). No setor privado, um compromisso com a responsabilidade social corporativa implica alguma forma de relato do tipo TBL.

Linda e eu, assim como Dot, estamos batalhando pelas relações do direito, as quais, acreditamos, significam o fim das práticas de humilhação e o avanço da dignidade humana. Como Dot, estamos gerando nosso próprio informativo especial na ciência das relações do direito. Abaixo estão os pensamentos de Linda sobre as relações do direito:

1. Acho importante que se perceba que não estamos conceitualizando “relações do direito” em termos dualísticos ocidentais (boas/más relações). Estamos lutando por um entendimento mais complexo de “relações do direito”.
2. Para mim, as relações do direito facilitam o crescimento e o desenvolvimento saudável de todos os envolvidos. Baseado em meu trabalho com Jean Baker Miller, eu acredito que as relações do direito são caracterizadas por empatia mútua, empoderamento mútuo e movimento em prol da mutualidade. Por “mutualidade” eu não quero dizer relações que envolvem troca ou reciprocidade. Melhor, mutualidade significa que ambos, ou todas as pessoas

na relação, estão crescendo, apesar de estarem crescendo de maneiras muito diferentes. Uma falta de “movimento em prol da mutualidade” em uma relação é o indício de que relação não é uma relação do direito.

3. Considero também que as relações do direito são relações caracterizadas por um sentimento de dignidade igual, de valor igual. Todas as pessoas envolvidas na relação se sentem valorizadas e há um entendimento de que cada uma tem algo a contribuir em favor da outra pessoa, para a relação e para a situação, muito embora as pessoas contribuam de formas diferentes.
4. As relações do direito permitem, de forma segura, que as pessoas sejam verdadeiras, autênticas, para dar mais de si mesmas na relação. Nas relações do direito, as pessoas não precisam ocultar grandes partes delas mesmas para permanecer na relação.
5. Todas as pessoas em uma relação do direito possuem um sentimento de empoderamento; o empoderamento significa sentir que uma pessoa pode causar um impacto na outra pessoa, na relação, e na situação.
6. As relações do direito energizam ambas, ou todas as pessoas na relação. Isto está em contraste com as relações de sentido único, nas quais uma pessoa ganha energia (poder, vantagens, etc.) às custas de outras.
7. As relações do direito cultivam função otimizada de ambas, ou de todas as pessoas na relação. As relações do direito não são somente uma ótima idéia, são uma forma prática suprema de construir um mundo melhor para todos nós. Quando as pessoas não são esgotadas pelos esforços em andamento para se proteger e se defender contra relações dolorosas, elas podem usar suas energias para criar soluções para enfrentar os enormes problemas que enfrentamos hoje.

Como pode a humanidade construir relações do direito? Para onde devemos olhar? O que deve ser feito?

Howard Richards, especialista em estudos globais e da paz e em filosofia, sugere que pensemos em termos de estruturas culturais básicas derivadas da lei romana, para identificar as características específicas do desenvolvimento da história ocidental global moderna que precisam ser corrigidas:

- *Suum cuique (dar a cada um o que é seu)* precisa ser corrigida por formas socialmente funcionais de ocupação da terra e formas socialmente funcionais de propriedade em geral.
- *Pacta sunt servanda (acordos devem ser mantidos)* precisa ser corrigida pela reciprocidade e responsabilidade para com o bem-estar, uns com relação aos outros, independentemente de haver um contrato. As externalidades precisam ser reconhecidas como normais, não excepcionais, e a ação humana deveria ter como objetivo promover externalidades positivas e evitar externalidades negativas.
- *Honeste vivare (viver honestamente)* precisa ser corrigida pelo reconhecimento de que a nossa própria identidade é relacional.
- *Alterum non laedere (não ferir outros pela palavra ou ação)* precisa ser corrigida para promover um ideal de serviço para outros, acima e além da obrigação de não os ferir.

Richards postula que essas correções evitarão a reconstrução do presente regime de acumulação de capital, cujo modelo é igual para todos, mas possibilitarão a geração de múltiplos caminhos de fatores de integração da produção visando a prover bens e serviços que dão suporte à vida.

O sistema de estado moderno emergiu do Tratado de Osnabrück and Münster, de 1648 (mais conhecido como Paz de Westphalia). A relação entre os cidadãos e o estado seguiu Thomas Hobbes, John Locke, e Jean-Jacques Rousseau e suas idéias sobre um “contrato social” entre o governante

e o governado. Este contrato girou em torno de direitos e deveres, com os cidadãos como objetos mais ou menos passivos e o Estado como sujeito ativo. Atualmente, com a marginalização do estado em favor de mercados – uma cidadania passiva e um estado passivo – todos são governados por um mercado ativo.

Na construção de instituição global, a mão invisível de Adam Smith necessita de muitas “mãos visíveis” para tornar a mão invisível útil, no longo prazo e para todos, em vez de para pequenas elites, por um curto período de tempo. O economista Kamran Mofid apresenta o legado de Smith de forma correta:

Deveríamos lembrar a sabedoria de Adam Smith, “pai da economia moderna”, que foi, antes de mais nada, um grande filósofo moral. Em 1759, dezesseis anos antes do seu famosa publicação *Wealth of Nations* - A Riqueza das Nações, ele publicou *The Theory of Moral Sentiments* - A Teoria dos Sentimentos Morais, que explorou a natureza autointeressada do homem e sua habilidade de tomar decisões morais baseadas em fatores outros que não o egoísmo. Em *Wealth of Nations*, Smith estabeleceu a primeira base para a análise econômica, mas ele a inseriu em uma discussão mais ampla de justiça social e do papel do governo. Hoje, conhecemos, principalmente, a sua analogia da “mão invisível” e nos referimos a ele como defensor dos mercados livres; enquanto ignoramos sua visão de que a busca da riqueza não deveria tomar precedência sobre as obrigações morais e sociais, e sua crença de que um “Ser divino” nos dá “a maior quantidade de felicidade.” Ensinaramos que o livre mercado como “forma de vida” encantou Adam Smith, mas não ao ponto em que ele desconfiasse da moralidade do mercado como sendo a moralidade da sociedade como um todo. Ele não previu nem prescreveu uma sociedade capitalista, mas, sobretudo, uma “economia capitalista dentro da sociedade, uma sociedade mantida

coesa por comunidades de moralidade não capitalista e não mercantil”. Como foi observado, moralidade para Smith incluía amor aos vizinhos, uma obrigação para praticar a justiça, uma norma de apoio financeiro para o governo ‘em proporção ao rendimento (de uma pessoa)’, e a tendência na natureza humana de obter prazer na prosperidade e felicidade de outras pessoas.

A assimetria é inerentemente instável. Um conjunto de jogadores satisfaz seus desejos por reconhecimento, negando o reconhecimento completo a outro. Em um mundo assimétrico, sobretudo quando normas tais como os direitos humanos advogam o oposto e a pressão do dilema da segurança diminui, a dinâmica da humilhação permeia todos os aspectos da vida social.

Um mundo dignamente decente de harmonia social, tanto localmente quanto globalmente, um mundo de *não dominação*, de “bom conflito”, requer direito igual para tratamento respeitoso e digno e dignificante para todos os seus membros.

O filósofo Avishai Margalit escreveu *The Decent Society* - A Sociedade Decente, no qual ele faz apelo a instituições, para que não humilhem mais os cidadãos – sociedades justas já não são suficientes; a meta deveria ser sociedades *decentes*, que transcendem a humilhação. A decência reina quando a dignidade se torna possível para todos.

Jean Baker Miller, uma pioneira na psicologia das mulheres, sugere que o conflito é uma parte necessária do crescimento e da mudança. Ela estipula que o conflito não é o problema – mas sim a maneira como nos engajamos no conflito. Miller encoraja o aprendizado de como “empreender o bom conflito”.

A diversidade pode ser melhor protegida e nutrida mediante a união de todos, em torno da tarefa de respeitar a dignidade igual para todos. Como foi discutido anteriormente, cunhei o termo *igualização* para denotar igualdade em dignidade, através da unidade na diversidade. Faço

apelo para que nós *humanizemos a globalização com igualização* e juntei as duas palavras, para formar *globigualização*.

A *globigualização* aponta para liberdade e igualdade, com a fraternidade ainda faltando (capítulo 2). Meu livro de 2010 *Gender, Humiliation, and Global Security* - Gênero, Humilhação e Segurança Global focaliza no *grande amor*, amor no espírito da *satyāgraha* (ação não violenta), um termo que resulta da junção de *agraha* (*firmeza/força*) e *satya* (*verdade-amor*). *Cunhei a palavra co-globigualização para reunir liberdade e igualdade com fraternidade em uma só palavra*.

De início, hesitei em optar pelo amor. Amor tornou-se uma *commodity* e foi esvaziado de sua força. Federico Hewson, no seu projeto de paz denominado *Valentine Peace Project*, apropriadamente nos convida a recusar a aceitar diamantes de sangue como símbolos de amor¹⁶⁹. Seu desejo é que levemos em consideração que muitos “símbolos comerciais e presentes de amor resultam de conflito”.

Após a hesitação inicial, optei por amor, por causa de sua força. *Força para Amar* é o título de um livro de Martin Luther King Jr. Ele apela para o “criativamente mal ajustado” se abster de usar o ódio para afetar a mudança. Ele nos convida a usar a força do amor. Seu desejo para o seu funeral foi que fosse mencionado que ele tentou “amar e servir à humanidade”.

Tendo em vista que os Estados Unidos emergiram como uma nação através da resistência à opressiva taxaço e governança britânica, muitos americanos ficam particularmente apreensivos em relação ao conceito de unidade na diversidade, uma vez que eles tendem a mal interpretar o conceito, como sendo o de advogar a uniformidade opressiva. *Co-globigualização* é o antídoto.

O amor pode prover a força que é necessária para mudança. É assim como eu explico em meu livro sobre amor:

Se nossos antepassados, pessoas da época que nós denominamos de “idade das trevas” pudessem viajar para a

nossa era e vissem as maneiras sofisticadas de criar e utilizar energia – se eles pudessem ver todos os equipamentos extravagantes que funcionam à base de energia – eles ficariam boquiabertos. Antes da eletricidade ser capturada, as pessoas tinham conhecimento sobre ela apenas através de fenômenos como os relâmpagos originados por trovões ou os raios irradiados pelo sol. Relâmpagos e luz do sol eram reservas dos deuses do tempo. As pessoas na idade das trevas teriam balançado as suas cabeças em descrédito, tenha alguém dito a elas que tinha a eletricidade em seu poder para explorar os recursos dos deuses do tempo para fazer a luz.

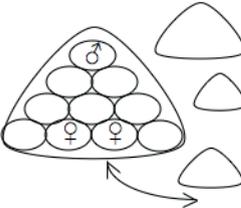
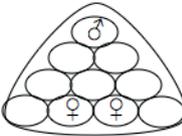
Hoje, vivemos na idade das trevas no que diz respeito ao amor. Deixamos de utilizar o seu potencial de mudança de paradigma para mudar sistemas inteiros. Nossos ancestrais tratavam o relâmpago ou a luz do sol, como maravilhas naturais. Nós ainda tratamos o amor desse jeito. Esperamos que o amor sobreviva a nós, ou que nos envolvamos com ele. Rezamos para que agracie e nos faça felizes, e nos poupe de seu potencial de destruição. Nós ainda não aprendemos a reconhecer e a aproveitar a força do amor, pelo menos, não de maneiras sofisticadas. Deixamos o seu potencial não explorado e seu mistério não celebrado.

A tabela 3.1 fornece uma impressão gráfica altamente idealizada (usando o modelo histórico de Ury e aplicando a abordagem Weberiana do *tipo ideal*) das mudanças históricas centrais (que também afetam as relações de gênero). Mostra no lado esquerdo, como, anteriormente, há 10.000 anos, grupos caçadores-coletores tinham um espaço amplo para vagar (1). Não havia a necessidade de guerra organizada e eles podiam manter o orgulho primitivo intocável e as estruturas societárias essencialmente igualitárias. Então a terra tornou-se mais populosa e a delimitação foi estabelecida. Onde o solo e o clima permitiram, foram formadas sociedades hierárquicas por ordem de honra baseada na agricultura (Ruanda é um bom exemplo contemporâneo). Onde as condições climáticas eram menos favoráveis, surgiram mais culturas itinerantes de saque (a Somália é uma ilustração dos dias atuais). No contexto do dilema de segurança, as mulheres e as

crianças eram geralmente mantidas no interior, enquanto os homens eram enviados para defender as fronteiras e expandir o território. Durante dez milênios, vastos impérios enguliram comunidades menores e depois se desmembraram novamente. A unidade na diversidade foi distorcida em uniformidade e divisão – uniformidade sem diversidade e divisão sem unidade.

O antropólogo Alan Page Fiske descreve *modelos relacionais* básicos. Fiske descobriu que as pessoas, na maior parte do tempo e em todas as culturas, usam apenas quatro formas ou modelos elementares e universais para organizar a maioria dos aspectos da vida em sociedade. Esses modelos são: (1) partilha comunitária, PC, (2) hierarquia de autoridade, HA (3) correspondência de igualdade, CI, e (4) Precificação do Mercado, PM. A vida familiar é, frequentemente, alimentada pela partilha comunitária. Confiança, amor, carinho e intimidade podem prosperar neste contexto. A Hierarquia de autoridade envolve assimetria entre pessoas que são posicionadas ao longo de dimensões sociais hierárquicas verticais. A Correspondência de igualdade implica um modelo de equilíbrio, tal como o revezamento em turnos, por exemplo, em transporte solidário ou cooperativas de babás. A precificação do mercado se assenta em um modelo de proporcionalidade no que diz respeito a índices e taxas.

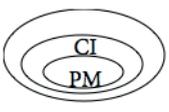
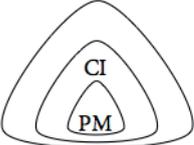
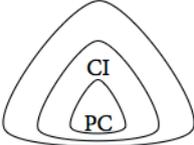
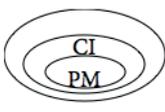
Tabela 3.1: Transição da Dignidade rumo a Co-Globigualização

(1) Primeiros 95% da história humana; orgulho primitivo	(2) Últimos 5% da história humana: honra hierarquizada coletivamente	(2-3) Aldeia global atual: globalização humilhante	(3) Igualdade na dignidade futura: co-globigualização
			

A construção de uma sociedade mundial decente e digna, onde bons conflitos são empreendidos, significa incorporar os quatro modelos de Fiske, em formas que salvaguardam a unidade na diversidade, evitando a uniformidade opressiva, tanto quanto a fragmentação divisível. A unidade na diversidade protege a dignidade contra os grandes governos opressivos que forçam todo o mundo a se tornar uniforme ou “o mesmo”. Ela também protege contra a baixa regulação que oblitera a diversidade, através da liberdade de *poder é direito*, uma definição de liberdade que reintroduz a humilhação do abuso de hierarquia ou ranqueamento (*rankism*, termo cunhado por Robert W. Fuller).

A Tabela 3.2 sugere como a *transição para a dignidade* rumo a *co-globigualização* poderia ser prevista através de novas formas de incorporar os PC, HA, CI, and PM de Fiske.

Tabela 3.2: A Transição para a Dignidade rumo a Co-Globigualização

(1) Primeiros 95% da história humana	(2) Últimos 5% da história humana	(2-3) globalização humilhante atual	(3) Co- globigualização futura
PC define HA 	AR define PC 	MP define HA 	PC define HA 

Na prática, globigualização significa criar instituições em nível global que salvaguardem espaço para diversidade em níveis locais. Globigualização significa que essas instituições têm no âmago o bem comum de toda a humanidade e são informadas pelo paradigma da compartilhamento comunitário (PC). Dentro de tal estrutura, a hierarquia de autoridade (HA) permite apenas hierarquias funcionais, não hierarquias construídas com base no abuso de humilhação de hierarquia ou ranqueamento. A correspondência de igualdade (CI) e a

precificação do mercado (PM) estão embutidas em formas que servem ao bem comum maior.

Há 10.000 anos, quando a humanidade enfrentou circunstâncias de mudança, o conhecimento para desenvolver uma agricultura complexa já estava lá para ser desenvolvido e aprimorado - as pessoas sabiam como plantar e como fazer a colheita.

O conhecimento necessário para que a co-globigualização aconteça também já se encontra entre nós hoje em dia.

Em meu trabalho, sugiro que nós, a família humana, colhamos de todos as orientações culturais e habilidades ao redor do mundo, passados e presentes, que possam nos ajudar agora, neste momento de crise e de mudança. Gar Alperovitz, professor de economia política, apresentado anteriormente neste livro, é um dos muitos outros estudiosos que embarcam na busca para “colher” da diversidade dos arranjos e práticas econômicas que já existem.

Howard Richards está fazendo o mesmo com seu conhecimento e ativismo. A epidemiologista ambiental Rosalie Bertell foca no nível mais global de engajamento no trabalho para a proteção da biosfera, a base global da vida humana.

Quando Steve Jobs faleceu, eu estava em Portland, Oregon, na Costa Oeste dos EUA. As notícias estavam repletas de uma reverência coletiva à criatividade de Jobs e de como sua trajetória havia encapsulado o Sonho Americano e impressionado o mundo inteiro. A cobertura da mídia expôs detalhes íntimos da vida de Jobs e suas opiniões. Por exemplo, Jobs pareceu menosprezar Bill Gates por sua falta de criatividade visionária. Porém, devemos admitir que ambos, Steve Jobs e Bill Gates, foram defensores implacáveis de seus territórios, que eles eram formidáveis construtores de impérios e que eles representam a imagem do empreendedorismo ligado ao dinheiro, como um símbolo quase sagrado do sucesso.

Muitos de meus amigos americanos não entendem quando eu questiono a sua admiração por dinheiro. Alguns se sentem criticados e humilhados pela minha falta de entusiasmo por dinheiro e minha alegação de que, para florescer, a criatividade verdadeira necessita de muito mais liberdade, liberdade que não é estar dentro do atual paradigma daquilo que acreditamos ser “realidade”. Na Parte II, vou explorar alguns dos efeitos da humilhação decorrentes dos arranjos econômicos e monetários contemporâneos.

O que precisamos agora é criatividade e espaço para que a criatividade possa prosperar. Novos modelos do tipo *peer-to-peer* (P2P) já rearrumam a ordem de prioridade dos *modelos relacionais* descritos por Fiske. Apoiam-se nas novas tecnologias de informação e comunicação (TI) e parte de uma realidade global de práticas não mercadológicas.

O autor, educador e ativista Parker J. Palmer está por toda a parte na Internet, com a seguinte citação:

A democracia é um experimento ininterrupto nos pontos fortes e fracos de nossas instituições políticas, comunidades locais e do coração humano – e seu resultado não pode jamais ser dado como certo. O experimento é sem fim, a menos que explodamos o laboratório; e os explosivos para fazer o trabalho se encontram dentro de nós. Mas, também, de forma igual é a alquimia do coração, que pode tornar sofrimento em compaixão, conflito em comunidade e tensão em energia para criatividade no meio das demandas da democracia.

Martin Luther King Jr. viveu para “amar e servir à humanidade”. Eu me esforço para escrever este livro, para construir elos criativos de um entendimento mútuo de amor. “Serviço de amor à humanidade” é o que Linda e eu trabalhamos, juntamente com nossa rede global. Esta será também a bandeira sob a qual nós, como seres humanos, acreditamos;

teremos que nos unir, a menos que queiramos comprometer nossa sobrevivência como espécie. O amor pode fornecer o vigor que é necessário para mudança.

Todo progresso é precário e a solução de um problema nos coloca face a face com outro problema

—Martin Luther King, Jr.

PARTE II: DIGNIDADE OU HUMILIAÇÃO? EIS A QUESTÃO!

CATÍTULO 4: QUANDO A ESCASSEZ E A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL SE TORNAM SISTÊMICAS

O sol, a lua e as estrelas teriam desaparecido há muito tempo... caso eles estivessem no raio de ação de mãos humanas predatórias.

—Havelock Ellis

Quano eu cresci, aprendi que o capitalismo é o melhor sistema, preferível ao comunismo. Ensinararam-me que a razão primária era que o capitalismo leva a sério a natureza humana. Aprendi que cuidaremos da terra ou dos artefatos e objetos apenas quando percebemos existir um sentimento pessoal de propriedade, e que este sentimento somente pode ser criado através da mediação do mercado. Fui também levada a entender que a vantagem mais importante de possuir alguma coisa é que “você é livre” e “você pode fazer o que você quiser” com ela. Essas eram algumas das crenças “*a priori*”, que aprendi a assumir como certas. Ao longo dos anos, cheguei a me perguntar: quais dessas crenças não corresponde à realidade, pelo menos em sua plenitude?

Recentemente, vi um documentário sobre Ayn Rand (1905–1982) e sua influência sobre Alan Greenspan e seus colegas, bem como seu papel na crise financeira global.

Ayn Rand, em suas entrevistas, enaltece a Revolução Russa de Fevereiro de 1917 e o espírito de liberação da opressão que levou à ela. Então, veio a Revolução de Outubro, que sequestrou o processo e cooptou as pessoas de volta à opressão. E assim o fez, entre outros métodos, abusando do argumento do altruísmo e pedindo às pessoas para se oferecerem ao Estado. É por isso que Ayn Rand chegou a rejeitar o altruísmo e a destacar a virtude do interesse próprio desinibido. E sua filosofia tornou-

se “dominante” devido à sua influência sobre alguns dos mais poderosos modeladores de estruturas para o esforço humano no planeta, incluindo pessoas como Alan Greenspan.

Evidentemente, Ayn Rand é uma mulher altamente inteligente. Quando ela fala, parece repetir sua resistência a uma mãe terrivelmente opressiva, algo que pode ter tornado ela um tanto resistente, dura, até mesmo arrogante, e oposta e desdenhosa não apenas em relação à opressão, mas também ao calor e à solidariedade. Sua arrogância pode ter sido mal interpretada como maestria pelos seus seguidores. Quando “integrada”, esta percepção pode ter ajudado a atribuir legitimidade à frieza em toda a sociedade.

Ayn Rand é citada dizendo “Podemos evitar a realidade, mas não podemos evitar as consequências de evitar a realidade”. Esta lição foi infligida aos seus seguidores e no mundo em geral, pela crise econômica. Como o economista Robert J. Shiller diz: “Pensamos que nós obtemos uma boa estrutura que cuida de todos os riscos, mas algo está faltando. É o caso em que as pessoas acreditam muito na teoria e estavam dispostas a fazer grandes apostas, baseadas na teoria de que a realidade não estava certa”.

A Primavera Árabe, o movimento Ocupe Wall Street e todos os movimentos similares se beneficiariam aprendendo com as percepções de Ayn Rand e sua trajetória. Existem várias lições a serem aprendidas. A primeira é a que as revoluções são vulneráveis. Como a Revolução de Fevereiro demonstra, juntamente com muitas outras revoluções anteriores e posteriores, os movimentos de libertação correm o risco de serem sequestrados pela forma de pensar dominadora tradicional e seus representantes, e isto pode acontecer muito rapidamente, de Fevereiro a Outubro, por assim dizer.

Esta lição é importante. Por exemplo, a revolução dos direitos humanos está continuamente em perigo de ser sequestrada. Como discutido ao longo deste livro, a ambiguidade do termo liberdade infelizmente “convida” usurpadores hostis, uma vez que o termo pode ser

definido em termos radicalmente diferentes. Existem as interpretações Kantiana e Lévinasiana dos direitos humanos. A interpretação Lévinasiana dos direitos humanos enfatiza o cuidado e o respeito pelo outro. O Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, que foi assinado em 1966 e que está em vigor desde 1976, por exemplo, está em harmonia com a ética do cuidado.

Se os direitos políticos do indivíduo estão em primeiro plano – e este efeito é levado em consideração, mesmo quando as corporações são tratadas como pessoas – a interpretação Kantiana dos direitos humanos como um princípio abstrato é realçada. A recente decisão judicial nos Estados Unidos de que o gasto político da corporação está protegido pelo direito de expressão da Primeira Emenda segue esta linha de raciocínio. A congressista americana Donna F. Edwards assinalou que corporações não são pessoas e não têm o direito de comprar eleições: “Podemos ter democracia neste país, ou podemos ter grande riqueza concentrada nas mãos de uns poucos, mas não podemos ter as duas coisas”.

A Primavera Árabe também está em perigo. Meus amigos egípcios estão preocupados. O sistema é ainda um regime Nasserista e a Primavera Árabe ainda não teve êxito, assim eles dizem (prefácio). E o perigo emerge, não apenas de fora do movimento, mas também de dentro. Os que creem verdadeiramente são aqueles que mais estão em perigo. Os idealistas verdadeiros estão geralmente entre as primeiras vítimas, quando o poder sequestra valores. Joseph Stalin fornece um exemplo cruel dos esforços de “limpeza” entre os mais dedicados de seus próprios aliados. De muitas revoluções, lembramos apenas da maldade; as memórias do idealismo no seu começo são apagadas.

Uma segunda lição a aprender da trajetória de Ayn Rand é que esforços de libertação, muitas vezes, acarretam duas etapas, das quais a primeira pode ser apropriada e a segunda não tanto. É aqui, que Ayn Rand falhou. Frequentemente, as reivindicações e as metas das pessoas são válidas, no entanto suas soluções propostas não são. As pessoas identificam, com

frequência, os males de forma correta, como a inaceitabilidade da opressão. Entretanto, a trajetória de ser *contra* males percebidos para moldar uma visão abrangente *para* uma vida melhor é uma questão totalmente diferente.

É particularmente crítico quando o caminho em prol de soluções é dificultado pelo dreno emocional da confrontação tempestuosa. A visão limitada não é um conselho útil. Após assistir a palestra de Ayn Rand, passei para Brooksley Born (ver mais no capítulo 10). Aqui está outra mulher extraordinária, em defesa *por* um mundo melhor, porém, de uma forma madura, acolhedora e inclusiva. Ayn parece ter passado de um sentimento de dependência para independência, enquanto Born o fez dentro da interdependência. Ayn passou da dependência em um sistema opressivo à independência de individualismo impiedoso, enquanto Born alcançou a interdependência relacional.

A terceira lição diz respeito à metáfora dos semáforos (capítulo 3). Na ausência de semáforos (nenhum governo), o mais forte assume. O *poder* vira *direito*. Ayn Rand simpatizava com a Revolução Russa de Fevereiro de 1917. Ela viu com seus próprios olhos como os movimentos de parceria para o bem comum podem ser rapidamente sequestrados pelo modelo dominador. Utilizando a metáfora do tráfego, a Revolução de Fevereiro foi impedida de instalar semáforos que tratassem todos igualmente; ela foi posta de lado pela Revolução de Outubro, que implantou semáforos que deram prioridade a líderes partidários particularmente privilegiados. Como pôde Rand acreditar que a solução seria remover todos os semáforos? Como ela pôde não enxergar que quem quer que seja que acumulou *poder* avançaria, então, através de suas próprias regras?

A lição que eu tiro é que é importante ser cauteloso com qualquer que seja o “pensamento prevalente”. Nunca vou esquecer que Adolf Hitler foi dominante, por um tempo, na Alemanha. Aprendi muito a partir de pesquisas no campo da comunicação intercultural. Quando os pressupostos culturais são postos em causa, um processo de “estresse-adaptação-crescimento” se desenvolve. A pesquisa intercultural indica

que a criatividade é salientada através de *interações de forças mutualmente contraditórias, mas igualmente convincentes*. Beth Fisher-Yoshida e Adair Linn Nagata me ensinaram muito sobre *dilemas desorientadores*, dilemas que perturbam nossas crenças fundamentais e questionam nossos valores, algo que pode gerar a aprendizagem transformativa.

Quando comecei a estudar psicologia e medicina, aprendi a psicologia e a medicina prevalentes. Ficava pasma – e ainda estou – com práticas como a revisão pelos pares, que define e mantém o que é aceito como pensamento dominante. Porém, eu também vivi uma vida global; eu estava me tornando parte de muitas culturas. Conseqüentemente, dilemas de desorientação se instalaram em minha vida. Eu me questioneei, como o fez a linguista Anna Wierzbicka, que desejava saber como é possível definir “emoções humanas fundamentais”: Por que a língua polonesa, por exemplo, não tem uma palavra para *repugnância*? O que aconteceria se o polonês fosse a língua dos psicólogos trabalhando com as “emoções humanas fundamentais”, em vez do inglês? De fato, “é desconcertante por que uma língua falharia em prover uma única palavra para uma categoria de experiência importante, saliente, discreta e possivelmente inata– se é que tal coisa existe”.

A “psicologia prevalente”, hoje, é a psicologia ocidental. Comecei a aprender chinês, em 1974, quando tinha vinte anos. Eu me perguntei: O que aconteceria se a China continuasse com as imensas expedições navais da Dinastia Ming, patrocinadas entre 1405 e 1433, muito antes da Europa chegar perto dos níveis de desenvolvimento chinês? A China poderia ter colonizado o planeta e poderíamos viver em um mundo colorido pela cultura chinesa. O psicólogo Tony Fang tenta explicar este ponto em seu trabalho.

A psicologia ocidental “prevalente” está agora começando a reconhecer suas próprias parcialidades e concedendo validade a pontos de vista não ocidentais. O campo da psicologia detecta que a cultura do individualismo, por exemplo, pode ir muito longe e que a psicologia

que replica um culto ao individualismo pode não ser muito proveitosa (capítulo 10).

Psicologia nativa é um movimento intelectual ao redor do mundo, baseado nos seguintes fatores:

1. A reação contra a colonização/hegemonia da psicologia ocidental.
2. A necessidade de culturas não ocidentais de resolverem seus problemas locais através de práticas e aplicações indígenas.
3. A necessidade de uma cultura não ocidental reconhecer-se nas construções e práticas da psicologia.
4. A necessidade do uso de filosofias e conceitos indígenas para gerar teorias de discurso global.

Louise Sundararajan é uma pesquisadora em psicologia nativa. Ela sugere três abordagens inovadoras para sistemas de crença: primeiro, a emoção como significado; segundo, a cognição como diálogo; e, terceiro, um modelo estético de produção de significado (baseado na abordagem integrativa para sentimento e forma, de Susanne Langer). Sundararajan pesquisa em Charles Sanders Peirce para tecer essas três linhas, em uma teoria integrada de crença, emoção e saúde.

Enfrentei questões dessa natureza nos últimos quarenta anos. As sociedades tradicionais são, frequentemente, caracterizadas por um coletivismo hierarquizado opressivo. Evidentemente, isto é absurdo e liberar as pessoas dessas crenças tradicionais aumenta a saúde e o bem-estar. Contudo, o coletivismo também acarreta elementos de coesão social que merece preservação.

Morei e trabalhei durante sete anos no Egito, uma sociedade que pode ser rotulada como coletivista e eu apreciei profundamente o amor, a

solidariedade e o sentimento de pertencer que as redes sociais e psicológicas tecidas por grandes famílias podem proporcionar. Meus clientes europeus geralmente sofriam de solidão e muitos agonizavam porque ninguém se importaria caso eles morressem; nenhum de meus clientes egípcios apresentou tal problema.

Eu sempre ficava triste quando via a psicologia “prevalente” ser lenta em reconhecer que as relações estão entre os pilares mais importantes da saúde física e mental. Dói-me quando observo que a construção de relação ainda é ridicularizada como tarefa “leve”, em comparação com “ganhar dinheiro”, que é supostamente uma tarefa “pesada”.

O pensamento de Jean Baker Miller foi muito além do seu tempo. Linda Hartling trabalhou em estreita colaboração com Jean Baker Miller. Linda e eu concordamos que o mito do “herói solitário” está entre os mais dolorosos mitos culturais do Ocidente. O herói solitário pode ser um salvador, mas também um saqueador, e uma cultura de saque inteira pode se sentir empoderada por esse ídolo.

Nos seis capítulos seguintes, abordo alguns dos efeitos da humilhação que parecem fluir, sistematicamente, das situações econômicas atuais: (1) escassez e degradação ambiental, (2) desconfiança onipresente, (3) abuso como um meio, (4) medo debilitante, (5) falsas escolhas, (6) dano psicológico.

Iniciamos com escassez e degradação ambiental. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas é uma instituição científica intergovernamental que revisa e avalia informações científicas, técnicas e socioeconômicas relevantes para a mudança climática. O Painel dividiu o Prêmio Nobel da Paz com o ex-presidente dos Estados Unidos, Al Gore. O Relatório Stern sobre a Economia da Mudança Climática é o relatório mais amplo e mais conhecido e discutido do seu tipo. O economista Nicholas Stern é presidente do Instituto de Pesquisa em Mudança Climática e o Meio Ambiente, da

London School of Economics e presidente do Centro para Economia da Mudança Climática e Política (*Centre for Climate Change Economics and Policy*) - CCCEP da Universidade de Leeds e da London School of Economics. O relatório afirma que a mudança climática é o maior e mais grave fracasso do mercado jamais visto, apresentando um desafio único para a economia.

Valor em uma economia de mercado depende da escassez. O ar que respiramos não nos é vendido. Como a citação de Cree feita no início deste livro sugere, muitos povos indígenas definem a ecosfera inteira como um bem comum, que “não está à venda”. O Chefe Joseph (1840 -1904), chefe da tribo Nez Perce, Wal-lam-wat-kain (Wallowa) e renomado humanista e pacificador, afirmou: “O Poder Criador, quando fez a Terra, não colocou marcos, nem linhas de divisão ou separação nela”, e a Terra era “muito sagrada para ser avaliada em, ou vendida por, prata ou ouro”. “Viver Bem” é um sistema social indígena que é mencionado ao longo deste livro. Ele foca na reciprocidade entre as pessoas e a Terra.

Por que a filosofia do Chefe Joseph não prevaleceu, se ela é tão benéfica? Infelizmente, há algo chamado de *dilema do bem comum*. Bens comuns podem ser protegidos apenas quando todos os participantes se comprometem a compartilhar o encargo. Bens comuns permanecem comuns apenas quando ninguém os explora gratuitamente visando a ganhos pessoais. Os colonizadores fizeram exatamente isso: não respeitaram os bens comuns dos indígenas.

O ecólogo Garrett James Hardin escreveu um artigo precursor, em 1998, no qual chegou ao ponto de afirmar que as dificuldades de proteger os bens comuns tornam inviável até mesmo tentar fazê-lo. (Estamos começando a entender, hoje, que os bens comuns podem ser protegidos, se todas as vulnerabilidades forem levadas em consideração e a viabilidade de proteger bens comuns compartilhados aumentar em conjunto com a crescente interconectividade.)

Em um contexto no qual a proteção dos bens comuns não tem nenhum valor social ou societário, mas tem valor ao gerar dinheiro com vendas, bens e serviços escassos que estão com demanda elevada irão gerar o maior lucro. Este tipo de escassez pode ser “concebida” artificialmente.

Escrevi essas linhas enquanto as notícias diárias trazem estórias cada vez mais chocantes de corporações americanas anunciando a urgente necessidade de drogas medicinais para alcançar lucros maiores²¹⁵. Muito mais estórias podem ser contadas, das mais inofensivas às extremamente danosas em seus efeitos. Os diamantes constituem um exemplo brilhante de casos inofensivos. A dureza dos diamantes é natural, mas não o seu valor. “Se você não sustentar o preço” afirmou Andrei V. Polyakov, um porta-voz da Alrosa, “um diamante se torna um mero pedaço de carbono”. Em 1988, a companhia de diamantes De Beers estocou diamantes para manter os preços altos. Em 1938, De Beers contratou a empresa americana de relações públicas N. W. Ayer para vender a idéia de que “um diamante é para sempre” (entrou no léxico em 1949) e um símbolo não negociável de compromisso, prestígio e amor. Hoje, o domínio da De Beers foi quebrado por regulamentos antitruste. Porém, a corporação Alrosa tomou o seu lugar.

Os protestos de Cochabamba de 2000, também conhecidos como as “Guerras das Águas de Cochabamba”, constituíram uma série de protestos que aconteceram em Cochabamba, a terceira maior cidade da Bolívia, entre janeiro e abril de 2000. O governo tinha vendido o serviço público de fornecimento de água para a Águas del Tunari, uma subsidiária da corporação transnacional Bechtel, em 1999. A companhia imediatamente anunciou um aumento de 35% nos preços da água, o que significou, para muitos bolivianos, que aquela água não era mais acessível.

Thomas F. Valone, engenheiro físico com vinte e cinco anos de experiência na emergente ciência da energia, diz que o objetivo lucro custou no mínimo cem anos de progresso à humanidade. Algumas (disputadas) fontes históricas indicam que o objetivo lucro prejudicou o trabalho do

inventor e engenheiro mecânico e elétrico Nikola Tesla (1856–1943). Foi relatado que John Pierpont Morgan (fundador da atual instituição financeira JPMorgan Chase) recusou financiar pesquisa sobre energia gratuita. Se tais relatos são corretos, ele financiou apenas pesquisa que o capacitasse a “colocar um medidor” em um produto e vendê-lo. Em outras palavras, explorar energia gratuita (meta de Tesla) para o bem comum de toda a humanidade não foi aceitável para Morgan e outros defensores do objetivo lucro.

Os Engenheiros duvidam da viabilidade das visões de Tesla, mas ele nunca foi encorajado para desenvolver ou testar aquelas noções de forma abrangente. O astrofísico Adam Trombly, no Simpósio Internacional de Tesla, em Colorado Springs, em julho de 1988, afirmou que se a sociedade tivesse seguido as invenções vislumbradas por Tesla na virada do século XX, não haveria hoje a economia baseada no combustível fóssil. Valone disse: “A paródia é que o aquecimento global que estamos vivenciando é totalmente desnecessário – se apenas perseguíssemos essas alternativas que estão disponíveis por tanto tempo”.

Mesmo se os detalhes das análises de Valone e Trombly estejam sujeitos às mais rigorosas reservas e possam ser inteiramente falsos e precisando ser descartados, a essência de suas mensagens permanece válida. A escassez artificial a serviço do objetivo lucro põe em risco a exclusão de adaptações tecnológicas apropriadas e cria, perpetua e intensifica a degradação ambiental.

A mera possibilidade de que o aquecimento global poderia ter sido evitado caso não existisse o objetivo lucro faz me sentir profundamente envergonhada. Humilha minha própria humanidade. O *Zeitgeist* - espírito do tempo - que adere cegamente a soluções que correm o risco de serem destrutivas ignora minha dignidade.

Não apenas a pesquisa em engenharia tende a trabalhar dentro das restrições e limitações do *Zeigeist* no qual está inserida. A pesquisa

acadêmica, em geral, incluindo a pesquisa no campo da economia, é também afetada.

Em 2010, o economista Richard T. Carson alertou que os economistas ambientais “perderam uma década ou mais” com base no pressuposto de que o aumento da riqueza leva automaticamente a uma situação ambiental melhorada. Carson explica que o debate sobre a relação renda-poluição encorajou os países em desenvolvimento a ignorar seus problemas ambientais enquanto eles se desenvolvem, muito embora seja evidente que eles poderiam ter tomado muitas medidas.

Quando eu reflito sobre isto, posso entender que é difícil para os orgulhosos proponentes do *Zeitgeist* - espírito do tempo - que apoiam o objetivo lucro e sua maximização, de reconhecer que eles possam estar errados. Para alguns, a vergonha da humilhação de tal reconhecimento pode ser muito grande. Herbert Marshall McLuhan foi citado antes dizendo: “Apenas os pequenos segredos necessitam ser protegidos. Os grandes são mantidos em segredo em função da incredulidade pública”. Talvez os segredos sejam também protegidos por humilhação e vergonha não reconhecidas (ver a pesquisa de Thomas Scheff). Para superar as acusações e a vergonha, sugiro que ponderemos as palavras de David Korten: “A economia sem fronteiras de hoje coloca todas as pessoas, comunidade e empresas em uma corrida implacável em direção ao fundo, à medida que a economia privada se expande e governos competem para atrair empregos e investimento, oferecendo os maiores subsídios e os mais baixos padrões regulatórios”.

Como eu escrevi antes, o atual estado dos assuntos internacionais me humilha pessoalmente. Como resultado, eu trabalho por um novo mundo. Insisto em trabalhar *por* novas visões para um futuro mais viável, em vez de trabalhar *contra* soluções do passado desatualizadas. Gostaria de convidar todos a se integrarem neste projeto. Acredito que o futuro não deveria ser sacrificado para combater erros e infratores; precisa ser

vencido priorizando proativamente a criação de *relações do direito* para o futuro.

Eu sugiro que é hora de nós começarmos a agir em conjunto, não apenas localmente a serviço de “nós contra eles”, mas, globalmente, no espírito de “todos nós”. A pesquisa de Morton Deutsch sobre cooperação (que tem mais de seis décadas) nunca foi tão necessária quanto agora.

Isto não quer dizer que a raiva justificada seja inoportuna. A raiva pode fornecer energia para a ação construtiva, não apenas para a ação destrutiva. O Budismo ensina que o lado positivo da raiva é que ela é uma emoção “de purificação” nos possibilitando de ver de forma clara aquilo que precisa ser feito. A *conscientização* necessita de energia. Como Frantz Fanon e Paulo Freire explicaram, a conscientização é um processo através do qual os indivíduos e grupos abstêm-se de imitar seus superiores, abstêm-se do “mimetismo” e escolhem construir uma conscientização crítica comum que possibilita a transformação política.

No espírito da conscientização, Nelson Mandela não usou sua raiva moralmente justificada para se tornar agressivo e humilhar seus adversários. Nem ele internalizou sua raiva para deixar a apatia ou a depressão guiar sua vida. Ele a utilizou para estimular seus opressores a respeitá-lo como um ser igual. Honrou o que Mahatma Gandhi formulou uma vez: “Odeie o pecado, ame o pecador”, ou como o filósofo Arne Næss colocou: “Não há assassinos, apenas pessoas que assassinaram”.

Em Ruanda, os tradicionais criados Hutu – *Hutu significa criado* – perpetraram um genocídio contra a anterior aristocracia Tutsi. Em contrapartida, após 27 anos na prisão, alguns dos guardas carcerários de Mandela tornaram-se seus amigos, ajudando-o enquanto ele conduzia seu país em uma trajetória de transformação social e societal.

Morton Deutsch, tem agora mais de 90 anos. Ele viu muita coisa. “Dada a possibilidade da prevalência de ira e medo entre grupos com pouco

poder, uma meta para os agentes de mudança seria a de aproveitar a energia criada por sentimentos de ira e medo e convertê-los em ação cooperativa efetiva”: estas são as palavras de Morton Deutsch.

*Ô belo para céus nevoados,
grãos com inseticida,
para a majestade de montanhas mineradas em tiras
sobre a planície de asfalto.
América! América!
O homem cobre seu lixo em ti
e esconde os pinheiros com outdoors,
de mar a mar oleoso*

—George Carlin

CAPÍTULO 5: QUANDO A DESCONFIANÇA SE TORNA ONIPRESENTE

Não estou chateado porque você mentiu para mim, estou chateado porque, de agora em diante, não posso acreditar em você.

—Friedrich Wilhelm Nietzsche

Ralph Richard Banks, professor da Escola de Direito de Stanford, escreveu um livro sobre o porque mulheres afro-americanas têm dificuldades de achar parceiros para casar. Banks explica que homens negros economicamente bem sucedidos são relativamente raros, o que amplifica o poder deles no mercado de namoro, de forma que eles possam “dominar” indefinidamente, impactando negativamente o casamento. O livro foi comentado no New York Times Book Review, por Imani Perry, que observa que este livro “é um alarme alertando sobre a falência dos relacionamentos americanos”. Perry elogia Banks por nos alertar “sobre as consequências para as famílias”, porque “o alarme toca para além do casamento, para um colapso social mais amplo que inclui a desconfiança de vizinhos, redes sociais e instituições comunitárias enfraquecidas, despejos, execuções hipotecárias, oportunidades reduzidas, hostilidade dirigida àqueles que julgamos diferentes e o ceticismo com relação ao vínculo humano duradouro. Em resumo, os laços que unem precisam ser apertados.

Em 20 de julho de 2011, o primeiro ministro da Irlanda acusou o Vaticano de minimizar o estupro e a tortura de crianças irlandesas por sacerdotes. Kamran Mofid escreveu:

Li esses artigos com grande tristeza. Suponho que isto entristece qualquer pessoa que acredita na sabedoria, na beleza e na relevância da religião/do Catolicismo para a vida cotidiana. É muito triste mesmo. Em quem podemos confiar hoje? Nos políticos, nos banqueiros, na mídia, na imprensa, na polícia, nos juízes, no padre...? Quem? No professor,

no conferencista, no doutor, no cirurgião, no dentista, nas indústrias farmacêuticas, nos fornecedores e produtores de alimentos, no mecânico, no construtor...? Por que conseguimos tornar nosso mundo tão indigno de confiança, e por qual razão? E será que podemos achar a felicidade, a alegria e a paz quando não podemos mais confiar em ninguém?

Enquanto lia este manuscrito, Kathlee Morrow se sentiu comovida para contribuir com sua própria experiência (ela me deu permissão para compartilhar, aqui, a sua experiência):

Meu pai cresceu pobre, irlandês e católico em Waco, uma pequena cidade do Texas (o local do massacre do grupo religioso Branch Davidian, no início dos anos noventa): um membro de uma minoria. Como adulto, meu pai tornou-se muito bem sucedido, creditando muito do seu sucesso à preocupação e orientação que ele obteve do padre de uma igreja de sua infância. Aquele pastor foi uma parte de minha infância. Eu o conhecia como altamente excêntrico (ele tinha um péssimo caso de odor de corpo, um problema que eu me lembro, e que membros mais velhos de minha família devotaram um tempo enorme tentando remediar), mas um homem mais velho muito amado e que faz parte da mitologia de minha família. Quando meu pai estava morrendo, fizemos o melhor que pudemos para evitar padre Romer, que tinha o hábito de nos abordar nos corredores do hospital para rezar um rosário para sua recuperação. Foi bastante comovente e uma fonte de consolo e de algum humor entre alguns de nós que estávamos vendo alguém que amávamos morrer. Entristece-me ver destruída este tipo de confiança.

Questões vitais: Em quem podemos confiar hoje? Quais desconfianças são inevitáveis, simplesmente porque a natureza humana é imperfeita; e quais desconfianças têm raízes sistêmicas, que poderiam ser evitadas mediante a criação de sistemas melhores?

Para quem meu médico está trabalhando? Será que realmente preciso deste tratamento médico ou medicamento; é realmente seguro? Como posso estar certa de que ele não coloca o lucro em primeiro lugar? Por que as mamadeiras são tóxicas? Por que as propagandas de comida de bebês são enganosas? Por que psiquiatras constando em folhas de pagamento de fabricantes de medicamentos promovem desordem bipolar em crianças pequenas, uma condição que outrora se pensava afetar apenas adultos ou adolescentes? Porque ninguém questiona o “entusiasmo da comunidade médica em patologizar respostas emocionais inteiramente naturais (entre outras coisas) a experiências humilhantes”?. A lista é muito, muito maior.

Permitam-me compartilhar o que um amigo me revelou recentemente. Ele tinha uma doença séria e, protegido por um substancial seguro médico privado, acreditou que estava recebendo o melhor dos tratamentos. Ele levou muitos anos para entender que o seu seguro tinha prestado um desserviço a ele. Ele não era um cliente assim tão lucrativo e sua doença podia ter sido um distúrbio menor em sua vida. Na realidade, ele não recebeu o tratamento ótimo, mas um tratamento que tornou sua condição aguda, em uma condição de sofrimento ao longo de uma década. Para o seu médico, ele era, simplesmente, uma fonte de renda muito boa e não podia perdê-la.

Em um ambiente que dá primazia à maximização do lucro, a desconfiança sistêmica é necessária. A cultura que dá primazia à maximização do lucro enfraquece o comportamento ético. Corroi a verdadeira razão para a confiança. E ela faz isso sistematicamente.

Ademais, viver em um mundo que, por concepção, força os seus cidadãos à desconfiança é desumano e humilhante. Isto não é algo que nós, como sociedade, deveríamos permitir que acontecesse. Isto é destrutivo, até mesmo porque a confiança social está diretamente ligada à saúde. Sabemos que a escravidão deixa um legado de depressão transmitido às gerações seguintes. Alguém pode imaginar que a *síndrome pós-traumática do escravo*

afro-americano seja a última do seu tipo. Mas, a pesquisa mostra que à medida que o mundo ocidental tornou-se mais rico, os casos de depressão grave ou clínica aumentaram. Isto sugere que a cultura do individualismo cruel, em que todos correm atrás do lucro máximo, provoca mais do que aquilo que Forrester chama de “horror econômico”.

Curiosamente, parece haver uma correlação histórica entre a economia de mercado e a dependência. O alcoolismo em massa na Europa não foi um problema na Idade Média. Porém, começou a aumentar com o início dos mercados livres após 1500. Depois de 1800, quando a cultura do mercado livre tornou-se dominante, ele se tornou epidêmico.

É uma ironia máxima que a indústria farmacêutica maximize o lucro, alimentando-se dos prejuízos que fluem de uma cultura que dá prioridade à maximização do lucro. Indignidade e humilhação são agravadas por ataduras que as aprofundam. “*The Illusions of Psychiatry*” - As Ilusões da Psiquiatria - é o título de uma resenha de livros associados ao tema.

Como poderia emergir uma cultura que cria a desconfiança sistêmica? O autor Philip Delve Broughton escreveu sobre os dois anos que passou na *Harvard Business School*:

Em 1968, a *Harvard Business Review* publicou um artigo de Albert Z. Carr, intitulado “*Is Business Bluffing Ethical?*” - O Blefe nos Negócios é Ético? Ele gerou uma grande quantidade de cartas críticas. Carr comparou os negócios ao pôquer, no qual o blefe, em outros termos trapaça clara, era uma atividade perfeitamente legítima. Ele disse que muitas pessoas bem sucedidas nos negócios viviam de acordo com um conjunto de padrões éticos em suas vidas privadas e com um conjunto de padrões completamente diferentes em suas vidas profissionais. A explicação, ele disse, era que eles percebiam o negócio não como uma arena para espetáculos do tipo pavão, de altos padrões éticos, mas como um jogo

com regras específicas. Sabendo que seria possível ganhar o jogo do negócio utilizando todo tipo de truques que você nunca poderia infligir à sua esposa, filhos ou amigos, eles optavam por uma vida calma, desestressada e descomplicada. Porém, para alguns, isto pareceu ser um reconhecimento de que negócio era fundamentalmente antiético.

Durante as décadas passadas, a cultura de desdém cínico por altos padrões éticos, tão fúteis e vãos “espetáculos do tipo pavão”, expandiu além do reduto das escolas de administração nos Estados Unidos. A mentira e o blefe eram cada vez mais considerados como “apenas um jogo” em muitas partes do mundo, legitimado pela disputa, sendo isto aceitável, desde que todos soubessem que era jogo. Como resultado, o pensamento de *mundo justo* (a crença de que vencedores merecem vencer e perdedores merecem perder, ver também o capítulo 6) e *culpar a vítima* tornou-se comum e aqueles que não mentiam nem blefavam eram depreciados e tidos como idiotas. A figura do *herói solitário* (capítulo 4) havia transmudado de salvador para assaltante.

O físico Jeff Schmidt escreve em *Disciplined Minds - Mentis Disciplinadas*, que na América e Grã-Bretanha pós-modernas, foi produzida uma nova classe de gerentes americanizados “para gerir os setores público e privado: os bancos, os principais partidos, corporações, a BBC”.

Diz-se que os profissionais são meritórios e não ideológicos. Porém, apesar de sua educação, escreve Schmidt, eles pensam de forma menos independente que os não profissionais. Eles usam o jargão corporativo – “modelo”, “desempenho”, “alvos”, “supervisão estratégica”. Em *Disciplined Minds*, Schmidt argumenta que o que faz o profissional moderno não é o conhecimento técnico, mas a “disciplina ideológica.” Aqueles com educação superior e a mídia fazem o “trabalho político”, mas de uma maneira que não é vista como sendo política.

O autor e ativista Raj Patel se junta a essa discussão com seu livro, *The Value of Nothing: How to Reshape Market Society and Redefine Democracy* - O Valor do Nada: Como Remodelar a Sociedade de Mercado e Redefinir a Democracia, “Chegamos a acreditar que o único caminho que podemos dar valor às coisas é agregando-as em um mercado” diz Patel. “O problema é, como vimos através desta recessão, que os mercados são um caminho extremamente ruim de valorizar coisas, tremendamente instável.”

De fato, “agregando coisas em um mercado” tem sido uma tônica forte, ao longo das últimas décadas. James Murdoch, filho do barão da mídia global Rupert Murdoch, “em uma palestra no Festival de Televisão de Edimburgo, em 2009, atacou a emissora pública BBC, declarando que ‘a única garantia de independência é o lucro.’”

Murdoch está certo. Priorizar a maximização do lucro leva à independência, mas apenas para alguns, com dependência para o resto. Se liberdade significa a falta de regulações, o lucro soma o lucro e a desigualdade decorre disto, pegando a maioria na armadilha, nos jogos de poder de alguns.

Richard G. Wilkinson já foi mencionado anteriormente. Com a epidemiologista Kate Pickett, ele mostrou “porque sociedades mais iguais quase sempre se saem melhor.” A conclusão deles é que diferenças maiores de renda criam distâncias sociais maiores, ao longo da hierarquia de *status*, e que sentimentos crescentes de superioridade e inferioridade contribuem para a competição por *status* e insegurança. Alguns dos elos causais são os efeitos de *stress* crônico nos sistemas imunológico e cardiovascular. Eles são cada vez mais compreendidos e sustentam a relação entre desigualdade de renda e saúde. “Similarmente, o motivo de a violência aumentar em sociedades mais desiguais é porque a desigualdade faz o *status* ainda mais importante e os gatilhos mais comuns para a violência são a perda de prestígio, desrespeito e humilhação.”

Wilkinson and Pickett escrevem mais:

Muito embora as pessoas tenham, com frequência, considerado a desigualdade como fator de divisão e socialmente corrosiva, isto não nos preparou para o que descobrimos. A frequência de todos esses problemas era relacionada sistematicamente com a desigualdade de renda. Quanto maiores as diferenças de renda entre o rico e o pobre em cada sociedade, piores se tornaram esses problemas sociais e de saúde. Em vez de as coisas serem apenas um pouco piores em países mais desiguais, elas eram muito piores. Países mais desiguais tinham tendência a ter três vezes mais o nível de violência, de mortalidade infantil e doença mental; as taxas de nascimento entre adolescentes eram seis vezes maiores e as taxas de encarceramento aumentaram oito vezes.

O sentimento de que a desigualdade é fator de divisão foi evidenciado pelo fato de que, em países mais desiguais, apenas cerca de 15% da população sente que eles podem confiar nos outros, comparado a cerca de dois terços, nos países mais iguais. Essa evidência foi assentada nas relações com o capital social e os níveis de violência – todos mostrando que a desigualdade prejudica a tecido social da sociedade.

Muitos argumentam que a maximização do lucro e a igualdade não são mutualmente exclusivas. Uma vez que uma pessoa rica é capaz de fazer o bem e doar para fins de caridade, por exemplo, ela reduz a desigualdade. Se esta asserção fosse verdade, o argumento seria válido. No entanto, títulos como “O Doar e Dividir Filantrópicos” apontam para uma realidade diferente.

Durante décadas, pesquisas de campo mostraram que os americanos de renda mais alta não abrem mão de seu dinheiro como poderiam, e são particularmente medíocres

como doadores, quando comparados com os pobres, que são surpreendentemente generosos. Vários outros estudos mostraram que os americanos de renda mais baixa, proporcionalmente, doam mais de suas rendas para caridade do que os americanos de renda mais alta.

O psicólogo e cientista social Dacher Keltner diz: “os ricos são realmente diferentes, e não de uma boa forma: a experiência de vida deles os faz menos empáticos, menos altruístas e, geralmente, mais egoístas.”

John T. Cacioppo, diretor do Centro para Neurociência Cognitiva e Social, da Universidade de Chicago descobriu, em sua pesquisa, que apenas pessoas que se sentem socialmente isoladas tendem a se comportar de acordo com o modelo do *Homo Economicus*, por puro autointeresse. Pessoas que se sentem socialmente integradas não aderem a este modelo. Pessoas que se sentem socialmente integradas tendem a renunciar o puro autointeresse, quando o bem comum é violado. “Punição altruísta” é um termo que significa que “as pessoas estão tirando prazer pessoal ao renunciar ao seu autointeresse racional, buscando o que é de interesse da coletividade.”

Em outras palavras, os “dois pilares da teoria econômica clássica”, ou seja, os pressupostos de que os indivíduos são “tomadores de decisão racionais” e de que os indivíduos têm “preferências meramente autoreferenciais” “estão em contradição com a maioria das teorias psicológicas, nas quais os indivíduos são caracterizados pela racionalidade limitada, se não também pelos próprios interesses.”

O filósofo Paul R. Diesing diferenciou cinco formas de racionalidade: *técnica* (realização eficiente de uma única meta); *econômica* (realização eficiente de uma pluralidade de metas); *jurídica* (regras ou cumprimento de regras); *política* (diz respeito à racionalidade das estruturas de tomada de decisão); e racionalidade *social* (integrando forças em indivíduos e sistemas sociais, as quais geram significado e permitem que a ação ocorra). O cientista

político Robert V. Bartlett acrescentou um sexto tipo de racionalidade, a *racionalidade ecológica*.

Morton Deutsch e seus colegas sugerem estender o conceito de racionalidade social para incluir comunidade ou *racionalidade global*. “A *racionalidade completa* iria além da racionalidade econômica e exigiria a integração da racionalidade econômica com a racionalidade social (global) e outras formas de racionalidade como é apropriado para a situação específica de tomada de decisão.”

Concluindo, a teoria econômica é elaborada com base em conceitos de natureza humana que se ajustam apenas àqueles que, através de um histórico de isolamento social, falham em valorizar e proteger a coesão social. A teoria econômica corrente é, na melhor das hipóteses, mal orientada; na pior das hipóteses, ela promove a dissolução social, recompensando o comportamento que a exarceba. O isolamento social e a desconfiança, em uma espiral maligna, são, sistematicamente, postos em evidência.

Kamran Mofid registra as grandes indagações que necessitam ser colocadas nesta situação:

O que é educação? O que é conhecimento? O que é sabedoria? O que é uma universidade? Qual é a fonte da verdadeira felicidade e bem-estar? O que é uma vida boa? Qual é o objetivo da vida econômica? O que significa ser um ser humano vivendo em uma nave com recursos finitos? A palavra “sustentabilidade” é um modismo? É simplesmente modismo falar sobre um futuro sustentável, uma educação sustentável? Como o sistema financeiro global pode se tornar mais responsável e justo? Que trajetórias podem ser recomendadas para alterar a atual ordem político-econômica global destrutiva, de um crescimento econômico desenfreado, com maximização do lucro e minimização do custo, alvos e bônus, para uma outra que adote a criação da riqueza material,

mas também preserve e adote o bem-estar social e ecológico e aumente a felicidade humana e contentamento? Como deveríamos lidar com a cobiça individual e institucional? Quais são as exigências de uma economia virtuosa? Que papel deveriam ter as universidades na construção de um modelo de educação em administração baseado na integridade? Qual deveria ser o papel da juventude? Como o treinamento de jovens executivos poderia ser direcionado para suprir percepções da natureza da globalização segundo suas perspectivas econômica, tecnológica e espiritual, visando a construir relações de apoio entre os participantes que conduzirão à ação para o bem comum, dentro das carreiras por eles escolhidas? O que precisa acontecer a seguir para que a sustentabilidade se torne mais integrada na cultura das escolas de administração? Que papéis distintos os estudantes, líderes empresariais e escolas de administração deveriam assumir para antecipar essa tendência? Quem está liderando esta agenda e quais elementos de melhor prática podem ser compartilhados a partir de suas experiências?

*Nunca somos tão vulneráveis quando confiamos em alguém
– mas, paradoxalmente, se não podemos confiar, tampuco
podemos encontrar o amor ou a alegria.*

—Walter Anderson

CAPÍTULO 6: QUANDO O ABUSO SE TORNA UM MEIO PARA “FAZER COM QUE AS COISAS SEJAM FEITAS”

O abuso, muitas vezes, começa com o elogio.

—Provérbio japonês

Como discutido anteriormente, a representação simplificada da história do antropólogo William Ury, amplamente aceita pela comunidade acadêmica, inclui: (1) *simples caçadores-coletores*, (2) *agricultores complexos*, e (3) *sociedade do conhecimento*.

No sistema de Ury, anterior a 10.000 anos atrás, os humanos povoaram o mundo como andarilhos e errantes. Esses caçadores-coletores viviam em coexistência e em redes abertas, dentro das quais os conflitos eram negociados em vez de serem resolvidos mediante a coerção. A abundância de alimentos selvagens representava uma porção expansível de recursos que não forçava os oponentes de se envolverem em paradigmas de ganha-perde.

Há 10.000 anos, devido a circunstâncias específicas (tal como a *circunscrição*, ver capítulo 3), surgiu a agricultura complexa. Uma vez que a terra representa uma porção fixa – a terra, ou é minha, ou é sua – assim que ela se tornou a base do sustento, emergiu um conjunto de condições que criaram uma situação perversa de ganha-perde.

Como resultado, o dilema de segurança tornou-se definidor. A expressão *dilema de segurança* foi cunhada pelo estudioso em relações internacionais, John H. Herz, (e foi expandido por muitos autores) para explicar porque Estados que não têm nenhuma intenção de prejudicar uns aos outros podem terminar em competição e guerra. A verdadeira essência do dilema de segurança é uma de tragédia, forçando o surgimento

de competição sangrenta (e inevitável), a partir da desconfiança mútua. Esbarrar na ameaça da preempção com a preempção é o desfecho final e inevitável.

A estrutura do ganha-perde e o dilema de segurança forçaram os agricultores dentro de pirâmides de poder hierárquicas fechadas. Riane Eisler, cientista social e ativista, descreve como também sociedades altamente divergentes seguiram o que ela chama de modelo *dominador*, em vez do modelo de *parceria*, durante os dez milênios passados. Dos samurais do Japão aos Astecas da Meso-América, os povos viveram em hierarquias de dominação muito similares e sob uma regra rígida do “homem forte”, macho dominante, tanto na família quanto no Estado. As hierarquias de dominação foram mantidas com um alto nível de violência, institucionalizada e socialmente aceita, variando de espancamento de mulher e criança dentro da família à guerra agressiva em nível tribal mais amplo ou em nível nacional.

As pirâmides hierárquicas de poder eram mantidas por códigos de honra hierarquizada. Cada estrato em tal pirâmide tinha a sua honra. A honra de aristocratas é diferente da honra de subordinados. Em todos os casos, os superiores têm direitos que os inferiores não têm.

Uma série de opções é ofertada quando elites desejam subjugar subordinados. O uso da força bruta é uma opção. Contudo, ao longo dos 10.000 anos passados, métodos de dominação mais *engenhosos* evoluíram – chamo isto de “a arte da dominação” – substituindo a força bruta por abordagens mais sutis e veladas. Uma dessas abordagens foi para que os senhores não deixassem ninguém esquecer o medo acarretado no dilema de segurança. Instrumentalizaram este medo em vantagem própria. Os senhores, rotineiramente, instilavam pavor e apreensão em subordinados e os ameaçavam com violência e terror, da tortura à morte. Ao longo do tempo, a submissão, a vergonha e a humilhação (humilhação da honra, a forma de humilhação que era vista como legítima durante os milênios passados) tornaram-se “suficientes”, quando, então, subordinados aprenderam a sentir

vergonha ao falhar em atender as expectativas dos senhores. O sociólogo Norbert Elias ressalta em sua *teoria da civilização* como cavaleiros brutos se tornaram senhores nobres dessa maneira.

Kathleen Morrow, quando lia este manuscrito, pensou em como os fazendeiros americanos se livraram primeiro da escravidão, apenas para serem pegos depois:

Os fazendeiros na América de antigamente eram posseiros livres, independentes e honrados por aquela independência e pelas suas contribuições. Eu diria que muitos dos primeiros colonizadores deste país estavam fugindo da pirâmide hierárquica agrícola. Foi apenas nas últimas décadas que o surgimento da agricultura corporativa oprimiu os pequenos fazendeiros americanos.

Se calcularmos que o *Homo Sapiens* surgiu aproximadamente 200.000 anos atrás, a era da agricultura complexa representa os últimos 5% da história humana: os 10.000 anos passados. No ponto atual da história, a humanidade encontra-se no meio de uma segunda transição. Para essa transição, muitos fatores fluem juntos, fatores que, ao mesmo tempo, direcionam a transição e são direcionados por ela.

Como parte dessa segunda transição, a adaptação normativa da primeira é deslegitimada. Os ideais dos direitos humanos representam uma guinada normativa - não é mais o subjugo do social e da biosfera por uma pequena elite dominadora, tida como “dádiva de Deus”; o novo ideal é respeito, mutualidade, equilíbrio e diálogo entre parceiros, considerando uns aos outros como iguais em dignidade.

A transição rumo a um mundo informado sobre o ideal dos direitos humanos de igualdade em dignidade ainda está esperando para ser completamente alcançada. A humanidade encontra-se no meio de uma mudança de paradigma não finalizada que, às vezes, avança um passo à

frente, apenas para voltar atrás novamente. É como se o mundo estivesse pendurado entre eles, agarrando-se em velhas práticas, enquanto tenta alcançar novos ideais, às vezes, apanhado nos duplos padrões da retórica vazia dos direitos humanos, que serve meramente para cobrir as suas violações.

A cultura ocidental do individualismo cruel do *herói solitário* (capítulo 4), por exemplo, pode ser conceituada como uma extensão do sistema hierárquico tradicional, sob o manto da retórica dos direitos humanos da liberdade individual. A distorção da retórica dos direitos humanos representa a aplicação mais velada da “arte da dominação” até agora alcançada. Cooptar subordinados não apenas para aceitar e manter voluntariamente sua própria servidão, mas também para falsamente reconhecê-la como “liberdade” é o refinamento último da arte da dominação. Uma análise das políticas de Ronald Reagan nos Estados Unidos da América pode ilustrar essa estratégia.

Em contextos que promovem o individualismo extremo, as fronteiras do dilema de segurança são reduzidas à vida pessoal de cada indivíduo. Através dessa redução, cada pessoa é separada de seus companheiros. Todos são forçados a se enquadrar nas relações maquiavélicas “*homo homini lupus est*” (“o homem é um lobo para o homem” ou, de forma mais coloquial, “a selva em que um devora o outro”) que, em contextos de honra, são reservadas às elites no poder.

O individualismo cruel, ironicamente, é um projeto coletivista, rigidamente imposto pelo contexto cultural global. Liberdade não implica na escolha de *não* participar desta cultura de individualismo. Não há liberdade para desejar, por exemplo, uma sociedade onde as pessoas são encorajadas a servir à coletividade. A liberdade foi reduzida à liberdade para participar no individualismo.

Devo admitir que acho graça quando eu ouço o filósofo esloveno Slavoj Žižek usar o botão de fechar a porta em elevadores, como símbolo

para o verdadeiro alcance da liberdade na “máquina política de criar ilusão” do individualismo ocidental; as portas do elevador não fecham mais rápido, mas a pessoa que aperta este botão tem a ilusão de que está usando sua liberdade de escolha.

A cultura do extremo individualismo causa a corrosão do caráter, como o sociólogo Richard Sennett explica. Enfraquece a empatia – a cola que mantém as sociedades juntas, como mostra a pesquisa do psicólogo Jean M. Twenge. O individualismo extremo cria sistematicamente o narcisismo, o narcisismo de empacotar-se dentro de um “produto” competitivamente vendável, no espírito do “marketing pessoal”.

Hans-Jürgen Classen, consultor internacional em gestão, que trabalha principalmente na Europa e no Japão, comenta um artigo no *Financial Times*, sobre o Transtorno da Personalidade Narcisista²⁸⁸. Ele escreve:

Lendo o artigo, achei que isto explica todas as coisas que encontrei no meu trabalho até agora. Minha estimativa é que mais de 50% dos gerentes *seniors* em corporações são afetados por isto. De fato, eu agora suspeito que esta doença seja seu fator motivacional principal para galgarem a carreira corporativa. Na política, o índice pode ser ainda mais elevado. Se isso for verdade, é um pensamento assustador, uma vez que significaria que somos gerenciados e governados, principalmente, por pessoas cujo estado mental não é apropriado para ocuparem cargos de primeira linha.

No artigo do *Financial Times*, um consultor de recrutamento para companhias da Cidade de Londres explica: “Os narcisistas são os principais candidatos em finanças, pois são capazes de tomar decisões rápidas e ousadas, sem ponderar as consequências que elas poderiam ter para outras pessoas.” De fato, um estudo mostra que corretores do mercado de capitais são “mais imprudentes que psicopatas”. Mais recentemente, o corretor

Kweku Adoboli, da UBS, por exemplo, fez transações supostamente não autorizados que custaram bilhões aos bancos suíços de investimento.

Diante dessa situação, podemos perguntar: por que todos concordam devidamente quando os especialistas alertam que “os melhores e mais brilhantes” irão embora, se eles não puderem acumular dinheiro? Deixemos ir embora! Eles *não* são os melhores nem os mais brilhantes. Precisamos definir a excelência, de maneiras inteiramente novas.

A pesquisa mostra que o dano que a servidão voluntária imposta às pessoas, muito embora não seja de forma diretamente rastreável como o dano da servidão involuntária, é ainda significativo. Durante os milênios passados, as pessoas que viviam em servidão sofreram, com frequência, de abuso físico – do espancamento à tortura e morte. Como a distância entre o rico e o pobre aumenta, as “externalidades irrelevantes” da pobreza e a degradação ambiental representam fisicamente e psicologicamente uma realidade dolorosa para a maioria da população mundial.

Infelizmente, os recursos e a motivação para mudança são quase inacessíveis em uma cultura de individualismo extremo, sobretudo, para aqueles no topo da pirâmide global de riqueza, onde a dor é menos palpável. Contudo, a dor psicológica ocorre de fato, mesmo entre os mais privilegiados. Como foi mencionado anteriormente, a depressão grave ou clínica aumentou à medida que o mundo ocidental tornou-se mais rico. Em parte, isto pode ser devido aos novos métodos de diagnóstico e de documentação da depressão; pode, também, ser em virtude das pessoas responderem aos comerciais de companhias de medicamentos. Contudo, isto pode ainda ser qualificado segundo o que o filósofo Charles Handy chama de “o pecado corporativo”.

Enquanto os países mais ricos tendem a ter cidadãos mais felizes do que os países pobres, uma vez que as pessoas têm uma casa, alimento e roupas, o dinheiro extra não as faz mais felizes. Relações interdependentes de mutualidade – em vez de dependência ou independência – conduzem

a vidas de felicidade intencional; a conexão em relações mutualmente respeitadas produz satisfação genuína. Um estudo indica que os indivíduos precisam, no mínimo, de £50.000 para compensá-los por não serem socialmente conectados a amigos.

Em anos recentes, numerosas tentativas foram feitas para definir e medir a felicidade, por disciplinas que vão da neurociência e psicologia à filosofia, economia e política social. A Agência Nacional de Pesquisa Econômica dos Estados Unidos (*U.S. National Bureau of Economic Research*) há pouco publicou dados de uma nova pesquisa mostrando que, muito embora muitas medidas objetivas da vida das mulheres nos Estados Unidos tenha melhorado ao longo dos últimos 35 anos, medidas subjetivas de bem-estar decaíram, tanto em termos absolutos quanto em relativos, em relação aos homens. Este resultado é encontrado, transversalmente, em vários conjuntos de dados e medidas de bem-estar subjetivo e está difundido por entre grupos demográficos e em países industrializados. Um novo fosso entre gêneros está emergindo, com o bem-estar subjetivo mais elevado para os homens, substituindo o fosso dos anos 1970, quando as mulheres relataram um bem-estar subjetivo mais elevado.

Para ser usado como um meio, como joguetes em um sistema que finge servir ao bem-estar, mas não o faz, é profundamente humilhante para o sentimento de humanidade de todos os envolvidos, mesmo entre aqueles que lucram.

“O que os gregos antigos podem fazer por nós? É a questão que delinea a resposta: “Socrates recusou ser pago por seus ensinamentos filosóficos. Taxar a beleza, ele argumentou, é prostituição, isto porque dinheiro não pode ser trocado por sabedoria.”

O filósofo Immanuel Kant (1724–1804) insistiu que uma pessoa não deve ser usada como um *meio*; uma pessoa deve sempre ser tratada como um *fim* em si mesmo. Em 1875, escreveu: “*Der Mensch aber ist keine Sache, mithin nicht etwas, das bloß als Mittel gebraucht werden kann,*

sondern muß bei allen seinen Handlungen jederzeit als Zweck an sich selbst betrachtet werden.”

O filósofo Martin Buber (1878–1965) desenvolveu uma *filosofia do diálogo*. Considera a participação humana, de acordo com dois tipos de relações fundamentalmente diferentes – *Eu-Ele*² e *Eu-Vós*. Uma relação *Eu-Ele* é a relação normal do dia a dia de um ser humano, em torno das coisas ao seu redor. Isto pode também incluir seus semelhantes, quando eles são usados como meio à distância, ou como partes de um ambiente. Em contrapartida, uma relação *Eu-Vós* é uma relação na qual um ser humano se insere com seu mais profundo e completo ser, produzindo encontros e diálogos genuínos. A última abordagem se encaixa na noção de Kant ao tratar outras pessoas como fins e não como meios.

Uma cultura de individualismo cruel prejudica todas essas reflexões. Encoraja um grande número de parcialidades malignas para distorcer a cultura dominante. Assim que as pessoas aderem à crença de um mundo justo, por exemplo, elas começam a culpar a vítima. A crença em um mundo justo fornece um alibi por ser cego em relação aos sofrimentos dos outros, porque “todos merecem o que obtêm”. Uma vez que não veem injustiça, as pessoas que sustentam a crença em um mundo justo são indiferentes à injustiça social, mesmo se estiverem genuinamente interessadas em questões de justiça.

A *aversão à perda* - a tendência das pessoas de desgostarem, significativamente, de perdas, mais do que elas gostam de ganhos - atua nessas preferências psicológicas. As pessoas não se importam em compartilhar igualdade no futuro, mas não gostam de perder o que elas ganharam no passado – justiça no futuro é julgada diferentemente da justiça no passado. Experiências mostram que, contrariamente ao pressuposto de que é da natureza dos seres humanos abarcar tantos recursos quanto possível, as

2 N.T. Trata-se do pronome impessoal “it” em inglês, utilizado para se referir a coisas ou animais em certos casos, seja masculino ou feminino.

pessoas estão dispostas a dividir recursos igualmente. Em outras palavras, aqueles de nós que têm mais tendem a justificar essa desigualdade, devido à nossa inclinação de definir justiça como divisão igual, desde que a divisão aconteça no futuro; quando acumulamos mais do que os outros, tendemos a acreditar que merecemos isso. Esses fenômenos psicológicos fortalecem posturas conservadoras, levando-nos a considerar como agressores aqueles que defendem uma outra distribuição de recursos.

The Irresistible Pull of Irrational Behavior - A Influência Irresistível do Comportamento Irracional - é o título de um livro escrito por Ori e Rom Brafman. Eles explicam como a ação racional é, muitas vezes, enfraquecida. Em um sistema definido pela necessidade de maximizar o lucro, apoiado por uma cultura de individualismo cruel, espera-se que o comportamento irracional seja retratado como racional e realista, enquanto a análise racional é vilipendiada como irracional e irrealista. *What Is the Matter with Kansas* - Qual é o Problema com o Kansas - é um livro que diseca como é possível alguém votar contra o seu próprio interesse.

Um filme recente, *Inside Job* (o título em português é *A Verdade da Crise*), de Charles Ferguson (2010), analisa a dinâmica por detrás da crise financeira, indicando um coquetel de desregulações financeiras e comportamento quase psicótico. É o primeiro filme abrangente sobre a crise econômica que eclodiu em 2008.

O documentário *Home* levou o Partido Verde na França a uma força sem precedentes. 34 O filme serviu como um grito de alerta, em especial porque usa um conjunto de belas imagens, de tirar o fôlego, para retratar a terrível situação de nosso planeta. O filme recomenda uma nova cultura de moderação, inteligência e partilha.

Home ressalta a mensagem de que o valor das partes interessadas deve vir em primeiro lugar – envolvendo todos os atores na socio-biosfera. Os acionistas devem servir aquele primeiro valor como detentores de cuidado e doadores de ações porque a priorização inversa, ao final, destrói o habitat

de todos. A natureza não negocia. Ela age. A natureza não se interessa pelo debate, por exemplo, se o valor do acionista tirou pessoas da pobreza ou apenas enriqueceu alguns em um curto período de tempo.

A idéia do valor da parte interessada, muito embora seja antiga, não perdeu nada de sua relevância. Há trinta anos, em Youngstown, Ohio, a US Steel estava para fechar sua unidade principal. O historiador e ativista Staughton Lynd conduziu um movimento de protesto, defendendo o princípio de que as partes interessadas deveriam ter a mais alta prioridade. Seus esforços falharam.

É hora de novos esforços globais e locais para proteger todas as partes interessadas, todos os membros da família humana.

UA MAU KE EA O KA 'AINA I KA PONO O HAWAI'I
(tradução aproximada: A constante Chuva molhada Dá Vida à terra e trás bondade/mudança ao Havai')

*Se apenas por um dia, nosso rei e rainha
visitassem todas as ilhas e vissem tudo
Como eles se sentiriam sobre a mudança em nossa terra
Poderia apenas você imaginar se eles estivessem por perto
e visto estradas em seus terrenos sagrados
Como se sentiriam se eles 'sobre essa vida na cidade
moderna'*

*Lágrimas correriam dos olhos de cada um,
assim que eles parassem para compreender
que nosso povo está em grande, grande perigo agora...*

—“Introdução a Hawai'i 78”, por Israel Kamakawiwo Ole'

CAPÍTULO 7: QUANDO O MEDO SE TORNA DOMINANTE E DEBILITANTE

Uma política de esperança, em vez de uma política de medo...

—Barack Obama

Professor de psicologia e relações industriais durante 45 anos, Vincent Lombardi (não deve ser confundido com o treinador de futebol americano) escreveu em uma mensagem pessoal:

Após 45 anos de ensino na *Michigan State University* e agora professor emérito, eu vejo o medo, a raiva e a perda de esperança aumentando entre nossos jovens. De uma forma geral, os cidadãos estão mais e mais privados de todo poder pessoal sobre o mundo material... de coisas necessárias para sustentar suas vidas e as vidas de suas famílias. Nenhum limite é dado ao ritmo de introdução de novas tecnologias no local de trabalho, aumentando a eficiência econômica mediante a substituição de mão-de-obra e dando origem ao crescente desemprego estrutural. Ao mesmo tempo, muitos mantêm uma falsa ideologia de um direito ilimitado e absoluto sobre a propriedade, que levou ao aumento de níveis perniciosos de desigualdades materiais. A perda de liberdade econômica nas vidas de muitos está criando uma mentalidade revolucionária furtiva, impregnada com uma confusão sobre a natureza da realidade social, econômica, política e moral. A inveja, a malícia e a vingança estão crescendo. A crise é mundial.

A crise é mundial. A evidência emerge de muitas fontes e de muitas formas. Mesmo se apenas 10% daquilo que Roberto Saviano ou John

Perkins têm para dizer é verdade, é profundamente preocupante, é razão de medo profundo. Se o objetivo lucro é tão forte que estimula seus adeptos a passarem por cima de vidas humanas, por concepção, o medo é necessário. Para um viciado em drogas, chegar à próxima etapa é primordial, e até as relações de amor da família do viciado são traídas. Se a razão de ser do objetivo lucro de pessoas em posições influentes torna-se similar a de um viciado, não é surpresa nenhuma quando o resultado é desastroso.

Quando a atual crise financeira eclodiu, o ex-presidente do Federal Reserve, Alan Greenspan, disse que estava “em um estado de choque e descrença” e que havia errado ao pensar que confiar em bancos para agirem segundo seus próprios interesses seria o bastante para proteger os acionistas e o seu capital. De acordo com o pensamento de David J. Rothkopf, um estudioso e estrategista, mencionado anteriormente, a observação de Greenspan descreve um sistema, em vez de aberrações individuais. Um pequeno número (em torno de 6.000) de pessoas poderosas, não eleitas em sua grande parte, moldaram o mundo durante as décadas passadas, de maneiras que tornaram possível o colapso financeiro. Suas considerações de poder negligenciaram a sobrevivência de longo prazo ao grau de autodestruição e destruição de outros.

O medo é obrigatório em tal sistema. É a única resposta racional.

Enquanto o medo está em ascensão, sua função de salva-vidas segue não utilizada. O medo, mesmo quando representa um cuidado para salvar vidas em um contexto de dominação e de saque, ele é tipicamente denegrido como um problema psicológico pessoal, uma fraqueza pessoal. As definições contemporâneas de risco, coragem e racionalidade traem o triste fato de que a capacidade humana para usar a energia do medo com o intuito de buscar a segurança pode ter sido prejudicada pelo treinamento cultural nas sociedades dominadoras dos milênios passados. Uma cultura de saque de macho dominante significa destemor, até mesmo o destemor no engajamento no capitalismo de cassino com especulação arriscada, cruel depredação de recursos naturais ou, até mesmo, como atesta a usina nuclear de Fukushima, o risco de um desastre nuclear.

A resposta ao terrorismo é particularmente complexa. Considerar a ameaça de terrorismo de forma séria é ridicularizado como medo histérico, quando, por exemplo, o risco de proteção insuficiente de usinas nucleares contra ataques terroristas é minimizado. O risco de terrorismo pode também ser exagerado, quando serve para fortalecer uma cultura de pilhagem, através de gastos militares. Assim, o risco atrelado ao terrorismo é tanto perigosamente minimizado, quanto perigosamente enfatizado. Se essas dinâmicas terminassem em um equilíbrio razoável, isto seria aceitável. Contudo, esse não é o caso. O resultado é que o que deveria ser feito não o é, e o que não deveria ser feito o é. O que deveria ser feito é negligenciado, nomeadamente o tecer de uma rede mais saudável de coesão social. O que deveria ser evitado não o é, nomeadamente, a instrumentalização do terrorismo como um pretexto para artificialmente realimentar o dilema de segurança e legitimar uma cultura de saque.

Curiosamente, a atmosfera em uma cultura de pilhagem é a de terror.

Gostaria de citar um trecho de minha tese de doutorado e usar a cultura de saque da Somália como ilustração:

Vejamos uma entrevista com Muusa Bihi Cabdi, Ministro do Interior da Somália, até 1995: um homem em seus cinquenta, um homem rude, com uma experiência de vida, em relação à qual qualquer homem ou mulher ocidental dificilmente teria sobrevivido. É um ex-nômade que foi treinado ainda pequeno em como sobreviver em um dos ambientes mais agressivos do mundo, o semi-deserto somali. Ele recontou como aprendeu, ainda menino com seis anos de idade, a nunca dormir realmente, a sempre estar alerta para o perigo...e... a identificar rastros de animais perigosos e clãs inimigos. Mais tarde, deixou o deserto, tornou-se operador do avião Bombardier MIG e estudou na Rússia. Na Guerra de Ogaden, em 1978, ele participou do bombardeio da Etiópia... A Rússia abandonou a Somália durante aquela guerra e aliou-

se à Etiópia, impondo uma derrota humilhante à Somália. Posteriormente, a Somália foi apoiada pelos Estados Unidos e ele também estudou lá em uma academia militar. Quando seu clã Isaaq foi ameaçado com erradicação, em 1980, ele se juntou às forças da guerrilha e tornou-se um comandante, responsável pelas vidas e mortes de muitos. Depois, tornou-se ministro no governo da Somália. Eu lhe perguntei se ele mudaria, caso vivesse novamente. Ele respondeu que mudaria tudo: “Eu estava sempre em guerra, guerra tribal; uns saqueando os camelos dos outros; quando criança, cresci no terror; eu tinha seis anos de idade quando vi a primeira pessoa sendo morta; quando me juntei ao Exército, sempre havia luta e eu vi muitos de meus amigos serem mortos. Se eu pudesse viver novamente: sem todas essas guerras!”

Esta citação ilustra como uma cultura de saque leva a uma atmosfera psicológica de terror que permeia a sociedade inteira. O terror não é apenas sentido pelos fazendeiros que são assaltados por pastores, mas também dentro de uma cultura pastoral. A Somália é um exemplo útil, também, porque demonstra que não se trata da natureza perversa de seu povo – meus amigos somalis são pessoas maravilhosas – mas a estrutura cultural geral que é “culpada”.

Senti profundamente essa atmosfera de terror quando fiz minha pesquisa de doutorado na Somália. As alianças são instáveis, promessas valem pouco e a desconfiança contínua é essencial para a sobrevivência. Ninguém deveria ficar surpreso diante do fato de a Somália suprir o mundo com piratas. Se todos os homens adultos são nobres guerreiros e assaltantes, são todos ao mesmo tempo predadores e vítimas, e o temor e o destemor definem suas vidas. Ninguém pode escapar disso. O dilema da segurança ocorre não apenas entre os clãs, mas entre todos os homens adultos. E suas mulheres, mesmo aquelas que têm uma visão crítica desse tipo de cultura, têm pouco espaço para escapar e desenvolver experiências culturais alternativas.

Uma cultura de capitalismo extremo de Wall Street tem efeitos similares. A desconfiança mútua contínua e o medo são necessários, enquanto é tabu explicitar as consequências necessárias desse medo. A consequência necessária seria o esforço conjunto para transformar para melhor toda a estrutura cultural e institucional. Inversamente, o que acontece é que todos participam “de forma destemida”, aumentando assim o terror, em vez de diminuí-lo.

O fato de a sociedade assumir, de forma explícita e dissimulada, uma cultura de pilhagem pode ser visto em muitos aspectos da vida. O caso das escolas de administração foi, talvez, a primeira manifestação disto (capítulo 5, Philip Delve Broughton). Juliet B. Schor, cofundadora do Centro para um Novo Sonho Americano - CNAD, relatou no 31º Ciclo Anual de Palestras E. F. Schumacher, na Cidade de Nova Iorque, em 5 de novembro de 2011, como Martin Feldstein, que havia trabalhado no governo Reagan, veio para Harvard, em 1984, e remodelou a aula de introdução à economia “Análise Social 10: Princípios de Economia” (comumente referida como “Ec 10”) para implementar o ensino neoliberal como dogma econômico dominante.

A recente trajetória do trabalho conservacionista está entre os exemplos dos que mais induzem ao medo. Em um artigo intitulado “*A Challenge to Conservationists*” - O Desafio para Conservacionistas, o antropólogo Mac Chapin descreve o fluxo de fundos corporativos e governamentais direcionados a três grandes organizações internacionais que dominam a agenda mundial de conservação – a World Wildlife Fund (WWF), a Conservation International (CI) e The Nature Conservancy (TNC) – e como “seus programas foram marcados pelo aumento de conflitos de interesses – e por uma perturbadora negligência dos povos indígenas, cujas terras eles estão no encargo de proteger.”

O que Chapin resume em seu artigo é um espelho do que aconteceu em muitos outros segmentos da sociedade durante as décadas passadas. Muitas agendas, não apenas a agenda de conservação, foram assumidas por interesses corporativos voltados para o lucro.

A ajuda humanitária, por exemplo, tem estado sob os holofotes. A lista de críticas é longa. *Living on the Edge of Emergency: Paying the Price of Inaction* - Vivendo no Limite da Emergência: Pagando o Preço da Inércia (é o título do mais recente relatório do *CARE International*), de Amber Meikle e Vanessa Rubin (2008). Outro título provocador é *Do No Harm: How Aid Can Support Peace—Or War* Não Prejudique: Como o Auxílio Pode Apoiar a Paz – ou a Guerra, de Mary B. Anderson (1999).

Quando realizei minha pesquisa de campo na África, todo trabalhador humanitário, particularmente “os mais experientes”, tinham lido o livro *The Road to Hell: The Ravaging Effects of Foreign Aid and International Charity* A Estrada para o Inferno: O Efeito Devastador do Auxílio Estrangeiro e da Caridade Internacional, de Michael Maren (1997). Esse livro descreve a destruição lenta dos ideais e da vida do trabalhador humanitário.

A educação também está se tornando uma mercadoria. Na introdução, eu mencionei que a quantidade total de empréstimos estudantis pendentes na América excedeu \$ 1 trilhão, em 2011, e que os americanos, hoje, devem mais em crédito estudantil do que no cartão de crédito. “*Academic Publishers Make Murdoch Look Like a Socialist*” – (Editores Acadêmicos Fazem Murdoch Parecer um Socialista) é o título provocativo de um artigo que revela que muitos editores acadêmicos cobram taxas enormes para o acesso à pesquisa. Igualmente provocativo é o documentário *College, Inc.* :

Mesmo em tempos difíceis, o negócio de \$400 bilhões da educação superior está florescendo. Em nenhum lugar isto é mais verdadeiro quanto em um dos setores dessa atividade com o mais rápido crescimento – e o mais controverso: o das faculdades e universidades orientadas para o lucro, que atendem a estudantes não tradicionais, que conferem, frequentemente, diplomas de graduação através da Internet e, ao longo do processo, conseguem captar, com sucesso, bilhões de dólares em ajuda financeira federal.

O setor da saúde não está isento de ser comoditizado. Harriet A. Washington, uma estudiosa de medicina e ética, analisa a indústria farmacêutica em seu livro *Deadly Monopolies* - Monopólio Mortal, de 2011. “*Gene Patenting Produces Profits, Not Cures*” - Patenteamento de Genes Produz Lucros, Não Curas, é o título sugestivo de um de seus textos.

A infância está sendo “vendida”, como explica Juliet B. Schor em seu livro *Born to Buy* - Nascido para Vender. Conforme mencionado na introdução, marqueteiros “desesperados”, de Disney à Versace, estão mirando em bebês com até três anos de idade, de forma agressiva.

Com relação à sexualidade das mulheres, escrevi em meu livro *Gender, Humiliation, and Global Security* - Gênero, Humilhação e Segurança Global:

Muito embora a sexualidade das mulheres não seja mais um tabu na cultura ocidental, podemos questionar se a sexualização dos corpos das mulheres da cultura ocidental é libertadora.

Mary Roach indaga: Quando a pesquisa sobre sexo passou de pudica para descontraída, e de descontraída para corporativa controlada? Como isso aconteceu e por quê?

Esta também é uma pergunta que me faço quando passo em frente a bancas de jornal que “machucam minha alma com as fotos brilhosas de pele de fêmea nua destinadas ao porta-moedas masculino”. Sinto um calafrio e medo de tal mundo, e acho que o medo é a melhor e mais racional reação.

Uma das coisas que o perigo faz a você, depois de um tempo é -bem, matar a emoção. Eu não penso que jamais sentirei algo novamente, exceto medo. Nenhum de nós pode odiar mais – ou amar.

—Graham Greene

CAPÍTULO 8: QUANDO AS ESCOLHAS FALSAS EXCLUEM AS ESCOLHAS IMPORTANTES

A coisa mais difícil de aprender na vida é qual ponte cruzar e qual queimar.

David Russell

A cientista social e ativista Riane Eisler chama a atenção para novas categorias sociais. Ela adverte para irmos além das dicotomias convencionais tais como religioso *versus* laico, direita *versus* esquerda, capitalismo *versus* comunismo, oriente *versus* ocidente ou industrial *versus* pré ou pós-industrial. Podemos aumentar essa lista com realismo *versus* idealismo, altruísmo *versus* egoísmo, interesse pessoal *versus* interesse comum, coletivismo *versus* individualismo, unidade *versus* diversidade, governo grande *versus* governo pequeno, mão visível *versus* mão invisível, mulheres *versus* homens, globalização *versus* localização, e assim por diante.

Dicotomias inadequadas criam o que o psicólogo Jean Baker Miller chama de *falsas escolhas*. O que é necessário, inversamente, é o que Miller chama de *arranjos alternativos*.

O filósofo Frithjof Bergmann faz seguinte comentário sobre as escolhas:

“Nos muros de fundação de Nova Iorque, há duas questões que apontam para fora como facas: sim ou não, a liberdade significa ter escolhas, e se for o caso, são aquelas escolhas como nós as experimentamos agora, irremediavelmente e absolutamente limitadas? Imagine você oferecendo a um vegetariano a escolha entre carne de porco ou carne bovina; o quanto de liberdade, exatamente, você concedeu com aquela escolha? Se é que há alguma. Será que a escolha de candidatos

políticos pode ser, com muita frequência, como uma escolha entre carne de porco ou carne bovina? E, quando vamos às compras, andamos longos corredores e escolhemos entre uma proliferação de coisas inúteis que não queremos? Espero que essas questões lancem uma luz na pergunta que muitos fizeram em coro: Livre? Realmente? Durante os 200 anos passados? Se somos livres, então a liberdade, certamente, não correspondeu às expectativas que ela levantou outrora, de forma brilhante.”

As escolhas falsas são criadas e mantidas vivas de muitas formas. Enquanto o mundo entra em colapso, muitos vão às compras. *Panem et circenses*, “pão e circo” (ou “pão e jogos”) foi a maneira como os romanos desviavam do que realmente estava em risco. Kathleen Morrow, quando fazia a leitura deste manuscrito, perguntou: “Evelin, você sabe que o conselho do presidente Bush aos americanos, após o 11 de setembro, foi ‘Vão às compras. Não deixem este evento horrendo destruir nossa economia?’”

Presumivelmente, a maioria das pessoas concordaria que não é uma boa idéia sucumbir e ser levado à impotência – e que quem quer que seja o culpado deveria parar de desempenhar o papel de inocente útil. Deveríamos assumir nossas responsabilidades, nós, como humanidade como um todo, se somos culpados.

Primeiro, precisamos entender melhor de onde as escolhas falsas vêm, e por que somos tão facilmente enganados.

As escolhas falsas podem ser criadas e mantidas vivas, entre outras coisas, através da dinâmica da humilhação. O grau de humilhação não é receptivo à moderação equilibrada. A humilhação fomenta sentimentos fortes e sentimentos fortes levam à visão limitada. Ciclos de humilhação podem criar dogma e inimizade. Eles podem criar escolhas falsas entre *posições*, ocultando o fato de que pode haver um *interesse* compartilhado importante (a teoria da negociação ensina que o *interesse* pode nos colocar

juntos, quando uma posição nos separa, ver também o capítulo 10). Desta forma, a humilhação passada pode encobrir deliberações contemporâneas e levar a resultados defeituosos, os quais, por sua vez, acarretam efeitos de humilhação no futuro de todos. Uma das mais tóxicas consequências da humilhação é o que James Edward Jones, professor de Religiões do Mundo e Estudos Africanos, chama de *síndrome de isenção ética pós-vítima* de “se eles me humilham, eu posso humilhá-los.”

Uma predileção inicial para aderir a narrativas de humilhação pode fluir a partir de experiências pessoais - experiências de humilhação da infância que colorem experiências subsequentes. Experiências coletivas vêm em primeiro lugar – por exemplo, memórias de humilhação recíproca que permearam os tempos da Guerra Fria. Dogma e inimizade, por sua vez, podem instrumentalizar para dividir e reger estratégias. Adolf Hitler fez isso, como fizeram os *genocidas* Hutu em Ruanda. Sob o manto de remediar a humilhação nacional e étnica, eles começaram a sequestrar as instituições de seus países.

Neste livro, falamos muito sobre revoluções e como elas podem começar com anseios por liberdade, e depois se desvirtuam. O que denominamos de “revolução” poderia ser interpretado como uma expressão de uma mudança de *Zeitgeist* - espírito do tempo - que está em curso. Geralmente há uma vanguarda; depois, há uma maioria que está indecisa, e há aqueles que ficam a reboque. A revolução é, frequentemente, impulsionada para frente pela vanguarda. Esta vanguarda pode, contudo, prejudicar suas próprias metas quando empurra essas metas de forma muito precipitada e agressiva. Movimentos de liberação que são conduzidos de forma muito combativa e com muito confronto correm o risco de desencadear ciclos de humilhação que podem desacreditar e reverter até mesmo as transições necessárias mais urgentes.

Minha vida mundial abrangente me proporcionou uma posição privilegiada para assistir às mudanças *Zeitgeist* - espírito do tempo -, uma vez que minha integração global me propiciou um profundo entendimento

de muitos domínios culturais. Em nossa rede de Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação, faço, frequentemente, alusão à revolução dos direitos humanos como “a primeira revolução contínua” da História, e também a primeira revolução que não pode se contentar em apenas dismantelar os dominadores. Ela deve construir sistemas de dignidade e deve fazer isso com dignidade. Linda e eu chamamos isso *de agir em conformidade com aquilo que se diz*.

A História fornece muitos exemplos de ciclos de humilhação que causaram danos significativos, através da criação de falsas escolhas. Eu reuni uma quantidade de casos em um de meus livros. Entre os exemplos recentes mais gritantes e de mais longo alcance em nível internacional – de longo alcance com relação à crueldade e sofrimento – é a humilhação que os americanos sentiram em resposta ao notório incidente na Somália, em 1993. O cadáver de um soldado americano foi arrastado por uma multidão enfurecida nas ruas de Mogadíscio. Este incidente fez com que a intenção da América de ajudar o povo Somali se tornasse uma humilhação nacional. Consequentemente, a América retirou-se do país. Ao final, essa humilhação custou a vida de mais de 800.000 pessoas (o número pode ter sido muito maior). Quando o genocídio começou em Ruanda, em 1994, a comunidade internacional deixou os ruandeses se espartilharem, uns aos outros, porque ninguém desejava ter uma “segunda Somália.” Intervenção *versus* não intervenção tornou-se uma falsa escolha através da dinâmica da humilhação.

A dinâmica da humilhação pode ter também subsidiado a batalha do “bem contra o mal” que permeia a História americana desde os seus primeiros dias e apresenta o comportamento americano na arena internacional. A prontidão americana para se colocar contra a opressão é amplamente admirada e bem recebida quando a opressão é real. Ela pode ser desastrosa quando a opressão é imaginária. Uma atitude “prepare-se para lutar” da América, às vezes, cegamente odiada, pode ter suas origens em trauma que foi transmitido de geração para geração. Em muitos casos, as razões pelas quais muitos dos primeiros imigrantes americanos deixaram

a “Velha Europa” acarretaram experiências pessoais de humilhação. E as crianças americanas, em idade escolar, aprendem que a Revolução Americana foi uma liberação da opressão britânica.

Em um de meus livros, eu dedico grandes seções de um capítulo dirigindo-me ao povo americano, convidando-o a colaborar com o resto do mundo. Quando trabalhei como psicóloga clínica e conselheira no Egito, muitos pacientes americanos vieram a mim (que estavam vivendo lá ou estavam em viagem pelo Egito). Fiquei estarrecida ao descobrir os grandes sofrimentos que jazem acumulados na memória da coletividade americana, não apenas dos ex-escravos americanos e povos indígenas, mas também de sua população branca. Eu parafraseio e resumo o que ouvi de meus pacientes sobre este legado:

Nossos antepassados não emigraram para os Estados Unidos porque precisavam de um passeio casual de verão. Eles escaparam de lugares nos quais não eram bem-vindos, eram mal compreendidos, ou mesmo humilhados. Devido à extraordinária bravura e perseverança, eles construíram um mundo melhor, um mundo que se tornou o alvo da inveja global; inveja com conotações negativas e positivas. O antiamericanismo é a tendência negativa desta inveja, enquanto imitar a América é o seu aspecto positivo. Ambas as reações confirmam a preeminência da América. Nossos antepassados foram outrora humilhados e vitimizados. Se somos humilhados e vitimizados hoje, iremos prevalecer novamente. Consideramos como nossos amigos aqueles ao redor do mundo que são capazes de apreciar nossas conquistas, e como almas fracas ou inimigos, aqueles que não podem apreciá-las.

Leitores na Europa acreditam, frequentemente, que a Europa e a América estão em pleno acordo e juntos formam o grosso do “Ocidente”. Eles podem não conseguir ficar cientes do quanto a Europa pode ser menosprezada como “Velha Europa” (muitos se lembrarão das observações de Donald Rumsfeld na perspectiva da guerra do Iraque de 2003) e como “Europa socialista”. Mitt Romney, candidato à presidência dos EUA pelo

Partido Republicano, em 2012, afirmou: “O que o Presidente Obama é, é um grande gastador liberal. E ele toma sua inspiração política na Europa e nos socialistas-democratas na Europa. Advinhar o quê? A Europa não está funcionando na Europa. Ela não está vindo trabalhar aqui. Eu acredito na América. Acredito na oportunidade e na liberdade que existe na América, na oportunidade e na liberdade. Acredito no livre empreendimento e no capitalismo.

Não apenas o nível internacional é afetado. A humilhação pode também impactar negativamente a coesão nacional. Nos Estados Unidos, sentimentos de humilhação alimentam a *honra sulista* e dificultam o relacionamento entre seus conservadores e progressistas. Sentimentos de humilhação causaram a “reação branca – especialmente a reação branca sulista – contra o movimento dos direitos civis... criando a oportunidade para um empurrão importante para enfraquecer o New Deal,” escrevem Paul Krugman and Robin Wells.

A guerra civil americana pode ter sido alimentada pela honra sulista (e ainda a alimenta), que o historiador Bertram Wyatt-Brown descreve em seu trabalho e explica em nosso encontro anual “*Workshop on Transforming Humiliation and Violent Conflict* - Workshop sobre a Transformação da Humilhação e Conflito Violento”. Os psicólogos sociais Richard Nisbett e Dov Cohen estudam a psicologia da violência na cultura da honra, no sul dos Estados Unidos. Eles examinam o efeito da cultura em respostas agressivas, comparando a violência de brancos não hispânicos no sul da América com o norte. A honra que Cohen e Nisbett observam é do tipo que opera nos ramos mais tradicionais da Máfia, ou, mais genericamente, em feudos sangrentos. David Hackett Fischer relata que os sulistas na América “apoiaram fortemente toda guerra americana, não importando qual fosse, ou contra quem ela era.” A recente política externa, dos governos de Reagan a George W. Bush, foi legitimada pela honra americana do sul, ou pela lógica implícita do “porque eles querem nos humilhar, devemos nos preparar para humilhá-los.” De fato, Henry Kissinger é citado dizendo: “Eles querem nos humilhar e nós temos que humilhá-los.”

No que tange à relação dos conservadores e progressistas americanos, Jean V. Hardisty tem muito a dizer. Ela é fundadora e presidente emérita do centro denominado *Political Research Associates - PRA*, instituição que analisa as tendências da direita, autoritária e antidemocrática. Escreveu um livro intitulado *Mobilizing Resentment: Conservative Resurgence From the John Birch Society to the Promise Keepers* - Ressentimento de Mobilização: A Ressurgência Conservadora da Sociedade de John Birch aos Guardiões de Promessa. Hardisty descobriu que os conservadores anseiam por uma coisa: o respeito. O rancor partidário do movimento Tea Party, os discursos do locutor da *American radio* e comentarista político conservador Rush Limbaugh, ou a Conferência Anual *RightOnline* (Direta Online) da Fundação *Americans for Prosperity* (capítulo 2) expressam um ressentimento venenoso que parece ser alimentado pela dinâmica da humilhação do passado, mal projetado em relação a problemas atuais e medos futuros. Como resultado, os Estados Unidos estão desestabilizados por dentro.

Incidentalmente, “socialismo” e “capitalismo” compartilham uma base comum considerável. O historiador Thomas Parke Hughes estudou a União Soviética nos anos 1920 e 1930 e mostra que conceitos como o do Plano Quinquenal e a economia planejada centralmente eram baseados no Fordismo e Taylorismo americanos. Hughes descreve como o interesse comum entre a América e a União Soviética foi negado mais tarde, por causa da rivalidade de quem é melhor em humilhar o outro.

Ainda hoje, sentimentos de humilhação, inclusive sentimentos de triunfo sobre o colapso da União Soviética – triunfo ao ter humilhado o humilhador com sucesso – pode manter o pensamento contemporâneo congelado em escolhas passadas e excluir urgentemente a reflexão necessária sobre futuros radicalmente diferentes.

O que é necessário agora é uma liderança global que esteja ciente dessas dinâmicas e seja capaz de transcendê-las. O Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, identificou o único problema mundial mais

destrutivo, quando ele disse “a maior crise é a falta de liderança global.” Seu discurso foi intitulado “Um Chamado para a Liderança Global.” Contudo, como relatou o ex-presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, “O que funciona na vida real são pessoas se reunindo, com perspectivas diferentes e descobrindo como resolver problemas. Cooperação funciona. O que funciona em política é o conflito.”

Falta de liderança global é porque, verdadeiramente, a ação coletiva da comunidade global pode nos salvar na conjuntura atual. Novos Rosa Parks e Nelson Mandelas devem se reunir, conduzido pela *global street* (ver prefácio e capítulo 2). David A. King, chefe conselheiro científico do Reino Unido, de 2000 a 2007, agora diretor da *Smith School of Enterprise and Environment*, da Universidade de Oxford, enfatiza a singularidade deste desafio, a necessidade de uma ação global coletiva.

Morton Deutsch nos apoiou na fundação do nosso periódico *Journal of Human Dignity and Humiliation Studies*. Em 2006, ele escreveu:

O problema chave no que diz respeito à Declaração Universal dos Direitos Humanos é a *implementação*. Em parte, porque a falta de implementação resulta de relações opressivo-humilhantes, onde aqueles no poder dominador receiam sofrer considerável perda material, assim como a degradação, caso as relações opressivas forem substituídas por relações cooperativo-igualitárias. Em parte, a falta de implementação resulta da falta de conscientização de que as relações não devem ser opressivas ou humilhantes, de que tais relações não são um estado natural e inevitável de ser que deve ser aceito. A falta de conscientização, uma conscientização política de que uma relação melhor é possível, muitas vezes, existem em ambos: o oprimido e o opressor. Em parte, resulta de nossa falta de conhecimento de como introduzir as mudanças que facilitariam as transições humanas pacíficas, passando de relações opressivo-humilhantes enraizadas a relações mais cooperativas e igualitárias.

As relações opressivo-humilhantes existem em todos os níveis – entre nações e dentro das nações, entre e dentro de grupos étnicos e religiosos, entre os sexos e dentro de nossas diversas instituições (família, escola, local de trabalho, política, serviços de saúde, etc). Não precisa ser algo extremo e envolver o sistema jurídico (como na escravidão, no *apartheid* ou na ausência do direito de votar) nem violento (como em sociedades tirânicas). Pode tomar a forma de relações opressivo-humilhantes “civilizadas”. Tais humilhações “civilizadas” ocorrem como consequência de pressupostos inconscientes e reações de pessoas mais favorecidas financeiramente, em interações comuns que resultam de normas, hábitos, símbolos incontestados, e as regras incorporadas e os estereótipos existentes em várias instituições.

Quando escolhas falsas ameaçam comprometer nosso futuro, o caminho para previsão é o reconhecimento humilde de nossos limites, o caminho da humildade no espírito da noção budista do *abandono de si mesmo*. Louise Sundararajan e o conceito de cognição como diálogo foram apresentados no capítulo 4. A humildade significa o reconhecimento de que todos nós fazemos parte de um diálogo mais amplo e que, quando sentimos que algo está “correto”, isto não significa que está correto, significa apenas que faz sentido em um determinado contexto, em um certo período da história. O problema com crenças é que elas têm duas funções, diz o cientista político Robert Jervis. Primeiro, precisamos de crenças para entender o mundo e testar a realidade. Segundo, precisamos delas para viver com nós mesmos e com os outros. O resultado pode ser dissonante – o imperador está sem roupas e não ousamos olhar, muito menos falar nisso.

A humildade é o que eu defendo em todo o meu trabalho. No meu caso, a vida em si me tornou humilde; o deslocamento e a vida global arracaram de mim, muitas vezes, de forma dolorosa, qualquer arrogância que eu possa ter abrigado. Admito, humildemente, que ser atraído por falsas escolhas acontece rapidamente. Linda e eu temos um pacto: nós nos ajudamos, uma a outra, a ver. Isto porque, por definição, ninguém pode escapar do fato de que somos cegos para com a nossa própria cegueira.

Quando as escolhas falsas abundam, parece que é oportuno perguntar, humildemente, quais podem ser as escolhas verdadeiramente difíceis. Estariam as escolhas verdadeiramente difíceis relacionadas com a cultura de saque, tendo em vista que, caso seja possível, ela é tão excepcionalmente “exitosa”, ao menos no curto prazo? O saque livre necessita apenas de insensibilidade por parte dos saqueadores e algum grau de cegueira ou cumplicidade involuntária por parte dos assaltados.

Parece oportuno que nós, a família dos humanos no planeta Terra, abramos nossos olhos e não mais sejamos cúmplices do jogo dos saqueadores. Como foi ressaltado em muitos lugares neste livro, o saque está destinado a perder sua viabilidade como estratégia para o sucesso, quanto mais interdependente fica o mundo. A pilhagem “funciona” melhor em um mundo fragmentado, onde as vítimas estão divididas. Em outras palavras, existe a possibilidade para fazer alguma coisa sobre isso agora – se nós nos unirmos.

Pode ser a hora de nos conscientizarmos de que as elites no poder ao redor do mundo procuram se parecer umas com as outras, qualquer que seja a ideologia que elas defendem, precisamente porque muitas delas são assaltantes, em primeiro lugar e acima de tudo. Primeiro, assaltam recursos e, em seguida, empregam-nos para se apropriarem do resto, enquanto a ideologia fornece o suporte. O resultado não é felicidade, nem para os assaltantes, pelo menos no longo prazo, e nem para os assaltados.

De fato, podemos observar elites de qualquer cor cercando-se de adornos de privilégio aristocrático, mesmo sendo apenas em segredo. Documentos de impostos de Hitler foram descobertos, recentemente, mostrando o quanto ele fingiu viver a vida frugal de um idealista: ele era um multimilionário que recusou pagar até os mínimos impostos. Em 2009, eu passeava em Waldsiedlung, perto de Berlin, onde Erich Honecker, líder comunista alemão da República Democrática Alemã, enquanto supostamente servia seu povo na modéstia, cercou-se em segredo de bens de luxo do inimigo capitalista. No mesmo ano, admirei as fantásticas vilas

em Maui, no Havaí. Eu vi que alguns dos mais ricos compreenderam, de fato, o que é qualidade de vida real, e que eles usam suas influências para ficar longe da toxicidade das imitações de luxo, produzidas em massa. No caso de Maui, a praia em frente das vilas é deixada intocada, intencionalmente, evitando o glamour de Wakiki.

Novamente, seriam as escolhas verdadeiramente difíceis aquelas que previnam a manifestação da cultura de saque e, em vez disso, insistam na dignidade? Seriam as escolhas verdadeiramente significativas consistentes em recusar os saqueadores em potencial que governam com diversão e divisão? Seria a hora de agarrarmos verdadeiramente a oportunidade que temos, quando um aumento na interdependência global abre uma janela para guardarmos a dignidade de todos nós e a de nosso planeta?

Gar Alperovitz, no 31º Ciclo Anual de Palestras E. F. Schumacher, em Nova Iorque, em 5 de novembro de 2011, explicou que, enquanto ele fala sobre queixas reais na vida, as pessoas de todas as proveniências e convicções políticas tendem a concordar, porque elas veem seus interesses compartilhados. O problema começa quando ele fala sobre ideologia. Então, nós podemos acrescentar que a dinâmica da humilhação esclarece a análise e cria posicionamentos ideológicos divisórios (e a dinâmica da humilhação pode ter sido instigada para alcançar exatamente esse objetivo).

Levar em consideração a lição de Alperovitz significa dar um passo atrás em relação a posições ideológicas e considerar nosso interesse comum em dar aos nossos filhos um mundo no qual não vale a pena se viver. As divergências significativas não ocorrem entre algo como socialismo e capitalismo, mas entre maioria e minoria, sendo que esta última usa as massas para seus fins, saqueando os bens comuns.

Hitler utilizou a dominação ariana em resposta à humilhação nacional como uma isca para as massas. O capitalismo de cassino é mais direto; defende o saque como seu objetivo principal e convida a todos a participarem do estrago, fazendo todos acreditarem que estando entre os

vencedores – seja como assaltantes ou como consumidores de lucros - estão servindo ao interesse comum. Isto é feito sob a bandeira da liberdade para todos, para não ser impedido por nenhuma “opressão” vindo de cima, seja ela representada por um monarca autocrático ou um líder comunista, ou um “governo grande”. E esta narrativa se enquadra especialmente como “correta” nos Estados Unidos, com base nas experiências históricas americanas.

Recentemente, eu testemunhei o orgulho do sentimento americano de liberdade em uma fração de segundo. Estava arrumando frutas em um prato para uma reunião. Em vez de jogar fora uma fruta ligeiramente amarronzada, porém ainda comestível, eu a comi. Eu não quero desperdiçar recursos valiosos. Meu amigo americano gritou: “Eu nunca faria isso! Sou americano! Não preciso comer um alimento que não está perfeito!”

Eu entendo a rejeição visceral de Ayn Rand em relação à opressão. Eu também entendo a rejeição visceral dos americanos às restrições da “Velha Europa” e a qualquer opressão socialista ou comunista. Sou americana quando estou na Europa e europeia quando estou na América – eu vejo a necessidade de mais ação quando estou na Europa e a necessidade de mais planejamento quando estou na América. Entendo, também, como um governo pode se tornar um inimigo odiado, em vez de “um de nós”. Na Europa continental, mais ao norte, o governo faz “parte de nós”, e isto diminui progressivamente quanto mais se chega ao sul, até chegar na Grécia ou na Itália, onde, tipicamente, não se confia no governo. A exceção é a Grã-Bretanha. A cultura anglo-saxã é de certa maneira distante da cultura da Europa Continental. O livro *North and South* da romancista Elizabeth Gaskell torna palpável o espírito imperialista de pilhagem da aristocracia britânica que parece permear a Cidade de Londres.

Qual é o caminho para o futuro?

Seria a hora de reconhecer que, sempre que uma sociedade, inclusive a comunidade global, não é capaz de criar estruturas de governança que

zela pelos seus semáforos - para usar a metáfora do tráfego (capítulo 3) - o resultado é indignidade e humilhação estrutural em um mundo *indecente*? Os consumidores, acreditando estar desfrutando dos lucros do saque, podem precisar enfrentar a verdade da matéria, ou seja, que *eles são o produto*; plataformas sociais como o Facebook fizeram uma arte dessa abordagem. E tudo isso é mantido no lugar por *panem et circenses* e por um individualismo que assegura que os governados sejam mantidos divididos.

Talvez seja a hora de reconhecer que não existem escolhas fáceis. Há *complexidade*. Yves M. Musoni, de Goma, Congo, me enviou o provérbio Kinyarwanda: “Um pássaro não pode saber onde o sorgo está pronto para ser colhido, a menos que ele voe” (capítulo 3). Ele nos escreveu sobre complexidade (T. Irene Sanders escreveu muito sobre este tópico).

O livro de Irene Sanders é minha bíblia. Eu não posso me separar dele. Desde que o li, eu aprendi como voar e entender profundamente minha comunidade, meu país, minha região, meu continente, e nosso mundo global aberto. Para mim, não é questionável pensar, essencialmente, em pesquisadores e acadêmicos em termos de exploradores dos dias modernos em nossa terra desconhecida. Eu concordo plenamente com ela que nenhum de nós nunca viveu em um tipo de mundo como o mundo em que vivemos hoje, e nenhum de nós alguma vez já esteve no futuro. Assim como todo explorador, cada um de nós, de nosso próprio jeito, tem alguma coisa para compartilhar com outros. 46

Para que a complexidade seja respeitada e adotada, precisamos abrir espaço para *fantasiar coletivamente* (Charles Villa-Vicencio, em 12 de novembro de 2011, na Cidade de Nova Iorque, ver capítulo 12). Nesse espaço, nós precisamos reunir tantas idéias quanto possível, e então testá-las. Não deveríamos mais permitir que dogmas ideológicos rígidos nos fossem impostos. Agora é hora para se ficar atento às escolhas relevantes e não ser enganado por escolhas falsas.

Como podemos fazer isso? O capítulo 10 recomenda o que Linda chama de *ouvindo atentamente*. O capítulo 12 indica abordagens indígenas para consulta e formação do consenso.

Ontem, eu estive com Claudia E. Cohen, Diretora Associada do *International Center for Cooperation and Conflict Resolution* - Centro Internacional para Cooperação e Resolução de Conflito, no Centro de Formação de Professores da Columbia University. O que ela me disse sobre o conceito de *curandeiros feridos*; a necessidade de evitar que se ressalte o “nós, os colaboradores” com relação a “vocês, os assistidos”; a necessssidade de questionar profundamente as categorias prevalentes e as medidas de “sucesso”, soa como um modelo de cura para um mundo prejudicado no geral. Cláudia trabalha com ex-encarcerados em Nova Iorque, e fiquei surpresa com a similaridade com o trabalho de Carmen Hetaraka com encarcerados Maori, na Nova Zelândia. O que Cláudia e Carmen têm em comum é o questionamento profundo. Elas criam uma nova linguagem e novos conceitos, uma vez que a realidade das comunidades frágeis que ficaram de fora das categorias prevalentes não se encaixa na ideologia convencional.

Cláudia Cohen é uma especialista em pesquisa-ação participativa – PAP da mesma forma que Maggie O’Neill. Maggie trabalha com indivíduos, grupos e comunidades, usando a etno-mimese para criar mudança³⁸⁰. Maggie é membro do conselho consultivo global da nossa rede de Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação:

Maggie tem uma reputação por desenvolver um trabalho cultural inovador para imaginar novas formas de entender e articular as experiências de crime e vitimização, que rompem fronteiras disciplinares e expandem e avivam os horizontes metodológicos da criminologia cultural. Seu conceito teórico de etno-mimese (a interconexão de trabalho etnográfico sensível e representações visuais) é uma ferramenta metodológica, como também um processo para explorar experiência vivida, deslocamento, exílio, sentimento de pertencer e humilhação.

Abordagens como a da etno-mimese podem nos auxiliar a enfrentar, construtivamente, sentimentos de humilhação. Sentimentos de humilhação que alimentaram as reações entre os brancos no sul dos Estados Unidos, juntamente com os sentimentos de humilhação que sobraram da Guerra Fria, podem destruir o futuro de toda a humanidade, caso nós não os resolvamos. Escolhas falsas, como as escolhas alegadas entre socialismo e capitalismo, entre esquerda e direita, ou entre governo grande e pequeno devem ser transcendidas. Não seria um tanto sugestivo que o governo da Coreia do Norte seja muito grande e o da Somália muito pequeno? Não devem ambos, *o muito grande e o muito pequeno*, ser evitados? Não há “escolha” entre um ou outro.

Um alerta por esclarecimento parece oportuno: vamos parar de ter nossas visões encobertas por *panem et circenses* e por dinâmicas de humilhação artificialmente estimuladas. Vamos recusar convites para diversão e divisão. Vamos recusar que escolhas realmente relevantes sejam negligenciadas.

Vamos, humildemente, investir em coletivamente questionar quais escolhas são falsas e quais são imperativas e vamos permanecer nesta exploração. Em vez de reagir com reacionismo frenético, vamos agir no longo prazo e sabiamente. Vamos nos posicionar em favor de alguma coisa.

A menos que nós defendamos alguma coisa, seremos derrotados por qualquer coisa.

—Peter Marshall

CAPÍTULO 9: QUANDO NOSSAS ALMAS SÃO FERIDAS PELO MODELO DO *HOMO ECONOMICUS*

O teste da democracia não é a magnificência de prédios ou a velocidade de automóveis, ou a eficiência do transporte aéreo, mas sim o cuidado dispensado ao bem-estar de todas as pessoas.

Helen Keller

O que é dano psicológico? Será que toda uma sociedade pode estar doente? É possível que uma sociedade inteira possa estar psicologicamente afetada? Será que uma sociedade pode prejudicar seus membros?

Todos nós “participamos de uma cultura onde uma coisa é pregada e outra coisa é feita,” escreve a autora e psicoterapeuta Carol Smaldino. Carol é uma grande pensadora e ela sempre lembra nossa rede de Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação de nossas *sombras*, e a necessidade – caso queiramos crescer – de enfrentar nossas sombras, em vez de encobri-las ou voltarmos nossas costas para elas.

Yves M. Musoni, outro grande pensador, de Goma, Congo, de nossa rede de Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação, nos escreveu:

Em Ruanda, antes de 1994, mais de 60% da população se denominava cristã. Contudo, no genocídio Tutsi, muitos – se não a maioria, incluindo os “homens de Deus” (padres, bispos, pastores, etc.) que pregavam o amor – falharam em construir um elo entre palavras e ações. Muitos mataram, sobretudo Tutsis, mesmo nas igrejas. Como eu vejo, o genocídio Tutsi foi mais do que um festival. Era como uma festa nacional que durou mais de cem dias para terminar. É incontestável que muitos ruandenses, incluindo líderes

religiosos, se deleitaram em matar as vítimas do genocídio dinâmico de Tutsis, como Girumuhatse, que confessou a Philip Gourevitch, que matar, para ele, tornou-se um prazer. Ele disse que no início era para agradar o governo. Depois, ele desenvolveu um gosto por isso:

“Eu caçei e capturei e matei com entusiasmo real. Não era como trabalhar para o governo, era como trabalhar para mim mesmo.” Ele disse: “Eu ficava muito, muito empolgado quando eu matava. Lembro de cada uma das mortes. Sim, acordava toda manhã entusiasmado para ir para dentro da mata. Era uma caçada do tipo cace o humano.” Ele disse: “O genocídio era como um festival. Ao fim do dia, ou a qualquer hora, havia uma ocasião em que nós tomávamos uma vaca dos Tutsis e a esquartejávamos e a grelhávamos e bebíamos cerveja. Não havia mais limites. Era um festival. Nós celebrávamos.”

Musoni concluiu sua mensagem, afirmando que ele acreditava firmemente que, globalmente, nós precisamos mudar nossas formas de pensar, caso nós desejemos prevenir muitos conflitos, guerras, genocídios, ou terrorismo internacional, se quisermos nos proteger do *hegemonocídio*. Ele cunhou esse termo para explicar uma das muitas razões pela qual a maioria dos Hutus pode pensar que o *indenticídio*, ou guerras contra os Tutsis ou “povo Nilótico”, na Região dos Grandes Lagos da África, pode ser justificável.

Aquilo a que Musoni faz alusão é o *desconhecimento* (falso reconhecimento), *naturalização*, e a *penetração* que resulta da ação “de tratar o cachorro de linhagem superior como cachorro inferior”, ou o que eu chamo de “arte da dominação”. Para ilustrar isso, uso com muita frequência o exemplo da tradição chinesa dos pés amarrados - hoje uma prática ilegal - que durou um milênio inteiro. As mulheres chinesas queriam se mutilar em prol da preferência da elite dominante por pés com o formato de flor de lótus.

O triste “sucesso” da arte da dominação é notoriamente manifestada em tais terríveis atrocidades como em Ruanda, mas afeta também as vidas “normais” de cidadãos em partes do mundo que se consideram “desenvolvidas”. Talvez não seja sempre tão escandalosamente evidente como em Ruanda, mas isto não deve nos enganar para negligenciá-lo. Segue uma citação de um artigo recente no *New York Times*:

Infelizmente, muitas empresas atualmente mantêm o quadro de pessoal e recursos a um mínimo, e isto faz com que a progressão dos empregados se torne uma luta. A maioria dos gerentes não entende as consequências negativas dessa luta. Quando nós pedimos a 669 gerentes de empresas ao redor do mundo para listar cinco fatores de motivação para os empregados, em termos de sua importância, eles listaram “apoio ao progresso” como o último da lista. Ao todo, 95% desses gerentes falhou em reconhecer que progresso no trabalho significativo é o fator motivador primordial, bem acima dos incentivos tradicionais como aumentos e gratificações.

As pessoas dizem que “incentivo importa” e que ninguém trabalharia se não fosse empurrado ou puxado – seja humilhado em conformidade ou recompensado com incentivos.

Eu concordo com Mohammad Yunus, quando ele diz que pensar em humanos como seres altamente dotados de interesses próprios, maximizadores de recursos é uma visão muito estreita (ver também o capítulo 5). Sua visão está em conformidade com o trabalho dos filósofos Martin Buber em *Philosophy of Dialogue* - Filosofia do Diálogo, o trabalho de Emmanuel Lévinas (1906-1995) sobre a *face do outro*, ou na ênfase de Victor Frankl acerca de *significado*.

Como mencionado no prefácio, eu me sinto pessoalmente humilhada quando as pessoas esperam que eu aja unidimensionalmente, como um

mero *Homo economicus*. E sou multidimensional e, primeiramente e acima de tudo, eu sou uma *Homus amans*, um ser amoroso. Minha felicidade não aumenta com mais dinheiro. Minha mente trabalha de acordo com o *Paradoxo Easterlin* (observado pelo economista Richard Easterlin) que afirma que mais dinheiro não cria necessariamente mais felicidade. Para mim, é suficiente que ele atenda minhas necessidades materiais básicas. Eu não extraio nenhuma motivação e nenhum significado de aspirar por mais *status*, através de posição ou remuneração monetária. Eu anseio por mais *estatura* como ser humano, inserida em nossa comunidade humana e ao seu serviço.

O autor Charles Eisenstein escreveu:

Onde quer que eu vá e pergunte às pessoas o que está faltando em suas vidas, a resposta mais comum (caso eles não estejam empobrecidos ou seriamente doentes) é “comunidade”. O que aconteceu com a comunidade e por que nós não a temos mais? Existem muitas razões – o *layout* dos subúrbios, o desaparecimento do espaço público, o automóvel e a televisão, a alta mobilidade das pessoas e dos empregos – e, se você procura os “porquês”, a uns poucos níveis mais abaixo, todos eles envolvem o sistema monetário.

Seymour M. (Mike) Miller é um sociólogo economista-político e ativista. Ele escreveu para Linda Hartling: “Meu livro de 40 anos atrás (com Pam Roby), *The Future of Inequality* - O Futuro de Desigualdade, foi um dos primeiros livros a ampliar a discussão sobre a pobreza, muito antes do vencedor do Prêmio Nobel, Amartya Sen (que foi inicialmente contrário a esta ampliação)”.

Miller é coautor de *Respect and Rights* - Respeito e Direitos, autor de *A The Fourth Way* - A Quarta Via, e cofundador e membro do conselho da organização *United for a Fair Economy*. Ele é também diretor do Projeto

sobre Desigualdade e Pobreza, do Commonwealth Institute em Cambridge, Massachusetts, e membro do conselho consultivo de nossa rede de Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação. Ele está profundamente preocupado com o seu país, a América:

Se for amplamente aceito que a expansão do consumo de um lar é a necessidade e a meta dominantes, então o auxílio àqueles menos favorecidos, mediante o pagamento de impostos empregados em programas sociais, ganha menos apoio. Se a preocupação principal é superar uns aos outros, competitivamente, no que se refere a assuntos do lar, mobiliário, roupas, etc, então, é difícil pensar na deterioração que está ocorrendo fora de nossos enclaves um tanto privilegiados. Se os americanos aspiram a comprar mais e mais coisas pessoais, ficarão relutantes em apoiar a criação de impostos para melhorar as estruturas e os equipamentos públicos da nação.

É provável que a necessidade materialista supere a atenção social e, desse modo, supere a atenção política de ampliar as necessidades e interesses nacionais. Os políticos estão relutantes em direcionar a atenção para questões que não receberão respostas altamente positivas. O materialismo desvia o foco das pessoas, das necessidades nacionais para as aquisições pessoais.

Isto contribui para o clima de especulação financeira e instabilidade, que o economista Hyman Minsky ressaltou como um dos grandes perigos do estágio atual do capitalismo. O americano perdulário, usando as palavras de Juliet Schor, pode ameaçar a estabilidade da economia. O alto gasto do consumo materialista pode resultar não apenas em períodos de prosperidade, mas em recessões profundas e prolongadas...

A vida americana está destorcida por sonhos de vida McMansion. Qualidades de cooperação, apoio mútuo e ligações entre as pessoas são colocadas para trás, uma vez que as pessoas acreditam que a obtenção de muito dinheiro e a conquista de vida luxuosa resolve a maior parte dos assuntos. A acumulação de bens ameaça a meta de redução das desigualdades. Isto porque comparações de acumulação entre domicílios não promovem a idéia de que todas as pessoas deveriam estar em condições muito mais do que menos similares. Particularmente inquietante, diz Miller, é o fato de muita atenção ir para o consumo de cultura popular. O resultado é a redução da ação em questões importantes. Ele se refere ao livro *Bowling Alone* - Jogando Boliche Sozinho onde o autor Robert Putnam culpa a televisão (e agora o vício da *internet* e do telefone celular) como responsável pelo desvio das pessoas do envolvimento cívico que caracterizou gerações anteriores. Miller continua:

O consumo elevado de bens também interfere nos esforços de melhoria das condições ambientais: um objetivo importante. Ameaça o meio ambiente em função de quais bens são produzidos, como eles são produzidos, distribuídos, servidos e dispostos. O consumo elevado resultante de sentimentos materialistas é um importante obstáculo à melhoria do meio ambiente.

Comercialismo, marketing, propaganda são os produtos do materialismo. A enxurrada de propaganda, a confiança da mídia em anunciantes, a penetração insidiosa de formas comerciais de pensar em todas as áreas da sociedade americana corrupta. (Nos Estados Unidos, mais de um trilhão de dólares ao ano são destinados à propaganda, uma

fatia considerável do PIB.) Isto encoraja a pensar em termos de si mesmo e na família, não em nossas necessidades comuns, interesses e obrigações para com os outros. (O poeta John Milton em *Il Penseroso*: “Portanto, vãs ilusórias alegrias.”)

Será que o materialismo, o comercialismo e a cultura popular estão concorrendo com o uso de *pães e circos* da Roma antiga? Será que o materialismo e os envolvimento da cultura popular generalizada estão atenuando as ações democráticas de base?

Por que as pessoas aceitam a cultura da humilhação? O filósofo, sociólogo e historiador Michel Foucault cunhou o termo *governamentalidade* para descrever um novo tipo de governo que surgiu na Europa durante o século XVI quando o feudalismo (uma forma anterior de governamentalidade) estava fracassando. Governamentalidade tornou-se possível novamente, através da criação de “conhecimentos” específicos (especialista ou profissional), assim como a criação de especialistas, instituições e disciplinas (por exemplo, medicina, psicologia, psiquiatria).

Ao que parece, a governamentalidade avançou da opressão aberta para encobrir a cooptação, através da “arte da dominação” mencionada acima. O escritor, jornalista e comentarista político Walter Lippmann (1889–1974), chamou a “manufatura do consentimento” de “arte nova” na prática da democracia. Seu contemporâneo, Edward Louis Bernays (1891–1995), sobrinho de Sigmund Freud, falou de “engenharia do consentimento.” Ele uniu os conceitos psicanalíticos de Freud aos trabalhos de Gustave LeBon sobre psicologia de massas e as idéias de Wilfred Trotter sobre os instintos do “rebanho.” Para expandir o mercado de cigarros, por exemplo, ele convenceu as mulheres a fumar usando imagens de mulheres fumando, como modelos de liberdade das mulheres. Tornou-se um dos fundadores do setor de Relações Públicas. O sociólogo e economista Thorstein Veblen (1857–1929) cunhou a expressão “consumo notório.”

No capítulo 8 de meu livro *Emotion and Conflict* - Emoção e Conflito, eu resumo:

O sucesso da manipulação encoberta reside na dependência humana em relação ao conhecimento tácito, o qual, por sua vez, torna os humanos inerentemente vulneráveis ao desconhecimento. E o desconhecimento pode ser eficientemente imposto pela manipulação de emoções e meta-emoções. Quem tiver poder de alavancagem suficiente achará vantajoso introduzir a honra hierarquizada como manipulação mestra, porque ela faz o poder parecer direito, e torna os inferiores suscetíveis a mais manipulação. Caso seja feito de forma inteligente, essas manipulações penetrarão e os subordinados rebaixarão suas dignidades, prejudicarão sua saúde e correrão risco de morte “voluntariamente”. A força global de emoções e a necessidade humana por pertencimento e reconhecimento aparecem como obrigações poderosas neste processo... Essa necessidade faz com que as pessoas fiquem vulneráveis para serem tornadas malignamente e furtivamente incapazes e ... inferiores inofensivos em sistemas hierarquizados – se as pessoas acreditam que elas podem aumentar seu sentimento de pertencer escalando o degrau do sistema hierarquizado, mesmo ao custo da automutilação, elas podem cair nesta arapuca, e assim o fazem (os pés amarrados, como um exemplo gritante). Eu chamo este processo de auto-humilhação voluntária, para ressaltar que ele pode ser desmascarado e desfeito, muito embora eu esteja ciente de que seria mais correto dizer que as pessoas são inconscientemente manipuladas na auto-humilhação.

A situação também pode ser vista a partir de outras perspectivas. Crianças podem ser ensinadas por adultos a renunciar à gratificação de prazo muito curto e muito centrada nelas mesmas. A boa parentalidade significa preparar os filhos para alargarem seus horizontes e pensar de

formas que são mais socialmente inclusivas e de longo prazo. “Crescer”, ou “tornar-se adulto” significa ser capaz de agir responsabilmente no longo prazo, não apenas em relação a si mesmo, mas também em relação aos seus entes queridos. Em nível societal, este trabalho de orientação “parental” é parcialmente delegado ao judiciário e serviços afiliados. O papel deles é o de empurrar, ou mesmo forçar os cidadãos a agirem de maneiras que a sociedade como um todo considera ser “maduro” e “crescido.”

O judiciário pode claramente desempenhar o seu papel se a sociedade o apoiar. A Alemanha nazista demonstrou como os padrões societais podem ser esgotados quando seus cidadãos não se *posicionam*, mas ficam *passivos*. Durante os anos nazistas na Alemanha, um pequeno grupo de líderes manipulou seus seguidores para que acreditassem que todos tinham que se sacrificar para o *Endsieg* (“vitória final”). Em dado momento, o judiciário foi afetado. Da população em geral aos juízes engajados no sistema jurídico, tudo e todos foram manipulados em uma orientação perversa.

Se desejamos, hoje, evitar trilhar caminhos similares, é importante entender as justificativas usadas para a manipulação. Em outro lugar neste livro, foi descrita a cultura do dominador, dos últimos 10.000 anos. Em um contexto de honra hierarquizada coletivista, a dominação é valorizada como alguma coisa que trás reconhecimento; a vitória é equivalente a ter conquistado a dominação. Durante os milênios passados, o sucesso na dominação, em contextos de sociedades de homens fortes, foi “comprovado” mediante a ostentação da habilidade do dominador de acumular recursos, seja construindo palácios cada vez maiores, seja possuindo rebanhos cada vez maiores, ou enchendo um harém com um número cada vez maior de mulheres.

Em tal contexto, a maneira mais radical para participar é alguém derrubar o seu superior e tornar-se o novo líder. Outra maneira é imitar as formas adotadas pelo dominador e usá-las com seus próprios inferiores, como, por exemplo, bater na esposa, nos filhos e em outros subordinados. Ainda, uma outra forma é obter ou imitar símbolos da elite. Através de

todos esses meios, a pessoa pode sinalizar como sendo parte da elite e tentar participar do reconhecimento que as elites recebem.

Muitos exemplos ilustram o quão longe a imitação pode ir e como pode ser dispendiosa. A tradição chinesa ilegal dos pés amarrados, mencionada acima, está entre os exemplos mais evocativos. Ela mostra o preço em termos de saúde e qualidade de vida que as pessoas estão dispostas a pagar por *status*. Porque um governante gostava de pés na forma de flor de lótus de uma de suas dançarinas, as mulheres chinesas sofreram durante um milênio inteiro.

Eu mesma testemunhei muitos exemplos parecidos durante aproximadamente 40 anos de vida global. Quando vivi no Egito, um bom amigo egípcio ficou rico. Quando o encontrei pela primeira vez, junto com sua mulher e seus dez filhos, ele vivia no meio de um labirinto de construções que haviam crescido organicamente na aldeia, perto da pirâmide de Gizé. A família fazia parte de uma grande rede de relações de vizinhança. Sua esposa, filhas e vizinhos costumavam sentar no pátio da casa e, juntos, cozinhavam suas refeições comunitárias. Ele e sua família estavam acostumados a descansar em almofadas e estofados macios, no chão de sua sala de estar, durante as noites, vendo televisão juntos.

Entretanto, com o dinheiro veio um esgotamento subalterno de qualidade de vida. A nova casa foi removida da aldeia para um conjunto atrás de muros altos, com um portão vigiado. Era uma “caixa” de concreto, preenchida com imitações patéticas de mobília ocidental, no estilo de Luís XIV ou Luís XV, ainda um símbolo de *status* deixado desde a época da passagem dos colonizadores franceses pelo Egito (no resto do mundo, hotéis “internacionais” se traem, em uma subserviência similar, à cultura elevada mais recente, aquela de Versailles). A nova casa era entulhada de cadeiras e sofás onde ninguém da família jamais se sentou. O senhor da casa, meu amigo, ele mesmo se sentava em um tapete, de frente para a mobília. Este era o seu hábito também quando recebia visitantes ocidentais, que ele colocava orgulhosamente em seus sofás extravagantes. O único objetivo

desta mobília era o de receber e impressionar os hóspedes ocidentais. A casa nova tinha uma cozinha moderna, mas logo começou a degradar-se porque tornou-se um conceito alienígena de preparação de refeições. E, para as suas noites, a família não tinha alternativa, a não ser a de se juntar em um pequeno corredor sem janela, em seus tapetes, para recapturar um pouco da vida que eles costumavam viver, deslocados em sua própria bela nova casa. O que eu tinha a dizer quando meu amigo exibiu orgulhosamente sua nova casa, que ele havia criado para me agradar?

Na rua onde eu vivi no Cairo, havia uma mulher com muitos filhos, que era muito pobre. Como muitos egípcios, ela não tinha recursos suficientes para comprar carne. Ela e sua família tinham o feijão como fonte de proteínas. Ela comia menos feijão e deixava suas crianças passar fome, para economizar dinheiro para comprar uma pequena garrafa de Coca-Cola, uma vez ao mês. Beber Coca-Cola dava a ela o sentimento de ser parte do ocidente rico. “Coca-Cola tem o sabor doce e dá *status*,” ela me explicou. Em seus olhos, a satisfação que ela sentia com esta garrafa mensal de Coca-Cola compensava o prejuízo que ela infligia à própria saúde e à saúde de seus filhos.

Quando eu trabalhei como terapeuta na Universidade Americana no Cairo, um jovem líbio veio até mim. Ele estava deprimido. Seu pai tinha acabado de perder sua fortuna originada do petróleo. Assim, o jovem não podia mais estar com seus amigos. Eles faziam coisas do tipo decidir em uma fração de segundo, de conseguir um Learjet para se reunir em uma discoteca de primeira linha em Nova Iorque. Perguntei a ele se ele tinha, de fato, gostado deste tipo de vida *jet set*. Não, disse ele: era superficial, enfadonha e sufocante; era literalmente uma gaiola de ouro. Ela enjaulou suas vítimas em rituais cultuados que tinham que ser malucos e caros, para manter o sentimento de superioridade que os unia. Assim, ele não perdeu o *glamour* tanto assim, disse ele. Mas ele não conseguia mais aguentar o desprezo de seus amigos, uma vez que ele não mais podia comprar o *status* deles. Sua garrafa de Coca-Cola havia sido sexo e drogas, em uma gaiola de ouro, por assim dizer, e deve ter tido um sabor doce e comprou *status* para ele.

Algo similar parece ter acontecido durante as décadas passadas com nossa economia (ver o resumo cronológico conciso de Rodrigue Tremblay). Atender ao desejo infantil por um retorno rápido é muito tentador. Tem um gosto doce. Os apostadores caem em tentação, muito embora saibam que apostar é perigoso para a saúde financeira e social, exatamente como o consumo de muito açúcar pode desencadear a diabetes, ou as drogas podem destruir o corpo.

A sociedade mundial, durante as décadas passadas, foi manipulada para acreditar que apostar pode ser sustentável. Essa manipulação foi trazida pelo abuso do termo liberdade (a saber, liberdade para apostadores e seus “produtos” financeiros “inovadores”). “Cobiça é bom!” O filme *Wall Street*, de Oliver Stone, tornou o lema da *vilhagem corporativa* conhecida para o mundo.

A manipulação das três décadas passadas encaixou-se com os restos que foram deixados pela cultura dominadora tradicional dos milênios passados. Conseqüentemente, agora, nós vemos o sucesso de (ao menos) duas manipulações culturais:

- Durante os 10.000 anos passados, era legítimo tentar ganhar reconhecimento através da dominação, mediante uma opressão explícita e uma manipulação dissimulada;
- Durante os 30 anos passados, a opressão explícita tornou-se menos legítima, enquanto a manipulação dissimulada estabeleceu a cultura da “liberdade para o cassino”.

O conjunto resultante de valores poderia ser resumido como “dominação é bom,” e “dominação conquistada através de apostas é melhor ainda,” que, de várias maneiras, tornou-se o valor de orientação das escolas de administração e dos lobistas que a forçaram a se tornar lei. Dessa forma, muito embora nós não estejamos amarrando e deformando nossos pés, estamos amarrando toda nossa existência no planeta Terra.

Imitar elites, lutando por seu reconhecimento e favores, competindo por quem aparece fazendo parte dela, na melhor das hipóteses, é tão insensato quanto a tradição chinesa dos pés amarrados. É duplamente insensato. Primeiro, prejudica a saúde, e segundo, as elites não encaram os imitadores como seus membros autênticos. Franz Fanon descreve sua trajetória de tentar ser mais francês que o francês, para compreender que os franceses nunca o aceitarão, mesmo se sua imitação for perfeita. O clamor pelo reconhecimento da elite não é apenas custoso, é também fútil.

Quando certos valores, sejam eles benignos ou malignos, são consagrados na cultura e muitas pessoas são cooptadas com êxito, é difícil introduzir mudanças. Talvez catástrofes de grandes proporções possam levar a desmascarar valores malignos, tais como o colapso da Alemanha nazista ou a presente crise econômica. Logo, a primeira sentença em meu livro *Gender, Humiliation, and Global Security - Gênero, Humilhação e Segurança Global* foi a seguinte: “A crise econômica que eclodiu em 2008 mudou a trajetória deste livro.”

Não há alternativa – a humanidade deve criar novas visões para organizar a vida na Terra. O economista Kamran Mofid emitiu um *Apelo para Ação*, em 17 de novembro de 2011. Ele nos faz lembrar da época durante a Revolução Americana, quando as coisas pareciam bastante terríveis e impossíveis, e quando Tom Paine escreveu: “Esses são tempos que testam as almas dos homens. O soldado de verão e o patriota da luz do sol, nesta crise, irão encolher diante do serviço ao seu país; mas aquele que o suporta agora, merece o amor e o agradecimento de homens e mulheres. A tirania, como o inferno, não é facilmente conquistada; contudo, nós temos esta consolação conosco, de que quanto mais difícil for o conflito, mais glorioso será o triunfo...” Mofid continuou, no espírito de muitas vozes ao redor do mundo: “Esta é mais uma daquelas épocas. Nossas almas estão sendo testadas. Este é o tempo sobre o qual nossos filhos e netos irão cantar. Suas baladas nos louvarão por trazer para eles o mundo que todos nós merecemos.”

O que há para fazer? No capítulo anterior, nós falamos sobre o reconhecimento da *complexidade*, usando a *etno-mimese*, *ouvindo atentamente e fantasiar em colaboração*.

Michael Britton chama nossa atenção para o papel da *empatia*. Ele é um dos diretores da nossa *World Dignity University Initiative*. Ele ministrou conferências internacionalmente sobre as implicações da neurociência para nosso futuro global e dá treinamento sobre aplicações da neurociência no trabalho de especialistas em resolução de conflitos. Ele elaborou um mapa dos aspectos neurológicos da mudança indo de competição para o estímulo que é necessário e como é incompleto, enquanto a empatia estiver faltando:

O que é necessário não é apenas uma mudança dentro do cérebro instintivo a partir da competição em nome da dominação e da luta por uma posição em uma hierarquia controladora de recursos para o cultivo de sentimento de interesse pela vida dos outros. Isto requer uma mudança na maneira como nossos cérebros humanos distintos continuam sendo inteligentes: uma mudança de busca por oportunidades para nós mesmos, para a compreensão das vidas dos outros, como eles próprios as conhecem. O instinto de estímulo sem a empatia é cego e, portanto, provavelmente de pouco uso para quem quer que seja.

Parte da prática da empatia poderia ser a construção de uma lista das pessoas a quem nós temos que nos desculpar em 30 anos – ou por uma geração. Para que teremos de nos desculpar para os nossos filhos? Para que teremos que pagar reparações? A Igreja Católica levou trezentos anos para pedir perdão a Galileu Galilei (1564 – 1642). Finalmente, em 31 de outubro de 1992, o Papa João Paulo II expressou remorso pela forma como o assunto Galileu e seu modelo heliocêntrico foi abordado e reconheceu oficialmente que a Terra não era estacionária.

As desculpas podem ser em função da avaliação de crédito fraudulenta. Os banqueiros devem desculpas à humanidade. O Ministro das Cidades do Reino Unido, Lord Myners, disse que era “irrealista” o fato de os banqueiros esperarem ser pagos em milhões de libras, em bônus. Ele disse aos banqueiros “para retornarem ao mundo real” (isto depois que os diretores do Royal Bank of Scotland ameaçaram renunciar devido à questão dos bônus). É possível que os acionistas precisem pedir desculpas às partes interessadas. O valor devido a elas deve vir em primeiro lugar – envolvimento todos os interessados da sociobiosfera inteira. Como discutido anteriormente, os acionistas devem propiciar aquele valor primário na qualidade de detentores de cuidado e doadores de ações, porque, caso contrário, o habitat de todos está em perigo. Uma desculpa talvez seja devida em função das consequências destrutivas causadas inteiramente pelo paradigma da maximização do lucro, que nos foi vendida sob o disfarce da “mão invisível” de Adam Smith.

Em suma, desculpas podem ser devidas por todos que exploram o bem comum de longo prazo, em função de seus próprios ganhos de curto prazo, e por aqueles que impedem arranjos alternativos.

A mudança está a caminho. Judith E. Glaser, autora de *Creating We - Criando Nós*, acaba de fazer resenhas dos cinco “melhores livros de 2010”, e concluiu: “No passado, na corrente editorial prevalente, não se podia misturar assuntos de negócios com tópicos de eficácia pessoal. Porém, esses livros confirmam que a barreira caiu. Ao integrar pesquisas dos campos da neurociência e psicologia em livros sobre desafios de negócios, seus autores nos oferecem uma nova perspectiva, por intermédio da qual podemos navegar no nosso mundo complexo e imprevisível, de forma mais efetiva e com mais êxito.

O conselho de Seymour M. (Mike) Miller para a América é o seguinte, um conselho ao qual outras partes do mundo poderiam ficar atentos:

Os políticos são mais orientados para eleições e reeleições do que para apoiar o que é de melhor interesse da nação. Que mudanças estruturais

na eleição (por exemplo: limite de contribuições, financiamento público de campanhas, apresentações de campanhas na TV em horário gratuito) poderiam auxiliar o comportamento moral dos políticos, assim como aprofundar a democracia?

James B. Quilligan foi conselheiro político do ex-chanceler alemão Willy Brandt. Ele foi consultor econômico internacional por três décadas. Como diretor do *Centre for Global Negotiations* - Centro para Negociações Globais, ele é o coordenador americano para a Convenção dos Bens Comuns Globais (*Convention on the Global Commons*). Em 24 de junho de 2009, ele compartilhou os resultados da Conferência das Nações Unidas sobre a Crise Financeira e Econômica Mundial:

A crise imediata que estamos enfrentando é mudar a postura de encarar a energia, a natureza, o alimento e a água como *commodities* monetarizadas para reconhecê-las como valores de reserva que são essenciais para a nossa sobrevivência e bem-estar. Só assim, iremos entender que o dinheiro é uma criação cultural que expressa o valor intrínseco desses bens comuns – e não uma função de mercado ou de um Banco Central. A criação de um novo sistema monetário internacional está muito próxima e o valor global deve ser integralmente informado por seres humanos, cultura, meio ambiente e energia, o que significa um repensar completo de todos nossos valores por uma globalização sustentável, justa e inclusiva e sustentada por um multilateralismo autêntico, novo e resiliente.

Miguel d'Escoto Brockmann vem atuando como presidente da 63ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas desde 16 de setembro de 2008. Ele foi encarregado de organizar a Conferência de Alto Nível das Nações Unidas sobre a Crise Econômica e Financeira Mundial e seu Impacto sobre o Desenvolvimento, que foi solicitada por participantes de um encontro sobre financiamento para o desenvolvimento, em Qatar,

no final de 2008. Ele enfatizou que o documento resultante “vai ser um êxito ou um fracasso”, advertindo que o texto não deveria ser outro tipo de “charada internacional”, que não servirá para nada.

Sim, vamos ter êxito ou fracassar.

Enquanto há “evidência substancial de que ocorreram mudanças de valor pós-material” – estas são as palavras do sociólogo Anthony Giddens em seu livro *A Terceira Via* – será que irão continuar quando as dificuldades moldarem o século XXI?

Ou será que uma *Quarta Via* faz-se necessária, como Mike Miller esboça⁴⁷ para a América? Mike Niller escreve:

Será que o anticomercialismo, o antimaterialismo, assuntos pró-ambientais podem se tornar questões políticas bem como questões morais? Envolvimentos em atividades e relações mais próximas com outros podem reduzir a preocupação com compras, exibição, comparação, emulação. Será que as atividades comunitárias podem construir ligações com outras?

A situação de mudança dos Estados Unidos deveria levar a um conjunto de metas ainda mais desafiador do que a extensão, defesa e melhoria do Novo Acordo (*New Deal*) e dos objetivos e programas da Grande Sociedade (*Great Society*), por mais importantes que sejam. Pisos, portas e partes conectivas da *Quarta Via* apontam o caminho para novas políticas e para uma América melhor.

Conservadores, progressistas, independentes, os partidos Republicano e Democrata alarguem sua visão! A qualidade de vida conta, mesmo, politicamente.

Depois dessa percurso através do labirinto de algumas das consequências dos atuais arranjos econômicos, consequências pretendidas e não pretendidas, a Parte III abrirá a plataforma para o futuro.

Como Mike Miller diz: “A qualidade de vida conta, mesmo politicamente.” Para ampliar a conclusão de Judith Glaser: nós veremos mais barreiras caindo no futuro. O que chamamos de “uma companhia” faz parte de um contexto mais amplo. Este contexto mais amplo é nosso verdadeiro capital. Nosso verdadeiro capital é o *Nós*, onde todos nós estamos *em companhia*, uns com os outros.

Devemos aprender a viver juntos como irmãos, ou todos nós iremos perecer juntos como tolos. Estamos amarrados juntos na única vestimenta do destino, presos em uma rede de mutualidade inevitável. E o que afeta um, de forma direta, afeta todos, de forma indireta.

—Martin Luther King, Jr.

**PARTE III: O QUE DEVEMOS FAZER? VAMOS NOS UNIR COMO UMA
FAMÍLIA HUMANA!**

CAPÍTULO 10: PRECISAMOS DE UMA PANÓPLIA DE NOVAS ESTRATÉGIAS PARA O DIGNISMO!

Nunca duvide de que um pequeno grupo de cidadãos ponderados e compromissados pode mudar o mundo. De fato, é a única coisa que aconteceu.

—Margaret Mead

Sony Kapoor, ex-banqueiro de investimento e negociante de derivativos, atualmente analista da crise econômica, disse em um discurso:

Devemos nos lembrar da história do imperador Midas, que tinha o famoso “toque de Midas”, onde tudo que ele tocava virava ouro. O único problema era que ele não podia comer ouro, não podia beber ouro. Ele tentou dormir sobre ouro, mas não era muito confortável. Eu diria a mesma coisa do setor financeiro. Contudo, é mais correto dizer que tudo que eles tocaram virou pó. Mas, o fato permanece: não se pode comer finanças, não se pode beber finanças, não se pode dormir sobre as finanças, não se pode beber ou dirigir finanças. As finanças existem apenas para servir a economia real. Vamos colocá-la de volta, no lugar a que ela pertence, e fazê-la funcionar.

Quem poderia colocar a economia real de volta, no lugar a que ela pertence?

A advogada Brooksley Born é uma mulher excepcional. De 1996 a 1999, ela foi presidente da Comissão *Commodity Futures Trading Commission* - CFTC, a agência federal americana que supervisiona os mercados futuros e as opções de mercados de *commodities*. Sua estória

foi trazida para uma audiência mais ampla em um documentário vanguardista em 2009, intitulado *The Warning - A Advertência*. Este filme, de maneira impressionante, segue os esforços frustrados de Born para regular os mercados de derivativos. As previsões de Born para o futuro são um grito de alerta: “Eu acho que teremos perigo contínuo desses mercados e que teremos repetições da crise financeira – podem diferir em detalhes, mas haverá recessões e desastres financeiros atribuídos a esta falta de regulamentação, repetidamente, até que nós aprendamos com a experiência.”

As atuais instituições, sobretudo as globais, ao que parece, estão adaptadas ao passado, não são adequadas para a interconectividade do mundo atual e não são úteis para a criação de um futuro socialmente e ecologicamente sustentável. A ecosfera está conturbada pela perigosa mudança climática, enquanto a socioesfera está conturbada pela desigualdade debilitante. O custo cumulativo da mudança climática (a estimativa para 2050 é de US\$ 3,75 trilhões no Reino Unido) e o custo cumulativo dos altos níveis de desigualdade (a estimativa para 2050 é de US\$ 6,75 trilhões no Reino Unido) são proibitivos.

Vandana Shiva, cientista, ambientalista e ativista em prol da justiça alimentar, foi mencionada como uma das sete mulheres mais influentes no mundo pela revista Forbes. Ela vem “lutando contra a tomada corporativa em cada área de seu país, a Índia, combatendo uma usina nuclear, em uma semana, e sementes modificadas geneticamente, em outra.” Ela apela ao povo americano para “ver que as corporações o abandonaram há muito tempo” e que “as pessoas terão que reconstruir a democracia como uma democracia viva.” Ela concorda com Albert Einstein que os “problemas não podem ser resolvidos com o tipo de pensamento que os criou.”

Vandana Shiva é apenas uma entre muitas vozes que se tornam cada vez mais altas, ao nos lembrar que tudo está relacionado e em ressonância – relações, processos – que nada está separado e é separável, e que isto

é o que nós temos que aprender a respeitar. Devemos superar o “estado corporativo” e inserir os negócios na comunidade humana, a comunidade Terra, explica Vandana. Os conceitos-chave de Gandhi, de *swaraj*, *swadeshi* e *satyāgraha* são o caminho para viver pacificamente, equitativamente e sustentavelmente neste planeta frágil. *Swaraj* significa “autogovernança”, *swadeshi* “a capacidade de fazer e produzir” e *satyāgraha* “a coragem para dizer não à lei injusta” – *satyāgraha* é um termo que agrega *agraha* (firmeza/força) com *satya* (verdade-amor).

Se olharmos para nosso mundo atual e tiver que descrevê-lo para um visitante de outro planeta, como nós o faríamos? Talvez, da maneira seguinte:

A primazia é dada a investidores. Os investidores ficam “entusiasmados” com projetos que oferecem previsões de bom retorno para seus investimentos. Os investidores ficam atentos para “sentir um lance” de abertura de novos horizontes para novos investimentos. Em outras palavras, os investidores ficam empolgados com a maximização do lucro. Isto é, afinal de contas, o que significa ser um investidor. Os projetos “tornam-se possíveis” através de financiamento. Os financiadores decidem o que é possível. Os projetos que os financiadores julgam como não merecedores de apoio não serão possíveis. Mesmo os projetos que salvam vidas não serão possíveis. O que é *trabalho* e o que é *sonho* é decidido pelos financiadores.

Queremos realmente nos entregar, assim como nosso mundo a financiadores? São eles os melhores líderes do nosso mundo? Esta é a melhor forma de gerenciar nossos negócios em nosso planeta? Será que isto nos proporcionará uma vida saudável em um planeta saudável? O que pode acontecer se nós todos, em conjunto, ficamos entusiasmados por perspectivas de trabalhar juntos pela maximização do bem comum, por um futuro digno e dignificado para nossos filhos?

A economia deveria existir para servir os seres humanos.

O fato de que a economia deveria existir para servir os seres humanos, e não o contrário, é uma reivindicação ética apoiada por escolas éticas de todas as partes do globo, no presente e no passado. É apoiada, por exemplo, pela filosofia tradicional africana de *ubuntu*. “Eu sou porque você é: eu sou humano porque eu pertencço, eu participo, eu compartilho.” *Ubuntu* está em sintonia com muitos outros pensamentos filosóficos e religiosos, dentre eles, o *desenvolvimento humano integral* dos ensinamentos sociais da Igreja Católica Romana. O Prêmio Nobel, o economista Amartya Sen, confirma que o mercado é um instrumento entre outros, e nem sempre o melhor instrumento para alcançar o desenvolvimento humano.

Artur Manfred Max-Neef, economista e ambientalista chileno, explicou que “você seria inclinado a pensar que ...a cobiça deveria ser de pessoas que não têm nada. Não, muito pelo contrário. Quanto mais você tem, mais ganancioso fica.” Ele aconselha ensinar os seguintes princípios a jovens economistas:

1. A economia tem que servir as pessoas; as pessoas não devem servir a economia.
2. O desenvolvimento é sobre pessoas e não sobre objetos.
3. Crescimento não é o mesmo que desenvolvimento e desenvolvimento não requer necessariamente crescimento.
4. Nenhuma economia é possível na ausência de serviços de sistema idênticos.
5. A economia é um subsistema de um sistema finito mais amplo, a biosfera. Logo, o crescimento permanente é impossível.

O *economismo* é a crença na primazia da economia. “Ludibriados em um cosmo econômico, cada vez mais, recorreremos à teoria econômica, ou para o economismo, para explicar a realidade e guiar nossas escolhas. De

fato, o economismo colore até mesmo a linguagem da ciência, uma vez que os pesquisadores empregam seus termos para comunicar conceitos para o público.” Isto é o que Richard B. Norgaard - professor de energia e recursos e de agricultura e economia de recursos da Universidade da Califórnia, em Berkeley, escreve. Sua visão do futuro inclui:

Nosso desafio é desenvolver uma nova visão para a maneira como nos conduzimos na terra – algo diferente da civilização industrial, como o foi a civilização agrária, antes dela. Uma nova consciência ecológica é crítica para esta nova visão, e por esta razão o termo civilização ecológica ressoa bem. O conceito de justiça social provou ser robusto, apesar da propagação do economismo, e nós precisamos manter sua centralidade na nossa civilização ecológica. Enquanto a noção de bem público não resistiu ao economismo, a noção de “bem comum” conseguiu resistir, e precisa ser desenvolvida de forma mais abrangente como parte de nossa nova visão. O crescimento da consciência ecológica nos treinou a reconhecer sistemas complexos, os quais estão no cerne de uma civilização ecológica futura. Porém, a complexidade não nos imbuí com o senso de humildade e reverência segundo o qual nós também precisamos realizar a modelagem de uma nova civilização – aquela reverência que vivenciamos ao ver o céu à noite, em toda sua grandeza estrelada. De certo modo, todo o esforço para combater os efeitos devastadores do economismo é como procurar através da névoa, por uma extensão clara do céu da noite que nos permita testemunhar mais uma vez as estrelas brilhantes e luminosas.

Em um capítulo anterior deste livro, Stéphane Frédéric Hessel, um herói francês da resistência na guerra foi citado. Ele “gritou” contra o nazismo nos anos 1940. Hoje, ele convoca as pessoas para “gritar contra a cumplicidade entre os políticos e as potências financeiras e econômicas” e para “defender nossos direitos democráticos.”

Em 8 e 9 de fevereiro de 1943, membros do “Weiße Rose” (Rosa Branca), um grupo de jovens intelectuais cujo objetivo era derrubar Hitler, formularam três teses principais:

- A guerra está perdida para a Alemanha.
- Hitler e seus seguidores continuam com a guerra apenas por motivos de segurança pessoal e estão preparados para sacrificar o povo alemão para o referido objetivo.
- Todas as forças de oposição devem se mobilizar para terminar esta guerra o mais rápido possível.

Se nós substituirmos a palavra “guerra” pela expressão “assalto à socio e biosfera mundial, “ e “Alemanha” por “humanidade”, então poderíamos ter a descrição da situação atual que Stéphane Hessel percebe.

Juliet B. Schor, cofundadora do Centro para um Novo Sonho Americano, falou no 31º Ciclo Anual de Palestras E. F. Schumacher, em Nova Iorque, em 5 de novembro de 2011. Explicou que a tarefa mais importante em mãos é “evitar ultrapassar o limite ecológico.” Ademais, ela acrescentou: Como podemos reduzir o impacto ecológico e ao mesmo tempo criar empregos? Isto não é um dilema insolúvel? Schor apresentou três caminhos possíveis – simplificados como (1) otimista, (2) pessimista, e (3) entre os dois. Ela explicou que, a seu ver, os otimistas (1) que acreditam que o dilema pode ser resolvido com o crescimento verde, tal como as abordagens *cradle-to cradle*, podem estar excessivamente otimistas. Contudo, por outro lado, os pessimistas podem ser excessivamente pessimistas. Não é verdade que “nada funciona,” diz ela, vez que pequenos países na Europa alcançam algum crescimento com energia verde. A nova abordagem econômica é aquela de “economistas astutos,” em algum lugar no meio, defendendo um novo modelo econômico e um novo estilo de vida, nomeadamente, *plenitude econômica*. Longe do excesso de trabalho e do excesso de gasto – não menos importante, considerando que menos horas de trabalho aumenta a qualidade de vida e reduz a passagem do limite

ecológico – rumo ao *faça você mesmo* (*do it yourself* - DIY), compartilhando, permutando, intercâmbio na vizinhança, reutilização, revenda, tudo isso voltado para nós, as pessoas, construindo um capital social, em vez de uma cultura consumista de emprestar e gastar.

Como resultado, Schor concluiu sua fala: “nós podemos tratar uns aos outros e o planeta com o respeito que todos nós merecemos.”

Baseado-se no filósofo Frithjof Bergmann, Schor advoga o *autoprovisionamento de alta tecnologia*.

Podemos reduzir a confiança no mercado ao satisfazer as necessidades básicas (renda, alimentação, habitação, bens de consumo, energia) através de uma série de tecnologias criativas, inteligentes e de alta produtividade: produzir alimento (utilizando a permacultura e jardins verticais), criar energia em uma pequena escala (converter um Prius em um *plug-in* e combustível com milhagem em dobro), construir casas com mão-de-obra gratuita, utilizando materiais naturais e usando tecnologias Fab-Lab (máquinas pequenas e inteligentes que fazem quase tudo). Schor examina exemplos de pessoas que já praticam o autoprovisionamento e convertendo suas habilidades em empreendimentos lucrativos.

O autor Charles Eisenstein formula sua visão por um futuro melhor, de alguma forma similar a Juliet Schor. Ele argumenta que “comunidade é quase impossível em uma sociedade altamente monetarizada como a nossa.” A razão é que a “comunidade é tecida com ofertas, o que explica, ao final, porque as pessoas pobres, frequentemente, têm comunidades mais fortes que as pessoas ricas.” Considerando que “caso sejam financeiramente independentes, então vocês realmente não dependem de seus vizinhos – ou de fato, de qualquer pessoa específica – para nada. Você pode simplesmente pagar alguém para fazê-lo.”

Geneviève Vaughan vem defendendo a economia da doação³ há muito tempo (Capítulo 11). Uma cultura da doação⁴ está agora surgindo no campo social. “Muitos de nós não mais aspiramos a ter independência financeira, o estágio no qual nós temos tanto dinheiro, que não precisamos mais depender de ninguém para nada.” explica Eisenstein. Eu concordo inteiramente com ele. Afinal de contas, a redescoberta do amor comunitário é a mensagem central de meu livro *Gender, Humiliation, and Global Security* - Gênero, Humilhação e Segurança Global. Eisenstein explica:

Hoje, cada vez mais, ansiamos por comunidade. Não queremos viver em um mundo de *commodity*, onde tudo que temos existe em função do lucro como meta principal. Queremos coisas criadas para o amor e a beleza, coisas que nos une mais profundamente com as pessoas em torno de nós. Desejamos ser interdependentes, não independentes. O círculo de doação e as diversas novas formas da economia da doação que estão emergindo na *internet* são caminhos para recuperar as relações humanas do mercado.

Eisenstein observa que realmente se vê uma cultura da doação emergir toda vez que há uma recessão econômica. As pessoas não podem mais pagar por vários produtos e serviços e começam, em vez disso, a confiar em amigos e vizinhos:

Onde não há dinheiro para facilitar as transações, as economias da doação emergem novamente e novas formas de dinheiro são criadas, muito embora normalmente as pessoas e as instituições lutem com unhas e dentes para prevenir que isso aconteça. A primeira resposta habitual à crise econômica é fazer e guardar mais dinheiro – para acelerar a conversão de qualquer coisa que puder em dinheiro. Em nível sistêmico, o

3 NT. Também chamada de economia do dom ou economia da dádiva

4 NT. Também chamada de cultura da dádiva

aumento da dívida está gerando uma pressão enorme para ampliar a comodificação do bem comum. Podemos ver isto acontecendo com os apelos para perfurar petróleo no Alasca, para iniciar a perfuração em alto-mar, e assim por diante. Contudo, chegou a hora de começarmos a reverter o processo com determinação – para tirar as coisas do campo de bens e serviços, e retorná-las para o campo da doação, da reciprocidade, da autossuficiência e partilhamento comunitário. Observem bem: isto acontecerá de qualquer forma na sequência de um colapso da moeda, à medida que as pessoas perdem seus empregos ou tornam-se muito pobres para comprar coisas. As pessoas ajudar-se-ão e comunidades reais ressurgirão.

Eisenstein admite que recusar a conversão do recurso natural ou social em moeda irá acelerar o colapso econômico, Contudo, por outro lado, ele sugere, isto também irá mitigar a sua severidade.

Qualquer floresta que você salve do desenvolvimento, qualquer estrada que você interrompa, qualquer grupo cooperado de iniciativa que você estabeleça; quem quer que seja que você ensine para curar-se, ou para construir suas próprias casas, cozinhar suas próprias refeições, fazer suas próprias vestimentas; qualquer riqueza que você crie ou adicione ao domínio público; qualquer coisa que você interdita à Máquina devoradora do mundo, ajudará a reduzir o tempo de vida da Máquina. Pensem nisso da seguinte forma: se você já não depende de dinheiro para alguma parte das necessidades e prazeres da vida, então o colapso do dinheiro representará uma transição muito menos severa para você. O mesmo se aplica em nível social. Qualquer rede ou comunidade ou instituição social que não seja um veículo para a conversão da vida em dinheiro sustentará e enriquecerá a vida após o dinheiro.

O economista Gar Alperovitz no 31º Ciclo Anual de Palestras E. F. Schumacher, em 5 de novembro de 2011, em Nova Iorque, confirmou o ponto que é também central para este livro, ou seja, de que é de importância crucial abster-se de demonizar aqueles que acreditam que soluções neoliberais são úteis. Precisamos aceitar, ele explicou, que muitas pessoas nobres e honoráveis estão profundamente convencidas de que a trajetória neoliberal é a única válida e eficaz. Contudo, como foi também mencionado no capítulo 2, o neoliberal de linha mais dura deve considerar, sugeriu Alperovitz, que a atual distribuição de riqueza é medieval: os 1% mais ricos dos lares possuem aproximadamente metade de todos os bens investidos, e 5% possuem 70%.

Em concordância a Juliet Schor, Alperovitz vê um futuro no qual trabalharemos menos. Curiosamente, ele relata, este é um ponto que seus alunos não gostam de prever, de maneira alguma. Trabalhar apenas dez horas por semana? O que eles devem fazer com suas vidas?! Da mesma forma, seus alunos não querem pensar em planejamento, ele relatou. Ele também precisa gastar muita energia para explicar que uma mudança sistêmica é necessária (ver também o capítulo 12). De fato, ele fez a mesma pergunta ao público, após a sua conferência: “Por que uma mudança sistêmica é necessária, quando a criação de cooperativas locais é possível?” Explicou que as cooperativas locais estão sendo destruídas pelo mercado. Ele sugeriu considerar o exemplo da iniciativa do Basque Mondragon e de como eles lutam para sobreviver.

Alperovitz convidou os liberais progressistas nos EUA e os social-democratas na Europa a colocarem a comunidade em primeiro lugar, e a virarem as costas para a perda de energia na forma de paliativos de esforços regulatórios de dentro do sistema e “projetismo” de curto prazo. Alperovitz concluiu, sugerindo uma comunidade pluralista como resposta, com consórcios de terras urbanas, consórcios de conservação de terras, agricultura com apoio comunitário, jardins comunitários, corporações de desenvolvimento comunitário, fundos de pensão pública e propriedade municipal parcial.

Howard Richards foi apresentado anteriormente neste livro. Ele sugere uma *economia ética* ou uma *economia plural*. Ele escreve: “qualquer critério ético define o que deveria ser e, assim, sugere ou estabelece normas e metas. Normas e metas são, algumas vezes, melhor servidas por uma forma institucional, e em outras ocasiões, são melhor servidas por uma forma institucional diferente. Ele propõe:

Vamos pensar em micr-empresas, microcrédito, treinamentos, negócios pertencentes e gerenciados por seus próprios empregados, a responsabilidade social do negócio, acionistas, recursos naturais socializados, educação popular, educação para a paz e a justiça, a organização de comunidades de base, uma vizinhança por vez, postos de saúde sem fins lucrativos, comércio justo, organização de sindicatos, permacultura, agricultura urbana, empreendedorismo social, redes de permuta, moedas locais, atividade bancária ética, cooperativas de consumidores, cooperativas de crédito, cooperativas de produção, cooperativas de saúde, sociedades funerárias e de enterro, compras coletivas, assar pão em conjunto, empoderamento econômico de mulheres, empresas municipais, ONGs e fundações sem fins lucrativos, movimentos sociais, jardinagem comunitário, redes de segurança social pública, colocar para uso terras e prédios não utilizados, recuperação de terras indígenas e de camponeses ilegalmente roubadas, restauração de antigas formas de cooperação e compartilhamento, defesa do setor público e, em alguns casos, reversão de privatizações, a exemplo do fornecimento de água. Essas são práticas típicas do humanismo social, hoje, na América Latina.

Howard Richards segue Charles Taylor (1993) no uso da idéia de *regras constitutivas* – conferir também John R. Searle (1969) – e caracteriza as *regras constitutivas do sistema mundial moderno* – ver Immanuel Maurice Wallerstein (1974) - como regras de uma *sociedade de barganha*. Richards resume:

Transformação, sendo distinta de reforma, muda as regras constitutivas. *Ubuntu*, uma filosofia tradicional da África, a qual, de acordo com Desmond Tutu, sustenta que “eu sou porque você é: eu sou humano porque eu pertencço, eu participo, eu divido,” é citada como uma fonte de regras constitutivas diferentes e transformadas de um tipo extremamente necessário para empoderar a humanidade a fim de escapar da garra dos *imperativos sistêmicos* (Ellen Meiksins Wood (2003), *racionalidade irracional* (Herbert Marcuse (1968) e o que John Maynard Keynes chamou de “confiança” (John Maynard Keynes (1936), capítulo 12). As próprias regras constitutivas de nossa sociedade nos levam ainda mais profundamente no caos social e catástrofe ecológica, porque existe uma lacuna de racionalidade; uma lacuna entre a denominada “racionalidade” restringida pelas leis da economia e uma racionalidade mais ampla de criatividade cultural, retraída apenas pelas leis físicas da natureza. Esses mesmos pontos poderiam ser considerados em termos de “paradigma” (Thomas Samuel Kuhn (1962), ou “estrutura cultural básica” (Howard Richards and Joanna Swanger (2006), mas aqui eu os faço em termos de “regras constitutivas”. As metodologias humanizantes no ensino e na pesquisa social desempenham um papel indispensável no trabalho para a mudança cultural profunda que é necessária.

A forma deve seguir a função.

Como uma transição pode ser realizada? A *forma* deve seguir a *função*. Ou, como a teoria da negociação expressa, o *interesse* deve guiar negociações, não a *posição*.

“A forma deve seguir a função” este é o princípio orientador para a governança ambiental internacional. A *Decisão 25/4* sobre governança

ambiental internacional foi adotada pelo Conselho Administrativo das Nações Unidas para o Meio Ambiente, em 20 de fevereiro de 2009. Como resultado da Decisão 25/4, o Conselho Administrativo estabeleceu um grupo consultivo de ministros e representantes de alto escalão, regionalmente representado, convocado para 27 e 28 de junho de 2009, em Belgrado, e 28 e 29 de outubro de 2009, em Roma. Os encontros foram copresididos por Stefania Prestigiacomo, Ministra do Meio-ambiente, terra e mar da Itália, e John Njoroge Michuki, Ministro do Meio-ambiente e Recursos Minerais do Kenia. O resumo dos copresidentes foi intitulado “*Belgrade Process: Moving Forward with Developing a Set of Options on International Environmental Governance*” - “Processo de Belgrado: Avançando com o Desenvolvimento de um Conjunto de Opções sobre Governança Ambiental Internacional”.

O trabalho do grupo consultivo foi estabelecido no parágrafo sete do processo de Belgrado, guiado pelos seguintes conceitos básicos:

- Qualquer reforma na administração ambiental internacional deve ser baseada no princípio de que a forma deve seguir a função;
- Consultas sobre as funções levarão à discussão sobre as formas que podem ir desde mudanças incrementais a reformas institucionais mais amplas;
- O debate sobre governança ambiental internacional deve ser abordado em um contexto mais amplo de sustentabilidade ambiental e desenvolvimento sustentável;
- O desenvolvimento de um conjunto de opções para melhorar a administração ambiental deve ser feito a partir de um exame atual dos múltiplos desafios e das oportunidades emergentes;
- Mudanças incrementais na governança ambiental internacional podem ser consideradas em complemento a outras reformas mais fundamentais;

- O trabalho do grupo consultivo deve continuar a ser político por natureza.

O que o Processo de Belgrado ilustra é a necessidade de ter mentalidades psicológicas, sociais e culturais na comunidade mundial, que sejam realmente mais funcionais. Esses novas mentalidades, por sua vez, devem informar a implementação de mudança sistêmica que possa prover o mundo com *decência* global.

A transição agora requerida deve ser uma *transição para dignidade* abrangente (capítulo 3), com, ao menos, dois movimentos centrais (utilizando a abordagem do *tipo ideal* de Max Weber, ver também capítulos 2 e 3). Primeiro, a divergência entre os dois ramos daquilo que Paul H. Ray e Sherry Ruth Anderson chamam de movimento dos *criativos culturais* deve ser superada. Aqueles que voltam sua atenção para o *interior* para obter novos níveis de conscientização, e aqueles que voltam sua atenção para o *exterior*, como ativistas, precisam transcender seu antagonismo mútuo anterior. As pessoas que defendem que a paz começa internamente e que precisamos primeiro desenvolver nossa consciência interna antes de poder sair para o mundo afora e trabalhar lá pela paz precisam entender que não há bastante tempo. Não podemos esperar até que uma maioria significativa de cidadãos do mundo tenha se tornado um Thích Nhất Hạnh de baixo para cima. Também, não devemos prender nosso futuro a uma improvável probabilidade de que uns poucos indivíduos dotados, do tipo Mandela, surjam por acaso e nos liderem. E, certamente, não podemos esperar por políticos de nosso tempo para implementar as mudanças necessárias, de cima para baixo. Uma simples abordagem de baixo para cima e de cima para baixo não seria suficiente; deve ser uma abordagem interligada de baixo para cima e de cima para baixo.

A paz interna está apenas no seu início: agora é hora para ação. Parte dessa ação será conduzir aqueles que resistem - Ray e Anderson os denominam de os *tradicionais* e os *modernos* - para o futuro.

Para que haja transição para a dignidade, um grupo bastante grande de cidadãos comprometidos (1), no espírito das palavras de Margaret Mead citadas no início deste capítulo, deve formar uma conscientização suficiente sobre responsabilidade global para implementar novas estruturas institucionais globais (2) de *inclusionismo e dignismo*. Este grupo de cidadãos comprometidos (1) deve vir de todos os níveis, desde a sociedade cívil aos guardas de instituições políticas e econômicas, e deve implementar novas estruturas institucionais globais (2) que deem nova *forma* às instituições globais, forma que seja *funcional* para um mundo interdependente e que sirva ao *interesse* de toda a humanidade, não apenas à *posição* de uns poucos (para usar a linguagem da negociação). Em resumo, estruturas que possam produzir uma sociedade global *decente*.

O desenvolvimento de instituições decentes (2) é primordial, porque elas podem incitar ciclos de *feedback* que fomentem a cooperação global de uma forma sistêmica, em vez de aleatória. Qualquer movimento subsequente terá a vantagem de obter apoio do sistema, em vez de depender do surgimento imprevisível de agentes de mudança social, do tipo Mandela.

O primeiro ciclo, a implementação inicial de novas instituições, seria apoiada se o mundo tivesse mais “revolucionários não violentos”, mais indivíduos como Nelson Mandela, que poderiam “empurrar” os sistemas mundiais para se transformar em estruturas mais construtivas, no espírito das palavras de Margaret Mead. A campanha do Laureado Nobel da Paz Jody William para banir minas terrestres, por exemplo, expressou este espírito. A organização Campanha Internacional para Banir Minas Terrestres (*International Campaign to Ban Landmines - ICBL*) alcançou finalmente sua meta, em 1997, quando um tratado internacional, o Tratado de Ottawa, banindo minas terrestres antipessoais, foi assinado em Ottawa, em 1997 (muito embora, algumas nações, notavelmente os Estados Unidos, China e Rússia tenham se absterido de votar).

Além disso, o movimento Ocupe Wall Street expressa este espírito, com sua insistência em ser um movimento sem líder. Em 16 de novembro

de 2011, um panfleto, com o seguinte texto, estava sendo distribuído no Zuccotti Park: “Ocupe Wall Street é um movimento sem líder, com pessoas de muitas cores, gêneros e persuasões políticas. A única coisa que nós todos temos em comum é que somos os 99% que não mais tolerarão a cobiça e a corrupção dos 1%. Estamos usando a tática de ocupação da revolucionária Primavera Árabe para alcançar nossos fins, e encorajamos o uso da não violência para maximizar a segurança de todos os participantes.”

O papel importante das estruturas sistêmicas é, cada vez mais, reconhecido em muitas áreas de pesquisa. O psicólogo da paz Daniel J. Christie (2006) relata que a psicologia da paz “surgiu como uma área distinta de pesquisa e prática durante a Guerra Fria, quando a preocupação maior era a prevenção da guerra nuclear.” “Em especial, três temas estão emergindo na psicologia da paz pós-Guerra Fria: (1) grande sensibilidade ao contexto geo-histórico; (2) uma perspectiva mais diferenciada nos significados e tipos de violência e paz; e (3) uma visão sistêmica da natureza da violência e da paz.”

O analista organizacional Peter M. Senge enfatiza que o pensamento de sistemas se distingue por ser a “quinta disciplina”, haja vista que serve para fazer os resultados de outras disciplinas trabalharem juntas. Seu colega Claus Otto Scharmer fala do ditado de Margaret Mead, quando ele enfatiza *crystalização* como o processo através do qual um pequeno grupo de pessoas-chave se compromete com um projeto que eles apresentaram. Ele explica que este grupo central funciona como um veículo para o todo se manifestar, através do poder de suas intenções, atraindo pessoas, oportunidades e recursos que fazem as coisas acontecerem. Os próximos passos neste processo são *prototipagem e desempenho*.

Em “*How to Construct Stable Democracies*” - Como Construir Democracias Estáveis, Jack Goldstone e Jay Ulfelder explicam que a democracia liberal realça a estabilidade política de um país. Os efeitos econômicos, étnicos e regionais têm apenas um impacto modesto na estabilidade política dentro das nações. A estabilidade é, antes, determinada

pelos padrões de concorrência política da nação e pela autoridade política. Os autores pedem mais pesquisa sobre “como algumas democracias emergentes conseguem promover a concorrência livre e aberta, sem cair no fragmentalismo, e por que alguns líderes são mais inclinados a aceitar restrições significativas em suas autoridade.”

Goldstone e Ulfelder recomendam que “o foco deve ser mudado de argumentos sobre quais sociedades estão prontas para a democracia, para como construir as instituições específicas que reduzem o risco de instabilidade violenta em países onde a democracia está sendo estabelecida.” Este conselho dá apoio importante àqueles que lutam por uma mudança global sistêmica, já que a sociedade global também extrairá estabilidade pelo fato de ter o tipo certo de instituições.

A teoria do jogo comportamental usa variações do jogo do dilema do prisioneiro para estudar os comportamentos humanos; Morton Deutsch foi pioneiro nesta pesquisa. Neste jogo, os participantes têm a escolha para cooperar ou para trapacear uns com os outros. Quando o psicólogo Lee D. Ross e seus colegas pediram aos estudantes para jogar o jogo do dilema do prisioneiro, e lhes disseram que este era um jogo comunitário, os estudantes cooperaram. Entretanto, trapacearam uns com os outros, quando lhes foi dito que o mesmo jogo era um jogo Wall Street. Ross, assim, demonstrou o poder da *estrutura*: não precisamos esperar que as pessoas mudem por dentro, já que as mesmas pessoas podem se comportar de maneira radicalmente diferente em diferentes estruturas.

Ademais, psicólogos como Stanley Milgram e Philip Zimbardo mostraram através de seus experimentos como é importante criar sistemas que forneçam estruturas às pessoas para que elas se comportem de forma ética, em vez de limitar nossos esforços a tentativas para reformar indivíduos dentro de sistemas que não dão apoio. Zimbardo explica como “um sistema cria “uma situação”, que leva pessoas “boas” a se comportarem “mal.”

A partir do que esses especialistas têm a dizer, parece sensato nutrir o comportamento do tipo Mandela, em nível de sistema. Não podemos mais esperar que personalidades excepcionais surjam por acaso, contra todas as probabilidades. É mais prudente dar atenção ao conselho de Jean Baker Miller e criar *arranjos alternativos*, em vez de aceitar escolhas falsas. É mais prudente promover sistematicamente um clima alternativo de confiança do que aceitar um clima de medo sistematicamente imposto. As *Relações do direito* são necessárias, e devem ser expressas nos tipos corretos de instituições, não apenas localmente, mas globalmente. *Muito pouca* construção de instituições deve ser evitada, tanto quanto o *muito* dessa construção; a *uniformidade* opressiva deve ser evitada, tanto quanto a *divisão* destrutiva, de forma que um equilíbrio de *unidade na diversidade* possa florescer.

No entanto, novos sistemas não são tudo. O *como* é tão importante quanto o *que*. Como foi mencionado no prefácio e será mais discutido no capítulo 12, não basta mover de um paradigma rígido para outro paradigma rígido. Precisamos nos distanciar da rigidez como um todo, longe da imutabilidade monolítica em prol de um processo fluido cocriado. Longe de estruturas inflexíveis e em prol de um “vir a existir” orgânico, crescendo como crescem as árvores. Longe de instituições enormes, e em prol de um movimento global que seja conduzido por paixão e entusiasmo. Longe do mundo *dominador* competitivo (Riane Eisler), com pessoas como pequenas rodas dentadas e em prol da *parceria* global de diversidade rica. O arquiteto japonês Kisho Kurokawa o denomina de mudança de um “princípio de máquina” para um “princípio de vida”, e acontece não apenas em desenhos arquitetônicos. Reflexões emocionantes sobre este assunto foram gravadas pelo filósofo americano Alan Wilson Watts (1915 – 1973).

O conceito de *instigar* é importante. Morton Deutsch discutiu extensivamente *estratégias de persuasão* e *estratégias de poder não violento*. Instigar e persuadir são mais bem feitos através do cultivo de relações com o que a pesquisadora Mary F. Belenky chama de *conhecimento interligado*. Em conhecimento interligado “alguém tenta penetrar na estrutura de

referência de outra pessoa para descobrir as premissas do seu ponto de vista.” O debate do tipo ganha/perde – incitando a raiva que contribui para um drama comercializável – ilustra o *conhecimento dissociado*. O conhecimento dissociado tenta objetivar a experiência, enfatizando argumentos “lógicos”, critérios “objetivos” e um exame “crítico” de proposições. Enfatiza regras e procedimentos impessoais.

O conhecimento interligado significa *ouvindo atentamente*. Isto é explicado por Linda Hartling, a seguir:

A expressão “ouvindo atentamente” chama nossa atenção para o fato de que a comunicação humana é uma experiência bidirecional. É uma expressão que nos encoraja a entrar em sintonia com a natureza relacional fundamental da fala. Ela nos lembra a olhar além do mito individualista de que falar é uma experiência na qual o falante é exclusivamente responsável pela comunicação efetiva. Falar é uma ação interativa. É uma experiência bidirecional, na qual ambas (ou todas) as pessoas participantes da relação podem escolher em ouvir e se engajar de uma forma que ajudará outros a se expressarem efetivamente e a esclarecerem suas ideias.

Ao redor do mundo, existem muitas abordagens indígenas para a construção do consenso, que incluem vários aspectos do ouvindo atentamente (capítulo 12). Como foi relatado anteriormente, Carmen Hetaraka é um portador da tradição Maori oral, e foi um dos “pilares” de nossa 17ª Conferência Anual, em Dunedin na Nova Zelândia. Alvin Costa, um americano nativo Yoeme, do Arizona, nos trouxe seu conhecimento histórico.

Morton Deutsch recomenda as catorze competências de Ramsey e Latting que podem ser aplicadas para se trabalhar as diferenças sociais tais como raça, etnicidade, identidade religiosa ou nacionalidade. Reflexão e ação interagem em níveis múltiplos de um sistema, em níveis do indivíduo, do grupo, da organização e do contexto ambiental. Através da autorreflexão e da ação, relações efetivas podem ser criadas com outros, relações dentro

das quais a consciência crítica é ressaltada e padrões sistêmicos são reconhecidos e trabalhados. Dessa maneira, os modelos mentais podem ser reestruturados, as perspectivas múltiplas podem ser enfatizadas em paralelo, o pessoal pode ser ligado ao cultural e ao social e a mudança sistêmica pode ser defendida e envolvida nesse processo.

“Unmasking Covert Manipulation” - Desmascarando a Manipulação Disfarçada é o título de uma seção em um de meus livros. Nele, eu discuto a mudança que está em curso:

Para tomar alguns dos muitos exemplos, a *complexidade da identidade social* está atualmente adquirindo legitimidade. No passado, tal complexidade era indesejada. A identidade social devia ser, supostamente, monolítica, moldada por elites no poder. As psicólogas sociais Sonia Roccas e Marilyn B. Brewer mostram como nossas estruturas de identidade tornam-se mais inclusivas e nossa tolerância aos grupos externos aumenta quando reconhecemos e aceitamos a complexidade da identidade social.

O filósofo Michel Serres advoga a mistura e a combinação. Ele sugere que não é eliminando e isolando que nós entendemos *o real* de forma mais exaustiva; é pela combinação, colocando as coisas em ação entre si, deixando as coisas interagirem. Serres usa a metáfora do “terceiro educado”, que, a seu ver, é uma “terceira parte” onde a mistura de cultura, natureza, ciência, artes e humanidades é construída.

O educador da paz Michalinos Zembylas explica: este ‘terceiro educado’ misturará nossas heranças múltiplas e integrará as leis; ele/ela será o inventor do conhecimento, o viajante eterno que se preocupa com a natureza e seus/suas companheiros/companheiras seres humanos.”

O filósofo Kwame Anthony Appiah defende um “caso para contaminação.” Ele diz “não” à pureza, ao tribalismo e ao protecionismo cultural e “sim” ao novo cosmopolitanismo. Emmanuel E. Lévinas salienta *o Outro*, cuja face nos força a sermos humanos. Termos como *mestiçagem*,

ou *miscigenação*, significa que ambos, “eu” e o “outro”, são alterados por nosso contato.

Werner Wintersteiner, um educador da paz na Áustria, elabora a partir de Lévinas e usa o termo de mestiçagem em *Pedagogy of the Other* - Pedagogia do Outro. Wintersteiner sugere que a base para a educação da paz no futuro deve ser o *estranho*, e que devemos aprender a viver com essa *permanente estranheza* como um traço de nossa condição humana e cultura pós-modernas.

Eu concordo com Wintersteiner e seus colegas. Durante os sete anos em que trabalhei no Egito como psicóloga clínica e conselheira, aprendi a alertar as pessoas contra confiar demais em manuais ou seminários de *Como Fazer em uma Área X* e negligenciar o fato de que viver com a *estranheza permanente* é o apelo do dia. Muitos ocidentais que haviam confiado no “treinamento intercultural” bateram à minha porta como clientes, abalados pelo que eles chamavam de “choque cultural.” Minha conclusão foi a seguinte:

Manuais ou seminários de treinamento, que comparam o comportamento “deles” com o “nosso”, prejudicam, com frequência, a causa, mais do que a promovem. O que tais manuais ou seminários deveriam ensinar é humildade, estratégias de autocontrole e a habilidade de construir relações e a tolerância em relação à insegurança e ao medo. É impossível aprender tudo sobre outra cultura, especialmente em um curso breve de treinamento.

Imagine sua terra natal e como muitos seminários teriam que ser concebidos para cobrir toda a riqueza cultural existente. As pessoas no campo reagem diferentemente das pessoas em cidades cosmopolitas; um vale pode ser muito diferente de sua vizinhança mais próxima, e assim por diante. Você, provavelmente, não entende realmente seus pais, seu cônjuge,

seus filhos e, às vezes, pergunta-se sobre você mesmo. Em resumo, é uma ilusão acreditar que você vai algum dia aprender o bastante para se comportar perfeitamente, com todas essas pessoas e sempre.

Uma panóplia de novas estratégias para o *inclusionismo* e o *dignismo*.

Novas estratégias são necessárias para trazer forma e função em congruência. Primeiro, precisamos do princípio não dualístico da *unidade na diversidade* como o fundamento filosófico de nossos novos sistemas políticos. Esse princípio é útil para evitar duas distorções maléficas – a *uniformidade* opressiva, de uma lado (por exemplo, comunismo coercivo ou consumismo), e *divisão* hostil, de outro (por exemplo, a cultura do individualismo cruel).

A experiência das *hiperpotências* do passado mostra que a *inclusividade* da “tolerância” é uma estratégia superior para o alcance da unidade na diversidade. Como discutido acima, *função* e *interesse* devem se sobrepor à *forma* e *posição*. Deve-se enfatizar o *produto* em vez de *insumo*. Práticas e instituições culturais e sociais precisam dar prioridade ao *compartilhamento comunitário* (Alan Page Fiske, capítulo 3). *Subsidiaridade* é o caminho adequado para forjar sínteses complexas que podem manifestar a unidade na diversidade. Uma abordagem de subsidiaridade pode ajudar a combinar o compartilhamento comunitário com elementos da economia de mercado em novas camadas de instituições locais e globais. Para realizar essas mudanças e compreender as oportunidades acarretadas por crises - e esta é a mensagem do meu livro de 2010 - *mulheres e homens* devem recalibrar suas contribuições à sociedade.

Um mundo de unidade na diversidade, implementado através do princípio da subsidiariedade, exige que a humanidade construa novas camadas institucionais em nível global, exatamente como as instituições nacionais unem os estados federais, sem apagar as suas diversidades. Isto requer repensar o conceito clássico de Estado-nação.

Os Estados, contudo, estão hesitantes em abrirem mão de sua soberania. Aqueles que se identificam com o sistema de Estado e ganham a sua subsistência através dele resistem ao enfraquecimento desse sistema (existe a famosa fraqueza humana de *aversão à perda*, capítulo 6). O processo de unificação, conseqüentemente, encontra forte resistência toda vez que a construção institucional é seriamente considerada.

Crises de larga escala, muitas vezes, ajudam a superar a resistência e a estimular ondas de mudança. A Organização das Nações Unidas, por exemplo, foi fundada após a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Contudo, tais ondas tipicamente sofrem recuos subseqüentes (capítulo 4), como pôde ser observado quando o dismantelo neoliberal começou cerca de trinta anos atrás.

Parece que uma *revolução longa e inacabada* clama para ser realizada no futuro (capítulo 2). O entendimento de como construir boas instituições e governança mundiais carece de urgente renovação. A crise econômica global serviria bem à humanidade se pudesse renovar o entusiasmo para a implementação de novas instituições globais.

Na Conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas, em Bretton Woods, em julho de 1944, John Maynard Keynes propôs o estabelecimento de uma “moeda de reserva” mundial, administrada por um banco central global. Keynes acreditava que isto teria criado uma economia mundial mais estável e justa, reciclando automaticamente os excedentes do comércio para financiar os déficits comerciais. Ambas, as nações com déficits e excedentes, assumiriam a responsabilidade por seus desequilíbrios comerciais.

Talvez seja o momento de incluir idéias como essas no compartilhamento global de idéias, reflexões e visões: uma “discussão” global sobre o futuro da humanidade?

Paul Grignon desenvolveu uma visão muito concreta para um novo sistema monetário:

Minha proposta é por um sistema autogerador que poderia surgir espontaneamente, a partir de um colapso severo do sistema existente OU por aceitação voluntária, de baixo para cima, de cima para baixo, ou de ambas as formas de uma vez. Muitos desses tipos de sistemas estão operando agora como moedas comunitárias e, *particularmente exitosas*, são as “redes de permuta de negócio a negócio.” Os negócios podem não ser 100% confiáveis, mas são muito mais confiáveis que os indivíduos, mesmo que constituam simplesmente uma empresa coletiva, que não se torna desabilitada em função de um evento qualquer que aconteça a uma única pessoa.

Esta é a razão pela qual o *crédito corporativo autoemitido*, que pode ser utilizado por todos como dinheiro de terceiros, é a espinha dorsal essencial da minha proposta, que eu considero uma visão realista, embora, quem quer que seja - mesmo a babá da vizinhança - seria LIVRE para emitir crédito para *aqueles que o aceitassem*. O movimento pelo banco estatal conduzido por Ellen Brown e o movimento pela emissão de dinheiro do governo Federal livre de dívida, conduzido pelo Instituto Monetário Americano, são, também e essencialmente, sobre crédito autoemitido. Mas a visão deles é LIMITADA em nível de estado e em nível federal, respectivamente, e são, atualmente, *conflitantes entre si!!*

Grignon acredita que o princípio do dinheiro como uma “única *commodity* uniforme com suprimento limitado” (ouro, prata, garantia em dinheiro autorizada pelo governo) é a RAIZ do problema com o dinheiro, porque o valor do dinheiro está baseado na relativa *escassez do dinheiro* e tal dinheiro é um “suprimento” e, por conseguinte, sujeito a controle. Ele escreve:

No passado, moedas em metal precioso, de ouro e prata, eram necessárias para o comércio de longa distância, porque

o dinheiro tinha que ser *fisicamente portátil*, ou seja, *valioso em pequenas quantidades*.

O uso de moedas de metal precioso é o que deu origem ao geralmente inquestionável conceito de dinheiro como uma “única *commodity* uniforme de suprimento limitado.”

Mas, muito antes das moedas em metal precioso serem inventadas, o dinheiro era mais frequentemente um *crédito escrito para “alguma coisa específica de alguém específico,”* na maioria das vezes grãos de um fazendeiro local.

Créditos para produtos e serviços locais constituem “dinheiro” como uma exigência amortizável em *valor real*, mas, até recentemente, a utilidade de tais créditos era *geograficamente limitada* pelas primitivas tecnologias de transporte e de comunicação.

O progresso tecnológico agora torna prático reinventar este antigo conceito de dinheiro como um sistema de dinheiro *global*, e este avanço evolutivo já começou em sistemas de crédito autoemitido, como Time Dollars, LETS internacional, e uma variedade de redes de permuta negócio a negócio, utilizando créditos autoemitidos para produtos e serviços específicos como “dinheiro” entre os participantes.

Grignon propõe que todos, de indivíduos a negócios, a governos em todos os níveis, sejam capacitados, através de demanda comprovada para seus produtos e/ou serviços, a emitir créditos para aqueles bens e/ou serviços expressos em uma *unidade de dinheiro comum*. Da mesma forma que medimos o tempo em minutos, extensão em metros e peso em toneladas, mediríamos essas promessas de bens e serviços reais em “dinheiro”, as quais nos permitiria usá-las como dinheiro. Ele continua:

Mas, diferentemente do sistema do dinheiro governo-banco de hoje, que é ou uma garantia monetária expedida pelo banco central ou, predominantemente, promessas em talão de cheques de dinheiro que *NÃO* existe, criado a partir de promessas para pagar de volta este dinheiro *NÃO* existente... todo “dinheiro” em um sistema de crédito *autoemitido é reembolsável por bens e serviços reais* de um *supridor específico* aos preços anunciados. Assim, é definido em valor e independentemente do total do “estoque” de créditos. E, considerando que é emitido pelos produtores do valor real, *é livre de qualquer controle central*.

Atualmente, a construção de instituições globais é raramente objeto de escrutínio minucioso, como Grignon e outros que têm a mesma opinião gostariam que fosse. Como mencionado no capítulo 2, Douglas Hurd, um ex-diplomata e ministro das relações exteriores, do partido conservador, no Reino Unido, explicou em uma entrevista, assim como em seu livro de 2010, que as instituições multilaterais estão fracassando. O seu alerta é de que a oportunidade para criar instituições grandes o bastante a serviço de interesses mundiais foi perdida em 1989. O último grande acordo, em 1945, falhou em prover instituições viáveis para a comunidade mundial para lidar com a mudança climática e para determinar quando convém intervir em assuntos de outros povos e quando convém ficar de fora deles. Isto deve ser estabelecido agora, exorta Hurd.

O site do *International Institute for Sustainable Development (IISD)* - Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável registra:

Atualmente, existem 13 Acordos Multilaterais Ambientais e/ou convenções globais e cerca de 500 tratados internacionais ou outros acordos relacionados com o meio-ambiente. Esta proliferação de acordos criou preocupação entre comunidades nacionais e internacionais no que diz respeito à superposição e duplicação de metas e programas. A falta de coerência resulta em elevados custos de transação e ineficiências em

alcançar os objetivos da convenção, e a necessidade de coerência é óbvia. Enquanto várias iniciativas de Acordos Multilaterais Ambientais produziram uma abordagem mais integrada para o gerenciamento ambiental, pouco está sendo feito, atualmente, para encontrar coerência entre acordos ambientais e iniciativas de desenvolvimento, especialmente as recém-elaboradas Metas de Desenvolvimento do Milênio.

Todos os membros da família humana precisam se unir agora em um período de coleta de idéias e de criação de uma visão para um futuro melhor. Precisamos determinar quais sistemas abrangentes globais de larga escala devemos criar para fazer nosso futuro digno de se viver. A visão de que “nós afundamos ou nadamos juntos” não está suficientemente expressa em nossas instituições. A forma não reflete a função.

Quando se trata de coleta de ideias e de criação de visão global, é importante evitar o projetismo (capítulo 2). É também crucial abster-se de abortar idéias com o argumento de que “isto não pode ser feito.” É, além disso, imperativo, evitar a introdução de novos ciclos, ou sustentar velhos ciclos de humilhação: difamar análises e sugestões de outras pessoas é contraproducente (ver as discussões anteriores de efeitos de humilhação).

Vislumbres de coleta de idéias e de criação de visão global para soluções novas e criativas estão emergindo. Este livro não advoga sequer *uma* solução, mas deseja contribuir para um diálogo criativo entre todos os seres humanos que consideram todas as idéias disponíveis.

*Se... a máquina do governo ... é de tal natureza que ela
requeira que você seja o agente da injustiça para com outro,
eu diria, então, infrija a lei.*

—Henry David Thoreau

CAPÍTULO 11: PRECISAMOS HUMANIZAR A GLOBALIZAÇÃO COM IGUALIZAÇÃO!

Todo aprendizado acontece mediante uma perda ordenada de informação.

—Kenneth Boulding

O que sabemos de fato, nós não sabemos de uma forma que atende a nossas necessidades. Assim, precisamos saber de formas diferentes, e precisamos construir conhecimento novo, através de novas formas de saber. O novo conhecimento está na área de concepção de novas realidades, o que é passível de ser feito por intermédio do pensamento criativo e especulativo, que seria compartilhado comunitariamente e refletido para formulação comum, que seria testado em um processo contínuo de invenção social.

—Betty A. Reardon

Mais pessoas intensificam o desafio de se engajar em análise criativa e ação de exploração. *Where Good Ideas Come From: The Natural History of Innovation* - De Onde Vêm As Boas Idéias: A História Natural da Inovação, do escritor científico Steven Johnson, é um livro que todos nós podemos ter o desejo de ler. Nós também devemos estar familiarizados com o trabalho sobre *pontos críticos* e *valores extremos*, do autor Malcolm Gladwell. Esses trabalhos nos ajudarão a aprender como mudar paradigmas. O ensaio do físico Paul D. Raskin intitulado “*Great Transition*” - A Grande Transição, é também uma leitura obrigatória.

No capítulo 3, faço uma reflexão sobre “humanizando a globalização através da igualização” e denomino esse processo de *globegualização*. Eu sugiro dar primazia ao compartilhamento comunitário, em vez de precificação do mercado (cunhado por Alan Page Fiske).

Eu sugiro que o mote da Revolução Francesa de 1789 - *liberté, égalité e fraternité* – Liberdade, igualdade e fraternidade (capítulo 2) - deve guiar a construção de instituições, local e globalmente. Uma estrutura sistêmica global deve garantir a liberdade e a igualdade através da justiça informada pela igualdade em direitos e dignidade para cada cidadão do mundo. E isto deve ser mantido junto pelo amor mútuo da fraternidade. Faço apelo por uma *transição para a dignidade* em prol da *co-globegualização*.

Como essa meta poderia ser alcançada em detalhe prático?

Em 8 de março de 2011, o Instituto de Desenvolvimento Global e Meio Ambiente concedeu o Prêmio Leontief de 2011 a Nicholas Stern. Em seu discurso de agradecimento, ele citou Chris Freeman, um historiador da tecnologia. Stern descreveu o catálogo de Freeman, referente às cinco principais transformações tecnológicas passadas. Essas incluem: (1) mecanização do setor têxtil (fins do século XVIII); (2) vapor e estrada de ferro (meados do século XIX); (3) aço e eletricidade (fim do século XIX); (4) petróleo, automóveis e produção em massa (início do século XX); (5) tecnologias da informação e comunicação – TIC (fim do século XX e em andamento).

“A pessoa pode contestar os períodos ou definições, porém, o aspecto-chave da estória está claro. Agora requeremos uma sexta: para nossa vantagem, irá se sobrepor à quinta, a TIC. Essa sexta onda de tecnologias de baixo carbono deve, em contraste com todas ou com a maioria das outras, ser conduzida por política pública.”

A transição para a dignidade tida como necessária neste livro, a grande transição que Raskin e Stern exigem, só pode ser alcançada por política pública impulsionada pela *pressão das pessoas*. O trabalho do antropólogo Alan Page Fiske sobre as quatro modalidades básicas de socialização (capítulo 3) sugere que deve ser dada primazia ao *compartilhamento comunitário*, em relação às outras três modalidades. A não dependência, a não independência, mas *interdependência* é

o novo termo em moda. Ademais, o que importa é *qualidade* em vez de quantidade. As características do novo paradigma são *complexas* e *multifacetadas* e representam a *riqueza real das nações* descrita por Riane Eisler.

Contudo, primeiro precisamos aprender como “deixar para trás o instinto para nos organizarmos em *hierarquias de recursos*”, escreve Michael Britton, enquanto lemos o trabalho de Christopher Hedges, para nos permitir usar todo o potencial de nossos recursos. Linda Hartling acrescenta, “Talvez queiramos substituir a noção de hierarquia por *heterarquia*, ou nós múltiplos.” Os autores Malcolm Hollick e Christine Connelly explicam que alguns caçadores-coletores se organizam mediante a hierarquia, com os membros do grupo dividindo a responsabilidade por decisões:

A liderança muda de forma fluida, para que a pessoa mais capaz de lidar com as necessidades do momento assuma a liderança. Esta delegação *ad hoc*, de curto prazo, faz o melhor uso do conhecimento, das habilidades e da experiência disponíveis e é um meio efetivo de lidar com situações complexas. Consenso e heterarquia funcionam bem, caso haja unidade de propósito apoiada pelo compromisso de todos os membros para a estabilidade do grupo.

Sociocracia é um conceito correlato. A sociocracia é manifestada quando a tomada de decisão baseada no consentimento entre indivíduos equivalentes informa as estruturas organizacionais de governança que seguem princípios cibernéticos.

Neste livro, focamos instituições econômicas globais. No contexto da análise criativa e ação experimental, as instituições econômicas globais constituem um tópico particularmente importante, vez que elas proporcionam a estrutura definidora global mais extensa (tanto em termos de sua presença quanto de sua ausência).

Um exemplo de instituição econômica do passado histórico foi a introdução do papel-moeda como um subproduto da xilogravura chinesa. Começou na dinastia Tang (618 – 907 EC) e tornou-se institucionalizada como política governamental pela dinastia Song (960 – 1279 EC). A primeira política escrita de seguros apareceu no monumento obelisco da Babilônia, com o código do Rei Hamurabi esculpido nele. O Código de Hamurabi foi uma das primeiras formas de lei escrita. Oferecia seguro básico; um devedor não tinha que pagar a dívida de um empréstimo se alguma catástrofe pessoal tornasse isso impossível (tal como incapacidade, morte ou enchente).

A seguinte lista de iniciativas objetiva inspirar a coleta de idéias e a criação de visão global visando às inovações futuras. É muito longa para fornecer apenas alguns exemplos, e muito curta para dar uma visão global representativa. Seu objetivo é dar uma impressão da amplitude de iniciativas sociais, societárias e políticas, a partir das quais um novo pensamento está emergindo. A lista é (aproximadamente) cronológica (as iniciativas com maior notoriedade são listadas sem textos explicativos longos):

- Platão (c. 428 – 348 AEC) recomendou justiça, sabedoria, coragem e *moderação (sophrosine)*, um senso de limite, sanidade moral, autocontrole e moderação guiada por autoconhecimento verdadeiro. Aristóteles (384–322 AEC) salientou a *sabedoria prática (phronesis, latin prudentia)*. Fé, esperança e amor foram acrescentados mais tarde, constituindo, juntas, as sete virtudes cardiais. Uma lista recente mais extensa inclui oito valores centrais: amor, autenticidade, imparcialidade, liberdade, unidade, tolerância, responsabilidade e respeito pela vida. Curiosamente, a Noruega emergiu da crise econômica que eclodiu em 2008 relativamente incólume, não só devido à sua moderação astuta. O filósofo Henrik Syse assessorou bancos noruegueses e ele enfatiza a *sophrosine*.
- Há cerca de um século, o economista teórico e ativista social Silvio Gesell pensava que dinheiro era um bem público – como telefone

ou transporte por ônibus – e que uma pequena taxa deveria ser cobrada pelo seu uso. Por meio de tal “taxa de indenização”, um sistema monetário poderia ser concebido para dar um incentivo ao pensamento de longo prazo, em vez de uma exploração de recursos no curto prazo. Ele se considerava um cidadão do mundo e acreditava que a Terra deveria pertencer a todas as pessoas, independentemente de raça, gênero, classe, riqueza, religião e idade, e que fronteiras deveriam se tornar obsoletas.

- “Viver Bem” é um sistema social indígena que foca a reciprocidade entre pessoas e a Terra. Como modela Riane Eisler, autora de *The Real Wealth of Nations: Creating a Caring Economics* - A Verdadeira Riqueza das Nações: Criando uma Economia Solidária, podemos aprender lições importantes dos povos indígenas.
- O Butão, uma pequena nação no sul da Ásia, foca a Felicidade Nacional Bruta (FNB), em vez de Produto Interno Bruto (PIB). “Eu acredito que a Felicidade Nacional Bruta é hoje um elo entre os valores fundamentais de bondade, igualdade e humanidade, e a necessária busca do crescimento econômico,” anuncia King Jigme Khesar Namgyel Wangchuck, do Butão, na sua página no Facebook.
- Também na Escandinávia e na Costa Rica, caminhos alternativos de estratégias econômicas e políticas foram testados. Como mencionado acima, o filósofo Henrik Syse assessorou bancos noruegueses enfatizando a *sofrosine*. É importante ver também o trabalho do ESOP - Centro de Igualdade, Organização Social e Desempenho, da Noruega, descrito mais adiante.
- Uma iniciativa anterior foi *Our Common Future* - Nosso Futuro Comum, um relatório da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, presidida pelo primeiro ministro norueguês, Gro Harlem Brundtland, em 20 de março de 1987.

- Em 1994, o monge budista tailandês Prayudh A. Payutto alertou que o estudo da economia tem evitado questões de valores morais e considerações sobre ética, muito embora esteja ficando óbvio que, para resolver os problemas que enfrentamos no mundo de hoje, tais considerações serão necessárias:

Se o estudo da economia é para desempenhar algum papel na solução de nossos problemas, não pode mais escapar o tópico da ética. Atualmente, fatores ambientais são levados em consideração, tanto nas transações econômicas quanto na solução de problemas econômicos, e a necessidade por ética no enfrentamento do problema da conservação e do meio-ambiente está se tornando cada vez mais aparente.”

Ove Jacobsen, professor do Centro para Economia Ecológica e Ética em Bodø, norte da Noruega, explica:

Payutto afirma que a ética é o elo entre a realidade interna e a externa. Ele aponta para a sabedoria, a compaixão e a moderação como características importantes de uma economia que promoverá o desenvolvimento individual e social dentro da estrutura de uma natureza sustentável. Payutto explica a economia budista como sendo baseada nos conceitos Tanhã e Chanda. Tanhã se refere a uma busca egoísta de experiências do tipo material. Como as necessidades de experiências simples são intermináveis, levam, frequentemente, à cobiça, ao ódio e ao egoísmo. Chanda representa a sabedoria e valores éticos que são centrais para a procura da felicidade verdadeira e da qualidade de vida. O caminho para o Chanda segue através da reflexão sobre experiências de vida. De acordo com Payutto, descobriremos, finalmente, que condição mental, comportamento moral e economia estão unidos, em conjunto, através de uma corrente de ações. A meta é desenvolver um

entendimento global que mude os conflitos de interesse para uma experiência comunitária de interesse entre indivíduos, sociedade e natureza... Em termos de valor econômico, ele faz a distinção entre o valor verdadeiro (Chanda) que leva ao 'bem-estar', e valor artificial (Tanhã), que favorece apenas as atividades de ganância egoísta... Payutto diferencia felicidade dependente, felicidade independente e felicidade harmoniosa. A felicidade dependente está ligada a objetos externos e é, portanto, dependente de coisas no mundo material. A felicidade independente está ligada a condições internas como 'paz de espírito'. A felicidade independente é mais estável do que a felicidade dependente, na presença de objetos externos. A felicidade harmônica é baseada na atitude altruísta, onde a meta é ajudar o 'bem-estar' de outras pessoas. A felicidade harmônica está ligada ao budismo e tem como objetivo cultivar a experiência da relação entre 'eu' e 'nós' ou um 'eu estendido'. Confiança e solidariedade (com todas as criaturas vivas) são, dessa maneira, indicadores de felicidade verdadeira. O melhor interesse de comunidades está associado à ausência de pobreza, mais do que com a maximização da produção e do consumo... Na economia budista, o trabalho tem valor intrínseco, pois consiste em buscar metas comuns, através da colaboração com outras pessoas, contribuindo para o desenvolvimento pessoal, enquanto combate o egoísmo (Chanda). O trabalho que foi reduzido para ser apenas um meio para conseguir dinheiro para o consumo de bens e serviços é motivado pelo Tanhã. Isto significa que queremos trabalhar o mínimo possível e consumir o máximo possível. Também, nesse ponto, Payutto recomenda um equilíbrio entre extremos... Payutto argumenta que a concorrência é um meio efetivo para maximizar a produção e o consumo de bens e serviços (Tanhã). Quando os atores econômicos estão trabalhando juntos para atingir maior poder de mercado, ele usa o termo 'cooperação artificial'. Se a meta é promover

um desenvolvimento que tem como alvo a comunidade, ele recomenda a cooperação genuína. Colaboração verdadeira ocorre como resultado da percepção de que tudo está ligado e motivado pelo Chanda.”

- Iniciativas inovadoras surgiram de movimentos passados, tais como a Fundação Rudolf Stein, a *Social Finance* e o *Praxis Peace Institute*. Há vinte e cinco anos, a *RSF Social Finance* vem construindo o campo emergente da finança social. A RSF desenvolveu a *Transforming Money Network* - Rede de Transformação de Dinheiro, que inclui aqueles que trabalham ao longo de um vasto espectro de abordagens financeiras, de títulos privados a moedas complementares. Diversos grupos e iniciativas surgiram como resultado dessa rede, incluindo: *The Sequoia Principles for Transforming Money*; *Fund for Complementary Currencies*; *Money, Race, and Class Conversations*; e, *Intuition and Money gatherings*. O Fundo RFS para Moedas Complementares apoia projetos-piloto replicáveis em novas formas de moeda, incluindo BerkShares, TimeBanks, e GETS (*Global Exchange Trade System*), e pesquisa e inovação relativos aos meios de intercâmbio econômico. Desde sua fundação em 2001, o *Praxis Peace Institute* se estabeleceu como um veículo para pesquisa, *workshops* práticos e educação cívica.
- O estatístico W. Edwards Deming (1986) tem sido um líder notável no campo da gerência da qualidade, juntamente com Joseph Juran e outros. A partir disso, cresceu, por exemplo, *The Malcolm Baldrige National Quality Program* e a *European Foundation for Quality Management* - *EFQM*. Ulrich Spalthoff escreveu:

Infelizmente, de acordo com minha observação, esta abordagem equilibrada sofreu um recuo, como a noção de valor do acionista dominou os cursos de MBA. Como podemos ver agora, isto foi altamente devastador para a economia, assim como para a maioria das pessoas. O problema agora é achar um novo paradigma. Começar, novamente, apenas com as

teorias de alguns 20, 30 anos atrás, a meu ver, não é suficiente. Isto representaria o alto risco de que os acionistas continuarão a dominar a economia. Ficaria altamente interessado nos pensamentos dos leitores sobre como definir uma estrutura melhorada para as organizações de qualidade, que não apenas reduza o risco das usurpações confiscarem muito poder, mas também assegure uma boa combinação de eficiência econômica, participação igualitária de todos os interessados e gerenciamento sustentável de recursos naturais. O último ponto foi, de certa forma, negligenciado nas práticas Baldrige e EFQM, mas, agora, é crucial.

- O matemático, estatístico e economista Nicholas Georgescu-Roegen introduziu o conceito de entropia da termodinâmica na economia (que se diferencia da fundação mecanicista da economia neoclássica, extraída da física newtoniana), e realizou um trabalho fundamental, que se desenvolveu depois em *economia evolutiva*. Seu trabalho contribuiu, significativamente, para a *bioeconomia* e a *economia ecológica*.
- O campo transdisciplinar da *economia ecológica* é uma área emergente importante da pesquisa acadêmica que objetiva tratar a interdependência e a coevolução das economias humanas e ecossistemas naturais, ao longo do tempo e do espaço.
- O inovador econômico Dee Ward Hock formou o *Chaordic Commons*, uma organização sem fins lucrativos, com o objetivo de desenvolver, disseminar e implementar novos conceitos de organização que resultem em uma divisão mais equitativa do poder e da riqueza, saúde melhorada e maior compatibilidade com o espírito humano e a biosfera.
- *O Futuro do Dinheiro*, do economista Bernard Lietaer, é um clássico. Ele argumenta que moedas complementares podem proteger contra efeitos destrutivos de quebra das principais moedas. No *The Money*

Fix, Lietaer explica que o dinheiro é um “meio de troca,” “uma medida de valor,” todas as quais são descrições daquilo que o dinheiro faz, não o que o dinheiro é. “Dinheiro é um acordo.”

- A teoria e a história monetária são explicadas por Stephen A. Zarlenga, diretor do Instituto Monetário Americano, um instituto dedicado à reforma monetária nos Estados Unidos, em *The Lost Science of Money - A Ciência Perdida do Dinheiro*.
- *The Earth Charter - A Carta da Terra* fornece um modelo para análise e ação global. A missão da iniciativa Carta da Terra consiste em promover a transição para formas sustentáveis de vida e uma sociedade global fundada em uma estrutura ética compartilhada que inclui respeito e cuidado pela comunidade de vida, integridade ecológica, direitos humanos universais, respeito à diversidade, justiça econômica, democracia e uma cultura da paz.
- *Ashoka: Innovators for the Public*, fundada por William Drayton em 1981, é uma organização sem fins lucrativos que apoia o campo do empreendedorismo social. Sua meta é identificar e apoiar líderes empreendedores sociais, através de uma abordagem de Capital de Empreendimento Social, para elevar o setor cidadão a um nível competitivo, igual ao do setor empresarial.
- Os Princípios Caux são fundados em dois conceitos morais, o conceito japonês de *kyosei*, que significa viver e trabalhar junto para o bem comum, e o conceito de *dignidade humana*. Ambas as afirmações atribuem um lugar central ao respeito dos direitos humanos na atividade de negócios.
- *The European Business Ethics Network*, EBEN, fundada em 1987 como associação sem fins lucrativos, é uma rede transnacional dedicada à promoção da ética nos negócios, amplamente definida na academia, no setor empresarial, no setor público e na sociedade civil.

- *Global Corporate Citizenship* - GCC surgiu na área de conhecimento sobre gestão e negócios nos anos 1990. Termos similares são: responsabilidade social corporativa (“RSC”), consciência corporativa, desempenho social corporativo ou negócio responsável sustentável, todos com conotação de deliberada inclusão do interesse público na tomada de decisão corporativa e de honra aos três pilares: pessoas, planeta, lucro.
- A formulação das Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDMs) fornece uma orientação para a ação global. Seu mérito é apontar deficiências. No entanto, como Howard Richards (especialista da paz e estudos globais e filosofia, a quem foi dado espaço no capítulo 2) afirma: o sistema inteiro talvez precise ser remodelado e todas as tentativas de tirar as pessoas da pobreza, trazendo-as para o mercado do dinheiro, tal como é definido, estão hoje condenadas. O antropólogo Mac Chapin pode concordar com Richards: a agenda conservacionista não foi auxiliada pela mudança retórica em prol “do pobre.” Chapin explica:

Da mesma maneira como outrora as possibilidades amplamente reconhecidas da administração nativa foram em grande parte dispensadas, os termos “indígena” e “tradicional” foram amplamente eliminados do discurso das grandes ONGs conservacionistas – substituídos, principalmente, por “marginalizado” ou “pobre.” (Os termos mais neutros “rural” e “local” foram também amplamente difundidos na literatura e são comumente utilizados pelos dois lados.) Esta mudança linguística rouba a dignidade de povos indígenas. Quem está interessado em salvar a cultura de povos marginalizados? Qual é o valor do conhecimento ecológico tradicional do pobre? Povos que são vistos como não possuidores de nenhuma cultura distinta, patrimônios ou reclamações históricas em relação à terra que ocupam terminam sendo, em um sentido verdadeiro, um povo sem valor.

- O Pacto Global das Nações Unidas, mundialmente conhecido como Compact ou PGNU, é uma iniciativa das Nações Unidas para encorajar empresas em todo o mundo a adotar políticas sustentáveis e socialmente responsáveis e relatar sobre suas implementações.
- O Modelo Comunidade Econômica é um fórum para o grupo crescente de pessoas que acreditam que os sistemas monetários dominantes necessitam ser mudados.
- A Organização Internacional de Padronização - ISO decidiu lançar um Padrão Internacional fornecendo orientações para responsabilidade social, denominada ISO 26000, ou ISO RS, que foi lançado em 1º de novembro de 2010.
- O vencedor do prêmio Nobel, o economista Robert Alexander Mundall, que estabeleceu a base para a introdução do Euro, advoga o desenvolvimento de uma *moeda mundial*.
- *PayPal* é, de muitas formas, uma nova moeda mundial. Peter Thiel, seu fundador, mereceria ter seu nome ao lado de nomes como o de Bill Gates ou Steve Jobs. A visão do PayPal é mobilizar a consciência global através da *web*, mediante um serviço de dinheiro que permite o movimento livre de dinheiro ao redor do mundo. O dinheiro pode ser movido para além das fronteiras nacionais, por intermédio do espaço cibernético. Em 2008, o PayPal lidou com 16 bilhões de dólares em transações. Foi concebido para dar às pessoas nova soberania sobre o dinheiro delas.

Infelizmente, como relata Ulrich Spalthoff, ao longo do tempo, esses nobres objetivos não foram alcançados. Como o PayPal usa sua influência para exercer dominação global corporativa, muitas pessoas estão um tanto privadas da soberania em relação ao dinheiro delas. O mesmo é válido para Visa, MaterCard e Western Union. Charutos

cubanos não podem mais ser vendidos na Alemanha com a utilização do PayPal.

No capítulo 2, as campanhas de colonização do passado foram descritas como iniciadas frequentemente com o comércio. No início, isto pode ter sido politicamente neutro, e os parceiros comerciais eram tratados como iguais. Depois, quando certa quantidade de influência econômica havia sido acumulada, foi usada em estratégias de tomada de poder. Isto foi quando a pilhagem, a conquista e a colonização completa se estabeleceram.

- Peter Thiel foi também um importante investidor inicial do Facebook, que se fosse um país, teria agora a terceira maior população mundial. O Facebook também enfrenta um aumento de críticas pelo fato de tornar dados de clientes um recurso para a maximização do lucro. O usuário é o produto. O veículo popular da *web* “está se agrupando com empresas que distribuem música, filmes, informações e jogos, preparando-se para se tornar o veículo condutor onde as notícias e o entretenimento são encontrados e consumidos.” Seus novos parceiros incluem Netflix e Hulo para vídeo, Spotify para música, *The Washington Post* e Yahoo para notícias, Ticketmaster para entradas em concertos, e uma série de alimentos, opções de viagens e marcas de produtos. “Isso vai permitir que o Facebook colete dados ainda mais valiosos do que possui hoje sobre os hábitos e os desejos de seus usuários, que, por sua vez, podem ser usados para vender mais publicidade aperfeiçoada.” LinkedIn faturou US\$ 58.000.000,00 no último trimestre, distribuindo dados sobre seus membros para empresas que pagam por isso.

Conclusão: Seria uma conquista cultural se as pessoas que foram formalmente limitadas pela história e pela geografia pudessem ultrapassar fronteiras e desafiar as estruturas de poder existentes de nações-estado e corporações com sistemas de mídia social global que não comoditam seus clientes. Na sua configuração atual, a

mídia social parece desejar a substituição das estruturas nacionais de poder por outras novas estruturas.

- David A. King, diretor da *Smith School of Enterprise and Environment* da Universidade de Oxford, exorta a comunidade global a ser bastante corajosa para enfrentar a singularidade da necessidade para uma ação coletiva global e compreender a viabilidade do *crescimento verde*. (no capítulo 10, Juliet B. Schor teve espaço e expressou ceticismo no que diz respeito à noção do crescimento verde.)
- Processos *Peer-to-peer* (P2P) (incluindo *Free Software* e *Open Source*, o acesso aberto, os movimentos culturais livres, entre outros) representam um campo emergente, apoiado pelas novas tecnologias da informação e comunicação (TICs). Eles formam, progressivamente, uma realidade global de práticas não mercadológicas. No projeto Oekonux, as formas econômicas e políticas do Software grátis são discutidas. Pessoas como Lawrence Lessig, membro-fundador do conselho Bens da *Creative Commons*, e o seu parceiro, o teórico Michel Bauwens, objetivam desenvolver uma estrutura conceitual para esses novos processos sociais. Michael Bauwens escreve que a *economia política baseada em bens comuns* seria centrada no Peer-to-Peer, mas coexistiria com uma esfera revigorada de reciprocidade (economia da dádiva). Estaria centrada em torno da introdução de moedas complementares dependentes no tempo e uma esfera reformada para o câmbio do mercado, o tipo de “capitalismo natural” descrito por Paul Hawken, David C. Korten e Hazel Henderson, onde os custos da reprodução natural e social não são mais externalizados, e que abandona o crescimento imperativo por uma economia de *produtividade*, tal como foi descrito por Herman Daly.
- A *New Economics Foundation*, da Grã-Bretanha, publica um Índice Planeta Feliz, que mostra que é possível para uma nação ter um bem estar elevado com um baixo impacto ecológico.

- A conferência “Para além do PIB” no Parlamento Europeu, em 2009, discutiu uma nova abordagem para medir a Qualidade de Vida, além dos conceitos de felicidade culturalmente tendenciosos.
- O Conselho Ministerial Franco-Alemão decidiu, em 4 de fevereiro de 2010, solicitar que o Conselho Francês de Análise Econômica e o Conselho Alemão de Especialistas Econômicos dessem seguimento ao resultado da Comissão sobre a Medição do Desempenho Econômico e do Progresso Social. Na Alemanha, a Enquete-Kommission Wachstum, Wohlstand, Lebensqualität iniciou o trabalho em 17 de janeiro de 2011.
- O instituto de pesquisa Gallup fornece pesquisa de opinião em 170 países sobre o percentual de pessoas em situação de prosperidade.
- O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) considera a expectativa de vida, alfabetização, educação e padrões de vida no mundo inteiro.
 - A Base de Dados sobre Desigualdade de Renda Mundial, UNU-WIDER, coleta e armazena informações sobre a desigualdade de renda para países desenvolvidos, em desenvolvimento e em transição.
- A Comissão sobre Indicadores Nacionais Chave (*Commission on Key National Indicators*) foi fundada em 2010 pelo Congresso Americano dos Estados Unidos, para fornecer supervisão e assessoria para um novo Sistema Nacional de Indicadores Chave para os Estados Unidos. A primeira a existir, a Comissão bipartidária em Indicadores Nacionais Chave, é completa, com nomeações da então presidente da câmara dos representantes, Nancy Pelosi e do líder da minoria John Boehner.

Os oito membros da Comissão bipartidária em Indicadores Nacionais Chave foram selecionados por líderes do Congresso na Câmara dos representantes e no Senado, para

supervisionar a implementação do Sistema Nacional de Indicadores Chave, para auxiliar o povo americano a melhor avaliar o progresso da nação. O sistema de indicadores – possibilitado por uma parceria inovadora público-privada – selecionará um número limitado de medidas-chave no que se refere a assuntos mais importantes enfrentados pelo país e tornará as informações sobre elas livremente disponíveis via *web*, utilizando fontes de dados públicas e privadas da melhor qualidade. O sistema será implementado pela *National Academy of Sciences* em parceria com um instituto sem fins lucrativos, o *State of the USA*. Um total de U\$ 70 milhões para apoio financeiro público está autorizado para KNIS ao longo de nove anos, para complementar as contribuições do setor privado, que chegam perto de U\$ 50 milhões até hoje.

- A instituição sem fins lucrativos *Center for the Advancement of the Steady State Economy*, em Arlington, Virgínia, EUA, explica que “crescimento econômico contínuo em um planeta finito é uma mera ilusão.”
- A primeira Conferência da América do Norte sobre Decrescimento foi realizada em 2010, em Vancouver, na British Columbia. A meta é uma economia de estado estacionária com rendas razoáveis para todos os seres humanos, em uma sociedade mais humana que preserve o planeta e promova a felicidade humana.
- Um relatório da *Green New Deal* foi publicado em nome do Grupo *Green New Deal* pela *New Economics Foundation*.
- O Partido Verde, o *European Green Party* e a *European Free Alliance* desenvolveram um programa para um *Novo Acordo Verde: Proteção do Clima, Novos Empregos e Justiça Social*, por Reinhard Buetikofer e Sven Giegold.

- A Declaração sobre o Decrescimento é o resultado de um *workshop* realizado na Conferência sobre Decrescimento Econômico para Sustentabilidade Ecológica e Equidade Social realizada em Paris, entre 18 e 19 de abril de 2008. Ela reflete os pontos de vista dos participantes da conferência e articula a visão do movimento do Decrescimento. Conferir também a declaração de Tilburg. Ambas as declarações fazem apelo a uma reorientação radical de nossas economias.
- Paul Krugman recebeu o Prêmio Nobel de Economia, em 2008, por sua contribuição à nova teoria do comércio e à nova geografia econômica.
- Elinor Ostrom recebeu o Prêmio Nobel de Economia de 2009. Ela é considerada uma das especialistas líderes no estudo de recursos de propriedade comum. Seu trabalho enfatiza a natureza multifacetada da interação humano-ecossistema e argumenta contra qualquer “panaceia” única para problemas do sistema socioecológico individual.
- A administração global de sistemas financeiros está sendo discutida por, John Leonard Eatwell, um economista britânico e o atual Reitor da Queens’ Colege, em Cambridge, entre outros.
- Berthold Huber, líder do maior sindicato alemão, IG-Metall, faz apelo para que as *comissões da verdade* analisem e reflitam sobre as causas da crise econômica que eclodiu em 2008.
- Ellen Hodgson Brown escreveu sobre a *Web of Debt* - Rede da Dívida:

Nosso sistema monetário não é aquilo a que fomos levados a acreditar. A criação do dinheiro foi “privatizada,” ou apropriada por credores privados. Thomas Jefferson os chamava de “aventureiros ousados e falidos fingindo apenas

que têm dinheiro.” Exceto por moedas, todo o nosso dinheiro é atualmente criado como empréstimos adiantados por instituições bancárias privadas – inclusive o Federal Reserve, de propriedade privada. Os bancos criam o principal, mas não os juros que servem aos seus empréstimos. Para encontrar o juro, novos empréstimos devem ser tomados continuamente, ampliando o suprimento monetário, inflando os preços – e roubando de você o valor de seu dinheiro.

- O economista comunitário, Thomas Henry Greco, Jr, explica alternativas para o dinheiro no *The End of Money and the Future of Civilization*.
- O trabalho do cientista, ambientalista e futurologista independente James Lovelock (2009) tem sido fundamental. Seu trabalho está sendo continuado, entre outros, no Schumacher College, por Stephan Harding (2006). Ben Brangwyn e Rob Hopkins, cofundaram a Rede de Transição, com a pretensão de implementar um modelo de transição de desenvolvimento mais rápido.
- O físico Paul Raskin é fundador do *Tellus Institute*. O instituto conduziu, ao redor do mundo, mais de 3.500 pesquisas e projetos de políticas sobre assuntos ambientais, planejamento de recursos e desenvolvimento sustentável. O ensaio produtivo de Paul Raskin “*Great Transition*”- *A Grande Transição* - teve uma ampla influência internacional⁶⁰⁰.
- O documentário *Home* foi muito influente nas últimas eleições na França.
- Muitos outros filmes influentes mereceriam ser citados aqui, entre eles o recente documentário “A Verdade da Crise de Charles Ferguson” (2010).

- Conceitos de constitucionalismo cosmopolita e soberania cosmopolita estão surgindo em muitos aspectos e formas. O cosmopolitanismo permite diferenças em processos e procedimentos entre estados, na medida em que prevê a transformação de autoridade graduada em autoridade judicial.
- Um modelo econômico para o futuro, uma *economia de bem-estar comum*, está sendo desenvolvido na Áustria.
- A Argentina tornou-se conhecida por uma *economia solidária*. 85 Referiu-se a ela, repetidamente, no Painel da Juventude do Ocupe Wall Street, no Ciclo Anual de Palestras Schumacher de 2011 (capítulo 2).
- Uma mudança total de paradigma nos arranjos econômicos, em menos de três anos, é a previsão do professor de economia Franz Hörmann.

O sistema econômico das sociedades ocidentais (como resultado da chamada “globalização”, na verdade, quase o sistema econômico do mundo inteiro) é o resultado de padrões de pensamento historicamente cultivados, que emergiram em torno de poucas premissas centrais muito limitadas.... Precisamos apenas aprender como mudar os modelos econômicos e os padrões de pensamento centenários, que estão tão gravados em nossas mentes (ao final de contas, aprendemos como contar dinheiro já na escola primária), que aquelas crenças comuns nunca são questionadas. “Você não pode gastar mais dinheiro do que você tem!” e ditos similares transformam a economia em nossas mentes em um jogo de soma zero. Mas jogos de soma zero só podem ser ganhos por um jogador – seu oponente é condenado a perder e, acima de tudo, ele é condenado a ser um oponente desde o começo. Se conseguirmos mudar os

engramas mentais de economia na mente mundial, só então a humanidade prosperará e florescerá novamente.

- O economista Kamran Mofid foi mencionado ao longo deste livro. Ele fundou a iniciativa *Globalisation for the Common Good*.
- Götz Wolfgang Werner é o fundador, coproprietário e membro do conselho consultivo do *dm-drogerie markt*, uma rede alemã de drogarias, e, desde outubro de 2003, é o chefe do Grupo Inter-Departamental para Estudos Empresariais, no Karlsruhe Institute of Technology. Ele é um dos defensores mais influentes da *renda básica* na Alemanha. Werner explica em uma entrevista:

“Estou dizendo: não precisamos de um direito ao trabalho, ao menos não em termos de direito ao trabalho assalariado com recolhimento de contribuição para seguridade social. Isto já não é mais atual. Precisamos do direito à renda. Direito a uma renda básica incondicional”. Pergunta: “Você quer dar 1.500 Euros a cada pessoa, simplesmente assim, desde o nascimento até a morte.” Werner, “Sim. Precisamos dar dinheiro a cada pessoa. Uma renda cidadã. A renda básica deve ser suficiente para viver modestamente, mas com dignidade. Precisa ser mais do que um mínimo para existência – um mínimo para cultura.”

- Na Alemanha, um grupo de indivíduos ricos recomendam impostos mais elevados para os mais ricos. O físico aposentado Dieter Lehmkuhl, por exemplo, diz que está na hora dos ricos virem a ajudar o seu país. Lehmkuhl calcula que, se 2,2 milhões de alemães que têm fortunas pessoais acima de €500.000 (U\$750.000) pagassem um imposto de 5% neste ano e no próximo, isto proveria o estado com €100 bilhões.”
- Nos Estados Unidos, em conjunto com a *United for a Fair Economy*, a nova Campanha de Imposto sobre a Riqueza por uma Riqueza Responsável focaliza a atenção nas discrepâncias no sistema

tributário que recompensa a renda oriunda da riqueza sobre a renda oriunda do trabalho.

Enquanto o Congresso e os estados sem dinheiro lutam para equilibrar os orçamentos, essas pessoas ricas estão exortando para que a renda de seus portfólios de investimentos seja tributada com a mesma taxa aplicada à renda do trabalho. Isto foi feito no fim dos anos 1980, nos governos dos Presidentes Reagan e Bush, e a restauração das taxas arrecadaria U\$ 84 bilhões em 2011. A campanha está também dando apoio à Lei sobre Equidade Fiscal da congressista Jan Schakowsky, que tornaria tributável os ganhos de capital e a renda de dividendos como renda comum, de contribuintes com renda acima de U\$ 1 milhão, e criaria faixas de impostos mais altos sobre a renda, para milionários e bilionários.

- A jornalista na área de negócios Marjorie Kelly fala da transição para o *Negócio visando ao Lucro*.
- Helena Norberg-Hodge é uma analista do impacto da economia global nas culturas e na agricultura no mundo inteiro e uma pioneira no movimento de *localização*.
- Estudiosos e ativistas ao redor do mundo promovem e desenvolvem o *comércio justo*. O livro de Joseph E. Stiglitz é uma manifestação disso. Mitch Teberg é um jovem ativista que escreve um *blog* enquanto faz pesquisa para escrever um livro sobre Comércio Justo.
- Ragnhild Nilsen, um escritor, artista, instrutor e membro do conselho consultivo global de nossa rede de Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação, fundou a iniciativa Comércio Mundial Justo.
- O movimento internacional *Global Zero*, lançado em dezembro de 2008, inclui mais de 300 líderes políticos, militares, religiosos

e cívicos – e centenas de milhares de cidadãos – trabalhando pela eliminação, em fases e monitorada, de todas as armas nucleares no mundo inteiro. Os signatários da declaração vão de Hans Blix a Horst Teltschik, de Gro Harlem Brundtland a Jimmy Carter e a Zbigniew Brzezinski. Esta iniciativa surgiu no contexto do aumento drástico da produção de equipamento militar desde o fim da Guerra Fria.

- Cada vez mais, surgem esforços que promovem a generosidade, a bondade, a consciência e a ligação da espiritualidade e da ação, no espírito do movimento *criativos culturais*, descrito por Paul H. Ray e Sherry Ruth Anderson. Ver, entre outros, a revista online, *Wild River Review*, que “procura aumentar a conscientização e a compaixão, assim como inspirar o engajamento através do poder das estórias.” A *Love Foundation* foi fundada por Harold H. Becker para “inspirar as pessoas a amar incondicionalmente.” KarmaTube “dedica-se a trazer à luz estórias inspiradoras, usando o poder do vídeo e da *internet* para multiplicar os atos de bondade, beleza e generosidade.” A educação contemplativa no *Garrison Institute* consiste em “explorar a interseção da contemplação e da ação engajada no mundo.”
- A teoria do jogo comportamental usa variações do jogo do dilema do prisioneiro para estudar os comportamentos humanos. Neste jogo, os participantes têm a escolha de cooperar ou trapacear uns com os outros. Os resultados mostram que os seres humanos estão se comportando de maneiras mais cooperativas do que o conceito do *Homo economicus* indica. Os resultados são também relevantes para a teoria da humilhação, nomeadamente, por demonstrar como as pessoas, diante da humilhação, podem querer dar o troco e retaliar, mesmo ao custo de se prejudicarem.

O cientista político Robert Axelrod explorou modelos de computação do jogo iterado do dilema do prisioneiro (que dá a dois jogadores a chance de cooperar ou trair um ao outro) e formalizou a *estratégia evolucionária*. A principal descoberta de Axelrod é que a estratégia

de retaliação evolucionária – também conhecida como *altruísmo recíproco* – é extremamente exitosa e derrota todas as outras estratégias, aumentando os benefícios de cooperação, ao longo do tempo, e protegendo os participantes de predadores.

No campo da psicologia social, Morton Deutsch é um pioneiro na pesquisa do dilema do prisioneiro. Deutsch expõe o que ele chama de *lei crua de relações sociais de Deutsch*. Esta lei diz que “processos característicos e efeitos provocados por um dado tipo de relação social (cooperativo ou competitivo) tende, também, a elicitar aquele tipo de relação social.” Em resumo, “cooperação gera cooperação, enquanto competição gera competição.

- Muitos problemas ambientais têm sido positivamente abordados mediante a internalização das externalidades (em muitos países, uma redução pode ser observada, por exemplo, em chuva ácida, ou em emissões de chumbo, mercúrio, cobre, DDT, enxofre, etc) Contudo, outros problemas, como mudança do clima, são mais complexos. Para resolver o dilema do prisioneiro de uma forma cooperativa, em nível de comunidades locais, as pessoas têm a vantagem de se conhecerem e podem se comunicar para alcançar a cooperação. Nos níveis mais elevados da organização institucional, contudo, isto pode somente ser alcançado quando o mandato de uma instituição social é relativamente congruente com o escopo e o nível do problema. Por exemplo, a poluição sonora é, geralmente, comparativamente fácil de se abordar, pois os padrões de influência política e institucional coincidem com o escopo e o nível do problema. Quanto à mudança climática, as estruturas globais que poderiam desempenhar este papel são fracas ou inexistentes.

O economista Richard T. Carson (capítulo 4) conclui que pode ter havido “uma década perdida, ou mais, durante a qual economistas ambientais falharam em focar outras forças motrizes em potencial atrás de mudanças na qualidade ambiental em um país” mais do

que a relação renda-poluição. Ele alerta que o debate sobre a relação renda-poluição fez os países em desenvolvimento ignorarem seus problemas ambientais até eles se desenvolverem e se tornarem mais ricos, muito embora esteja claro que os países em desenvolvimento podem tomar muitas medidas.

- Os países nórdicos parecem “violiar” aquilo que a profissão economia vê como requisitos necessários para uma economia prosperar: “Eles têm diferenças salariais muito pequenas, impostos demasiado altos, um setor público muito grande, Estados de bem-estar muito generosos e sindicatos muito fortes. Apesar dessas violações, eles têm se saído extremamente bem, por décadas. O que a maioria dos economistas veem como uma receita para problemas econômicos sérios, nos países nórdicos parece ser consistente como o alto crescimento, baixo desemprego, baixa desigualdade e uma razoavelmente eficiente alocação de recursos.” Como pode ser? A economia errou? “Ou é mais uma questão de momento e sorte? Se as estórias do sucesso nórdico são apenas uma questão de sorte, o renovado interesse pelo “modelo escandinavo”, na Europa e em outros lugares, é mal orientado. Se a economia errou, é importante saber como e por quê.”

O Centro de Igualdade, Organização Social e Desempenho - ESOP é um centro de pesquisa fundado pelo Conselho de Pesquisa da Noruega como Centro de Excelência do Departamento de Economia da Universidade de Oslo, Noruega. O Centro objetiva explorar as ligações entre igualdade, organização social e desempenho econômico, tanto em países ricos como em países pobres. As ambições são:

- confrontar a teoria econômica com as lições nórdicas: Será que precisamos mudar as premissas comportamentais e institucionais básicas, ou será que as lições nórdicas podem ser explicadas segundo uma abordagem econômica padrão, quando apenas os detalhes estão corretos?

- compreender as ligações entre desempenho econômico, distribuição e disparidades sociais: Quais são os custos e os benefícios de mais igualdade?
- explorar a sustentabilidade de Estados de bem-estar generosos, e a viabilidade de economias de mercado igualitárias: O que determina seu desempenho e sua viabilidade política e econômica?
- Compreender a interação entre políticas, instituições e desenvolvimento de longo prazo: Que conjunto de políticas e instituições podem gerar uma trajetória de desenvolvimento igualitário, dentro de um arranjo consistente?
- trazer esses tópicos de pesquisa para a fronteira de pesquisa internacional: Quais são as lições gerais para a economia?

O economista Karl Ove Moene chefia o ESOP. Ele explica no seu trabalho, que o gasto com o bem-estar e a coordenação de salário geram igualdade:

A igualdade pode se multiplicar devido à complementaridade entre determinação de salários e gasto com bem-estar. Uma distribuição de salários mais igualitária alimenta a generosidade do bem-estar via concorrência política. Um estado de bem-estar mais generoso alimenta ainda mais a igualdade de salários, através de seu apoio a grupos fracos no mercado de trabalho. Juntos, os dois efeitos geram um processo cumulativo que se soma a um importante multiplicador social. Focamos um equilíbrio político econômico que incorpora esta dependência mútua entre definição de salários e gastos sociais. Isso explica como os países quase igualmente ricos diferem em igualdade econômica e social entre seus cidadãos e por que os países se agrupam em torno de mundos diferentes

de capitalismo de bem-estar – o modelo escandinavo, o modelo anglo-saxão e o modelo continental. Usando dados de 18 países do OCDE ao longo do período entre 1976-2001, testamos as principais previsões do modelo e identificamos uma magnitude considerável do multiplicador de igualdade. Obtemos respaldo adicional para a complementaridade cumulativa entre o gasto social e a igualdade de salários, aplicando outro conjunto de dados para os EUA, ao longo do período entre 1945-2001.

- Em maio de 2007, uma Comissão de Educação foi criada na Noruega (*Dannelsesutvalg*), para examinar o pensamento de ponta internacional sobre educação superior e desenvolver recomendações para a Noruega. O relatório foi publicado em 2009. A Comissão argumenta que a educação artística liberal é de extremo significado para a criação de cidadania responsável. Explica por que a educação artística liberal não é simplesmente “um luxo para as elites.” A Comissão recomenda que a educação artística liberal seja reforçada em todos os currículos relevantes.
- BerkShares é uma moeda local e um dos poucos títulos monetários emitidos pelo setor privado nos Estados Unidos. Vem atraindo muita atenção; os acessos ao *website* do BerkShares chegaram a uma média de 21.000 por dia. BerkShares é uma moeda local desincolvida para uso na região de Berkshire, Massachusetts. É emitida pela BerkShares, Inc., uma organização sem fins lucrativos que trabalha em colaboração com bancos locais participantes, empresas e organizações sem fins lucrativos. “Uma boa comunidade se assegura pela confiança, boa-fé e boa vontade, por ajuda mútua. Uma boa comunidade, em outras palavras, é uma boa economia local,” é uma citação de Wendell Berry, que resume o espírito deste empreendimento.
- BitCoin é a prova de que o sistema monetário *peer-to-peer* é viável. Contudo, como Paul Grignon comenta, “BitCoin é criada como um

bem uniforme único, instável, não apoiado, de quantidade limitada (20 milhões de BitCoins).” Grignon comenta ainda:

De acordo com minha análise, que é apresentada em *Money as Debt III, Evolution Beyond Money* - Dinheiro como Dívida III, Evolução Além do Dinheiro, o princípio do dinheiro como um “bem uniforme único” é a RAIZ de todos os nossos problemas com o dinheiro e, portanto, não é o modelo que eu endossaria.

Devemos mudar o paradigma do dinheiro de “dívida de dinheiro, como uma coisa em si mesma” para “crédito por valor real, expresso em unidades monetárias.”

- Moeda Digital é uma proposta desenvolvida por Paul Grignon, a quem foi dado espaço, ao longo deste livro, para expressar a sua voz.
- *Positive Money* é um grupo da campanha do “não para o lucro”, do Reino Unido, que objetiva conscientizar o sistema bancário de reserva fracional e para fazer *lobby* junto ao governo do Reino Unido e ao Parlamento para introduzir uma legislação para substituir o sistema bancário existente. O grupo produziu um projeto de lei para a referida substituição.
- *Slow Money* - Dinheiro Lento é um movimento que deve seu nome ao movimento *Slow Food*. Organiza os investidores e os doadores para direcionar novas fontes de capital para pequenas empresas de alimentos, fazendas orgânicas e sistemas alimentares locais.
- Uma *economia da doação* está emergindo. A autora Geneviève Vaughan escreve:

Muitas pessoas, especialmente no denominado “Primeiro Mundo”, vivem na negação ou na ignorância quanto aos

efeitos devastadores que as políticas de nossos países e corporações têm sobre o denominado “Terceiro Mundo.” Mesmo quando estamos conscientes desses efeitos, sentimos que não temos nenhum poder para mudá-los, ou mudar situações similares em nossos próprios países. Normalmente, sentimos que não sabemos por que essas coisas estão acontecendo, ou as atribuímos à “natureza humana”, à cobiça e à “desumanidade do homem.” Há um caminho para entender o que está acontecendo, o que nos permite abordá-lo em nível individual, em nível de grupo e em nível de política nacional e corporativa. Nas últimas décadas, as feministas desafiaram a “construção do gênero”, questionando os papéis do masculino e do feminino e as identidades sexuais...

- Algumas pessoas tentam viver *sem dinheiro*. Ver, por exemplo, Heidemarie Schwermer. Observe, também, Mark Boyle, que abriu mão do uso de dinheiro em espécie e é fundador da *Freeconomy Community*. (Eu mesma vivo com o mínimo absoluto de dinheiro.)
- John Gerard Ruggie, o Representante Especial das Nações Unidas do Secretaria Geral de Direitos Humanos, Corporações Transnacionais e Outras Empresas usa a abordagem do *pragmatismo com base em princípios*, que significa ser guiado pelo princípio de fortalecer o regime atual de direitos humanos, sendo ao mesmo tempo pragmático em como atingir esse objetivo. O Relatório Ruggie, *Proteger, Respeitar e Remediar: Uma Estrutura para Negócios e Direitos Humanos*, foi lançado em abril de 2008 e aceito, por unanimidade, pelo Conselho de Direitos Humanos em junho. Em menos de um ano depois de seu lançamento, a estrutura tornou-se objeto de ampla atenção entre grupos de negócios e de direitos humanos, corporações e governos. Eu posso atestar sua influência; participei do *Öffentliche Anhörung des Ausschuss für Menschenrechte und humanitäre Hilfe über Menschenrechtliche Verantwortung internationaler Unternehmen*, no Parlamento

Alemão, em Berlim, em 6 de abril de 2011. O Relatório Ruggie se baseia em três princípios centrais:

1. o dever do Estado de proteger contra abusos de direitos humanos cometidos por terceiros, incluindo os negócios;
 2. a responsabilidade corporativa para respeitar os direitos humanos.
 3. e maior acesso a soluções efetivas pelas vítimas.
- *O Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de 2011: Conflito, Segurança e Desenvolvimento* recomenda juntar a segurança e o desenvolvimento, para quebrar os ciclos de fragilidade e de violência, haja vista que afetam mais de um bilhão de pessoas. O relatório transcende tipologias atuais de guerras e violência e afirma que a “violência organizada” tornou-se o problema principal, tais como as guerras civis, a violência comunitária, a violência relacionada com gangues e o crime organizado. A distinção entre violência política e criminal não é mais considerada válida e as instituições relevantes são exortadas para colaborar de maneiras radicalmente novas e mais efetivas, e preveem uma reestruturação fundamental. O relatório alerta que a reconstrução de uma sociedade vítima de ciclos de violência geralmente leva uma geração. Contudo, tais estruturas de longo prazo geralmente não são consideradas na concepção de programas.
 - Martin Wolf, um dos mais influentes escritores mundiais sobre economia e membro da *Independent Banking Commission* do Reino Unido, disse, em 2011, que ter o contribuinte comum subescrevendo às enormes transações feitas por bancos de investimento “é simplesmente insano.”
 - No seu *blog* “*Will China’s Rise Be Peaceful?*” - A Ascensão da China Será Pacífica?, de 16 de novembro de 2010, Wolf chama a atenção

para as potenciais vantagens da transformação atualmente em andamento, para a população mundial partilhar em prosperidade e contribuir com suas idéias e energia para assegurar um futuro melhor para todos. Ele vê três cenários possíveis, os quais sintonizam com os cenários do ensaio de Paul Raskin, intitulado “Grande Transição”:

Primeiro, a visão da “soma positiva” vence. A conscientização da ausência de qualquer conflito ideológico profundo, de dependência econômica mútua, de um destino planetário compartilhado e da impossibilidade de guerra em uma era nuclear forçam níveis adequados de cooperação global. Para que isto aconteça, deve haver, também, um profundo comprometimento para cooperação, não muito evidente em áreas como mudança climática ou desequilíbrios globais.

Segundo, a visão da “soma negativa” vence. O poder é relativo. As potências incumbentes e em ascensão competem por domínio. De forma similar, os recursos são finitos. Neste mundo, a desordem econômica e a disputa por recursos escassos levam a um recuo da globalização, enquanto o equilíbrio da política de poder domina as relações internacionais. Podemos enxergar o surgimento de uma coalisão equilibrada contra a China, consistindo, no mínimo, dos EUA, Europa, Índia e Japão, possivelmente acompanhados de outras potências.

Terceiro, lidamos, de forma satisfatória, com uma mescla das duas abordagens acima: globalização e um grau de cooperação econômica sobrevivem, mas o equilíbrio clássico de política de poder torna-se mais significativo, à medida que a China torna-se mais assertiva de sua posição no sistema mundial. Isto, *grosso modo*, foi o mundo antes da Primeira Guerra Mundial – um precedente não encorajador.

Esta lista de iniciativas, organizações e campanhas mostra, claramente, apenas uma fração muito pequena das atividades relevantes que emergem ao redor do mundo. Muitas outras precisam ser mencionadas.

O que esta lista mostra, contudo, é que muitas pessoas estão conscientes dos problemas em questão e estão dispostas a trabalhar por um futuro melhor. Contudo, há um problema, como foi apontado anteriormente: está faltando cooperação global.

O desafio mais significativo atualmente consiste em unir forças e forjar uma atividade proativa coordenada global.

*À medida que o mundo encolhe, aumenta nossa capacidade
por uma ação moral efetiva.*

—Peter Singer

CAPÍTULO 12: PRECISAMOS DE MUITO MAIS VOZES E UMA DIREÇÃO CLARA!

Não herdamos a terra de nossos ancestrais, nós a tomamos emprestada de nossos filhos.

— Provérbio Indígena Americano

Nós, que constituímos a família humana no planeta Terra, encontramos-nos em épocas de oportunidade sem igual. Michio Kaku, físico renomado, afirma que a geração viva de hoje é “a mais importante geração de humanos a andar pela Terra.” Escreveu:

Diferentemente das gerações anteriores, temos em nossas mãos o destino futuro de nossa espécie, seja pairando em cumprimento à nossa promessa como um tipo de civilização I [que significa uma civilização que tem êxito em construir um mundo socialmente e ecologicamente sustentável] ou caindo no abismo do caos, poluição e guerra. Decisões tomadas por nós reverberarão ao longo deste século. A forma como resolvemos as guerras globais, a proliferação de armas nucleares e os conflitos sectários e étnicos irá erguer ou destruir as bases da civilização do tipo I. Talvez o propósito e o significado da atual geração consistem em garantir que a transição para um tipo de civilização I seja suave. A escolha é nossa. Esse é o legado da geração que está viva hoje. Esse é o nosso destino.

No entanto, nós, a família humana falhamos em reconhecer nossas oportunidades e responsabilidades sem precedentes e, em vez disso, escolhemos criar crises sem precedentes.

Isso explica por que a ação coletiva da *global street* é necessária na conjuntura histórica atual, não apenas a *Arab street*. Novas Rosa Parks,

novos Nelson Mandelas são convidados para surgirem em grandes quantidades, e nos moverem no espírito das palavras de Margaret Mead, que abriram o capítulo 10: “Nunca duvide que um pequeno grupo de cidadãos ponderados e compromissados pode mudar o mundo. De fato, é a única coisa que já aconteceu.”

A democracia é o *antídoto mestre contra a arrogância*, disse John Keane, professor de política do *Centre for the Study of Democracy*, em Londres. “Reimaginando Sociedades Democráticas: Uma Nova Era de Responsabilidades Pessoais e Sociais” foi a conferência que eu e alguns membros de nossa rede Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação tivemos o privilégio de participar na Universidade de Oslo, na Noruega, entre 27 e 29 de junho de 2011. Poucos dias antes, em 24 de junho de 2011, lançamos nossa *World Dignity Initiative* também na Universidade de Oslo, que teve como anfitrião seu Vice-Reitor, o filósofo Inga Bostad, um dos membros fundadores da Universidade.

Como foi repetidamente discutido ao longo deste livro, um número cada vez maior de pessoas ao redor do mundo concorda que o que é necessário agora é a *pressão das pessoas*, não apenas localmente, mas globalmente, como foi sugerido por analistas como Paul Hawken. O que é necessário é o que Jeremy Rifkin chama de *revolução pró-democracia* global, que usa o *poder lateral*. Devemos levar em consideração a *refolgação* de Timothy Garton Ash, em escala global. A *reconstrução evolucionária* de Gar Alperovitz e a *grande transição* de Paul Raskin estão em jogo em níveis globais, não apenas localmente e nacionalmente. Neste livro, apelamos para uma *transição para a dignidade* global.

Gostaríamos de convidar o leitor a refletir profundamente sobre o fato de que nossos ancestrais nunca viram fotografias do nosso Planeta Azul, sob a perspectiva de um astronauta. Nossos antepassados não puderam *ver*, da mesma forma que nós, como nós humanos somos uma espécie que vive em um planeta pequeno. Nossos ancestrais não tiveram acesso a uma base de conhecimento abrangente, conhecimento que – se decidirmos usá-lo –

seria bastante substancial para enfrentar todos os nossos desafios.

Seria este o momento de compreendermos que jamais na história foi oferecida tamanha janela de oportunidade para nós, membros da espécie humana, como agora? Seria este o momento de aceitarmos esse desafio? Deve ser a hora de parar de olhar para trás e nos engajarmos em uma batalha ideológica alimentada por ciclos antigos de humilhação (ver o capítulo 8), pondo um fim, dessa maneira, à alimentação de novos ciclos de humilhação. Ciclos de humilhação antigos e novos impedirão qualquer cooperação global que seja necessária para enfrentarmos os desafios globais que temos diante de nós.

Os dinossauros se extinguiram. Nós ainda não sobrevivemos o quanto eles sobreviveram, e nos encontramos já em uma situação tão dramática quanto àquela que eles enfrentaram no final de sua era na Terra. Assemelhamo-nos ao Titanic, pouco antes de afundar. Em vez de vermos que estamos vivenciando um perigo existencial e que poderíamos inverter a situação se ousássemos, defendemos nossos pequenos territórios, nossas pequenas cabines no Titanic e escolhemos ignorar que o navio inteiro está afundando.

Que cena triste quando os ricos lutam pela “proteção da riqueza” de forma ainda mais frenética, enquanto os menos ricos se esvaem em *panem et circenses* (“pão e circo”), se ainda têm condições de fazê-lo, ou ficam acometidos com uma apatia desesperada caso não possam. Quão triste é o fato de escolhermos arriscar que nenhuma de nossas crianças, inclusive as ricas, irá herdar um planeta no qual valha a pena viver. Tudo isso em uma época em que condições históricas sem precedentes se abrem e nos permitem salvar nosso futuro.

Por que estamos tão perdidos? Eu tive o privilégio de estar presente no lançamento do livro *Legacy - Legado de Morton Deutsch*, no Centro Internacional para Cooperação e Resolução de Conflito, na Universidade de Columbia, Cidade de Nova Iorque. O psicólogo John T. Jost é coautor

de um capítulo no livro de Morton Deutsch, sobre os efeitos *soporíficos* (induzindo ao sono) de justificação do sistema. Jost elencou várias razões pelas quais as pessoas justificam sistemas que não servem seus interesses. *The Irresistible Pull of Irrational Behavior* - A Influência Irresistível do Comportamento Irracional - é outro título sugestivo que já foi mencionado no capítulo 6. Parece que somos levados a *legitimar mitos* que servem a interesses outros que não aqueles em que acreditamos que servem (os psicólogos Jim Sidanius e Felicia Pratto cunharam esta expressão).

Eis a razão pela qual recomendo humildade autocrítica e cautela com relação à confiança cega em conceitos, apenas porque parecem coerentes ou representam o pensamento “dominante” (capítulo 4). “Parece correto”, diz a parte esquerda de nosso cérebro, nosso “intérprete.” No entanto, pode não estar correto. Temos consciência da coerência apenas porque o hemisfério esquerdo nos provê com “uma narrativa contínua.” Pegamos fragmentos de informação e nosso cérebro preenche os espaços vazios com pressupostos. Michael S. Gazzaniga, neurocientista cognitivo, afirma, “levei apenas 25 anos para fazer a pergunta certa para compreender.”

As emoções não são atemporais, nem independentes da História. Ao contrário, a forma como elas são sentidas, conceitualizadas e organizadas é interdependente com a visão global da comunidade na qual as pessoas estão inseridas. As emoções não são sentidas em um vácuo. As metaemoções ou a maneira como as pessoas se sentem em relação a seus sentimentos guiam como estes são sentidos. As metaemoções dependem de nossos roteiros culturais, que, por sua vez, estão incorporados em estruturas geopolíticas de larga escala.

O ódio “parece correto” e perfeitamente coerente para alguns. A vingança parece justificada para outros. Para os seguidores de Osama Bin Laden, o ódio sagrado parece tão correto, que eles se veem chamados para o violento *Jihad*. Ayn Rand foi citada no capítulo 4. Ela estava profundamente convencida de que sua narrativa era mais coerente do que a de todos os outros. Recomendo observar sua linguagem corporal, em comparação

com Brooksley Born, com suas expressões muito calorosas e um tanto humildes e autorreflexivas. Como Michael Britton escreve no capítulo 9, se desejamos ser provedores de ajuda e de carinho, e este desejo não está ligado à empatia e ao afeto, este desejo pode não ser carinho de verdade. A teoria integrativa de Louise Sundararajan do elo entre crença, emoção e saúde foi apresentada no capítulo 4.

Às vezes, as pessoas reagem com *fúria humilhada* quando rejeitadas, mas podem também aceitar a submissão como “remédio honorável.” Os subalternos criam até mesmo *culturas de subserviência* e as transmitem aos seus filhos. Às vezes, o fato de ser rejeitado elicit a humildade genuína e age como fonte de comportamento civilizado. Às vezes, a humilhação leva à raiva, com flutuações. Adolf Hitler foi um empreendedor de humilhação capaz de decretar a raiva através do planejamento perspicaz de longo prazo. Atualmente, precisamos de um meio que possibilite que os sentimentos de humilhação diante de todas as violações de dignidade ao redor do mundo alimentem o tipo de conscientização (capítulo 4) que fomente a mudança social à maneira de Mandela.

Precisamos de novas narrativas que possam se aproximar da realidade de nosso mundo interdependente do século XXI. Não podemos dispensar as narrativas. Precisamos de narrativas que nos ancorem no mundo. Isto é o que é tão atraente nas religiões. Elas fornecem tais narrativas, na mesma forma como fazem as lendas familiares ou mitos nacionais e ideológicos. Aprendemos de onde viemos e para onde estamos indo. Isto não é trivial. As pessoas estão dispostas a morrer por essas narrativas. Os homens-bomba dão suas vidas por um sentido que vai além da existência terrena, na eternidade. Nações inteiras se sentem humilhadas quando percebem que suas religiões estão sendo insultadas (a controvérsia da história em quadrinhos dinamarquesa é apenas um exemplo).

A ciência ocidental secular moderna não nos provê com narrativas similares de longo prazo sobre nossa origem, o destino que iremos seguir e qual é nosso verdadeiro significado. Os físicos estão ainda procurando por

uma teoria unificadora grandiosa. Será que conceitos como *democracia*, *comunismo*, *capitalismo*, *modernidade*, *pos-modernidade* ou *era da informação* ajudam?

Para construir novas narrativas que expliquem o passado humano de maneiras que ajudem a criar um futuro decente, precisamos de conversa, discurso, diálogo, pesquisa conjunta, exploração compartilhada. Muito mais vozes devem ser ouvidas. São vozes indígenas, as vozes de mulheres e de crianças, as vozes de minorias. A lista é longa. Essas pessoas reiteradamente esquecidas podem ter apenas o insumo necessário para desenvolver uma direção clara para uma ação globalmente coordenada.

Em meu trabalho, eu trato conceitos como *democracia*, *comunismo*, *capitalismo*, *modernismo*, *pós-modernismo* e *era da informação moderna* como um *epifenômeno*, *efeito colateral de lógica profunda*, que são inscritos em uma estrutura de tempo que inclui a história inteira dos seres humanos modernos como começou, há cerca de 200.000 anos.

Em um de meus livros, sugiro que há quatro lógicas, no âmago da condição humana:

1. A questão de se e até que ponto os recursos são expandíveis (*teoria dos jogos*, como desenvolvida pela disciplina da filosofia),
2. A questão de se o *dilema da segurança* é mais fraco ou mais forte (*teoria das relações internacionais*, desenvolvida pela ciência política),
3. A questão de até que ponto os horizontes de longo e curto prazo dominam (como foi descrito em muitas disciplinas acadêmicas, entre elas a *psicologia intercultural*), e
4. A questão de como a capacidade humana de apertar ou afrouxar linhas de falha de identificação é calibrada (*teoria da identidade social*, desenvolvida pela psicologia social).

Estados de espírito psicológicos e emoções, tais como *orgulho*, *honra*, *dignidade*, *humilhação* e *humildade* são dependentes e interligados com essas *lógicas*. Há 200.000 anos, os humanos anatomicamente modernos surgiram em nosso planeta e começaram a colonização da África e do resto do mundo. Aqui está um panorama da minha narrativa:

Durante 90% da história humana, nossa espécie nunca foi desapontada pela Mãe Terra. Novos vales de abundância podiam ser encontrados simplesmente caminhando um pouco mais adiante. O jogo era um gracioso ganha-ganha, porque o bolo de recursos podia sempre ser expandido.

Contudo, a festa tinha que ter um fim. Uma vez que as partes facilmente acessíveis do mundo foram povoadas, não havia mais vales conhecidos “desocupados” para povoar. A Terra tem limites.

Hoje, nós nos encontramos no final de uma segunda “festa”, muito mais sombria nestes últimos 10.000 anos, e no início de um segundo turno de globalização (que Thomas Friedman divide em três fases). Não há “novos” continentes cujas populações podem ser conquistadas e exploradas. Dessa vez, a humanidade não é apenas afetada indiretamente pelas limitações de nosso planeta. Temos plena consciência disso. Fotografias espaciais do planeta Terra não podem ser ignoradas ou esquecidas. A tecnologia moderna alimenta o turno atual da globalização, criando uma *aldeia global única* – queiramos ou não – elicitando uma visão de uma futura *aldeia global* de diversidade, inserida nas relações que são caracterizadas pelo respeito à dignidade igual para todos.

O dilema de segurança caracteriza um mundo de diversas *aldeias*. A boa notícia é que sua base, na realidade, desaparece quando há apenas *uma aldeia*. A humanidade pode relaxar na

esperança de que uma aldeia apresentará uma realidade mais *benigna*. A coragem masculina não é mais necessária para defender os muros da aldeia; as *guerras* tradicionais, *soldados* e *vitórias* perdem sua ancoragem na realidade. A humanidade pode ter esperanças por um futuro mais benigno, menos propenso à “insuficiência cardíaca.” Considerando que o conhecimento é um recurso mais *expansível* que a superfície geográfica da Terra, o mundo adquire novamente um pouco de seu caráter ganha-ganha amigável que existia entre os primeiros caçadores e coletores. Novamente, a humanidade pode se dedicar a *manter e policiar* a aldeia global. Os últimos 10.000 anos foram ferozes, mas há uma possibilidade de estarmos navegando em épocas mais benignas.

No entanto, existem problemas que, se não forem mitigados, podem esvaziar essas perspectivas *benignas*. A Terra está à beira de atingir o seu limite máximo. O futuro da aldeia global está pendurado nesse equilíbrio. Será ela uma aldeia sustentável na qual cada cidadão tenha dignidade igual? Ou será ela uma pirâmide de poder com pequenas elites explorando o resto?

Está na hora de desenvolver uma cultura global de *deliberação pública*. Este capítulo modelará esta abordagem no seu conteúdo e na sua apresentação, compartilhando alguns diálogos que eu tive o privilégio de conduzir com especialistas de todo o mundo. Este capítulo quebra o estilo “impessoal” da academia, e sua pretensa e independente objetividade, muito mais do que nos capítulos anteriores. O objetivo é modelar a necessidade de diálogo e de exploração conjunta, no lugar de debate conflituoso. Leva-se a sério que as dinâmicas da humilhação não são um terreno fértil para clareza em pesquisa.

Com relação à *unidade na diversidade*, temos muito pouco de ambas, atualmente, sobretudo em níveis globais: temos muito pouca unidade no

que diz respeito a valores e práticas e muito pouca diversidade no que se refere à variedade de vozes sendo ouvidas. A dignidade ainda não é um valor dominante que une a família humana. A verdadeira realização da igualdade na dignidade fica em franca oposição ou comprometimento dissimulado por parte das sociedades dominadoras tradicionais e pela cultura de mercado do *poder é direito*. Não há suficiente unidade em valores. Em especial, as corporações globais sequestram unidade por lucro.

Será dada a palavra a mais alguns nomes nos parágrafos seguintes, para nos ajudar a ver o que está acontecendo na área da diversidade.

Joseph Preston Baratta, historiador e cofundador do Centro para Comunidade Global e Direito Universal, é um dos que conduziram, recentemente, a discussão sobre as estruturas políticas globais. É particularmente interessado na implementação de um novo *direito humano para a paz*, que significa o direito à solidariedade para toda a humanidade, o direito a um meio-ambiente decente. Esta é a terceira geração de direitos. A primeira geração inclui os direitos civis e políticos, também conhecidos como os “direitos da delegacia de polícia,” os denominados direitos negativos e exequíveis. A segunda geração consiste de direitos econômicos, sociais e culturais, ou os “direitos da mesa do café da manhã,” direitos positivos, não exequíveis. De acordo com Baratta: “Assim como os direitos da delegacia de polícia são desenvolvidos para proteger as pessoas, e os direitos da mesa do café da manhã são desenvolvidos para promover as condições que as pessoas podem perseguir a vida inteira, os direitos de solidariedade preveem um mundo melhor de paz e de justiça para toda a humanidade, no futuro.”

O Movimento *Earth Federation Movement* inclui a Associação Parlamento e Constituição do Mundo, a WCPA. Seções e organizações independentes, tais como o *Institute on World Problems - IOWP*, confirmam a criação de uma Federação da Terra democrática, não militar sob a Constituição para a Federação da Terra. Glen T. Martin, professor de filosofia e estudos religiosos e presidente do programa em Estudos da

Paz, da Universidade de Radford, na Virgínia, atua como secretário geral da WCPA, como presidente do *Institute on World Problems*. É também membro do conselho consultivo de nossa rede Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação.

Glen Martin apresenta um resumo da história de iniciativas relacionadas, em seu livro *A Constitution for the Federation of Earth—With Historical Introduction, Commentary, and Conclusion*. Martin apela para uma maturidade planetária que envolva um despertar geral dos seres humanos para um discurso comunicativo autêntico, compaixão e respeito mútuo. Ele duvida de que isto possa evoluir rápido o bastante a um nível cultural e acredita que um corpo político global de democracia planetária deve ser estabelecido. Martin escreve:

De todas as constituições escritas até hoje, e de todas as iniciativas federalistas mundiais empreendidas durante os últimos 60 anos, nenhuma, exceto a Constituição da Terra, se aproxima para materializar esta ‘terceira geração de direitos humanos’ prometida e prenunciada pelo Artigo 28 da Declaração Universal de Direitos Humanos das Nações Unidas.

Unidade na diversidade é um tema principal para a Constituição da Terra. Tem como objetivo a criação *da dinâmica holística da unidade na diversidade, essencial à nossa sobrevivência*.

Falar de um holismo de relações humanas na Terra sem o Estado de direito democrático universal constitui um idealismo ingênuo da pior espécie. O holismo deve ser institucionalizado e incorporado em nossos sistemas políticos e econômicos, assim como, atualmente, a fragmentação e a divisão estão institucionalizadas em nossos sistemas planetários não democráticos.

O livro de Glen Martin é intitulado *Triumph of Civilization - Triunfo da Civilização*. Faz apelo para uma conversão para princípios holísticos,

não apenas de pensamento, mas também de economia e política. Apela para a fundação de uma *Comunidade Terra*.

Glen Martin é representante de muitas vozes que advogam uma visão sistêmica de mudança global necessária na conjuntura atual. Muitos movimentos e iniciativas sobre as estruturas de governança mundial democrática merecem atenção. Nos idos dos anos 1930, Rosika Schwimmer (1877-1948) partiu para criar um governo mundial, atuou como cofundadora do Centro Mundial para Arquivo das Mulheres, em 1935.

Em 1948, Garry Davis tornou-se um ativista da paz e criador do primeiro “Passaporte Mundial”, com o qual ele, gentilmente, me presenteou. Davis sugere que é importante olhar os escritos de Emery Reves (o húngaro Révész Imre, 1904–1981), um defensor do federalismo mundial, e prestar atenção constante ao futurista R. Buckminster Fuller (1895–1983). Ademais, ele recomenda o ativista em direitos humanos e advogado Luis Kutner (1915 – 1983), que auxiliou fundar a *Amnesty Internacional* em 1961, e, depois, Anthony Stafford Beer (1926–2002), mais conhecido por seu trabalho nos campos da pesquisa operacional e gestão cibernética. Ele recomenda a leitura de Derek Benjamin Heater, cofundador da *Politics Association* e autor de muitos livros sobre cidadania mundial. Davis se opõe a um federalismo mundial com nações-estados soberanos. Seu receio é que o federalismo seja muito fraco para lidar com problemas globais e controle os interesses paroquiais e, por isso, destaca a necessidade de “uma lei mundial exequível como corolário da paz mundial.”

Linda Hartling escreveu sobre a abordagem da rede Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação: “dignificamos nosso trabalho praticando uma abordagem ‘lean & green’ para as finanças, na qual os recursos econômicos *servem*, em vez de *conduzir* nossos esforços. Além disso, praticamos ativamente os princípios da teoria da dignidade e da humilhação ao reconhecer o valor pleno dos recursos econômicos e dos relacionais.” De fato, ela afirma que nossa estrutura financeira incorpora

muitos aspectos daquilo que Manish Jain e Shilpa Jain descrevem aqui como uma “cultura de doação”:

Nesses tempos de desafio de dominação de corporações multinacionais, do colapso das economias neoliberais e da comodificação de tudo, parece vital explorar uma forma diferente de relacionamento e de troca. “Doação”, e a cultura na qual se baseia, como também evoca, propicia um oásis de esperança bem-vindo a partir dos debates desgastados sobre capitalismo *versus* comunismo e a atitude paralisadora, sem alternativa⁵. Colocamos este diálogo intercultural junto para tentar compartilhar alguns dos conceitos, crenças, práticas e sonhos importantes, em torno da recuperação da cultura da doação em nossos diferentes espaços e lugares.

Provavelmente, isto seja nosso trabalho mais crítico e urgente até aqui. Conseguimos entender que as idéias e as práticas de aprendizagem profunda, comunidades de aprendizagem autoorganizadas e ecossistemas de aprendizagem dinâmicos são centrados em uma cultura de generosidade, cuidado, confiança e amizade. A cultura da doação é crítica à desmercantilização da educação e do processo de aprendizagem, ou seja, removendo-a do domínio da escassez artificial, da produção e da distribuição monopolizada, e da hierarquia e discriminação institucionalizadas. É triste testemunhar que os processos de aprendizagem que são essenciais para o ser humano, como brincar, rir, caráter, contar histórias, cuidado, etc. estão sendo comercializados e, como resultado, estão se tornando acessíveis apenas à elite. A cultura da doação nos inspira a ver nossos recursos de aprendizagem e relações como parte do bem comum mais amplo que seja acessível a todos e assistido por todos.

5 NT. ‘The paralysis of TINA’ é a expressão original. Uma tradução literal da expressão seria: a paralisia de TINA. Trata-se da abreviação para ‘*There Is No Alternative*’, que significa ‘Não Há Nenhuma Alternativa’.

A cultura da doação é um nome para um futuro digno e dignificante, conforme a explicação de Genevieve Vaughan. Howard Richards oferece uma lista de nomes alternativos para uma *cultura de solidariedade* global, tais como *economia solidária*, *ética do amor*, *liderança servil*, *produção para uso*, *desalienação*, *mobilização de recursos para atender as necessidades*, *uma forma mais elevada de pragmatismo* ou *democracia econômica*.

“Um mundo em equilíbrio é um mundo onde a economia serve às pessoas, onde as pessoas se respeitam e se cuidam mutuamente, e vivem de acordo com o meio-ambiente natural,” é como o *website* do *Center for a World in Balance* descreve sua visão.

O equilíbrio é necessário, o equilíbrio de homeostase, um equilíbrio dinâmico que evita o excesso e a escassez.

Se desejamos ter um mundo equilibrado, em vez da “primavera silenciosa” prevista por Rachel Carson – um mundo no qual venenos químicos “silenciaram” a natureza – o que devemos fazer?

Se desejamos nutrir um sentimento de admiração, em vez de venerar a utilidade brutal e estreita, o que devemos fazer?

Se desejamos proteger a unidade na diversidade, através de camadas equilibradas de subsidiariedade em nossas estruturas econômicas e políticas globais, o que devemos fazer?

Quais são os elementos com os quais precisamos ter um cuidado especial? Aqui estão alguns desses elementos: (1) abertura em relação ao silêncio, (2) maleabilidade em relação à rigidez, (3) unidade na diversidade em relação à uniformidade e divisão, e (4) unicidade em relação à fragmentação, unindo os esforços em uma transição para a *dignidade* global.

Abertura em relação ao silêncio

A *legitimação de mitos* ajuda a proteger o poder. O sociólogo Pierre Bourdieu explica que, na presença do silêncio, quando certas questões

são tabus e não se pode questioná-las, os mitos legitimadores poderosos podem se proliferar, e vice-versa. O poder cria e usa o silêncio para manter os mitos legitimados.

O mito definidor legitimador que molda nosso mundo hoje é que “o mercado sabe o que é melhor” e que “todos os obstáculos que podem impedir o mercado deveriam ser afastados.” Esta foi a ideologia que o ex-Presidente do U.S. Federal Reserve, Alan Greenspan advogava. Quando o sistema entrou em colapso, ele estava “em um estado de choque e descrença” e admitiu que errou ao pensar que confiar em bancos para agirem segundo seus próprios interesses seria suficiente para proteger os acionistas e o seu capital.

Existe um caminho para abrir a discussão para todos, agora que estamos diante de um mito derrubado? Podemos criar um espaço para uma discussão mundial sobre quais mitos e narrativas da história seriam mais apropriados para informar sobre a situação contemporânea da humanidade e seu futuro?

Sugiro que tenhamos uma visão com ampla perspectiva sobre a condição humana, para chegarmos a narrativas que nos auxiliem.

A arqueóloga Ingrid Fuglestedt estuda a história da Idade da Pedra escandinava. Ela diferencia entre a *economia Paleolítica* e a *economia Mesolítica*. O percurso Paleolítico prosperou durante a *época pioneira* quando a terra virgem escandinava, a *terra além*, era povoada. Em comparação com as economias Mesolíticas posteriores, a trajetória Paleolítica anterior era caracterizada por relações igualitárias entre as pessoas e com os animais.

A economia paleolítica se diferencia de outras economias de caçadores-coletores pela ausência de uma economia *verdadeira* de doação simbólica. A troca entre as pessoas acontecerá muito mais em um contexto de compartilhamento.

Assim, a economia *Paleolítica* pode ser definida pela sua orientação com vistas à permuta de espírito e de matéria entre as comunidades humanas e animais, e não humano-para-humano, a não ser em contextos de compartilhamento. Isto é diferente de troca de doação. Isto define, na realidade, o *ethos* igualitário – o caçador exitoso divide e, ainda que a mesma pessoa se torne o caçador exitoso constantemente, e, por conseguinte, o “doador” contínuo de carne, enquanto outras pessoas são destinatárias constantes, esta assimetria não tem consequências sociais, uma vez que a prática gira em torno da ação de agradar o senhor dos animais, e as fortes obrigações sociais que se estabelecem a partir disso. Funciona muito mais fortalecendo as estruturas igualitárias porque as pessoas se esforçarão para reduzir o “efeito exibição” em potencial, resultante do caça

A transição da economia Paleolítica para a Mesolítica parece ter sido interligada com a transição do *animismo* para o *totemismo*, como visões dominantes do mundo. O Totemismo é associado, sobretudo, a grupos de linhagem que levam uma vida semisedentária e são associados a cenários definidos e mais ou menos confinados. Uma abordagem totêmica implica classificações de seres no mundo; o totemismo, frequentemente, envolve atitudes orientadas para grandes animais de caça como presas, e menos na qualidade de agentes pessoais respeitados, como é típico da atitude animista. O jeito de ser animista inicial, em contrapartida, é manifestado segundo um sentido de questionamento e de abertura face à aprendizagem com a natureza, ou “um modo de ser ecológico⁷⁰⁰”.

O antropólogo social Tim Ingold explica o *jeito ecológico de ser*, como abertura para conhecer as forças naturais, em vez de controlá-las. Conhecer pessoas não humanas no meio-ambiente é como conhecer outro ser humano. Os animistas consideram os animais como amigos e pessoas.

Ingold desenvolveu o conceito de *enskilment*⁶ (aquisição/incorporação de habilidades), um processo de “incorporação” e de “espiritualização”, no qual a aprendizagem não é dissociada da ação. Ele explica dessa forma:

O conhecimento do mundo é obtido movendo-se nele, explorando-o, atendendo-o, sempre alerta para os sinais pelos quais ele é revelado. Assim, aprender a ver não é uma questão de adquirir esquemas para construir o meio-ambiente mentalmente, mas de adquirir as habilidades para um engajamento perceptivo direto com seus constituintes, sejam eles humanos ou não humanos, animados ou inanimados... não é um processo de enculturação, mas de aquisição/incorporação de habilidades.

A *teoria da circunscrição* de Robert Leonard Carneiro é relevante aqui (ver também o capítulo 3 e 6). Robert Carneiro tem seu escritório do outro lado do corredor, no antigo local de trabalho de Margaret Mead, no Museu Americano de História Natural, na cidade de Nova Iorque. Eu tive o privilégio de ouvir sua sabedoria em seu birô, no Museu, em 1º de dezembro de 2010, e espero recebê-lo em nosso próximo Workshop “*Workshop on Transforming Humiliation and Violent Conflict*” - Transformando Humilhação e Conflito Violento.

Quando os recursos são abundantes, a lógica do ganha-ganha molda a vida humana, a qual é inerentemente mais benigna que a lógica do ganha-perde. Quando a “campanha de povoamento” da humanidade começou a atingir os limites e ser *circunscrita*, ocorreu uma mudança profunda, uma mudança que afetou a vida de todos. Mesmo quando não transformou os caçadores-coletores em agricultores, tinha que haver consequências. Enquanto os caçadores-coletores podiam simplesmente vagar em fartura

6 NT. A palavra ‘*enskilment*’, cunhada a partir de ‘*embodiment*’ e de ‘*enmindment*’ traduz o processo de aquisição/incorporação e de espiritualização. O conceito tem na sua raiz ‘*skill*’, que significa habilidade. Como nenhuma forma aproximada foi encontrada, o conceito foi traduzido pela expressão “aquisição/incorporação de habilidades”

virgem, toda a estrutura da situação era de uma natureza ganha-ganha, uma estrutura que não se presta a promover hierarquias profundas ou ao engajamento em disputas agressivas por fronteiras.

Contrariamente ao que muitas pessoas gostariam de acreditar, parece, de fato, que não há nenhuma prova arqueológica de luta sistemática e organizada entre os primeiros caçadores-controladores. A guerra sistemática ocorreu mais tarde: “A visão Hobbesiana de humanos em constante estado de ‘Guerra,’ simplesmente não encontra respaldo no registro arqueológico,” escreveu o antropólogo Jonathan Haas, em 2001. Haas é um arqueólogo antropológico com mais de 30 anos de experiência no campo, tanto na América do Norte quanto na América do Sul. Seu interesse inclui as origens da guerra, a arqueologia do sudoeste e Peru e a evolução da antropologia de sociedades complexas. Em uma comunicação pessoal, em 6 de maio de 2009, Haas confirmou que sua afirmação, feita em 2001 “teve ainda mais apoio da pesquisa arqueológica mais recente.”

No meu livro de 2006, *Making Enemies* - Fazendo Inimigos, fiz um pequeno resumo:

Enquanto havia muitos recursos e os grupos de pessoas viviam afastados o suficiente de forma a permanecer sem estar conscientes uns dos outros, não havia problema. Contudo, tão logo as pessoas se deslocaram suficientemente próximas geograficamente para a prática de pilhagem mútua, mas psicologicamente muito distante para construir uma boa comunicação e confiança, os líderes ficaram presos no dilema de segurança e não tiveram escolha, a não ser investir em armas. Considerando que agora essas aldeias coalescem em *uma aldeia global*, o problema desaparece de novo. O dilema de segurança apenas impõe problemas graves, desde que as aldeias fiquem a uma distância média, muito perto para segurança geopolítica e muito longe para a segurança humana.

Em outras palavras, podemos concluir que apenas nos 10.000 anos passados, aproximadamente, ou nos últimos 5% da História humana, os humanos têm sido “brutos”, não devido à sua natureza, mas por necessidade, forçados pelo dilema de segurança. Guerrear não é um estado “natural”. Carrega um custo muito alto. Os senhores da guerra têm um motivo para drogar a jovem milícia. Os soldados voltam da guerra tão traumatizados, que não conseguem superá-la. Durante os milênios passados, um rei filósofo da paz tinha pouca chance de sobreviver antes de ser derrubado por reis guerreiros, de dentro e de fora. O modelo dominador venceu, devido às suas vantagens estratégicas.

Um livro recente do psicólogo experimental Steven Pinker causou alguma agitação. 55 Linda e eu, com um grupo de amigos e membros de nossa rede Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação, fomos à apresentação do livro de Pinker, em Portland, Oregon, em 26 de outubro de 2011. Ele baseou seu argumento em estatísticas, as quais, segundo ele, mostraram que a violência pré-histórica era maior do que agora. Seus *slides* mostraram que ele incluiu estudos sobre a violência pré-histórica (tais como crânios esmagados, traços de armas em ossos), que avaliou a violência pré-histórica numa escala de muito alta para muito baixa. Pinker estabeleceu um escore médio. Esse escore representou uma taxa mais alta de violência que a verificada hoje, formando, assim, o ponto inicial para seu argumento.

Eu suspeitei que ele havia juntado, no mesmo bloco, períodos pré-históricos que deveriam ser analisados separadamente. Meu entendimento era o de que a violência era muito mais baixa anteriormente ao que Robert Carneiro chama de contribuição da *circunscrição* (assim, em desacordo com Pinker); que a violência aumentou então, para diminuir novamente apenas agora (concordando aqui com Pinker). Escrevi para Ingrid Fuglestedt e Jonathan Haas sobre o assunto:

Ingrid Fuglestedt respondeu: “Você está absolutamente certa; ele está colocando no mesmo bloco um imenso espaço de tempo e períodos

muito diferentes em uma grande ‘pré-história.’ Ao fazer isso, ele está também comunicando às pessoas de hoje que outrora éramos mais ‘primitivos.’ Isto é contrário a todo o saber antropológico. Enaltece, também, de forma implícita, o progresso e, por conseguinte, o progresso como algo ‘sempre positivo para a humanidade.’”

Jonathan Haas generosamente me enviou dois manuscritos não concluídos que discutem minha questão. Ele relata que os últimos anos testemunharam o ressurgimento de estudos arqueológicos e antropológicos sobre guerra. Ele explica que há duas escolas básicas de pensamento. Uma sustenta que a guerra tem origens históricas profundas e que a guerra é uma parte integral da cultura humana. A outra escola vê a guerra como elemento tardio no horizonte cultural, “surgindo apenas em circunstâncias materiais específicas e sendo quase raro na história humana até o desenvolvimento da agricultura, nos 10.000 anos passados.” Haas concorda com Martin Wobst que “o estudo da guerra no passado humano está sendo condicionado pela tirania dos registros etnográficos e etológicos.” Ele conclui que, “em última análise, podemos argumentar que as causas de base de guerra podem ser encontradas nas pressões demográficas e econômicas em cima de populações específicas, em pontos específicos de suas histórias respectivas. Ondas de paz podem ser igualmente explicadas quando se observa as condições materiais de vida nessas mesmas trajetórias históricas.”

Minha reação ao comentário de Haas foi de entusiasmo. Expressei minha excitação a partir de seu texto em 29 de outubro de 2011, e escrevi:

Ao longo dos anos, quando estava lendo sobre arqueologia e antropologia, sentia com muita humildade o fato de não ser uma especialista nessas áreas. Ao mesmo tempo, refleti sobre todas as limitações, que você resume de forma tão pungente como sendo “a tirania dos registros etnográficos e etológicos.” Sempre pensei que era muito estranho que o impacto da circunscrição, ou as “pressões demográficas e

econômicas em cima de populações específicas, em pontos específicos de sua histórias respectivas” fosse negligenciado. Duvidei da minha própria capacidade intelectual e pensei que devo estar perdendo alguma coisa: por que todas essas pessoas brilhantes negligenciaram tais aspectos gritantes?

Parece-me que esta “tirania de registros etnográficos e etológicos” está servindo um preconceito que talvez não seja tão diferente dos preconceitos que os primeiros colonizadores tinham quando encontraram os povos “primitivos” em áreas muito remotas do mundo, os quais, segundo suas conclusões, precisavam ser “civilizados”. Parece-me que há algo mais nisso do que simplesmente ignorância, ou simplesmente um viés cultural no Ocidente de focar o indivíduo, em vez de focar o contexto, mas que algum ganho ideológico está sendo procurado.

Isto nos trás de volta à legitimação de mitos e narrativas.

Gro Steinsland estuda o poder dos soberanos e a ideologia da soberania nas sociedades nórdicas dos Vikings até a Idade Média, a partir de 800 até 1200 EC. O cristianismo chegou relativamente mais tarde no norte e, portanto, a transição de ideologias nessa região é bem documentada. Steinsland analisa o poema edaico *Skirnismál* e sua descrição do chamado mito do casamento sagrado (o termo técnico grego é *hieros gamos*), ou a aliança erótica entre um deus e uma mulher gigante, que alçava o soberano e dava a ele e à sua linhagem sucessória uma posição única em relação às outras pessoas. Com o cristianismo, uma relacionada ideologia medieval de soberania foi importada, a saber, a representação do rei como uma imagem do Deus Celestial.

O antropólogo social Fredrik Barth usa o exemplo do Interior da Nova Guiné para explicar como são criadas as cosmologias que frequentemente servem para legitimar mitos.

O especialista líder sobre o pensamento muçulmano contemporâneo, Ibrahim Abu-Rabi, escreveu:

A globalização auxiliou com frequência a elite política no mundo muçulmano a propagar sua versão de “consciência falsa” através dos meios de comunicação de massa e deu a eles os meios tecnológicos para exercitar uma hegemonia plena sobre a sociedade. O capitalismo no mundo muçulmano, muito embora seja concentrado nas mãos de poucos, está profundamente enraizado. Faz parte do sistema capitalista global. Dessa forma, concorre com outros grupos ou formações capitalistas na busca de poder e de riqueza ilimitados, quando possível. Internamente, o capitalismo árabe assume uma busca incessante de poder para proteger seus interesses econômicos, enquanto busca constantemente uma riqueza maior. Em vez de trabalhar para o progresso de sua sociedade, o capitalismo do mundo árabe busca apenas a preservação de sua hegemonia e a expansão de seu controle. Essa expansão assume a forma de um investimento escasso nas instituições religiosas, a fim de explorar os sentimentos religiosos das massas visando aos seus fins materialistas.

Isso nos conduz à definição de mitos legitimadores que moldam nosso mundo hoje, a saber: que “o mercado sabe o que é melhor” e que “todos os obstáculos que podem impedir o mercado deveriam ser afastados,” e que este mito foi derrubado.

Como foi mencionado anteriormente, eu fiz minha pesquisa de doutorado na Somália e em Ruanda. Os Somalis têm certa razão quando dizem que sua cultura de saque, que faz parte e constitui uma parcela da cultura guerreira pastoral, é muito similar à cultura do herói solitário americano e ao individualismo cruel, assim como a cultura colonial de pilhagem.

Ao que parece, o mito do “mercado” que “sabe o que é melhor,” juntamente com o Sonho Americano de possibilidades ilimitadas para todos, propiciou a base para uma quase inacreditável campanha de saque. A Califórnia, por exemplo, foi até alguns anos atrás um paraíso de educação acessível e de infraestrutura de apoio, mas aqueles recursos foram virtualmente destruídos pela crise financeira. E esta versão do Sonho Americano não permaneceu em casa; sua campanha deu a volta ao mundo.

Quando reunimos as visões da arqueologia, antropologia e História, aprendemos que, enquanto os animistas são amigos da vida, enquanto os agricultores são amigos da terra, os guerreiros nômades são amigos da pilhagem. E a pilhagem e o jogo de azar podem ser combinados de forma simples e direta: é mais fácil apostar e jogar com os bens dos outros, os bens saqueados, do que com nossos próprios bens.

Na Somália, os senhores da guerra colocam garotos da milícia em caminhonetes *pick up* ou navios piratas, dão-lhes armas, mantêm-nos drogados e, às vezes, recompensam-nos com meninas jovens como escravas do sexo. Na cidade de Londres, para jovens “meninos da cidade,” o equivalente à caminhonete ou navio pirata tem sido o banco de investimento e o bar: suas armas têm sido os derivativos comprados especulativamente como “armas financeiras de destruição em massa;” muitos prosperam com cocaína; e eles se recompensam com festas de sexo caras. Enquanto sobra alguma coisa para pilhar, este esquema é um grande sucesso – os senhores da guerra e os garotos da milícia ficam satisfeitos. Enquanto eles tiverem armas, o sofrimento daqueles assaltados por eles não lhes é relevante. Para o meio-ambiente social e ecológico dos senhores da guerra como um todo, contudo, seu sucesso significa a destruição.

Este capítulo pede para mais vozes entrarem no diálogo global. Linda e eu, e os membros de nossa rede, acreditamos que nós, como humanidade, necessitamos “colher” todas as tradições culturais, passadas e presentes, aquelas crenças e práticas que ajudam a proteger a dignidade da unidade na diversidade (capítulos 1 e 3)

Parece adequado concluir esta seção com um diálogo, considerando que a exploração dialógica conjunta é o que este livro recomenda. Também é adequado concluí-lo com um diálogo com um arqueólogo, uma vez que este livro sugere, também, que consideremos a inteireza de nossa História humana, e que lembremo-nos de que alguns de nossos ancestrais, numa época anterior a 10.000 anos, podem ter alguma coisa a nos ensinar hoje.

Conversei com a arqueóloga Ingrid Fuglestedt, em outubro de 2011. Ingrid concorda que é possível conceitualizar o *totemismo* como a primeira “aplicação” histórica de *legitimação de mitos*, a saber, legitimar o “certo”, tal como é percebido por um determinado grupo de pessoas, em uma determinada terra, distinguindo-se da terra dos “vizinhos” que podem visitar este grupo, mas não lá permanecer, ou mesmo se tornarem “inimigos.” A resposta de Ingrid foi a seguinte:

O totemismo, de fato, - como o conceito é usado hoje - envolve noções de “parentesco” entre pessoas, ou seja, um dado grupo com sua terra. As pessoas e a terra dividem substância, e, portanto, esta terra pertence ao “nosso” grupo. Esse compartilhamento de substância entre pessoas e terra será o elemento central no seu mito de origem. Quanto espaço há para outros grupos permanecerem ou se mudarem para lá, isso variará. Em relação à ligação social de grupos de clãs com uma determinada terra, certamente se pode afirmar que se trata de ser uma espécie de “primeiros limites” sobre (outras) pessoas (de fora). Porém, esta é uma situação social que só prepara o terreno para consequências sociais negativas. A etnografia está, também, repleta de exemplos de clãs que, muito facilmente e com mais abertura e cordialidade, incluem recém-chegados e visitantes, e os proporcionam completa adesão ao clã. Portanto, ligações com uma determinada área territorial não têm, necessariamente, consequências negativas. Trata-se, de certa maneira, de uma situação que facilitou o conflito e a exclusão.

Depois, perguntei a Ingrid sobre o totemismo, e se pode ser visto como o próprio passo inicial de uma ideologia que sobrepõe cultura sobre natureza ou, como Linda formularia, “o começo de um processo de dissociação global que, em última instância, leva à perda de empatia.”

Ingrid: Sim, eu penso que pode. O totemismo é também sobre classificação social com base em diferenças na natureza, um espelho de categorias da natureza. Assim, implicitamente, isto envolve uma linha de demarcação entre natureza e cultura. Com o animismo, por outro lado (cf. Ingold), a natureza - como os animais - está incluída no mundo social, e a divisão natureza-cultura não é reconhecida.

Evelin: A palavra *circunscrição* vem do Latin *circum* (em torno) e *scribere* (escrever). Em outras palavras, circunscrição significa limitação, isolamento ou confinamento. Os termos circunscrição *territorial* ou *social* lidam com as limitações nessas respectivas áreas. É possível que a transição de “*lar versus terra virgem além*” para “meu lar *versus* o lar de meu vizinho” possa ser o primeiro passo tímido em resposta à circunscrição?

Ingrid: Sim, eu penso que sim. Geralmente, falamos sobre um passo inicial com vistas às limitações à integridade das pessoas.

Evelin: E a revolução agrícola, com seu modelo de sociedade do tipo “grande-homem” dominador (Riane Eisler) poderia ser vista como uma adaptação para uma intensificação da circunscrição?

Ingrid: Sim, pode.

Evelin: permita-me refletir sobre minha própria situação, em conexão com o meu trabalho: como você sabe, querida Ingrid, eu nasci com uma identidade sendo uma “recém-chegada indesejada” (nasci em uma família deslocada, com uma identidade refletindo “o lugar onde vivíamos não era nosso lar e não havia nenhum lar para onde podíamos ir”). Quanto mais eu vivo, mais considero este tipo de identidade bastante

útil, para aprender a pensar em si mesmo como membro da humanidade em geral. Deixe-me explicar: lembre-se da Ilha de Páscoa (acabei de ver um novo documentário sobre como os antigos habitantes da Ilha de Páscoa passaram da abundância para a circunscrição e para a destruição). Do ponto de vista de sua fauna e flora, os Polinésios que chegaram eram “recém-chegados”. E acontece que se tornaram recém-chegados um tanto indesejados, considerando que devastaram a ilha. Eram recém-chegados cujas boas-vindas foram “imerecidas”, como diria Linda. Isto é o que nós, como espécie humana, fizemos também. Não conseguimos receber nossas boas-vindas no planeta Terra.

Uma identidade de “recém-chegado indesejado” tem a vantagem de dar um ponto de partida humilde. Evita qualquer sentido de direito indevido. O que parece que nós, como humanidade, precisamos aprender é um sentido de valor aliado à dignidade, não apenas de seres humanos, mas de todos os seres vivos. Pessoalmente, não atribuo meu sentido de valor ao *status* ou a bens materiais, ou a qualquer senso de identidade de afiliação, seja ela étnica, nacional, religiosa ou categoria de gênero, exceto o fato de pertencer aos “recém-chegados” no planeta Terra. Atribuo meu sentido de valor me empenhando ao máximo para me tornar sempre mais *habilitada* (eu amo o termo em inglês, *enskilment*, conforme cunhado por Timothy Ingold), em respeito e admiração, em abertura criativa com relação aos meus meios sociais e ecológicos, incluindo minhas próprias experiências de corpo e de mente a serviço de outros e do mundo. Na minha vida, estou muito perto dos animistas em muitos aspectos: nunca procuro um “lugar para ficar” quando planejo o próximo passo em minha vida global, por exemplo. Sempre procuro relações de amizade mútua e de amor; essas *relações* são o meu lar, não “um lugar.”

Ingrid: eu realmente amo seus pontos de vista e reflexões sobre isto! E meu coração está com os animistas.

Evelin: Como você sabe, Linda e eu acreditamos que nós, como humanidade, precisamos “colher” de todas as tradições culturais, passadas

e presentes; colher aquelas crenças e práticas que ajudam a proteger a dignidade da unidade na diversidade.

Ingrid: eu a sigo na sua abordagem sobre isso. No fundo do meu interesse pela Idade da Pedra, está minha visão política de que os caçadores-coletores igualitários, sobretudo os animistas, são as melhores sociedades que este mundo já testemunhou. Não se trata de uma referência ao jardim do Éden, é para reconhecer que alguns sistemas são melhores que outros em cuidar da integridade de todos, seja humano, seja animal.

Evelin: Bob Randall é um idoso Yankunytjatjara e proprietário tradicional de Uluru (Ayers Rock), na Austrália. Carmen Hetaraka é um portador da tradição Maori oral. Após ouvir Bob e Carmen, eu diria que o mundo deles é um mundo totêmico conjugado com elementos animistas. Esta observação é correta?

Ingrid: Sim, em termos gerais, sociedades totêmicas podem incluir uma abordagem animista em certos aspectos. Ao operar com animismo e totemismo, sou sempre cautelosa para expressar que falamos sobre “sistemas dominados por uma visão de mundo totêmica/animista.” Não devemos esquecer que o animismo e o totemismo são rótulos analíticos, mesmo sendo exitosos ao cercar fenômenos reais de como as pessoas abordam o mundo.

A conversa com Ingrid termina aqui. Este pequeno diálogo mostra o possível saldo oriundo de conversas sobre as lentes geo-históricas de grande escala, para discernir onde podemos ter a vontade de ir no mundo de hoje.

Steven Pinker começou a apresentação de seu livro em Portland, Oregon, com a análise do mundo em situação de anarquia, de Thomas Hobbes⁷²⁷. Depois, mencionou Immanuel Kant e seu trabalho sobre *paz perpétua*, com seus fundamentos da democracia, comércio e comunidade internacional. Depois, referiu-se aos *círculos expandidos* de Peter Singer, para um escopo mais abrangente de justiça e ampliando as fronteiras de compaixão.

Pinker diferencia seis tendências históricas, a primeira sendo a evolução dos caçadores-coletores em civilizações estabelecidas, que, ele acredita, foi um *processo de pacificação*. É seguido pelo *processo civilizador*, a *revolução humanitária*, a *paz longa*, a *nova paz* e, por último, a *revolução dos direitos*.

Por que tais narrativas são tão importantes para este livro? Por que eu as incluo aqui? Novamente, porque elas podem nos inspirar. Se quisermos conceber novas formas de vivermos juntos no planeta Terra, precisamos ter uma idéia de quem somos. Raramente nos engajamos em examinar nossa existência na Terra sob uma visão com ampla perspectiva. Contudo, em épocas de crise, isto é crucial.

Agora, o leitor está familiarizado com minha narrativa: nossos corpos e nossas almas tiveram cerca de 190.000 anos para evoluir em um contexto de ganha-ganha. A maneira de pensar animista é algo do qual podemos nos orgulhar. E esta visão não tem nada a ver com a romantização do *nobre selvagem*. Tem a ver com o reconhecimento do poder das *estruturas* (capítulo 10). A dicotomia de Hobbes *versus* Rousseau é uma escolha falsa e ultrapassada (capítulo 8).

O mentalidade animista merece que revigoremos novamente seu espírito relacional e igualitário sempre que pudermos, entre outros, moldando nossas instituições, em conformidade com essa maneira de pensar. Durante a maior parte dos últimos 10.000 anos, não nos saímos tão bem. Não reagimos à circunscrição na mais sábia das formas. No entanto, nossa desculpa pode ser que o dilema de segurança é uma força formidável. Fomos capturados em sociedades dominadoras opostas umas contra as outras em receio mútuo.

Se juntarmos agora nossa sagacidade, teremos condições de nutrir uma comunidade global que coopere e projete contextos de ganha-ganha de compartilhamento e de administração comunitários. Estamos diante de uma janela de oportunidade, quer nós a usemos ou não. E seria melhor se a usássemos.

Esta janela vem se abrindo lentamente durante bastante tempo, e já teve alguns efeitos positivos (e isto está de acordo com a descrição de Pinker relativa à redução da crueldade,). Foi em 1757, por exemplo (capítulo 3), que o vocábulo “humilhar” apareceu pela primeira vez na enciclopédia significando a violação antisocial da dignidade, em vez de uma “lição humilde” pró-social.”

No passado, nós nos adaptamos à mudança das condições, ao acaso. Agora, somos muito menos as marionetes da história. Nunca antes tivemos um entendimento tão bom e ferramentas tão boas para moldar nosso destino de maneiras intencionais. Atualmente, podemos sentar juntos e refletir intencionalmente. Vamos fazê-lo.

Maleabilidade e rigidez

A vida é um processo. A realidade é fluida e continuamente maleável. Se tentarmos “fixar” os processos da vida, se os transformarmos em definições estáticas, conceitos ou instituições, inspirados pela rigidez da mecânica Newtoniana, talvez iremos criar rigidez e desarmonia onde a suavidade seria mais efetiva – sabemos que a água é mais forte que a pedra. A física quântica ou os processos de crescimento biológico às vezes podem ser modelos mais adequados se desejarmos conceber estruturas sociais e societárias que cultivem a harmonia. A *ciência social quântica* foi proposta – “os seres humanos são, de fato, “dualidades partícula-onda em movimento”, não objetos materiais clássicos.”

Ivan Illich, filósofo e crítico social, escreveu sobre a comoditização da linguagem; a tendência para usar substantivos em vez de verbos. A filósofa Agnes Heller, em sua teoria da consciência da vida cotidiana, diz que a masculinidade, em um nível comum, do cotidiano, reproduz-se através da interação da consciência individual e das estruturas sociais. Os modelos tradicionais masculinos de consciência objetivam a ordem mundial, ofuscando como ela realmente é: processual e continuamente mutável.

O conceito de *equilíbrio reflexivo* oferece uma saída. A metáfora do filósofo Otto Neurath de um navio pode ilustrá-lo. Anteriormente, os cientistas assumiam que faziam ciência somente quando achavam um cais seco ou, pelo menos, podiam fingir que cais secos existiam. Hoje, entendemos que devemos humildemente aceitar e viver com a incerteza indutora do medo de que o entendimento humano do mundo seja limitado. Não há nenhum cais seco. O que podemos pensar como certo será sempre ameaçado por percepções ainda não descobertas e as descobertas.

A solução é circundar o equilíbrio reflexivo e criar compreensão e ação a partir deste movimento. Isso significa reconstruir continuamente o navio enquanto ele está no mar. Significa criar uma estrutura suficiente para manter o navio flutuando, mas nunca com demasiada rigidez, que levaria o navio a quebrar e afundar.

A estabilidade é dinâmica

A unidade na diversidade acima da uniformidade e divisão

Ao redor do mundo, há muitas abordagens indígenas para a resolução de conflito e a construção do consenso. No Havaí, chama-se *ho'ho pono pono*, e noções similares podem ser encontradas em muitos outros domínios culturais: *musyawarah*, *silaturahmi*, *asal ngumpul*, *palaver*, *shir* e *jirga* constituem apenas alguns exemplos (ver o capítulo 8, para metodologias de pesquisa como a etno-mimese e capítulo 10, para *instigar*, *persuadir* e *ouvindo atentamente*).

Essas abordagens precisam ser estudadas de forma mais aprofundada. As atuais abordagens dominantes, incluindo os conceitos contemporâneos de democracia, ainda não são adequadamente eficientes e dignificantes. Pedir às pessoas para votarem “sim” ou “não” pode levar à manifestação de dualismo onde o não dualismo seria mais apropriado.

Para minha pesquisa de doutorado, entrevistei Abdulqadir H. Ismail Jirdeh, Vice-Presidente do Parlamento, em Hargeisa, Somalilândia. Ele

explicou que a democracia, com sua regra majoritária, viola a antiga tradição nômade de decisão por consenso dos idosos. Disse que a regra majoritária tem o potencial de ofender e humilhar profundamente aqueles que perdem. Descreveu em detalhes como iria prevenir respostas violentas, abordando os perdedores após a votação; como iria expressar o reconhecimento por suas visões e mostraria confiança de que suas visões seriam honradas em uma etapa posterior.

O modelo de oscilação dupla não dualística, de Muneo Yoshikawa foi apresentado no capítulo 3. Em um mundo cada vez mais interdependente, dependência *versus* independência são noções ultrapassadas. A interdependência liga duas entidades, \bigcirc e \bigcirc , de uma forma não dualística, ∞ . O *dualismo*, em contrapartida, significa unir as entidades em uma só, $\textcircled{\circ}$, ou separando-as em duas entidades isoladas, $\bigcirc|\bigcirc$. O dualismo significa *ou* separação *ou* fusão; *ou* concordância *ou* discordância; *ou* um *ou* dois. O *não dualismo* significa separação *e* ligação; concordância *e* discordância; um *e* dois.

Em 16 de novembro de 2011, a escritora e especialista da paz Janet Gerson, levou-me para o Zuccotti Park e para o The Atrium, na Cidade de Nova Iorque, onde aconteceu a maior parte das atividades do Ocupe Wall Street. Discutimos a unidade na diversidade e que a maioria das pessoas pensa que é um princípio de soma zero: a maioria acredita que se você quer mais unidade, você tem que abrir mão da diversidade e vice-versa. Esta percepção errônea alimenta o medo de regras e regulamentos globais superordenados. Muitos receiam também que a unidade global possa ser obtida apenas ao preço da uniformidade global, e isso acabará em um mundo Orwelliano. No entanto, quando a unidade é definida pela dignidade, quando o que nos une são nossos valores de igualdade e de dignidade compartilhados, então a unidade na diversidade significa *mais* unidade e, ao mesmo tempo, *mais* diversidade. A unidade na dignidade pode apenas ser manifestada com o cultivo da diversidade, deixando-a florescer. Trata-se de uma situação ganha-ganha. Ambos os polos, unidade e diversidade, devem ser estimulados se a dignidade é o que define a

unidade, e ambos precisam ser protegidos: a unidade deve ser protegida contra a perda da diversidade ao deixá-la se degradar em uniformidade, e a diversidade deve ser protegida contra a destruição da unidade quando a diversidade se degrada em divisão.

Janet estava entusiasmada e explicou que a noção de *tensegrity* – ‘*tensitegridade*’ de Buckminster Fuller pode descrever a estabilidade desta unidade na diversidade (o termo é uma contração de integridade tensional) . Subsequentemente às nossas conversas, Janet sentiu-se impelida a escrever um pequeno artigo. Este é o seu resumo:

Ocupe Wall Street (OWS) é um movimento social que exige dignidade econômica. Os 99% estão desafiando o controle dos financistas de Wall Street, daquilo que muitos de nós entendíamos anteriormente como sendo nossa democracia. Milhares de participantes estão coordenando uma resistência sustentada para a atual crise político-econômica humilhante e excludente, para contestar o que Amartia Sen chama de “arranjos de injustiça ultrajantes.” OWS está desafiando nosso governo a responder, em vez disso, à *pluralidade* das preocupações da população. Mas o desafio do OWS em relação à dominância dos 1% apresenta, também, um desafio às normas coletivas pela sua ética democrática de deliberação.

O document do OWS “*Principles of Solidarity*” - Princípios de Solidariedade, declara: “Estamos ousando imaginar uma nova alternativa sociopolítica e econômica que ofereça maiores possibilidades de igualdade”, [para] “recuperar nosso futuro hipotecado,” e, assim, lutar para restaurar nossa desgastada dignidade coletiva.

“Tuitteiros” são pessoas com seguimento mútuo no Twitter. *TweetNadwa* significa “Simpósio Tweet” e trata-se de um método que torna

os métodos indígenas tradicionais possíveis em larga escala, possibilitados através da tecnologia da informação mais recente.

Eu vivi no Cairo-Mohandessin durante sete anos (1984-1991), e é fantástico saber que na vizinhança Dokki, o novo movimento político-social chamado *TweedNadwa* surgiu “para debater um dos tópicos mais polêmicos de todos: o papel da religião na política.” *TweedNadwa* opera como um fórum egípcio *online* desenvolvido pelo organizador de base Alaa Abd El Fattaah.

Centenas de usuários do Twitter e membros da audiência reuniram-se pessoalmente para ler e responder em uma enorme tela em Dokki no Egito. Eles expressaram seus pensamentos em tópicos polêmicos em não mais que 140 segundos (para aqueles que participaram pessoalmente), ou 140 caracteres (para aqueles que participaram *online*). O cenário lembrava um ambiente de estúdio de um *talk show*, porém os participantes, ou “cibercidadãos”, externaram opiniões e pensamentos em muitos níveis – variando de questões pessoais àquelas colocadas *online* por pessoas sentadas em frente aos seus computadores, em outras partes do Egito. Entre esses “cibercidadãos”, havia egípcios e expatriados, que podiam participar em países como o Canadá ou os Emirados Árabes Unidos. Se os membros da audiência concordassem com as repostas dos participantes, então eles acenavam suas mãos no ar, em vez de bater palmas, de forma a não perturbar o curto período de resposta.

A linguagem de sinais, que é também usada na educação de pessoas portadoras de deficiência auditiva, está agora entrando na esfera pública como uma nova linguagem de sinais para grandes agrupamentos de pessoas. Janet Gerson fez uma demonstração para mim: o dedo mindinho é levantado para “informação,” dois dedos representando a letra “c” significa solicitar “esclarecimento.” Para uma demonstração em vídeo, vejam, por exemplo, “Occupy Portland –Down Twinkles.”

Esses novos métodos têm várias características que os antigos não podiam alcançar. Grupos que nunca se encontraram pessoalmente podem compartilhar seus pontos de vista; a participação virtual assegura que os que propõem ideias não sejam julgados pela aparência; conversas controversas e matizadas, promovidas em grande escala sobre religião e política podem ser conduzidas pacificamente; e a controvérsia abstrata é transformada em discussão acessível, disponível para quem quer que seja que respeite o diálogo construtivo.

Concluindo, a unidade na diversidade pode ser alimentada agora de maneiras que não eram disponíveis em épocas passadas. A unidade na diversidade pode ser manifestada e protegida, de formas até agora inatingíveis.

Uma família global na trajetória rumo à *transição para a dignidade*

Ao longo dos milênios passados, os humanos viveram em um mundo fragmentado, sempre com medo de vizinhos que poderiam, rapidamente, se tornar inimigos. Adolf Hitler se lançou à guerra e à matança e desejar a paz, simplesmente, não foi uma proteção válida. O dilema de segurança foi o quadro definidor predominante para tudo em seu alcance. Ninguém que acalentava a paz pôde escapar do mote do dilema de segurança. “*Si vis pacem para bellum,*” ou “Se quiser a paz, prepare-se para a guerra.” O inimigo era para ser morto ou capturado e humilhado na subserviência. Humilhar um inimigo era visto como pró-social, assim como a humilhação dos inferiores de forma a impedi-los de ascender. O inimigo não era um ser humano companheiro. O inimigo não tinha nenhum direito à igualdade em dignidade e direitos. A cultura masculinista que Agnes Heller descreve tem seu lar aqui, em uma cultura de uniformidade que não dispõe de diversidade.

O Artigo 1º da Declaração Universal de Direitos Humanos (DUDH) rejeita esta noção de um inimigo, em sua primeira sentença: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos.” Gandhi disse: “Não há um caminho para a paz. A paz é o caminho.” Em um contexto

de direitos humanos, a humilhação é antisocial, é a violação de dignidade e de direitos. “Humilhar” é transgredir as expectativas legítimas de todo ser humano e de toda a humanidade cujos direitos humanos básicos serão respeitados.

Os ideais de direitos humanos são utópicos? A idéia de igualdade em dignidade para todos é uma utopia? Um mundo progressivamente interligado oferece uma janela de oportunidade para sua realização. Como tem sido repetidamente expresso ao longo deste livro, vivemos em tempos historicamente excepcionais. Praticamente, todos os programas de notícias veiculados pela televisão, em qualquer parte do mundo, começam com a imagem de um globo girando. Nenhum de nossos ancestrais foi capaz de ver aquilo. Nunca foi tão visualmente inteligível o fato de nós sermos *uma* espécie vivendo em *um* pequeno planeta que herdamos ou tomamos emprestado de nossos filhos.

O que fazemos agora?

Faço apelo para uma transição para a dignidade global abrangente (capítulos 3 e 10). Quanto mais entendemos e abarcamos nossa nova situação, mais a janela de oportunidade se abre para que o espírito de igualdade na dignidade e a unidade na diversidade se manifestem. O espaço se abre para um diálogo global, que é não utópico, sobre um futuro mais dignificante para toda a humanidade, um futuro sem estruturas e instituições de humilhação.

Se nós agarrarmos esta oportunidade, há uma chance de um futuro no qual “bons” e “maus” vizinhos possam viver juntos. A polícia pode ainda ser necessária, mas as noções de “inimigo” e “guerreiro” deixarão de ser aplicáveis. A capacidade das pessoas de se sentirem humilhadas, traduzir-se-á em uma trajetória do tipo Mandela de criar estruturas sociais e societárias que ignificam tudo. E isto será feito progressivamente, não lutando *contra* as velhas estruturas, mas trabalhando *por* um futuro de dignidade. Conforme mencionado acima, trabalhar *por* alguma coisa nova

é muito mais digno, dignificante e efetivo do que o velho paradigma de lutar *contra* inimigos, adversários, ou conceitos ultrapassados.

Florescer é um termo em moda emergente, hoje em dia, que reúne linhas de pensamento oriundas de uma ampla variedade de comunidades de pensamento. Enquanto as emoções negativas estão relacionadas com ameaças, as emoções positivas estão relacionadas com oportunidades. Florescer é mais do que o oposto de patologia e apatia, e significa o desenrolar do melhor do potencial da pessoa. Significa criatividade, crescimento e resiliência na relação consigo mesmo, com outros seres vivos e com o meio ambiente abiótico.

Barbara L. Fredrickson e Christine Branigan focalizam emoções positivas. Elas oferecem uma perspectiva teórica que elas chamam de modelo *construir-e-ampliar*. Este modelo questiona pressupostos comuns da teoria contemporânea das emoções: que as emoções devem necessariamente acarretar tendências de ação e levar à ação física. Mais do que ação, as emoções positivas facilitam as mudanças na atividade cognitiva.

No espírito de florescimento, um questionamento mais aprofundado pode ser almejado. O filósofo norueguês Arne Næss foi apresentado no capítulo 2. Ele desenvolveu a noção da “profundidade de intenção,” da “profundidade de questionamento” ou “profundidade de respostas.” Maior profundidade significa continuar a fazer perguntas a partir do ponto em que outros param de perguntar.

Posso falar diretamente com você, leitor?

Minha mensagem aos “99%” e aos “1%” é a seguinte: por favor, engagem-se em um questionamento profundo. Comece com a identificação de quem você é: Você é um idealista? Você é um seguidor? Você é um espectador? Você é um cínico?

Minha mensagem aos idealistas: Se você é um idealista, merece ser enaltecido por sua paixão. Este é um patrimônio inestimável. Michael Britton foi apresentado anteriormente neste livro. Ele explica que as pessoas que desejam fazer o bem, que desejam ser estimuladoras, irão desejar ver os outros se dar bem, cuidando de suas próprias vidas.

Por favor, pergunte-se: você está alcançando desenvolvimento real no trabalho que você faz? Lembre-se que mesmo a ajuda mais bem-intencionada pode ser contraproducente. A ajuda internacional é um excelente exemplo. Ressentimentos e revoltas violentas tipicamente chocam aqueles que pensavam que estavam fazendo o bem.

Posso compartilhar algumas experiências minhas com vocês? Quando fui para África em 1998, para minha pesquisa de doutorado, minha motivação era fazer o bem com minha pesquisa. No entanto, encontrei uma desconfiança amarga:

Primeiro, vocês nos colonizam. Depois, vocês nos deixam com o chamado estado democrático, que é algo estranho para nós. Depois disso, vocês nos observam tendo líderes ditatoriais. Depois, vocês nos dão armas para matar metade de nós. Finalmente, vocês vêm “medir” nosso sofrimento e proclamam que isto nos ajudará¹? Vocês são loucos?

Quem está “certo” e quem está “errado”? Como a ajuda deve ser concebida para ser benéfica e não contribuir para a humilhação? Tentei ouvir mais.

Vocês, ocidentais, divertem-se com nossos problemas. Vocês têm tudo em casa, vivem no luxo e estão cegos diante disso. Vocês pensam que estão sofrendo quando não podem tomar um banho, ou ter que esperar por um ônibus por mais de duas horas! Seus veículos de quatro rodas cobrem nosso povo com poeira! Vocês gostam de ser reis no nosso país, mas vocês são apenas medianos em seus países! Tudo o que

vocês querem é se divertir, ganhar um bom salário, escrever relatórios vazios para sua organização, na volta para casa, ou publicar alguns artigos de forma a continuar esta fraude. Vocês são hipócritas! Sabem que precisamos de ajuda – Como ficaríamos felizes se não precisássemos dela! Seria ótimo se vocês realmente *nos* ouvissem, não apenas os mesquinhos entre nós que exploram a estupidez arrogante de vocês, para seu próprio bem! Sentimo-nos profundamente humilhados por sua arrogância e ajuda autoenaltecida!

Na África, encontrei continuamente descrições de esforços de ajuda, muitos dos quais eram totalmente dignos de elogio, outros totalmente bem-intencionados; alguns, porém, chegando perto de uma paródia (contendo elementos de honestidade):

Vocês ajudantes chegam, constroem poços (ou algumas outras instalações ou serviços suscetíveis de serem ecologicamente inseguros ou de difícil manuseio no longo prazo), criam alguns empregos de curto prazo para motoristas, secretárias e pessoal de segurança e depois desaparecem novamente!

Claramente, também, os beneficiários da ajuda às vezes podem ser aqueles que são os “errados”. A ajuda pode ser bem-intencionada e bem concebida, mas encontra beneficiários que demonstram pouca valorização dos esforços daqueles que ajudam. Antes de começar o meu trabalho de campo na Somália em 1998, falei com o pessoal de ONG que tinha trabalhado com refugiados somali. Eles me disseram que não iriam me apoiar na ênfase da vitimização Somali:

Essas pessoas são arrogantes e mal agradecidas. Precisava ver seus comportamentos nos campos de refugiados! Eles consideram a ajuda como seu direito e são extremamente agressivos, irracionais e exigentes. Eles enganam a nós que os ajudam, onde quer que possam fazê-lo. Eles nos acusam

de humilhação. Mas, se quiser falar com pessoas que estão sendo realmente humilhadas, então fale conosco, os que ajudam!

Em vez de perguntar quem está errado ou quem está certo, seria importante descrever a interação, assim como a complexidade de acusações e contra-acusações? Seria a humilhação compartilhada necessária? Seria a autorreflexão necessária em todos os lados, em vez de uma discórdia descarada de que as boas intenções sejam suficientes?

Sam Engelstad foi Chefe do Escritório para Assuntos Humanitários das Nações Unidas (e em 1994, em diversas ocasiões, atuou como Coordenador Humanitário em Mogadíchio,– *A Operação Restaurar a Esperança* foi lançada em 9 de dezembro de 1992, pelos Estados Unidos. Contudo, da mesma forma como as intervenções que a precederam, esta falhou também. Como já foi mencionado no capítulo 8, em 1993, uma multidão irada arrastou pelas ruas de Mogadíchio, na Somália, um soldado americano morto. A oferta de ajuda para uma nação empobrecida e devastada, a Somália, foi recebida com atos de humilhação perpetrados contra aqueles que traziam ajuda. Engelstad me escreveu (eu cito com a permissão dele):

Durante minha estada na Somália, em 1994, a humilhação nunca ficou distante da superfície. De fato, ela permeou um tanto o relacionamento entre membros da comunidade das Nações Unidas e a população somali em geral. Na interação do dia a dia entre os somalis e o pessoal de ajuda humanitária das Nações Unidas, nosso trabalho foi encoberto como uma nuvem cinza. Porém, o processo não era bem entendido e raramente pretendeu ser malévolo.

Engelstad acrescentou que “Entre as lideranças políticas e administrativas da missão das Nações Unidas, contudo, a humilhação e suas consequências eram bem melhor compreendidas e eram, frequentemente,

usadas como instrumentos de políticas. Independentemente do propósito, era pernicioso e ofensivo para muitos de nós.”

Em novembro de 2011, conheci dois grupos de pessoas altamente idealistas. Como relatei anteriormente, em 16 de novembro de 2011, estava sendo ciceroneada na visita ao Zuccoti Park por Janet Gerson, cuja tese de doutorado trata de *deliberação pública*. Fiquei profundamente comovida ao ouvir um voluntário, que estava de pé sob uma chuva pesada no meio do Zuccotti Park, explicando sua motivação. Ele não dormia fazia 24 horas, porque era o único voluntário com especialidade médica disponível na arena do Occupe Wall Street. Ele disse que “se outros estão inativos,” isto não iria abalar sua dedicação.

Apenas alguns dias antes, tinha encontrado outro amigo que tinha dado um treinamento em facilitação para empregados da Monsanto. Esses empregados eram igualmente dedicados; no caso deles, desejavam com muita paixão “ajudar a alimentar os pobres.” Ficaram profundamente magoados com a crítica de pessoas cétricas em relação aos produtos transgênicos, alegando que seu trabalho poderia ser menos do que eticamente aceitável.

O desejo de fazer o bem é de extremo valor, onde quer que ele ocorra. No entanto, pessoas de todas as convicções fazem bem em considerar levantar questionamentos mais profundos, em humildade compartilhada, para fazer com que sua dedicação proporcione resultados ótimos (capítulo 2). O que Michael Britton escreve aqui é válido para as pessoas de todas as convicções ideológicas:

Criar uma semente que não sobrevive um ano e que cresce bem apenas com o fertilizante que você vende, quando você tem um monopólio na venda de sementes a fazendeiros, significa que eles têm que voltar todo ano a sua loja, e precisam comprar seu pesticida e seu fertilizante. Eles perderam a habilidade de funcionar sem você. Eles são menos competentes, menos resilientes graças à sua intervenção. Isto está no

âmago do que é uma atitude de apoio. O impulso de apoiar implica querer ver os outros mais capacitados de tornarem suas vidas bem-sucedidas, agindo por conta própria, e não menos capazes disso. A estratégia de tornar as pessoas mais dependentes faz sentido dentro de um mundo com visão de oportunidade para o ganho pessoal, enquanto tornar as pessoas mais resilientes, mais capazes de fazerem as coisas por si mesmas, mais independentes de você, é frustrante para você, segundo essa mesma visão. Do ponto de vista de propiciar apoio, as coisas são exatamente o oposto. Porém, para que não se induza ao erro, o propósito em apoiar não é criar um mundo de solitários independentes e autossuficientes, mas sim criar um mundo de pessoas resilientes, alegres que interagem bem entre si, inclusive com você, em fazer uma vida conjunta muito mais interessante, rica e bem amada. Trata-se de comunidade e a comunidade de comunidades, um mundo de sociedades, com mais vibração, resiliência, generosidade e criatividade e produtividade, distribuídos de forma ampla quanto possível.

Minha mensagem aos seguidores e espectadores: Se você é um seguidor ou um espectador, lembre-se de que não há cerca sobre a qual você possa se sentar com segurança e ver o mundo enfraquecer. Marshall McLuhan nos lembra: “Não há passageiros na espaçonave terra. Somos todos a tripulação.”

“Devemos Nos Posicionar! Não ficar passivos!” é a seção em um de meus livros, que se inspira no trabalho do psicólogo Ervin Staub, que argumenta que o elemento significativo nas atrocidades perpetradas pela Alemanha nazista foi o fato de que os espectadores permaneceram de braços cruzados, em vez de se posicionarem e se envolverem.

Ervin Staub apela aos espectadores para que se envolvam e *resistam e não fiquem passivos*.

Minha mensagem para os cínicos: se você é um cínico, por favor, comece a prestar atenção ao ditado chinês: “A pessoa que diz ‘isto não pode ser feito’ não deveria interromper a pessoa que o está fazendo.”

Depois de recuar da linha de frente, pense sobre a *Realpolitik* “realística”. Pense sobre negócios como de costume, e pense se é realista ou utópico. Os chamados realistas duvidam que a humanidade possa se reunir e criar uma paz mundial, uma vez que, dizem eles, o mundo está envolvido na anarquia Hobbesiana e condenado ao conflito e à guerra sem fim. Os chamados liberais são mais otimistas, acreditando que a cooperação internacional pode fazer a paz prevalecer sobre a anarquia. Onde você se posiciona?

Eu sou ambos: mais otimista do que muitos liberais e mais pessimista do que muitos realistas. Sou otimista porque acredito que o *agrupamento* da humanidade, historicamente sem precedentes, mais do que nunca, nos oferece oportunidades benignas. “Pela primeira vez, desde a origem de nossa espécie, a humanidade está em contato consigo mesma” disse o antropólogo William Ury (capítulo 2).

Ao mesmo tempo, sou mais pessimista que os realistas porque, de acordo com minha concepção, a dinâmica da humilhação, se não for considerada seriamente, pode ter tais efeitos malignos que podem eliminar, de outra maneira, as tendências benignas. Em um de meus livros, eu juntei “razões para pessimismo,” “razões para otimismo,” e, então, lanço um apelo para “transcender o pessimismo e o otimismo”.

“O pessimismo é um luxo que temos condições de ter apenas em tempos bons. Em tempos difíceis, representa facilmente uma sentença de morte autoinfligida e concretizada.”

Considere a pesquisa sobre o impacto de membros de uma equipe que são “desocupados” (“detentores de esforço”), “os para baixo” (aqueles que “expressam pessimismo, ansiedade, insegurança e irritação”) e os “idiotas” (que violam “normas interpessoais de respeito”). A presença de um “vagabundo” ou “idiota” em um grupo pode reduzir o desempenho em 30% a 40%.

Mensagem aos meus amigos ricos: Caso seja um membro dos 1%, você está certamente entre os generosos e amados; caso contrário, você não

leria este livro. Por favor, aceite minha admiração. A generosidade é um patrimônio maravilhoso. Você pode também querer fazer indagações mais profundas. Talvez aprecie ouvir os seus homólogos alemães mencionados anteriormente (capítulo 11).

Por favor considere: “Quando você planeja construir um navio, você daria a tarefa a uma seleção de amigos ricos, generosos e bem-intencionados? Um de seus aliados pode estar disposto a doar velas maravilhosas, um outro, um motor fantástico. Isto é suficiente? Não. Você precisa de um plano abrangente. Não pode construir um navio, peça por peça; ele afundará. Precisa pensar o navio como um todo.

Lembre-se do caos dos esforços da ajuda humanitária depois de desastres, as ONG's caindo umas sobre as outras em lutas não coordenadas pela “necessidade” de fazer disso seu “recurso”. Alguém que faça doação para uma instituição de caridade pode gostar muito de crianças pequenas, outro de mulheres, e ainda, um outro pode gostar de uma categoria diferente de sofrendores ou de assuntos que requerem atenção.

Se extrapolarmos esta situação em nível global e imaginamos que a família humana se encontra em um Titanic afundando, é absolutamente insensato depender de caridade. Aqueles que têm os recursos para efetuar mudanças frequentemente não são suficientemente motivados para investí-los, enquanto aqueles que têm a motivação não possuem os recursos. Alguns doadores abastados podem descobrir um buraco na parede do navio perto de suas cabines, no luxuoso andar de cima, ignorando, todavia, a fenda imensa no corpo do navio, mais abaixo, onde os pobres estão agrupados.

Lembre-se da estória dos semáforos, no capítulo 3. Se você não confia no governo, pode ser uma boa idéia você ajudar a criar um, no qual possa confiar. Convide para o grande *Nós* e minimize “*nós versus* eles,” seja ele “*nós versus* o governo,” ou “*nós versus* qualquer outro inimigo” (capítulo 8).

Eu estou escrevendo essas frases na Cidade de Nova Iorque, em novembro de 2011, ouvindo as pessoas de New Jersey estarecidas com os cortes de energia, após a recente tempestade: “Nós somos um país de terceiro mundo?!” eles gritam com indignação. Este é o resultado quando falta pensamento sistêmico.

Fui convidada para conferências sobre “proteção da riqueza” e afirmei que não acredito que sirva de ajuda o fato de você ter painéis solares em sua mansão quando o ecossistema inteiro falha.

Pense no absurdo: Por que as organizações sem fins lucrativos mendigam por fundos de organizações que visam ao lucro, para fazer o denominado trabalho do *bem*, para compensar a liberdade das organizações que visam ao lucro para fazer o trabalho *ruim*? Por que o comércio justo não é a norma? Por que tudo da biosfera do planeta, incluindo seus seres vivos, não é uma reserva natural?

Considere que os bens comuns “sejam um convite” para o *free riding*. Para os individualistas cruéis, o compartilhamento comunitário nada mais é que um recurso inexplorado para o lucro. As vantagens no curto prazo oriundas de tal *free riding* fere, duplamente, todos aqueles que se opõem a esse abuso; primeiro, quando aqueles que respeitam os bens comuns pagam pelos *free riders*, e, segundo, quando são ridicularizados por não serem suficientemente inteligentes para se juntar aos *free riders*.

Por favor, ajudem a proteger os bens comuns dos *free riders*. Deem prioridade ao compartilhamento comunitário global e façam a economia de mercado servir esta prioridade. O dinheiro deve servir e não dominar. Um sistema bancário deve servir como a polícia de trânsito: pedir à polícia para gerar lucro causa danos ao bem comum. O lucro deve alimentar o compartilhamento comunitário e não sugá-lo até secá-lo.

Vejam como, nos milênios passados, a disputa pelo poder era o que mantinha os poderosos ocupados. Os Templários eram cavaleiros e

banqueiros e eles foram derrubados pelo Rei Filipe IV da França, quando ele estava também extremamente endividado com eles. Vladimir Putin pode estar trilhando um caminho similar com Mikhail Khodorkovsky. Às vezes, também, os financistas estão ganhando, por exemplo, quando eles “capturam” o Estado. Em todos os casos, esta luta é prejudicial ao bem comum. Todos devem servir as suas comunidades e, atualmente, a nossa comunidade global.

Considere ajudar a criar novas estruturas institucionais globais superordenadas que organizem e protejam a primazia do compartilhamento comunitário global. Todas as formas universais de relações sociais de Fiske (capítulo 3) precisam ser interligadas em tais novas estruturas institucionais globais superordenadas: o compartilhamento comunitário deve tomar precedência, com ordenamento de autoridade, compatibilidade de igualdade e precificação do mercado que a serve. Considere contribuir para a modelagem de novas estruturas que ensinem a todos que a gerência de nosso mundo é uma meta superordenada do bem comum, uma tarefa conjunta, e que é um “jogo comunitário” e não um “Jogo Wall Street” (capítulo 10).

E lembre-se que, enquanto as estratégias de pilhagem foram o caminho mais rápido para o poder e para a riqueza no passado, em um mundo cada vez mais interdependente, o seu custo se torna proibitivo. Está cada vez mais difícil silenciar as vítimas, especialmente quando os ideais de direitos humanos são defendidos, as vítimas não mais aceitarão, subservientemente, a exploração, mas a percebem como uma humilhação. O direito de se revoltar contra a humilhação está sendo “democratizado” pela defesa dos direitos humanos (introdução). Isto é o que acontece agora com o Movimento Ocupe. Tirar partido do significado ambíguo de liberdade não é mais uma cola forte o suficiente, quando fica evidente, de maneira gritante, que a liberdade para que a possibilidade se torne direito impede a liberdade para todos.

E considere o entusiasmo pela vida, que será proporcionado por relações significativas com os outros e com o mundo. Jean Baker Miller

descreve “cinco coisas boas” que nos recompensam, quando temos êxito forjando relações que promovem o crescimento:

1. maior entusiasmo (vitalidade),
2. maior capacidade para agir (empoderamento)
3. maior clareza (um retrato mais claro de si mesmo, do outro e da relação)
4. sentimento de maior valor, e
5. um desejo por relações além daquela determinada relação.

Morton Deutsch sugere que aqueles que ocupam posições de poder se beneficiarão retirando-se de qualquer processo de dominação, no qual podem estar envolvidos, com a reapropriação e resolução de seus sentimentos de vulnerabilidade e com a anulação da projeção desses sentimentos sobre aqueles abandonados à sua sorte.

Deutsch enfatiza a necessidade de considerar “o vazio espiritual de poder sobre os outros; a satisfação de criar algo que vai mais além do próprio benefício.” Ele sugere ouvir Mary Parker Follett, que defendeu em 1924 a criação de poder *com* os outros, em vez de manter o poder *sobre* os outros.

Minha mensagem para todos: Ajudem a acordar todos! A janela de oportunidade que a história abriu para nós espera ser reconhecida e utilizada. O dilema de segurança está enfraquecendo, apesar dos esforços para mantê-lo vivo artificialmente, de forma a proteger a riqueza e o investimento. A “Arab Street,” aqueles que se reuniram na Tahrir Square tentam promover uma revolução de dignidade. A *global street*, os cidadãos do mundo devem promover agora uma *transição para a dignidade* global. Este movimento deve colocar a dignidade à frente do lucro e se valer do

potencial construtivo envolvido na globalização – na reunião das tribos humanas, como os antropólogos a chamam – para transcender a velha fragmentação de nosso mundo.

O apelo mais recente de Morton Deutsch é para que todos nós ajudemos a desenvolver uma comunidade global. “Faça-o” é a mensagem dele para você, “comunicando-se com os possíveis membros de tal comunidade,” “ajudando aqueles membros em potencial a imaginar como ela seria,” e “ajudá-los a se tornarem ativos, em nível local, como também em nível global, no desenvolvimento de tal comunidade.”

Nosso planeta é um parque natural e nós somos seus administradores. Se vendermos nossos bens comuns a interesses provincianos, nós, a família humana, não sobreviveremos no longo prazo. Para construir um futuro decente, precisamos de uma comunidade global com uma identificação global. Um estudo nos Estados Unidos, Itália, Rússia, Argentina, África do Sul e Irã acaba de mostrar que “uma identificação social inclusiva com a comunidade mundial é uma construção psicológica significativa que desempenha um papel na motivação da cooperação que transcende os interesses provincianos.”

Sistemas globais, estruturas superordenadas globais de unidade na diversidade, subsidiariedade, adaptabilidade autocorretiva contínua, supervisionadas pela comunidade global, é o caminho para proteger, efetivamente, nosso planeta, nossos bens comuns.

, nos tempos da escravidão, não era suficiente ser mais amável com seus escravos. Nos tempos do *apartheid*, não era suficiente ser caridoso com aqueles que eram cidadãos de segunda classe. O sistema inteiro tinha que ser remodelado. Da mesma forma, hoje, precisamos pensar grande.

Precisamos nos perguntar: Quais são nossas maiores estruturas? Eu escuto a resposta: Temos o Sol, a Lua, a Terra, o campo magnético da Terra e sua ecosfera, e nossos sistemas monetários. Todos esses elementos estão

em pé de igualdade? Certamente, nós os tratamos dessa forma. Porém, nossos sistemas emonetários estão realmente, no mesmo nível com as leis da natureza? Pode ser a hora de ser mais criativo que isso.

“Vamos criar espaço para fantasiarmos juntos” disse Charles Villa-Vicencio, que desempenhou um papel fundamental na Comissão da Verdade e da Reconciliação da África do Sul.

Em tempos de crise, é importante ouvir os mais velhos. Betty A. Reardon, fundadora da educação para a paz, é uma idosa cuja voz precisa ser ouvida, urgentemente e agora. Ela disse essas palavras muito importantes, que abriram o capítulo 11:

O que nós sabemos, não sabemos de uma forma que atende às nossas necessidades. Assim, precisamos saber de formas diferentes, e precisamos construir um conhecimento novo, através de novas formas de saber. O conhecimento novo está na área de concepção de novas realidades, o que é provável de ser feito por intermédio do pensamento criativo e especulativo que seria partilhado comunitariamente e refletido para formulação comum, que seria testado em um processo contínuo de invenção social.

Morton Deutsch, o “pai” da resolução de conflito, está agora com mais de 90 anos. É outro idoso, cuja voz tem peso. Ele é também um grande ouvinte. Eu o admiro por ter me ouvido ao longo dos últimos dez anos. A maioria das pessoas sempre tenta me convencer a “me estabelecer” e a ficar em um local no nosso globo. Eu tenho contrariado a pressão dessas pessoas, explicando que a construção de uma comunidade global é o único caminho para sobrevivência de nossa espécie humana. Apenas como *uma* comunidade global *unida*, somos poupados de grupos de fora, estamos seguros de recém-chegados inesperados que possam danificar nossos bens comuns, nosso planeta. Apenas assim podemos proteger nossos bens comuns de serem usados como terreno de pilhagem. E argumentei que

estou entre os poucos – de fato, nunca encontrei alguém que vive como eu – que investem suas vidas inteiras no cultivo de tal comunidade global, em considerar nosso planeta inteiro como “meu local.” Assim, em vez de me dissuadir, meu caminho deve ser reconhecido, não apenas por sua novidade, mas pela sua utilidade. E Morton me ouviu.

Morton Deutsch foi recentemente indagado sobre o movimento Ocupe Wall Street: “Você viveu períodos de grandes mudanças no passado. Desta vez, você está esperançoso com relação aos resultados?” A resposta de Deutsch foi:

Sim, estou. Eu penso que esses movimentos estão emergindo de um impulso democrático, e isso é bom. Porém, é muito difícil produzir uma democracia coerente que não seja cooptada novamente. Espero que sabedoria e liderança eficiente se desenvolvam a partir disso. Estou esperançoso de que isso acontecerá, porque agora existe muita inteligência, mais sofisticação. A questão com a qual estou preocupado, contudo, é o fato de que as pessoas precisam ter consciência de que isso leva tempo. As mudanças que elas desejam não acontecem da noite para o dia. Eu estive na África do Sul, exatamente depois que [Nelson] Mandela chegou ao poder. Eu estive em contato com muitos grupos que participaram ativamente da sua chegada ao poder.

Um dos problemas era que algumas pessoas pensavam que tudo poderia ser alcançado rapidamente. E alguns dos líderes não foram muito eficazes depois de Mandela. Assim, é realmente essencial ter uma percepção do tempo que isso leva, e ter pessoas que estejam realmente comprometidas por um período contínuo, para ajudar a levar o grupo para uma participação democrática real. Isso leva tempo, planejamento e esforço.

Em 2011, Morton Deutsch formulou um compromisso que você talvez queira considerar:

Imagine uma comunidade humana global na qual você, seus filhos e seus netos, assim como todos os outros em nosso planeta compartilhado, e seus respectivos filhos e netos:

- ...Sejam capazes de viver em dignidade e tratados de forma equitativa.
- ...Sejam livres do medo da violência e da guerra e possam viver em paz.
- ...Tenham liberdade de escolha, de forma que você nunca precise viver em situação de pobreza na qual você e seus entes queridos não tenham assistência adequada, alimento, água, abrigo, serviços de saúde, educação e outras necessidades para o bem-estar físico e emocional, assim como uma vida digna.
- ...Tenham liberdade de informação, de publicação, de expressão, de crenças e de reunião, de forma que você possa ser livre para ser diferente e livre para criticar abertamente aqueles em posição de autoridade, seja de forma individual ou coletiva.
- ...Tenham a responsabilidade de promover, proteger e defender tais liberdades como aquelas descritas acima, para você mesmo, como também para outros quando isso for negado a eles, ou estejam sob ameaça.
- ... Trabalharão juntos, cooperativamente, para fazer o mundo que os seus netos herdarão, livres de tais problemas como a guerra, injustiça, mudança de clima e perturbação econômica.

Você está disposto a se tornar membro de tal comunidade humana global? Caso esteja, por favor, faça a seguinte

promessa: eu prometo promover esses direitos e responsabilidades na minha própria vida, na minha comunidade e na comunidade global, da melhor forma que eu possa fazê-lo, através de ações pessoais não violentas e trabalhando junto com outros.

No capítulo 8, apresentei Claudia E. Cohen. Ela é diretora associada do centro que Morton Deutsch fundou e trabalha com ex-encarcerados, em Nova Iorque. Carmen Hetaraka trabalha com encarcerados Maoris, na Nova Zelândia (capítulo 1). O que Claudia e Carmen têm em comum é o questionamento profundo. Claudia pergunta: Será que podemos realmente medir o “sucesso” pela taxa de emprego? “Ter um emprego” é a prova final de “ter conseguido”? Claudia e Carmen criaram uma nova linguagem e novos conceitos; a realidade de comunidades frágeis que ficaram de fora das categorias dominantes principais não se encaixa na ideologia convencionanal.

A propósito, isto é o que acontece atualmente em todo o mundo – a realidade não se ajusta mais à ideologia da economia dominante. “O mercado,” “investimento,” “emprego,” “gasto do consumidor,” “crescimento”: o que significam essas palavras quando as pessoas e o planeta necessitam “ter uma vida”? Trabalhar com comunidades frágeis, como Claudia e Carmen o fazem, oferece, portanto, lições importantes.

A saúde pública global está em jogo: a saúde da comunidade global precisa se curar da *economia bulímica* e criar uma *economia digna*.

No capítulo 10, perguntei: se olharmos para nosso mundo atual e devêssemos descrevê-lo a um visitante de outro planeta, como iríamos descrevê-lo? Diríamos: “A primazia é dada a investidores. Os investidores procuram o ‘lançamento’ de novos investimentos. É isto que faz ser interessante o fato de ser um investidor, da mesma forma que comprar faz o fato de ter um salário algo interessante. Os projetos tornam-se possíveis através de financiamento. São os financiadores que decidem o que é

possível. Os projetos que os financiadores julgam não serem dignos de apoio não serão possíveis. Até mesmo os projetos que salvam vidas não serão possíveis. Os financiadores decidem o que é *trabalho* e o que é *sonho*.

Talvez seja a hora de perguntar: é este o melhor caminho de administrar nossas questões sobre o planeta Terra? Será que é o entusiasmo dos investidores e dos consumidores o melhor caminho para que nós sintamos que pertencemos a ele? Será que essa é uma vida significativa? Será que isto nos proporcionará uma vida saudável em um planeta saudável?

Está na hora de sentarmos juntos para um diálogo com respeito mútuo e refletir como nós, membros da família humana, podemos organizar nossas questões em nosso planeta, de forma que nossos filhos encontrem um mundo digno de se viver.

Está na hora de ficarmos todos entusiasmados, em conjunto, diante das perspectivas de trabalharmos juntos pela maximização do bem comum, por um futuro digno de se viver e dignificado para nossos filhos.

A transição necessária agora é uma *transição para a dignidade* que preza a unidade na diversidade.

Nada é mais perigoso que uma idéia, quando você tem apenas uma.

—Emile-Auguste Chartier

Por que a Humanidade precisa fazer uma transição para a dignidade?
Para constantemente revitalizar nossa partilha na Terra com igualdade

Triste afirmar: dominação, exploração, humilhação em tantos lugares do mundo continuamos a encontrar

Triste também presenciar: Milhões de pessoas, com um pedaço de pão a sobrevivência diária ter que alimentar

Para superarmos nossos desafios, nossos temores, precisamos de uma nova humanizadora qualidade

Uma Utopia dignificadora - unidade em vez de uniformidade - que sempre assegure o direito à diversidade

Como um mundo tão fragmentado pode ser integrado?

Educando todo(a) cidadã(o) para que um sistema de co-responsabilidade planetária seja implantado

Como podemos dignificar a globalização?

Realizando eficazmente uma igualização

Quando a Humanidade mais seriamente poderá dar atenção à Dignidade?

Quando servir a saúde e o bem-estar de todos tornar-se uma global realidade

Reflexões rimadas sobre a proposta de Evelin D.Lindner para uma Transição à Dignidade.

Autor: Francisco Gomes de Matos, professor emérito de Linguística, UFPE. Co-fundador da World Dignity University initiative e da ABA Global Education (Recife).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar estendendo meu profundo agradecimento a Donald C. Klein, Linda M. Hartling e Richard Slaven pelo afetuoso apoio. Linda me colocou em contato com Jean Baker Miller e Seymour M. Miller. Para nossa tristeza, Jean Baker Miller faleceu em 2006 e Don Klein, em 2007.

Gostaria de agradecer a Linda por cunhar o título deste livro, “Por uma Economia Digna” e a Ulrich (“Uli”) Spalthoff pelo subtítulo “Criando uma Economia que Sirva à Dignidade Humana e Preserve Nosso Planeta, no texto da obra original.”

Eu gostaria também de expressar meu profundo reconhecimento a Michael Britton e Uli Spalthoff. Eu, Linda, Rick, Michael e Uli formamos a liderança central do grupo da rede Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação, a *HumanDHS*. Sem o apoio afetuoso de Linda, Rick, Michael, Uli e de nossa inteira rede HumanDHS, meu trabalho seria impossível. A rede Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação, da qual sou a presidente fundadora, e Linda é diretora, tem perto de 1.000 membros convidados e 40.000 pessoas de mais de 180 países que leem seu web site www.humiliationstudies.org.

A partir desta rede, lançamos a *World Dignity University Initiative*, em 24 de junho de 2011. Eu sempre me considerei como professora em uma universidade global - e aqui está ela! Todo grande projeto começa com um primeiro passo! Juntos, elaboramos a *World Dignity University Initiative*, nas novas formas com as quais acreditamos que os sistemas econômicos precisam evoluir no futuro: como processos de crescimento fluidos autoajustáveis, como um movimento cocriado por pessoas e suas energias entusiasmadas, em vez de uma construção rígida nas quais as pessoas são pressionadas como pequenas rodas dentadas em uma enorme máquina. Estou orgulhosa da constante evolução da *World Dignity*

University Initiative e não tenho como agradecer o quanto merecem, a todos que cultivam esta iniciativa.

Por quase quatro décadas, tenho vivido uma vida global, deslocando-me livremente, muitas vezes, para o lugar neste planeta que mais precisa de meu trabalho e a qualquer momento. Este livro se baseia nesta experiência global. Meu mais recente trabalho focalizou a dignidade e a humilhação. Comecei a estudar esses tópicos em 1996, quando estava preparando minha pesquisa de doutorado, com duração de quatro anos, na Universidade de Oslo, intitulada *The Feeling of Being Humiliated: A Central Theme in Armed Conflicts* (1997–2001) - O Sentimento de Ser Humilhado: Um Tema Central em Conflitos Armados (1997-2001). O projeto foi concebido para estudar o papel da humilhação nos assassinatos genocidas em massa na Somália (1988) e em Ruanda (1994), usando a Alemanha Nazista como pano de fundo. Eu sou profundamente grata ao Departamento de Psicologia da Universidade de Oslo, ao Ministério das Relações Exteriores da Noruega e ao Conselho de Pesquisa Norueguês.

Durante esta pesquisa e para o meu trabalho subsequente, recebi apoio generoso de centenas de acadêmicos e profissionais de antropologia, História, filosofia, ciência política, psicologia e sociologia.

Na Noruega, gostaria de agradecer ao reitor da Universidade de Oslo, Ole Petter Ottersen, ao vice-reitor Inga Bostad e a Jorunn Økland, que lideram o Centro para Pesquisas de Gênero, daquela Universidade. Além disso, recebi apoio maravilhoso, durante e depois da minha pesquisa de doutoramento, de Reidar Ommundsen, Jan Smedslund, Fanny Duckert, Astri Heen Wold, Hilde Nafstad, Rolv Mikkel Blakar, Finn Tschudi, Nora Sveaass, Siri Gullestad, Ingela Lundin Kvaalem, Henrik Natvig, Karsten Hundeide, Per Schioldborg, Salman Türken, Anna Louise von der Lippe, Hanne Haavind, Egil Bergh-Telle, Dag Erik Eilertsen e de todos os outros docentes engajados do Departamento de Psicologia. Minha profunda gratidão vai, também, para Ole Danbolt Mjøs, Dagfinn Kåre Føllesdal, Jon Elster, para o falecido Arne Næss, Asbjørn Eide, Øyvind Østerud, Nils A. Butenschøn, Stein Tønnesson, Henrik Syse, Odd-Bjørn Fure e Maria Rosvoll, Thomas Hylland Eriksen, Bernt

Hagtvet, Sigmund Karterud, Kjell Skyllstad, Bjørn Aksel Flatås, Lasse Moer, Hroar Klempe, Sigurd Støren, como também para Åge Bernhard Grutle, Leif E. Christoffersen, Erik Solheim, Stein Villumstad e Per M. Bakken.

Devo também uma enorme gratidão para com meus amigos fora da Noruega. Meu imenso reconhecimento vai para Norman Sartorius, Maurice Aymard, Hinnerk Bruhns, Alain d'Iribarne, Serge Moscovici, Francisco Gomes de Matos, Michael Harris Bond, Steve Kulich, Michael Prosser, Hora Tjitra, Hilary e Ralph Summy, Kevin P. Clements, Virginia Cawagas e Toh Swee-Hin, Adair Linn Nagata, que me reuniu a Patricia e Paul Richards, Kiyoko Sueda e Jaqueline Wasilewski, a Emanuela Del Re, Sibyl Ann Schwarzenbach, Avishai Margalit, David Rosen, Israel Charny, David Bargal, Arie Nadler, Varda Muhlbauer, Michael Dahan e Sam Bahour, Vamik D. Volkan, Michael G. Billig, Maggie O'Neill, Dennis Smith, Lester Kurtz, Aly Maher El-Sayed, Ashraf Salama, Samir Basta, Hizkias Assefa, Emmanuel Ndahimana, Jean-Damascène Gasanabo, Jan Øberg, George Kent, Norbert Ropers, Heidi Aeschlimann, e Didier Sornette, entre muitos outros.

Nos Estados Unidos, desejo expressar meu profundo agradecimento a Morton Deutsch, da Universidade de Columbia, por seu forte e contínuo apoio. Ele escreveu os prefácios de meus livros *Making Enemies: Humiliation and International Conflict* (2006) - Fazendo Inimigos: Humilhação e Conflito Internacional, e *Emotion and Conflict: How Human Rights Can Dignify Emotion and Help Us Wage Good Conflict* (2009) - Emoção e Conflito: Como os Direitos Humanos podem Dignificar a Emoção e nos Ajudar a nos Engajarmos em um Bom Conflito. Sem o seu apoio, aqueles trabalhos não teriam sido concluídos.

Eu também tive o grande privilégio de aprender com Peter T. Coleman, Claudia E. Cohen e seus dedicados grupos, como também com Andrea Bartoli, Beth Fisher-Yoshida, Janet Gerson, Tony Jenkins, Robert Jervis e Volker Berghahn, através da Universidade de Colúmbia. Aprendi muito com renomados e eminentes especialistas, pensadores e profissionais baseados nos Estados Unidos, como Riane T. Eisler, David A. Hamburg, Shibley Telhami, Noeleen Heyzer, Gay Rosenblum-Kumar e Alan B. Slifka,

através de quem eu conheci William L. Ury, John Steiner, Zuzka Kurtz e Omar Amanat. Aprendi também com Herbert Kelman, Milton Schwebel, Aaron Lazare, Ervin Staub, Howard Richards, Howard Zehr, Daniel J. Christie, Jack A. Goldstone, Monty G. Marshall, W. Barnett Pearce, Clark R. McCauley, Dov Cohen, Anne M. Wyatt-Brown e Bertram Wyatt-Brown, Michael L. Perlin, George W. Woods, Jonathan Haas, Lee D. Ross, Robert B. Zajonc, Carlos E. Sluzki, Suzanne M. Retzinger e Thomas J. Scheff, Robert Fuller, Charles R. Figley, Judy Kuriansky, Maria R. Volpe, Anie Kalayjian, Donna Hicks, Adenrele Awotona, Virginia Swain e Joseph P. Baratta, Garry Davis, Daniel L. Shapiro e David Kimball que me apresentou a Elise Boulding e Helena Halperin, para mencionar apenas alguns.

Eu devo meu entendimento em psicologia aos clientes que tratei em meu trabalho como psicóloga clínica (entre 1980 e 1984, em Hamburgo, Alemanha, e entre 1984 e 1991, no Cairo, Egito) antes de transferir o meu foco principal para a psicologia social. Devo enorme gratidão aos “copesquisadores da saúde”.

Estendo, especialmente, calorosos agradecimentos a meus interlocutores, vizinhos e anfitriões ao redor do mundo, muitos dos quais devem lutar, diariamente, para continuar o trabalho da paz, muitas vezes sob as mais difíceis circunstâncias.

A completa lista de pessoas que merecem minha profunda e sincera gratidão cobriria muitas páginas. Por favor, vejam www.humiliationstudies.org, para nosso conselho consultivo global, nosso grupo de coordenação global, nosso grupo global central, nossos grupos de educação e pesquisa. Eu imploro àqueles que não estão listados aqui para que estejam cientes de que os festejo com enorme gratidão.

Muitos das centenas de membros de nossa rede HumanDHS merecem meus agradecimentos especiais, dentre eles Victoria C. Fontan, Eric Van Grasdorff, Martin Stahl, Grace Feuerwerker, Philip M. Brown, Amy C. Hudnall, Patricia Rodriguez Mosquera, Judit Revesz, Brian Ward, Stephanie Heuer, Tonya Hammer, Antoinette Errante, Corinna Carmen

Gayer, Sophie Schaarschmidt, Sharon Burde, Zuzana Luckay, Zhang Xuan, Jiuquan Han, Abou Bakar Johnson Bakundukize, Salman Türken, Vegar Jordanger, Øyvind Eikrem, Noor Akbar Khalil, Leland R. Beaumont, Atle Hetland, Esta Tina Ottman e Lynn King.

Linda e eu Hartling e os membros de nossa rede acreditamos que nós, como humanidade, precisamos “colher” todas as tradições culturais, passadas e presentes, daquelas crenças e práticas que ajudam a proteger a dignidade da unidade na diversidade. Bob Randall, um idoso Uamlimutkatkar e proprietário tradicional de Uluru (Ayers Rock), na Austrália, é um membro altamente estimado no conselho consultivo global de nossa rede Estudos sobre Dignidade Humana e Humilhação. Carmen Hetaraka é um portador da tradição Moari oral e ele foi um dos “pilares” de nossa 17ª Conferência Anual em Dunedin, na Nova Zelândia. Ele nos foi apresentado, muito gentilmente, por Michelle Brenner, no contexto de sua abordagem de Comunicação Holística. Alvin Cota, um nativo americano Yoeme, do Arizona, está compartilhando seu conhecimento histórico conosco. Meu reconhecimento particular vai para Bob, Carmen e Alvin. Deixem-me acrescentar aqui a arqueóloga Ingrid Fuglestvedt. Ela estuda a história da Idade da Pedra Escandinava, na passagem do *animismo* ao *totemismo*. Agradeço a ela por seu profundo entendimento e confirmação de minha postura de que nosso “coração está com os animistas.”

Quero expresser meus afetuosos agradecimentos a Nora Stene Preston, Ola Skuterud e Margret Rueffler, como também à família Rosenau, à família Jøntvedt, as famílias Frerk e Bakken, assim como às famílias Bakhoum, Khalil, Amer, Roick, Nagata, Tada e Ward – meus muitos pais, irmãos, irmãs e filhos adotivos, por sua paciência sem fim e interesse em manter minha flutuante vida global.

Concluo expressando minha profunda gratidão aos membros fundadores de nossa *World Dignity University Initiative*, haja vista que foram convidados pelo primeiro membro fundador, Francisco Gomes de Matos, a partir de outubro de 2011, Morton Deutsch, Betty A. Reardon, Federico Mayor Zaragoza, Arun Gandhi, Ole Petter Ottersen, Inga Bostad,

Jorunn Økland, Egil A. Wyller, Kamran Mofid, Shahid Kamal, Ragnhild S. Nilsen e Emanuela Claudia Del Re.

Finalmente, gostaria de agradecer a Kathleen Morrow por sua inestimável ajuda em tornar o manuscrito legível. Muito generosamente, ela emprestou seu cuidado e apoio aos meus três primeiros livros. E ter também sua mente brilhante com este manuscrito é um dom que ultrapassa as palavras. Ela aplicou seu amor pela língua inglesa em meu trabalho, fazendo-o mais acessível a leitores ao redor do mundo. Estou tão feliz que Don Klein tenha escrito para mim em 30 de setembro de 2004, “Eu falei com Kathleen Morrow, a mulher que fez tão maravilhoso trabalho, ajudando-me com o meu livro *New Vision, New Reality* - Nova Visão, Nova Realidade. Ela está disponível e aguarda com expectativa para discutir seu trabalho.”

Meu profundo agradecimento à Profa. Dra. Maria Jose Matos Luna, então Diretora da Editora da UFPE no ano de 2013, pela iniciativa de mandar traduzir este livro do inglês para o português e produzir uma edição eletrônica do mesmo.

Muito obrigada à Profa. Dra. Fatiha Parahyba pela competente tradução de meu livro em português.

Agradeço à Diretoria da ABA Global Education pelo apoio financeiro à produção deste e-book através do Professor Francisco Gomes de Matos.

Gostaria de concluir expressando meu profundo amor e gratidão aos meus pais, Gerda e Paul Lindner, cuja coragem pessoal deu a meu trabalho e minha vida seu rumo e motivação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abu-Rabi', Ibrahim M. (2007). Modernization, Democracy and Human Rights. In Moten, Abdul Rashid and Noor, Noraini M. (Eds.), *Terrorism, Democracy, the West and the Muslim World*, pp. 13-35. Singapore: Thomson Learning.
- Ackerman, Frank (1998). *The Changing Nature of Work*. Washington, DC: Island Press.
- Ackerman, Frank (2008). *Poisoned for Pennies: The Economics of Toxics and Precaution*. Washington: Island Press.
- Ackerman, Frank (2009). *Can We Afford the Future?: The Economics of a Warming World*. London: Zed Books.
- Ackerman, Frank and Heinzerling, Lisa (2004). *Priceless: On Knowing the Price of Everything and the Value of Nothing*. New York: New Press.
- Adorno, Theodor W. (1959). *Theorie der Halbbildung*. Frankfurt am Main, Germany: Suhrkamp.
- Alagic, Mara, Nagata, Adair Linn, and Rimmington, Glyn M. (2009). Improving Intercultural Communication Competence: Fostering Bodymindful Cage Painting. In *Journal of Intercultural Communication, SIETAR Japan*, 12, pp. 39-55.
- Alexander, Kern, Dhumale, Rahul, and Eatwell, John Leonard (2006). *Global Governance of Financial Systems: The International Regulation of Systemic Risk*. New York: Oxford University Press.
- Almunia, Miguel, Bénétrix, Augustín S., Eichengreen, Barry, O'Rourke, Kevin H., and Rua, Gisela (2009). *The Effectiveness of Fiscal and Monetary Stimulus in Depressions*. London: Centre for Economic Policy Research, www.voxeu.org/index.php?q=node/4227.

Alperovitz, Gar (2005). *America Beyond Capitalism: Reclaiming Our Wealth, Our Liberty and Our Democracy*. Hoboken, NJ: Wiley.

Alperovitz, Gar (2009). *The Long Term Norm of the Economy Is Great Instability and High Inequality*. Presencing Institute, tc.presencing.com/sites/default/files/Interview_Alperovitz_0.pdf.

Alperovitz, Gar and Daly, Lew (2008). *Unjust Deserts: How the Rich Are Taking Our Common Inheritance and Why We Should Take It Back*. New York: New Press.

Anderson, Geraint (2008). *Cityboy: Beer and Loathing in the Square Mile*. London: Headline.

Anderson, Mary B. (1999). *Do No Harm: How Aid Can Support Peace - or War*. Boulder, CO: Lynne Rienners.

Angell, Marcia (2004). *The Truth About the Drug Companies: How They Deceive Us and What to Do About It*. New York: Random House.

Appiah, Kwame Anthony (2005). *The Ethics of Identity*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Appiah, Kwame Anthony (2006). *Cosmopolitanism: Ethics in a World of Strangers*. New York: Norton.

Appiah, Kwame Anthony (2010). *The Honor Code: How Moral Revolutions Happen*. New York: Norton.

Archer, Colin (2005). *Warfare or Welfare? Disarmament for Development in the 21st Century. A Human Security Approach*. Geneva: International Peace Bureau, ipb.org/i/pdf-files/Warfare_or_Welfare_Complete-versionEng.pdf.

Argandoña, Antonio and von Weltzien Høivik, Heidtraut (2009). Corporate Social Responsibility: One Size Does Not Fit All. Collecting Evidence From Europe. In *Journal of Business Ethics*, 89 (3), pp. 221-234, published online 2010, www.springerlink.com/content/6335313216485256/fulltext.pdf.

Ariely, Dan (2008). The Cost of Social Norms: Why We Are Happy to Do Things but Not When We Are Paid to Do Them. *Predictably Irrational: The Hidden Forces That Shape Our Decisions*, pp. 67-88. New York: HarperCollins.

Aristotle (1980). *The Nicomachean Ethics*. Oxford: Oxford University Press.

Armendariz, Beatriz and Morduch, Jonathan (2010). *The Economics of Microfinance*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

Armstrong, Jeanette (2007). Indigenous Knowledge and Gift Giving. In Vaughan, Genevieve (Ed.), *Women and the Gift Economy: A Radically Different Worldview Is Possible*, pp. 41-49. Toronto: Innana, www.gift-economy.com.

Atkinson, Robert D., Chhetri, Netra, Freed, Joshua, Galiana, Isabel, Green, Christopher, Hayward, Steen, Jenkins, Jesse, Malone, Elizabeth, Nordhaus, Ted, Pielke Jr., Roger, Prins, Gwyn, Rayner, Steve, Sarewitz, Daniel, and Shellenberger, Michael (2011). *Climate Pragmatism: Innovation, Resilience and No Regrets: The Hartwell Analysis in an American Context*. Washington, DC: Information Technology and Innovation Foundation (ITIF), www.itif.org/publications/climate-pragmatism-innovation-resilience-and-no-regrets.

Axelrod, Robert (1990). *The Evolution of Cooperation*. London: Penguin Books.

Baber, Walter F. and Bartlett, Robert V. (2009). *Global Democracy and Sustainable Jurisprudence: Deliberative Environmental Law*. Cambridge, MA: MIT Press.

Bacevich, Andrew J. (2010). *Washington Rules: America's Path to Permanent War*. New York: Metropolitan Books.

Badiou, Alain (2001). *Ethics: An Essay on the Understanding of Evil*. London: Verso.

Ballas, Dimitris and Dorling, Danny (1-12-2007). Measuring the Impact of Major Life Events Upon Happiness. In *International Journal of Epidemiology*, 36 (6), pp. 1244-1252, ije.oxfordjournals.org/content/36/6/1244.full.pdf+html.

Banerjee, Abhijit and Duflo, Esther (2011). *Poor Economics: A Radical Rethinking of the Way to Fight Global Poverty*. New York: PublicAffairs.

Banks, James A., Cookson, Peter, Gay, Geneva, Hawley, Willis D., Irvine, Jacqueline Jordan, Nieto, Sonia, Schofield, Janet Ward, and Stephan, Walter G. (2001). *Diversity Within Unity: Essential Principles for Teaching and Learning in a Multicultural Society*. Seattle: Center for Multicultural Education, College of Education, University of Washington, Seattle; www.educ.washington.edu/coetestwebsite/pdf/DiversityUnity.pdf.

Banks, Ralph Richard (2011). *How the African American Marriage Decline Affects Everyone*. New York: Dutton.

Barasch, Marc Ian (2005). *A Gift of Kindness: Field Notes on the Compassionate Life*. Emmaus, PA: Rodale Books, www.compassionatelife.com.

Baratta, Joseph Preston (2004a). *The Politics of World Federation (Volume 1. The United Nations, U.N. Reform, Atomic Control, Volume 2. From World Federalism to Global Governance)*. Westport, CT: Praeger.

Baratta, Joseph Preston (2004b). *The Politics of World Federation: Vol.1: The United Nations, U.N. Reform, Atomic Control. Vol. 2: From World Federalism to Global Governance*. Westport, CT: Praeger.

Barkan, Elazar (2000). *The Guilt of Nations: Restitution and Negotiating Historical Injustices*. New York: Norton.

Barlow, Maude, Shiva, Vandana, Tutu, Desmond Mpilo, Goldtooth, Thomas, Bassey, Nnimmo, Galeano, Eduardo, and Cullinan, Cormac (2011a). *Does Nature Have Rights?: Transforming Grassroots Organizing to Protect People and the Planet*. San Francisco, CA: The Council of Canadians, Fundación Pachamama, and Global Exchange, www.globalexchange.org/campaigns/greenrights/RightsofNatureReportWebENG.pdf.

Barlow, Maude, Suzuki, David, Atwood, Margaret, Galeano, Eduardo, Bassey, Nnimmo, Mooney, Pat, Kapur, Shekhar, George, Susan, Shiva, Vandana, and

- Tutu, Desmond Mpilo (2011b). *The Rights of Nature: The Case for a Universal Declaration of the Rights of Mother Earth*. The Council of Canadians, Fundación Pachamama, and Global Exchange.
- Bartels, Larry M. (2008a). *Unequal Democracy: The Political Economy of the New Gilded Age*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Bartels, Larry M. (2008b). *Unequal Democracy: The Political Economy of the New Gilded Age*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Barth, Fredrik (1987). *Cosmologies in the Making: A Generative Approach to Cultural Variation in Inner New Guinea*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bartlett, Robert V. (1986). Ecological Rationality: Reason and Environmental Policy. In *Environmental Ethics*, 8 (3), pp. 221-239.
- Bateman, Milford (2010). *Why Doesn't Microfinance Work?: The Destructive Rise of Local Neoliberalism*. London: Zed Books.
- Bauwens, Michel (2008). *The Political Economy of Peer Production*. Kaiserslautern, Germany: Project Oekonux, en.wiki.oekonux.org/Oekonux/TranslationProjects/BauwensPoliticalEconomy#id2.
- Beattie, Alan (2009). *False Economy: A Surprising Economic History of the World*. London: Viking.
- Belenky, Mary Field (1997). *Women's Ways of Knowing: The Development of Self, Voice, and Mind*. 10th anniversary edition. New York: Basic Books.
- Belenky, Mary Field, Bond, Lynne A., and Weinstock, Jacqueline S. (1997). *A Tradition That Has No Name: Nurturing the Development of People, Families, and Communities*. New York: Basic Books.
- Benhabib, Seyla (2011). *Dignity in Adversity: Human Rights in Troubled Times*. Cambridge: Polity Press.
- Bentall, Richard P. (2009). *Doctoring the Mind: Why Psychiatric Treatments Fail*. London: Allan Lane.

Benyus, Janine M. (2002). *Biomimicry: Innovation Inspired by Nature*. New York: Perennial.

Bergmann, Frithjof (1977). *On Being Free*. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press.

Bergmann, Frithjof and Ramsburgh, John (1999). An Interview With Frithjof Bergmann: Rethinking Work on a Global Scale. In *The Journal of the International Institute (II) at the University of Michigan*, 6 (2, Winter), hdl.handle.net/2027/spo.4750978.0006.203; interviewed by Journal editor John Ramsburgh on October 7, 1998.

Bernays, Edward (1928). *Propaganda*. New York: Horace Liveright.

Berry, Wendell (1990). *"The Work of Local Culture": What Are People for?* San Francisco, CA: North Point Press.

Bertell, Rosalie (2000). *Planet Earth: The Latest Weapon of War*. London: The Women's Press.

Betts, Richard K. (Ed.) (2005). *Conflict After the Cold War: Arguments on Causes of War and Peace*. 2nd edition. New York: Pearson.

Blanchflower, David G. and Oswald, Andrew J. (2005). The Wage Curve Reloaded. *NBER Working Paper No. 11338*, Cambridge, MA: The National Bureau of Economic Research (NBER), www.nber.org/papers/w11338.pdf.

Bloom, Allan (1987). *The Closing of the American Mind: How Higher Education Has Failed Democracy and Impoverished the Souls of Today's Students*. New York: Simon and Schuster.

Bobbio, Norberto and Viroli, Maurizio (2003). *The Idea of the Republic*. Cambridge: Polity Press.

Bok, Derek Curtis (2003). *Universities in the Marketplace: The Commercialization of Higher Education*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Bok, Derek Curtis (2006). *Our Underachieving Colleges: A Candid Look at How Much Students Learn and Why They Should Learn More*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Bok, Derek Curtis (2010). *The Politics of Happiness: What Government Can Learn From the New Research on Well-Being*. Princeton: Princeton University Press.

Bond, Michael Harris (1998). Unity in Diversity: Orientations and Strategies for Building a Harmonious, Multicultural Society. In *Trames, A Journal of the Humanities and Social Sciences*, 3 (2), pp. 234-263.

Bond, Patrick (2001). *Against Global Apartheid: South Africa Meets the World Bank, IMF and International Finance*. Lansdowne: University of Cape Town Press.

Bond, Patrick (2004). *Talk Left, Walk Right: South Africa's Frustrated Global Reforms*. Scottsville, South Africa: University of KwaZulu-Natal Press.

Bond, Patrick (2006). *Looting Africa: The Economics of Exploitation*. London: Zed books.

Bond, Patrick and Fanon, Frantz (2002). *Fanon's Warning: A Civil Society Reader on the New Partnership for Africa's Development*. Trenton, .NJ: Africa World Press.

Boulding, Kenneth E. (1966). *The Economics of the Coming Spaceship Earth*. Washington, DC: Paper presented at the Sixth Resources for the Future Forum on Environmental Quality in a Growing Economy on March 8, 1966, www.panarchy.org/boulding/spaceship.1966.html.

Bourdieu, Pierre and Thompson, John B. (1991). *Language and Symbolic Power*. Cambridge: Polity Press.

Boyle, David and Simms, Andrew (2009). *The New Economics: A Bigger Picture*. London: Earthscan.

Brafman, Oris and Brafman, Rom (2008). *Sway: The Irresistible Pull of Irrational Behavior*. New York: Doubleday Business.

Braithwaite, John (2002). *Restorative Justice and Responsive Regulation*. Oxford: Oxford University Press.

Brangwyn, Ben and Hopkins, Rob (2011). *Transition Initiatives Primer - Becoming a Transition Town, City, District, Village, Community or Even Island*. Transition Network, [www.transitionnetwork.org/sites/default/files/TransitionInitiativesPrimer\(3\).pdf](http://www.transitionnetwork.org/sites/default/files/TransitionInitiativesPrimer(3).pdf).

Breines, Ingeborg, Gierycz, Dorota, and Reardon, Betty A. (Eds.) (1999). *Towards a Women's Agenda for a Culture of Peace*. Paris: UNESCO.

Brewer, Marilynn B. and Roccas, Sonia (2002). Social Identity Complexity. *Personality and Social Psychology Review*, 6, pp. 88-106.

Bricmont, Jean (2005). *Imperialisme Humanitaire. Droits De L'Homme, Droit D'Ingerence, Droit Du Plus Fort?* Brussels, Belgium: Aden.

Britton, Michael (2011). *Post-Opportunistic Economics: Are We Humans Capable of Something Better?* Highland Park, NJ: Paper written for "Strengthening the Public Good: Business, Government & Civil Society Relationships" conference at Dalhousie University, Halifax, Canada, June 25 to 28, 2012, convened by Kamran Mofid, the Founder of the Globalisation for the Common Good Initiative, management.dal.ca/news/CommonGood.

Brod, Harry (1997). Pornography and the Alienation of Male Sexuality. In O'Toole, Laura L. and Schiffman, Jessica R. (Eds.), *Gender Violence: Interdisciplinary Perspectives*, pp. 454-466. New York: New York University Press.

Broughton, Philip Delves (2008). *Ahead of the Curve: Two Years at Harvard Business School*. New York: Penguin Press.

Brown, Ellen Hodgson (2008). *Web of Debt: The Shocking Truth About Our Money System and How We Can Break Free*. 3rd revised edition. Baton Rouge, LA: Third Millennium Press.

Buber, Martin (1923). *Ich und Du*. Leipzig, Germany: Insel.

Buchan, Nancy R., Brewer, Marilynn B., Grimalda, Gianluca, Wilson, Rick K.,

- Fatas, Enrique, and Foddy, Margaret (1-6-2011). Global Social Identity and Global Cooperation. In *Psychological Science*, 22 (6), pp. 821-828.
- Buetikofer, Reinhard and Giegold, Sven (2010). *The New Green Deal: Climate Protection, New Jobs and Social Justice*. Brussels, Belgium: The European Green Party (EGP) and the European Free Alliance (EFA), in the European Parliament, reinhardbuetikofer.eu/wp-content/uploads/2010/03/Green-New-Deal-en.pdf.
- Bunzl, John (2008). *People-Centred Global Governance - Making It Happen!* London: International Simultaneous Policy Organisation, www.simpol.org/en/books/PCGG%20Manuscript%203.7%20-%20Site%20version.pdf.
- Butterfield, Jody, Bingham, Sam, Savory, Allan, and Bingham, Sam (2006). *Holistic Management Handbook: Healthy Land, Healthy Profits*. Washington, DC: Island Press.
- Cacioppo, John T. and Patrick, William (2008). *Loneliness: Human Nature and the Need for Social Connection*. New York: Norton.
- Calame, Pierre (2003a). *La démocratie en miettes, pour une révolution de la gouvernance*. Paris: Charles Léopold Mayer, www.pierre-calame.fr/fr/livres/democratie-en-miette.html.
- Calame, Pierre (2003b). *Mission possible, penser l'avenir de la planète*. Paris: Charles Léopold Mayer.
- Calame, Pierre (2009). *Essai sur l'oeconomie*. Paris: Charles Léopold Mayer.
- Camerer, Colin F. (2003). *Behavioral Game Theory: Experiments in Strategic Interaction*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Carlat, Daniel J. (2011). *Unhinged: The Trouble With Psychiatry - A Doctor's Revelations About a Profession in Crisis*. New York: Free Press.
- Carmen, Raff (1996). *Autonomous Development: Humanizing the Landscape: An Excursion into Radial Thinking and Practice*. London: Zed Books.

Carneiro, Robert Leonard (1988). The Circumscription Theory: Challenge and Response. In *American Behavioral Scientist*, 31 (4), pp. 497-511.

Carr, Albert Z. (1968). Is Business Bluffing Ethical? In *Harvard Business Review*, 46 (January-February), pp. 143-153.

Carson, Rachel Louise (1962). *Silent Spring*. Boston, MA: Houghton Mifflin.

Carson, Rachel Louise and Pratt, Charles (1965). *The Sense of Wonder*. New York: Harper & Row.

Carson, Richard T. (2011). The Environmental Kuznets Curve: Seeking Empirical Regularity and Theoretical Structure. In *The Review of Environmental Economics and Policy*, 4 (1), pp. 3-23.

Carvalho, Edward J. and Downing, David B. (Eds.) (2010). *Academic Freedom in the Post-9/11 Era*. New York: Palgrave Macmillan.

Casson, Mark (1995). *The Organization of International Business: Studies in the Economics of Trust*. Aldershot: Edward Elgar.

Chaiken, Shelly L. (1980). Heuristic Versus Systematic Information Processing and the Use of Source Versus Message Cues in Persuasion. In *Journal of Personality and Social Psychology*, 39, pp. 752-766.

Chaiken, Shelly L., Gruenfeld, Deborah H., and Judd, Charles M. (2000). Persuasion in Negotiations and Conflict Situations. In Deutsch, Morton and Coleman, Peter T. (Eds.), *The Handbook of Conflict Resolution: Theory and Practice*, pp. 144-165. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Chamberlin, Shaun (2009). *The Transition Timeline: For a Local, Resilient Future*. Totnes, Devon: Green Books.

Chang, Ha-Joon (2002). *Kicking Away the Ladder: Development Strategy in Historical Perspective*. London: Anthem Press.

Chang, Ha-Joon (2007). *Bad Samaritans: Rich Nations, Poor Policies, and the Threat to the Developing World*. London: Random House.

Chang, Ha-Joon and Grabel, Ilene (2004). *Reclaiming Development: An Alternative Economic Policy Manual*. London: Zed Book.

Chapin, Mac (2004). A Challenge to Conservationists. In *World Watch: Vision for a Sustainable World*, pp. 17-31, excerpted from the November/December 2004 WORLD WATCH magazine 17-3, www.worldwatch.org.

Chen, Emmeline S. and Tyler, Tom R. (2001). Cloaking Power: Legitimizing Myths and the Psychology of the Advantaged. In Lee-Chai, Annette Y. and Bargh, John A. (Eds.), *The Use and Abuse of Power: Multiple Perspectives on the Causes of Corruption*, pp. pp. 241-261. Philadelphia, PA: Psychology Press.

Cheung, Fanny M., van de Vijver, Fons J. R., and Leong, Frederick T. L. (2011). Toward a New Approach to the Study of Personality in Culture. In *American Psychologist*, 66 (7, October), pp. 593-603.

Chossudovsky, Michel and Marshall, Andrew Gavin (Eds.) (2010). *The Global Economic Crisis: The Great Depression of the XXI Century*. Montreal, Canada: Global Research Publishers.

Christie, Daniel J. (2006). What Is Peace Psychology the Psychology of? In *Journal of Social Issues*, 62 (1), pp. 1-17, www3.interscience.wiley.com/journal/118601535/abstract.

Chua, Amy (2008). *Day of Empire: How Hyperpowers Rise to Global Dominance - and Why They Fall*. New York: Doubleday.

Clark, Eric (1988). *The Want Makers: Inside the World of Advertising*. New York: Viking.

Clark, Gregory (2007). *A Farewell to Alms: A Brief Economic History of the World*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Clark, Gregory, O'Rourke, Kevin H., and Taylor, Alan M. (2008). *Made in America?: The New World, the Old, and the Industrial Revolution*. NBER Working Paper No. 14077, Cambridge, MA: The National Bureau of Economic Research (NBER), www.nber.org/papers/w14077.

Clark, Phil (2010). *The Gacaca Courts, Post-Genocide Justice and Reconciliation in Rwanda: Justice Without Lawyers*. Cambridge: Cambridge University Press.

Clinchy, Blythe McVicker (1996). Connected and Separate Knowing: Toward a Marriage of Two Minds. In Goldberger, Nancy Rule, Tarule, Jill Mattuck, Clinchy, Blythe McVicker, and Belenky, Mary Field (Eds.), *Knowledge, Difference, and Power: Women's Ways of Knowing*, pp. 205-247. New York: Basic Books.

Clinchy, Blythe McVicker and Zimmerman, Claire (1985). Growing Up Intellectually: Issues for College Women. *Work in Progress, No. 19*, Wellesley, MA: Stone Center Working Paper Series.

Clor, Harry M. (2009). *On Moderation: Defending an Ancient Virtue in a Modern World*. Waco, TX: Baylor University Press.

Coates, John M. and Herbert, Joe (2008). Endogenous Steroids and Financial Risk-Taking on a London Trading Floor. In *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 105 (16), pp. 6167-6172, www.pnas.org/content/105/16/6167.full.pdf+html.

Cohan, William D. (2011). *How Goldman Sachs Came to Rule the World*. London: Doubleday.

Cohen, Joshua (2010). *Rousseau: A Free Community of Equals*. Oxford: Oxford University Press.

Coleman, Peter T. (2003). Characteristics of Protracted, Intractable Conflict: Toward the Development of a Metaframework-I. In *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, 9 (1), pp. 1-37.

Collier, Peter and Horowitz, David (Eds.) (1989). *Second Thoughts: Former Radicals Look Back at the Sixties*. Lanham, MD: Madison.

Collins, Alan (2004). State-Induced Security Dilemma Maintaining the Tragedy. In *Cooperation and Conflict*, 39 (1), pp. 27-44.

Coraggio, José Luis (1986). *Nicaragua: Revolution and Democracy*. Boston, MA: Allen and Unwin.

Coser, Lewis A. (1977). *Masters of Sociological Thought: Ideas in Historical and Social Context*. 2nd edition. Fort Worth, TX: Harcourt Brace Jovanovich.

Cosgrove, Lisa, Krinsky, Sheldon, Vijayraghavan, Manisha, and Schneider, Lisa (2006). Financial Ties Between DSM-IV Panel Members and the Pharmaceutical Industry. In *Psychotherapy and Psychosomatics*, 75 (3), pp. 154-160, www.tufts.edu/~skrinsky/PDF/DSM%20COI.PDF.

Council on Communications and Media (1-7-2011). Children, Adolescents, Obesity, and the Media. In *Pediatrics*, 128 (1), pp. 201-208, pediatrics.aappublications.org/content/128/1/201.abstract.

Coyle, Diane (2011). *The Economics of Enough: How to Run the Economy As If the Future Matters*. Princeton: Princeton University Press.

Cushman, Philip (1995). *Constructing the Self, Constructing America: A Cultural History of Psychotherapy*. Reading, MA: Addison-Wesley.

d'Escoto Brockmann, Miguel (2009). *Upcoming UN Economic Summit 'Timely and Historic' - Assembly President*. New York: United Nations News Center, www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=30749#.

Daly, Herman E. (1977). *Steady-State Economics: The Economics of Biophysical Equilibrium and Moral Growth*. San Francisco, CA: W.H. Freeman.

Daly, Herman E., Cobb, John B., and Cobb, Clifford W. (1989). *For the Common Good: Redirecting the Economy Toward Community, the Environment, and a Sustainable Future*. Boston: Beacon Press.

Daly, Herman E. and Farley, Joshua C. (2010). *Ecological Economics: Principles and Application*. 2nd edition. Washington: Island Press.

Daly, Herman E. and Townsend, Kenneth N. (Eds.) (1993). *Valuing the Earth: Economics, Ecology, Ethics*. Cambridge, MA: MIT Press.

Dannelsesutvalg (2009). *Kunnskap og dannelse foran et nytt århundre: Innstilling fra Dannelsesutvalget for høyere utdanning*. Bergen and Oslo, Norway: University of Bergen, www.uib.no/filearchive/innstilling-dannelsesutvalget.pdf, www.uio.no/om_uio/uttalelser/dannelsesutvalgets-sluttdokument.pdf.

Danner, Mark (2008). *America Defeated: How Terrorists Turned a Superpower's Strengths Against Itself*. In *Alternet*, March 26, www.alternet.org/story/80547.

Dasgupta, Susmita, Laplante, Benoit, Wang, Hua, and Wheeler, David (2002). *Confronting the Environmental Kuznets Curve*. In *Journal of Economic Perspectives*, 16 (1), pp. 147-168, pubs.aeaweb.org/doi/pdfplus/10.1257/0895330027157.

Davies, James, Sandström, Susanna, Shorrocks, Anthony, and Wolff, Edwards (2006). *The World Distribution of Household Wealth*. Tokyo, Japan: World Institute for Development Economics Research of the United Nations University (UNU-WIDER), www.wider.unu.edu/events/past-events/2006-events/en_GB/05-12-2006/.

Davies, William (2010). *Between Bureaucracy and Academy: The Authority of the Economic Policy Advisor*. In Calhoun, Craig and Sennett, Richard (Eds.), *Creating Authority*, London: Routledge, forthcoming.

Davis, Garry (1961). *My Country Is the World: The Adventures of a World Citizen*. New York: G.P. Putnam's Sons.

Davis, Garry (1984). *My Country Is the World: The Adventures of a World Citizen*. 2nd printing edition. Sorrento, ME: Juniper Ledge.

De Rivera, Joseph, Kurrien, Rahael, and Olsen, Nina (2007). *Emotional Climates, Human Security, and Cultures of Peace*. In *Journal of Social Issues*, 63 (2, June), pp. 255-271.

de Waal, Frans B. M. (2009). *The Age of Empathy: Nature's Lessons for a Kinder Society*. New York: Harmony Books.

- Deming, W. Edwards (1986). *Out of the Crisis: Quality, Productivity and Competitive Position*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Deutsch, Morton (1958). Trust and Suspicion. In *Journal of Conflict Resolution*, 2, pp. 265-279.
- Deutsch, Morton (1960a). The Effect of Motivational Orientation Upon Trust and Suspicion. In *Human Relations*, 13, pp. 123-139.
- Deutsch, Morton (1960b). Trust, Trustworthiness, and the F-Scale. In *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 61, pp. 138-140.
- Deutsch, Morton (1962). Cooperation and Trust: Some Theoretical Notes. In Jones, Marshall R. (Ed.), *Nebraska Symposium on Motivation*, Lincoln, NE: University of Nebraska Press.
- Deutsch, Morton (1973). *The Resolution of Conflict: Constructive and Destructive Processes*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Deutsch, Morton (2002). *Oppression and Conflict*. Skovde, Sweden: Plenary address given at the annual meetings of the International Society of Justice Research in Skovde, Sweden, on June 17, 2002, www.cpa.ca/epw/epw/Deutsch.pdf.
- Deutsch, Morton (2006). A Framework for Thinking About Oppression and Its Change. In *Social Justice Research*, 19 (1), pp. 7-41.
- Deutsch, Morton, Marcus, Eric C., and Brazaitis, Sarah (2012). A Framework for Thinking About Developing a Global Community. In Deutsch, Morton and Coleman, Peter T. (Eds.), *The Psychological Components of Sustainable Peace*, New York: Springer.
- Dewey, John (1902). *The Child and the Curriculum*. Chicago: University of Chicago Press.
- Dewey, John (1916). *Democracy and Education*. New York: Macmillan.

Diamond, Jared (1997). *Guns, Germs, and Steel*. New York: Norton.

Diamond, Jared (2005a). *Collapse: How Societies Choose to Fail or Succeed*. New York: Viking.

Diamond, Jared (2005b). *Guns, Germs, and Steel: The Fates of Human Societies*. New edition. New York: Norton.

Diamond, Jared (2011). *Collapse: How Societies Choose to Fail or Succeed*. Revised edition. London: Penguin Books.

Diamond, Jared and Robinson, James A. (2010). *Natural Experiments of History*. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press.

Dichter, Thomas W. (2003). *Despite Good Intentions: Why Development Assistance to the Third World Has Failed*. Boston: University of Massachusetts Press.

Dichter, Thomas W. and Harper, Malcolm (2007). *What's Wrong With Microfinance?* Rugby: Practical Action Publ.

Diener, Ed and Seligman, Martin E. P. (2004). Beyond Money. Toward an Economy of Well-Being. In *Psychological Science in the Public Interest*, 5 (1, July), pp. 1-31.

Diesing, Paul R. (1962). *Reason in Society: Five Types of Decisions and Their Social Conditions*. Urbana, IL: University of Illinois Press.

Donoghue, Frank (2008). *The Last Professors: The Corporate University and the Fate of the Humanities*. New York: Fordham University Press.

Dow, Elizabeth I. (2005). *Approaching Intercultural Communication From the Space Between*. Tokyo, Japan: Seminar given at the 20th Annual Conference of the Society for Intercultural Education, Training, and Research (SIETAR) Japan, June 26th 2005, Rikkyo University.

Dowd, Kevin (1992). *The Experience of Free Banking*. London: Routledge.

Dowd, Kevin (1993). *Laissez-Faire Banking*. London: Routledge.

Dreier, Peter (2004). Reagan's Legacy: Homelessness in America. In *NHI Shelterforce Online* (135, May/June), www.nhi.org/online/issues/135/reagan.html.

Dreyer, Edward L. (2007). *Zheng He: China and the Oceans in the Early Ming Dynasty, 1405-1433*. New York: Pearson Longman.

Drucker, Peter (1993). *Concept of the Corporation (With a New Introduction by the Author)*. New Brunswick, NJ: Transaction, originally published in 1946 by John Day Company.

Drumbl, Mark A. (2007). *Atrocity, Punishment and International Law*. Cambridge: Cambridge University Press.

Dunkman, William Edward (1970). *Money, Credit, & Banking*. New York: Random House.

Dunoff, Jeffrey L. and Trachtman, Joel P. (Eds.) (2009). *Ruling the World? Constitutionalism, International Law, and Global Governance*. Cambridge: Cambridge University Press.

Duraiappah, Anantha Kumar and Bhardwaj, Asmita (2007). *Measuring Policy Coherence Among the MEAs and MDGs*. Winnipeg, MB: International Institute for Sustainable Development (IISD), www.iisd.org/pdf/2007/measuring_policy.pdf.

Easterlin, Richard A. (1974). Does Economic Growth Improve the Human Lot? In David, Paul A. and Reder, Melvin W. (Eds.), *Nations and Households in Economic Growth: Essays in Honor of Moses Abramovitz*, New York: Academic Press.

Easterlin, Richard A. (Ed.) (2002). *Happiness in Economics*. Cheltenham: Edward Elgar.

Easterlin, Richard A. (2004). *The Reluctant Economist: Perspectives on Economics, Economic History, and Demography*. Cambridge: Cambridge University Press.

Easterlin, Richard A., Angelescu McVey, Laura, Switek, Malgorzata, Sawangfa, Onnicha, and Smith Zweig, Jacqueline (2010). *The Happiness-Income Paradox Revisited*. In *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 107 (52), pp. 22463-22468.

Easterly, William Russell (2006). *The White Man's Burden: Why the West's Efforts to Aid the Rest Have Done So Much Ill and So Little Good*. New York: Penguin Press.

Eberly, Don (2008). *The Rise of Global Civil Society: Building Nations From the Ground Up*. San Francisco, CA: Encounter Books.

Ehrlich, Paul R. and Ehrlich, Anne H. (2008). *The Dominant Animal: Human Evolution and the Environment*. Washington, DC: Island Press.

Eisenstein, Charles (2007). *The Ascent of Humanity: The Age of Separation, the Age of Reunion, and the Convergence of Crises That Is Birthing the Transition*. Harrisburg, PA: Panentheia Productions.

Eisenstein, Charles (2008). *Money and the Crisis of Civilisation*. Reality Sandwich, www.realitysandwich.com/money_and_crisis_civilization.

Eisenstein, Charles (2010). *A Circle of Gifts*. Boulder, CO: Speaking Truth to Power, us1.campaign-archive1.com/?u=b8e53c620300ae88791163048&id=c3e7f05949&e=913c0c20d4.

Eisenstein, Charles (2011). *Sacred Economics: Money, Gift, and Society in the Age of Transition*. Berkeley, CA: Evolver Editions.

Eisler, Riane Tennenhaus (1987). *The Chalice and the Blade: Our History, Our Future*. London: Unwin Hyman.

Eisler, Riane Tennenhaus (1995). *Sacred Pleasure: Sex, Myth, and the Politics of the Body*. San Francisco, CA: HarperCollins.

Eisler, Riane Tennenhaus (2007). *The Real Wealth of Nations: Creating a Caring Economics*. San Francisco, CA: Berrett-Koehler.

- Ekins, Paul and Max-Neef, Manfred A. (Eds.) (1992). *Real-Life Economics: Understanding Wealth Creation*. London: Routledge.
- Elias, Norbert (1982). *The Civilizing Process (Volume I. The History of Manners, 1969, Volume II. State Formation and Civilization, 1982)*. Oxford: Blackwell.
- Ellis, Havelock (1973). *The Dance of Life*. Westport, CT: Greenwood Press, www.gutenberg.net.au/ebooks03/0300671.txt.
- Ellis, Tania (2010). *The New Pioneers: Sustainable Business Success Through Social Innovation and Social Entrepreneurship*. Chichester: John Wiley.
- Elworthy, Scilla and Rifkind, Gabrielle (2005). *Hearts and Minds: Human Security Approaches to Political Violence*. London: Demos, www.demos.co.uk.
- Endenburg, Gerard (1988). *Sociocracy: The Organization of Decision-Making "No Objection" As the Principle of Sociocracy*. Rotterdam, The Netherlands: Stichting Sociocratisch Centrum.
- Enderlein, Henrik, Wälti, Sonja, and Zürn, Michael (Eds.) (2010). *Handbook of Multi-Level Governance*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Etzioni, Amitai (1995). *New Communitarian Thinking: Persons, Virtues, Institutions, and Communities*. Charlottesville, VA: University Press of Virginia.
- Etzioni, Amitai (1996). *The New Golden Rule: Community and Morality in a Democratic Society*. New York: Basic Books.
- Etzioni, Amitai (2004). *The Common Good*. Cambridge: Polity Press.
- Evanoff, Richard (2010). *Bioregionalism and Global Ethics: A Transactional Approach to Achieving Ecological Sustainability, Social Justice, and Human Well-Being*. London: Routledge.
- Evers, Adalbert and Laville, Jean Louis (2004). *The Third Sector in Europe*. Cheltenham: Elgar.

Fang, Tony (2005). From “Onion” to “Ocean” Paradox and Change in National Cultures. In *International Studies of Management and Organization*, 35 (4, Winter), pp. 71-90.

Fanon, Frantz (1952). *Peau noire, masques blancs*. Paris: Editions du Seuil.

Fanon, Frantz (1961). *Les damnés de la terre*. Paris: Maspero.

Fanon, Frantz (1963). *The Wretched of the Earth*. New York: Grove Press.

Fanon, Frantz (1986). *Black Skin, White Masks*. London: Pluto Press.

Fanon, Frantz and Markmann, Charles Lam (1967). *Black Skin, White Masks*. New York: Grove Press.

Federal Reserve Bank of Chicago (1994). *Modern Money Mechanics: A Workbook on Bank Reserves and Deposit Expansion*. Chicago: Federal Reserve Bank of Chicago.

Felps, Will, Mitchell, Terence R., and Byington, Eliza (2006). How, When, and Why Bad Apples Spoil the Barrel: Negative Group Members and Dysfunctional Groups. In *Research in Organizational Behavior*, 27, pp. 175-222, condor.depaul.edu/dweinste/smallgroups/Felps-Badapples.pdf.

Ferguson, Charles (2010). Larry Summers and the Subversion of Economics - The Chronicle Review. In *The Chronicle of Higher Education*, October 3, chronicle.com/article/Larry-Summersthe/124790/.

Ferguson, Niall (2008). *The Ascent of Money: A Financial History of the World*. New York: The Penguin Press.

Festinger, Leon (1957). *A Theory of Cognitive Dissonance*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Fischer, David Hackett (1989). *Albion's Seed: Four British Folkways in America*. New York: Oxford University Press.

Fisher, Roger, Ury, William, and Patton, Bruce (1991). *Getting to Yes: Negotiating Agreement Without Giving in*. New York: Houghton Mifflin.

Fisher-Yoshida, Beth (2008). Coaching to Transform Perspective. In Mezirow, Jack and Taylor, Edward W. (Eds.), *Transformative Learning in Action*, San Francisco: Jossey-Bass.

Fisher-Yoshida, Beth, Geller, Kathy Dee, and Shapiro, Steven A. (Eds.) (2009). *Innovations in Transformative Learning: Space, Culture and the Arts*. New York: Peter Lang.

Fiske, Alan Page (1991). *Structures of Social Life: The Four Elementary Forms of Human Relations - Communal Sharing, Authority Ranking, Equality Matching, Market Pricing*. New York: Free Press.

Flexner, Abraham (1930). *Universities: American, English, German*. London: Oxford University Press.

Follett, Mary Parker (1924). *Creative Experience*. New York: Longmans, Green.

Forrester, Viviane (1996). *L'horreur économique*. Paris: Fayard.

Foucault, Michel (1979). On Governmentality. In *Ideology and Consciousness*, 6, pp. 5-21.

Foucault, Michel (1991). Governmentality. In Burchell, Graham, Gordon, Colin, and Miller, Peter (Eds.), *The Foucault Effect: Studies in Governmentality*, pp. 87-104. Chicago: University of Chicago Press.

Fox, Warwick (1990). *Toward a Transpersonal Ecology: Developing New Foundations for Environmentalism*. Boston, MA: Shambhala.

Fox, Warwick (1992). Intellectual Origins of the "Depth" Theme in the Philosophy of Arne Naess. In *Trumpeter*, 9 (2), trumpeter.athabascau.ca/archives/content/v9.2/fox2.html.

Frank, Thomas (2004a). *What's the Matter With America?: The Resistible Rise of the American Right*. London: Secker & Warburg.

Frank, Thomas (2004b). *What's the Matter With Kansas?: How Conservatives Won the Heart of America*. New York: Metropolitan Books.

Frankl, Viktor Emil (1963). *Man's Search for Meaning: An Introduction to Logotherapy*. New York: Washington Square Press, Simon and Schuster. Earlier title, 1959, *From Death-Camp to Existentialism*. Originally published in 1946 as *Ein Psycholog erlebt das Konzentrationslager*.

Fredrickson, Barbara L. and Branigan, Christine (2001). Positive Emotions. In Mayne, Tracy J. and Bonanno, George A. (Eds.), *Emotions: Current Issues and Future Directions*, pp. 123-151. New York: Guilford Press.

Fredrickson, Barbara L. and Levenson, Robert Wayne (1998). Positive Emotions Speed Recovery From the Cardiovascular Sequelae of Negative Emotions. In *Cognition & Emotion*, 12 (2), pp. 191-220.

Freeman, Christopher (2008). *Systems of Innovation: Selected Essays in Evolutionary Economics*. Cheltenham: Edward Elgar.

Freeman, Christopher and Louçã, Francisco (2001). *As Time Goes by: From the Industrial Revolutions to the Information Revolution*. Oxford: Oxford University Press.

Freire, Paulo (1968). *Educação e conscientização: Extencionismo rural*. Cuernavaca, México: CIDOC/Cuaderno, no. 25.

Freire, Paulo (1970a). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Brazil: Paz e Terra.

Freire, Paulo (1970b). *Pedagogy of the Oppressed*. New York: Continuum.

Frey, Bruno S. (Ed.) (2008). *Happiness: A Revolution in Economics*. Cambridge, MA: MIT Press.

- Frey, Bruno S. and Stutzer, Alois (Eds.) (2007). *Economics and Psychology: A Promising New Cross-Disciplinary Field*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Friedman, Thomas L. (2005). *The World Is Flat: A Brief History of the Twenty-First Century*. New York: Farrar, Straus and Giroux.
- Fromkin, David (1999). *The Way of the World: From the Dawn of Civilization to the Eve of the Twenty-First Century*. New York: Knopf.
- Fromm, Erich (1981). *On Disobedience and Other Essays*. New York: Seabury Press.
- Früh, Werner and Stiehler, Hans-Jörg (2002). *Fernsehen in Ostdeutschland*. Berlin, Germany: Vistas.
- Fry, Douglas P. (2007). *Beyond War: The Human Potential for Peace*. Oxford: Oxford University Press.
- Fuechtmann, Thomas G. (1989). *Steeple and Stacks: Religion and Steel Crisis in Youngstown*. New York: Cambridge University Press.
- Fuglestedt, Ingrid (2009). *Phenomenology and the Pioneer Settlement on the Western Scandinavian Peninsula*. Lindome: Bricoleur Press.
- Fujiwara, Takeo and Kawachi, Ichiro (2008). Social Capital and Health: A Study of Adult Twins in the U.S. In *American Journal of Preventive Health*, 35 (2), pp. 139-144.
- Fukuyama, Francis (1992). *The End of History and the Last Man*. New York: Avon Books.
- Fuller, Robert W. (2003). *Somebodies and Nobodies: Overcoming the Abuse of Rank*. Gabriola Island, BC: New Societies.
- Gadamer, Hans Georg and Smith, P. Christopher (1986). *The Idea of the Good in Platonic-Aristotelian Philosophy*. New Haven, CT: Yale University Press.

Gaertner, Samuel L. and Dovidio, John F. (1999). *Reducing Intergroup Bias: The Common Ingroup Identity Model*. Hove, UK: Psychology Press.

Galtung, Johan (1996). *Peace by Peaceful Means*. Oslo, Norway, and London: International Peace Research Institute Oslo (PRIO) and Sage.

Gandhi, Arun Manilal (2003). *Legacy of Love: My Education on the Path of Nonviolence*. El Sobrante, CA: North Bay Book.

Gaskell, Elizabeth (1855). *North and South*. London: Originally appeared as a twenty-two-part weekly serial from September 1854 through January 1855 in the magazine *Household Words*, edited by Charles Dickens.

Gaucher, Danielle and Jost, John T. (2011). Difficulties Awakening the Sense of Injustice and Overcoming Oppression: On the Soporific Effects of System Justification. In Coleman, Peter T. (Ed.), *Conflict, Interdependence, and Justice: The Intellectual Legacy of Morton Deutsch*, pp. 227-247. New York: Springer.

Gazzaniga, Michael S. (2011). *Who's in Charge?: Free Will and the Science of the Brain*. New York: Ecco.

George, Henry (1879). *Progress and Poverty: An Inquiry into the Cause of Industrial Depressions, and of Increase of Want With Increase of Wealth: The Remedy*. Garden City, NY: Doubleday, Page & Co., www.econlib.org/library/YPDBooks/George/grgPP.html.

George, Robley E. (2002). *Socioeconomic Democracy: An Advanced Socioeconomic System*. Westport, CT: Praeger/Greenwood.

Georgesçu-Roegen, Nicholas (1971). *The Entropy Law and the Economic Process*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

German Council of Economic Experts and Conseil d'Analyse Économique (2010). *Monitoring Economic Performance, Quality of Life and Sustainability*. Wiesbaden, Paris: Joint report as requested by the Franco-German Ministerial Council, www.sachverstaendigenrat-wirtschaft.de/fileadmin/dateiablage/Expertisen/2010/ex10_en.pdf.

Gesell, Silvio Johann (1916). *Die natürliche Wirtschaftsordnung durch Freiland und Freigeld*. Les Hauts Geneveys: Selbstverlag.

Gesell, Silvio Johann (1958). *The Natural Economic Order*. Revised edition. London: Peter Owen.

Gibson, Rachel L. (2007). *Toxic Baby Bottles: Scientific Study Finds Leaching Chemicals in Clear Plastic Baby Bottles*. Los Angeles: Environment California, Research and Policy Center, www.environmentcalifornia.org/uploads/Ve/AQ/VeAQsr6MMu4xA3-2ibnr_g/Toxic-Baby-Bottles.pdf.

Giddens, Anthony (2000). *The Third Way and Its Critics*. Cambridge: Polity Press.

Gilligan, Carol (1982). *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Giroux, Henry A. (2001). *Theory and Resistance in Education: Towards a Pedagogy for the Opposition*. Westport, CT: Bergin and Garvey.

Giroux, Henry A. and Giroux, Susan Searls (2004). *Take Back Higher Education: Race, Youth, and the Crisis of Democracy in the Post-Civil Rights Era*. New York: Palgrave Macmillan.

Gladwell, Malcolm (2000). *The Tipping Point: How Little Things Can Make a Big Difference*. New York: Little, Brown and Company.

Gladwell, Malcolm (2008). *Outliers: The Story of Success*. London: Allen Lane.

Glaser, Judith E. (2005). *Creating We: Change I-Thinking to We-Thinking & Build a Healthy Thriving Organization and the DNA of Leadership*. Avon, MA: Platinum Press, Adams Media.

Glaser, Judith E. (2006). *The DNA of Leadership: Leverage Your Instincts to Communicate, Differentiate, Innovate*. Avon, MA: Platinum Press.

Glaser, Judith E. (2010). Best Books of 2010: You Are What You Think - The Human Mind. In *Strategy + Business*, pp. 97-102, www.strategy-business.com/article/10409f?gko=8311b&cid=enews20101123.

Gneezy, Ayelet, Gneezy, Uri, Nelson, Leif D., and Brown, Amber (2010). Shared Social Responsibility: A Field Experiment in Pay-What-You-Want Pricing and Charitable Giving. In *Science*, 329 (5989), pp. 325-327.

Gold, Lorna (2004). *The Sharing Economy: Solidarity Networks Transforming Globalisation*. Aldershot, UK: Ashgate.

Goldstone, Jack A. and Ulfelder, Jay (2005). How to Construct Stable Democracies. In *Washington Quarterly*, 28, Winter 2004-5 (1), pp. 9-20.

Goodale, Mark and Merry, Sally Engle (2007). *The Practice of Human Rights: Tracking Law Between the Global and the Local*. Cambridge: Cambridge University Press.

Goodwin, Neva Rockefeller (2010). *A New Economics for the Twenty-First Century*. World Futures Review, neweconomicsinstitute.org/content/new-economics-21st-century.

Gornitzka, Åse and Langfeldt, Liv (2008). *Borderless Knowledge: Understanding the "New" Internationalisation of Research and Higher Education in Norway*. Dordrecht, The Netherlands: Springer

Gottman, John Mordechai, Katz, Lynn Fainsilber, and Hooven, Carole (1997). *Meta-Emotion: How Families Communicate Emotionally*. Mahwah, NJ: Erlbaum.

Goudzwaard, Bob Rijnhout Leida, Keune, Lou, Juffermans, Jan, Somers, Esther, Hogenhuis, Christiaan, Boer, Bart de, Hudig, Kees, van de Water, Marjolein, Gort, Rob, and van Vliert, Peter (2008). *Declaration of Tilburg: A Convenient Truth*. Tilburg, The Netherlands: Conference held at Tilburg University, 10 January 2008, www.worldinbalance.net/pdf/ec-dot.pdf.

Gray, John (2002). *False Dawn: The Delusions of Global Capitalism*. London: Granta Books.

Greco Jr., Thomas Henry (1990). *Money and Debt: A Solution to the Global Crisis. Part I Political Money and the Debt Imperative: Why the Budget Can't Be Balanced*, circ2.home.mindspring.com/Money_and_Debt_Part1_lo.PDF

Part II *Freedom and the Monetary Ideal*, circ2.home.mindspring.com/Money_and_Debt_Part2_lo.PDF

Part III *Segregated Monetary Functions and an Objective, Global, Standard Unit of Account*, circ2.home.mindspring.com/Money_and_Debt_Part3_lo.PDF.

Greco Jr., Thomas Henry (2009). *The End of Money and the Future of Civilization*. White River Junction, VT: Chelsea Green.

Green, Robert (2010). *Security Without Nuclear Deterrence*. Christchurch, New Zealand: Astron Media and the Disarmament & Security Centre.

Greene, Graham (1939). *The Confidential Agent: An Entertainment*. London: William Heinemann.

Grignon, Paul (2009). *Digital Coin - Beyond Money*. Gabriola Island, BC: www.digitalcoin.info/Digital_Coin_Draft_Proposal_Grignon_Aug16_2009.pdf.

Gudmundsson, Halldór (2010). *Wir sind alle Isländer: Von Lust und Frust, in der Krise zu sein*. Munich, Germany: btb.

Guruge, Ananda W. P. (2008). *Buddhism, Economics and Science - Further Studies in Socially Engaged Humanistic Buddhism*. Bloomington, IN: AuthorHouse.

Guzzini, Stefano and Leander, Anna (2006). *Constructivism and International Relations: Alexander Wendt and His Critics*. New York: Routledge.

Haas, Jonathan (2001). Warfare and the Evolution of Culture. In Price, T. Douglas and Feinman, Gary M. (Eds.), *Archaeology at the Millennium: A Sourcebook*, pp. 329-350. New York: Kluwer Academic, Plenum Publishers.

Haas, Jonathan and Piscitelli, Matthew (2011). *The Prehistory of Warfare: Misled by Ethnography and Ethology*. Unpublished manuscript.

Haavelmo, Trygve (1989). *Econometrics and the Welfare State: Trygve Haavelmo - Prize Lecture to the Memory of Alfred Nobel, December 7, 1989*. Stockholm and Oslo: The Nobel Foundation, http://nobelprize.org/nobel_prizes/economics/laureates/1989/haavelmo-lecture.html.

Habermas, Jürgen (1962). *Strukturwandel der Öffentlichkeit: Untersuchungen zu einer Kategorie der bürgerlichen Gesellschaft*. Neuwied, Germany: Luchterhand.

Habermas, Jürgen (1981). *Theorie des kommunikativen Handelns, Band I, Handlungsrationalität und gesellschaftliche Rationalisierung, Band II, Zur Kritik der funktionalistischen Vernunft*. Frankfurt am Main, Germany: Suhrkamp Verlag.

Habermas, Jürgen (1985). *The Theory of Communicative Action, Volume 1, Reason and the Rationalization of Society, Volume 2, Lifeworld and System: A Critique of Functionalist Reason*. Boston, MA: Beacon Press.

Habermas, Jürgen (1989). *The Structural Transformation of the Public Sphere: An Inquiry into a Category of Bourgeois Society*. Cambridge: Polity Press.

Hale, Thomas Nathan and Held, David (Eds.) (2011). *Handbook of Transnational Governance: Institutions and Innovations*. Cambridge: Polity Press.

Handy, Charles and Bernhut, Stephen (2004). Leader's Edge: An Interview With Charles Handy. In *Ivey Business Journal*, March/April (Reprint # 9B04TB06), pp. 1-7, www.iveybusinessjournal.com/view_article.asp?intArticle_ID=476.

Hardin, Garrett James (1998). Extensions of "The Tragedy of the Commons". In *Science*, 280 (5364), pp. 682-683.

Harding, Stephan (2006). *Animate Earth: Science, Intuition and Gaia*. Totnes, Devon: Green Books.

Hardisty, Jean V. (1999). *Mobilizing Resentment: Conservative Resurgence From the John Birch Society to the Promise Keepers*. Boston, MA: Beacon Press.

Harris, Errol E. (2008). *Twenty-First Century Democratic Renaissance: From Plato to Neoliberalism to Planetary Democracy*. Sun City, AZ: Institute for Economic Democracy Press.

Hartling, Linda M. (2003a). Prevention Through Connection: A Collaborative Response to Women's Substance Abuse. *Work in Progress, No. 103*, Wellesley, MA: Stone Center Working Papers Series.

Hartling, Linda M. (2003b). Strengthening Resilience in a Risky World: It Is All About Relationships. *Work in Progress, No. 101*, Wellesley, MA: Stone Center Working Papers Series.

Hartling, Linda M. (2005a). *An Appreciative Frame: Beginning a Dialogue on Human Dignity and Humiliation*. Introductory text presented at the 5th Annual Conference of Human Dignity and Humiliation Studies "Beyond Humiliation: Encouraging Human Dignity in the Lives and Work of All People," Berlin, Germany, 15th -17th September, 2005.

Hartling, Linda M. (2005b). *Humiliation: Real Pain, a Pathway to Violence*. Boston, MA: Paper presented at the 2005 "Workshop on Humiliation and Violent Conflict," Columbia University, December 15-16, 2005, www.humiliationstudies.org/whowere/annualmeeting06.php.

Hartling, Linda M. (2007). Humiliation: Real Pain, a Pathway to Violence. In *Brazilian Journal of Sociology of Emotion*, 6 (17), pp. 466-479.

Hartling, Linda M. (2008). Jean Baker Miller: Living in Connection. In *Feminism and Psychology*, 18 (3), pp. 326-335.

Hartling, Linda M. and Luchetta, Tracy (1999). Humiliation: Assessing the Impact of Derision, Degradation, and Debasement. In *Journal of Primary Prevention*, 19 (5), pp. 259-278.

Hartling, Linda M. and Miller, Jean Baker (2005). *Moving Beyond Humiliation: A Relational Reconceptualization of Human Rights*. Wellesley, MA: Paper presented at the Summer Advanced Training Institute: Encouraging an Era of Connection.

Hartling, Linda M., Rosen, Wendy, Walker, Maureen, and Jordan, Judith V. (2000). Shame and Humiliation: From Isolation to Relational Transformation. *Work in Progress*, No. 88, Wellesley, MA: Stone Center Working Papers Series.

Hartling, Linda M. and Sparks, E. (2000). Relational-Cultural Practice: Working in a Nonrelational World. *Work in Progress*, No. 97, Wellesley, MA: Stone Center Working Papers Series.

Hartmann, Michael (2007). *The Sociology of Elites*. London: Routledge.

Harvey, David (2010). *The Enigma of Capital: And the Crises of Capitalism*. London: Profile Books.

Hawken, Paul (2007a). *Blessed Unrest: How the Largest Movement in the World Came into Being, and Why No One Saw It Coming*. New York: Viking.

Hawken, Paul (2007b). To Remake the World: Something Earth-Changing Is Afoot Among Civil Society. In *Orion Magazine*, May/June (266), www.orionmagazine.org/index.php/mag/issue/266/.

Hawken, Paul, Lovins, Amory B., and Lovins, L. Hunter (1999). *Natural Capitalism: The Next Industrial Revolution*. Boston, MA: Little, Brown and Company.

Hayashi, Kichiro (2002). Current Intercultural Issues and Challenges in Japanese Business Interfaces: Blending Theory and Practice. In *Intercultural Communication Studies*, 5 (February), pp. 23-32.

Head, Simon (2003). *The New Ruthless Economy: Work and Power in the Digital Age*. Oxford: Oxford University Press.

Heard, Gerald (1963). *The Five Ages of Man*. New York: Julian Press.

Heath, Chip and Heath, Dan (2010). *Switch: How to Change Things When Change Is Hard*. New York: Cornerstone.

Hedges, Christopher Lynn (2010). *Death of the Liberal Class*. New York: Nation Books.

Heidegger, Martin (2006). *Sein und Zeit*. 19th edition. Tübingen, Germany: Max Niemeyer Verlag.

Held, David (2010). *Cosmopolitanism: Ideals and Realities*. Cambridge: Polity Press.

Held, David, Fane-Hervey, Angus, and Theros, Marika (2011). *The Governance of Climate Change: Science, Politics and Ethics*. Cambridge: Polity Press.

Held, David and Kaya, Ayse (2007). *Global Inequality: Patterns and Explanations*. Cambridge: Polity Press.

Held, David and McGrew, Anthony (2007). *Globalization/Anti-Globalization: Beyond the Great Divide*. Cambridge: Polity Press.

Held, Virginia (2006). *The Ethics of Care: Personal, Political, and Global*. Oxford: Oxford University Press.

Heller, Agnes (1984). *Everyday Life*. London: Routledge.

Heller, Patrick, Baiocchi, Gianpaolo, and Kunrath Silva, Marcelo (2011). *Bootstrapping Democracy: Transforming Local Governance and Civil Society in Brazil*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Henderson, Hazel (1996). *Building a Win-Win World: Life Beyond Global Economic Warfare*. San Francisco, CA: Berrett-Koehler.

Henderson, Hazel and Sethi, Simran (2008). *Ethical Markets: Growing the Green Economy*. White River Junction, VT: Chelsea Green.

Hersh, Richard H. and Merrow, John (Eds.) (2005). *Declining by Degrees: Higher Education at Risk*. New York: Palgrave Macmillan.

Herz, John H. (1950). Idealist Internationalism and the Security Dilemma. In *World Politics*, II, pp. 157-180.

Hessel, Stéphane (2010). *Indignez-vous!* Montpellier, France: Indigène éditions.

Hicks, Donna (2010). *A Matter of Dignity: A New Approach to Building Strong Relationships and Healing and Reconciling Relationships in Conflict*. New Haven, CT: Yale University Press.

Hill, Steven (2010). *Europe's Promise: Why the European Way Is the Best Hope in an Insecure Age*. Berkeley: University of California Press.

Hobbes, Thomas (1651). *Leviathan, or, The Matter, Forme, and Power of a Common Wealth, Ecclesiasticall and Civil*. London: Printed for Andrew Crooke, reproduction of original in Yale University Library.

Hock, Dee Ward (1999). *Birth of the Chaordic Age*. San Francisco, CA: Berrett-Koehler.

Hollick, Malcolm (2006). *The Science of Oneness: A Worldview for the Twenty-First Century*. Winchester, UK: O Books.

Hollick, Malcolm and Connelly, Christine (2011). *Hope for Humanity: How Understanding and Healing Trauma Could Solve the Planetary Crisis*. Winchester, UK: O Books.

Holloway, John (2005). *Change the World Without Taking Power*. New edition. London: Pluto Press.

Holloway, John (2010). *Crack Capitalism*. Puebla, Mexico, London: Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, Pluto Press.

Hoopes, James (Ed.) (1991). *Peirce on Signs: Writings on Semiotic*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press.

Hopkins, Rob (2008). *The Transition Handbook: From Oil Dependency to Local Resilience*. Totnes, Devon: Green Books.

Hörmann, Franz (2009). Premises and Promises of Theory Formation in Economics. In Leidlmair, Karl (Ed.), *After Cognitivism - A Reassessment of Cognitive Science and Philosophy*, pp. 213-225. Dordrecht, The Netherlands: Springer Netherlands, www.wu.ac.at/taxmanagement/Institut/Mitarbeiter/Hoermann/new2006/downloads/hoermann-premises-and-promises.doc.

Houkes, John M. (2004). *An Annotated Bibliography on the History of Usury and Interest From the Earliest Times Through the Eighteenth Century*. Lewiston, NY: Edwin Mellen Press.

Howard, Milford Wriarson (1895). *The American Plutocracy*. New York: Holland Publishing Company.

Howlett, Chuck and Harris, Ian (2010). *Books Not Bombs: Teaching Peace Since the Dawn of the Republic*. Charlotte, NC: Information Age Publishing.

Huber, Berthold (2010). *Kurswechsel für Deutschland: Die Lehren aus der Krise*. Frankfurt am Main, Germany: Campus Verlag.

Hudson, Michael (1972). *Super Imperialism: The Economic Strategy of American Empire*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

Hudson, Michael (2003). *Super Imperialism: The Origin and Fundamentals of U.S. World Dominance*. 2nd edition. London: Pluto Press.

Hughes, Thomas Parke (2004). *American Genesis: A Century of Invention and Technological Enthusiasm, 1870-1970*. Chicago: The University of Chicago Press.

Humboldt, Wilhelm von (1993). *The Limits of State Action*. Indianapolis: Liberty Fund.

Humboldt, Wilhelm von (2002). *Schriften zur Anthropologie und Geschichte. Werke I*. 4th edition. Darmstadt, Germany: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.

Hurd, Douglas (2010). *Choose Your Weapons: The British Foreign Secretary: Two Centuries of Conflict and Personalities*. London: Weidenfeld and Nicolson.

Hutton, Will (2008). *The Writing on the Wall: China and the West in the 21st Century*. London: Abacus.

Hutton, Will (2010). *Them and Us: Changing Britain - Why We Need a Fair Society*. London: Little, Brown and Company.

Hyde, Lewis (1983). *The Gift: Imagination and the Erotic Life of Property*. New York: Random House.

Hyde, Lewis (2006). *The Gift: How the Creative Spirit Transforms the World*. Edinburgh, UK: Canongate.

Ingold, Timothy (2000a). Evolving Skills. In Rose, Hilary and Rose, Steven (Eds.), *Alas, Poor Darwin: Arguments Against Evolutionary Psychology*, pp. 225-246. London: Jonathan Cape.

Ingold, Timothy (2000b). *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge.

International Tesla Society (1988). *International Tesla Symposium Proceedings (1984, 1986, 1988, 1990, 1992)*. Security, CO: International Tesla Society.

Jackson, Tim (2009). *Prosperity Without Growth: Economics for a Finite Planet*. London: Earthscan.

Jackson, Tim and Marks, Nic (1994). *Measuring Sustainable Economic Welfare: A Pilot Index: 1950-1990*. Stockholm: Stockholm Environment Institute, published in cooperation with The New Economics Foundation.

Jackson, Wes (1994). *Becoming Native to This Place*. Lexington, KY: University Press of Kentucky.

Jacobs, Jane (1961). *The Death and Life of Great American Cities*. New York: Random House.

Jacobs, Jane (1984). *Cities and the Wealth of Nations: Principles of Economic Life*. New York: Random House.

Jacobs, Jane (1992). *Systems of Survival: A Dialogue on the Moral Foundations of Commerce and Politics*. New York: Random House.

Jacobs, Jane (2000). *The Nature of Economies*. New York: Random House.

Jacobs, Jane (2004). *Dark Age Ahead*. New York: Vintage Books.

Jacobsen, Ove (2010). Økonomer med fokus på miljø og samfunnsansvar: P. A. Payutto. In *Pengevirke*, 4, pp. 22-23, www.cultura.no/uploads/Pengevirke_2010-4_NO_web.pdf.

Jain, Manish and Jain, Shilpa (Eds.) (2008). *Reclaiming the Gift Culture*. Udaipur, Rajasthan, India: Shikshantar: The Peoples' Institute for Rethinking Education and Development, www.swaraj.org/shikshantar.

Jameson, Kenneth P. and Wilber, Charles K. (Eds.) (1996). *The Political Economy of Development and Underdevelopment*. New York: McGraw-Hill.

Jervis, Robert (2006). Understanding Beliefs. In *Political Psychology*, 27 (5), pp. 641-663.

Jervis, Robert, Lebow, Richard Ned, and Stein, Janice Gross (1985). *Psychology and Deterrence*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.

Joerges, Christian (2010). Unity in Diversity As Europe's Vocation and Conflicts Law As Europe's Constitutional Form. *LEQS Paper No. 28/2010*, London: London School of Economics (LSE) 'Europe in Question' Discussion Paper Series, <http://ssrn.com/paper=1723249>.

Johnson, Steven (2010). *Where Good Ideas Come From: The Natural History of Innovation*. New York: Riverhead.

Jones, James Edward (2006). *The Post Victim Ethical Exemption Syndrome: An Outgrowth of Humiliation*. New York: Paper presented at the 3rd Workshop on Humiliation and Violent Conflict, Columbia University, December 14-15, 2006, www.humiliationstudies.org/documents/JonesNY06meeting.pdf.

Jungk, Robert (1977). *Der Atomstaat: Vom Fortschritt in die Unmenschlichkeit*. Munich, Germany: Kindler.

Kaku, Michio (2005). *Parallel Worlds: A Journey Through Creation, Higher Dimensions, and the Future of the Cosmos*. New York: Doubleday.

Kant, Immanuel (1785). *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten zweiter Abschnitt: Übergang von der populären sittlichen Weltweisheit zur Metaphysik der Sitten*. Riga, Latvia: Johann Friedrich Hartknock.

Kant, Immanuel (1790). *Die Kritik der Urteilskraft*. Berlin and Liebau, Germany: Lagarde und Friederich.

Kant, Immanuel (1795). *Zum ewigen Frieden: Ein philosophischer Entwurf*. Königsberg: Friedrich Nicolovius, www.uni-kassel.de/fb5/frieden/themen/Theorie/kant.html.

Kant, Immanuel and Rink, Friedrich Theodor (1803). *Über die Pädagogik*. Königsberg: Friedrich Nicolovius.

Karelis, Charles (2007). *The Persistence of Poverty: Why the Economics of the Well-Off Can't Help the Poor*. New Haven, CT: Yale University Press.

Keane, John (2009). *The Life and Death of Democracy*. London: Simon and Schuster.

Keen, Steve (2001). *Debunking Economics: The Naked Emperor of the Social Sciences*. London: Zed Books.

Kelly, Marjorie (2001). *The Divine Right of Capital: Dethroning the Corporate Aristocracy*. San Francisco, CA: Berrett-Koehler.

Kelly, Marjorie (2009). Not Just for Profit: Emerging Alternatives to the Shareholder-Centric Model. In *Strategy + Business*, 54, pp. 1-10, www.corporation2020.org/new_documents/Kelly%20Not%20Just%20for%20Profit%20-%20SB%20mag%20spring%2009.pdf.

Kelly, Raymond C. (2000). *Warless Societies and the Origin of War*. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press.

Keltner, Dacher (2009a). *Born to Be Good: The Science of a Meaningful Life*. New York: Norton.

Keltner, Dacher (2009b). Darwin's Touch: Survival of the Kindest. In *Psychology Today Blog Born To Be Good*, February 11, blogs.psychologytoday.com/blog/born-to-be-good/200902/darwins-touch-survival-the-kindest.

Kendall, Diana (2007). *Sociology in Our Times*. Belmont, CA: Wadsworth.

Kennedy, Declan and Kennedy, Margrit (1997). *Designing Ecological Settlements: Ecological Planning and Building: Experiences in New Housing and in the Renewal of Existing Housing Quarters in European Countries*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag.

Kennedy, Margrit (1995). *Interest and Inflation Free Money: Creating an Exchange Medium That Works for Everybody and Protects the Earth*. New revised and expanded edition. Okemos, MI: Seva International, userpage.fu-berlin.de/~roehrigw/kennedy/english/.

Kent, Deirdre (2010). *Healthy Money, Healthy Planet: Developing Sustainability Through New Money Systems*. Carterton, New Zealand: Craig Potton Publishing.

Keohane, Robert O. (1990). International Liberalism Reconsidered. In Dunn, John (Ed.), *The Economic Limits to Modern Politics*, pp. 165-194. Cambridge, MA: Cambridge University Press.

Keynes, John Maynard (1936). *The General Theory of Employment Interest and Money*. London: Macmillan.

Kidder, Rushworth M. (1994). *Shared Values for a Troubled World: Conversations With Men and Women of Conscience*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Kilbourne, Jean (2000). *Can't Buy My Love: How Advertising Changes the Way We Think and Feel*. New York: Free Press.

Kim, Young Yun and Ruben, Brent David (1988). Intercultural Transformation: A Systems Theory. In *International and Intercultural Communication Annual*, 12, 1988, pp. 299-321.

King Jr., Martin Luther (1963). *Strength to Love*. New York: Harper and Row.

King, Jr. Martin Luther (2007). *Dream: The Words and Inspiration of Martin Luther King, Jr.* Boulder, CO: Blue Mountain Arts.

King, Stephen D. (2010). *Losing Control: Why the West's Economic Prosperity Can No Longer Be Taken for Granted*. New Haven, CT: Yale University Press.

Kinley, David (2009). *Civilising Globalisation: Human Rights and the Global Economy*. Cambridge: Cambridge University Press.

Kirsch, Irving (2009). *The Emperor's New Drugs: Exploding the Antidepressant Myth*. London: Bodley Head.

Klare, Jörn (2010). *Was Bin Ich Wert? Eine Preisermittlung*. Frankfurt am Main, Germany: Suhrkamp.

Klein, Naomi (2007). *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism*. New York: Metropolitan Books.

Koblik, Steven and Graubard, Stephen (Eds.) (2000). *Distinctively American: The Residential Liberal Arts Colleges*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.

Koestler, Arthur (1967). *The Ghost in the Machine*. London: Hutchinson.

Koestler, Arthur (1978). *Janus: A Summing Up*. London: Hutchinson.

Korten, David C. (1993). A Not So Radical Agenda for a Sustainable Global Future. In *Convergence*, 26, pp. 57-66.

Korten, David C. (2001). *When Corporations Rule the World*. Bloomfield, CT: Kumarian Press.

Korten, David C. (2009a). *Agenda for a New Economy: From Phantom Wealth to Real Wealth*. San Francisco, CA: Berrett-Koehler.

Korten, David C. (2009b). *Path to a Peace Economy*. Sonoma, CA: Paper presented at the Economics of Peace Conference, organized by the Praxis Peace Institute & RSF Social Finance, October 19, 2009, www.davidkorten.org/peaceeconomy.

Kovel, Joel (2002). *The Enemy of Nature: The End of Capitalism or the End of the World?* Halifax, NS: Fernwood Publishing.

Kronman, Anthony T. (2007). *Education's End: Why Our Colleges and Universities Have Given Up on the Meaning of Life*. New Haven, CT: Yale University Press.

Krugman, Paul R. (2007). *The Conscience of a Liberal*. New York: W.W. Norton.

Krugman, Paul R. Wells, Robin (Ed.) (2009). *Economics*. New York: Worth.

Krugman, Paul R. and Obstfeld, Maurice (2009). *International Economics: Theory and Policy*. 8th edition. Boston, MA: Addison Wesley.

Kuhn, Thomas Samuel (1962). *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.

Küng, Hans (1997). *A Global Ethic for Global Politics and Economics*. London: SCM Press.

Kunstler, James Howard (2006). *The Long Emergency: Surviving the End of Oil, Climate Change, and Other Converging Catastrophes of the Twenty-First Century*. New York: Grove Press.

Kurokawa, Kisho, in Schmal, Peter Cachola, Flagge, Ingeborg, and Visscher, Jochen (Eds.) (2005). *Kisho Kurokawa: Metabolism and Symbiosis*. Berlin, Germany: Jovis.

Kurtzman, Joel (1993). *The Death of Money: How the Electric Economy Has Destabilized the World's Markets and Created Financial Chaos*. New York: Simon and Schuster.

Lair, Daniel J., Sullivan, Katie, and Cheney, George (2005). Marketization and the Recasting of the Professional Self. In *Management Communication Quarterly*, 18 (3), pp. 307-343.

Lakoff, George P. (2004). *Don't Think of an Elephant!: Know Your Values and Frame the Debate: The Essential Guide for Progressives*. White River Junction, VT: Chelsea Green.

Lane, Robert E. (2001). *The Loss of Happiness in Market Democracies*. New Haven, CT: Yale University Press.

Langer, Susanne K. (1953). *Feeling and Form: A Theory of Art Developed From Philosophy in a New Key*. New York: Charles Scribner.

Lappé, Frances Moore (2011). *EcoMind: Changing the Way We Think, to Create the World We Want*. New York: Nation Books.

Lawlor, Eilis, Kersley, Helen, and Steed, Susan (2009). *A Bit Rich: Calculating the Real Value to Society of Different Professions*. London: nef (the new economics foundation), www.neweconomics.org/sites/neweconomics.org/files/A_Bit_Rich.pdf.

Leary, DeGruy Joy Angela (2005). *Post Traumatic Slave Syndrome: America's Legacy of Enduring Injury and Healing*. Milaukie, Oregon: Upton.

Legrain, Philippe (2002). *Open World: The Truth About Globalisation*. London: Abacus.

Lerner, Melvin J. (1980). *The Belief in a Just World: A Fundamental Delusion*. New York: Plenum Press.

Lerner, Melvin J. (2003). The Justice Motive: Where Social Psychologists Found It, How They Lost It and Why They May Not Find It Again. In *Personality and Social Psychology Review*, 7, pp. 388-399.

Lessig, Lawrence (2005). *Free Culture: The Nature and Future of Creativity*. New York: Penguin Books.

Lévinas, Emmanuel (1961). *Totalité et infini: Essai sur l'extériorité*. The Hague, The Netherlands: Martinus Nijhoff.

Lévinas, Emmanuel (1985). Responsibility for the Other. In Lévinas, Emmanuel (Ed.), *Ethics and Infinity: Conversations With Phillippe Nemo*, pp. 93-101. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.

Levinson, Nanette S. (2004). *Local Globalization: Rethinking the Local and the Global*. Montreal: Paper presented at the annual meeting of the International Studies Association, Le Centre Sheraton Hotel, Montreal, Quebec, Canada, www.allacademic.com/meta/p72287_index.html.

Lewis, Harry R. (2006). *Excellence Without a Soul: How a Great University Forgot Education*. New York: Public Affairs.

Lewis, Helen Block (1971). *Shame and Guilt in Neurosis*. New York: International Universities Press.

Lewis, Michael M. (2010). *The Big Short: Inside the Doomsday Machine*. New York: Norton.

Lewis, Michael M. (2011). *Boomerang: Travels in the New Third World*. New York: Norton.

Lieberman, Varda, Samuels, Steven M., and Ross, Lee D. (2004). The Name of the Game: Predictive Power of Reputations Versus Situational Labels in Determining Prisoner's Dilemma Game Moves. In *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30 (X), pp. 1-11.

Lietaer, Bernard A. (1997). Beyond Greed and Scarcity: Bernard Lietaer Talks to Sarah Van Gelder About the Transformational Effects of Currency Redesign. In *Yes! Powerful Ideas, Practical Actions, Money: Print your Own!* (June 30), pp. 1-8, www.yesmagazine.org/issues/money-print-your-own/beyond-greed-and-scarcity.

Lietaer, Bernard A. (2001). *The Future of Money: Creating New Wealth, Work, and a Wiser World*. London: Century.

Lindner, Evelin Gerda (1999). Women in the Global Village: Increasing Demand for Traditional Communication Patterns. In Breines, Ingeborg, Gierycz, Dorota, and Reardon, Betty A. (Eds.), *Towards a Women's Agenda for a Culture of Peace*, pp. 89-98. Paris: UNESCO.

Lindner, Evelin Gerda (2000a). *Globalisation and Humiliation: Towards a New Paradigm*. Oslo, Norway: University of Oslo, Human Dignity and Humiliation Studies, www.humiliationstudies.org/whoweare/evelin02.php.

Lindner, Evelin Gerda (2000b). *Humiliation and Rationality in International Relations. The Role of Humiliation in North Korea, Rwanda, Somalia, Germany, and the Global Village*. Oslo, Norway: University of Oslo, Human Dignity and Humiliation Studies, www.humiliationstudies.org/whoweare/evelin02.php.

Lindner, Evelin Gerda (2000c). *Humiliation, Human Rights, and Global Corporate Responsibility*. Oslo, Norway: University of Oslo, Human Dignity and Humiliation Studies, www.humiliationstudies.org/whoweare/evelin02.php.

Lindner, Evelin Gerda (2000d). *The "Framing Power" of International Organizations, and the Cost of Humiliation*. Oslo, Norway, and Coalition for Global Solidarity and Social Development - Peace and Conflicts: globalsolidarity.transcend.org/articles/the.pdf.

Lindner, Evelin Gerda (2000e). *The Psychology of Humiliation: Somalia, Rwanda / Burundi, and Hitler's Germany*. Oslo, Norway: University of Oslo, Department of Psychology, doctoral dissertation in psychology.

Lindner, Evelin Gerda (2000f). *Transnational Corporations and the Global Poor: From Humiliation to Dialogue*. Oslo, Norway: University of Oslo, postdoctoral research proposal, www.humiliationstudies.org/documents/evelin/PovertyandTNCSTLongVersion2000.pdf.

Lindner, Evelin Gerda (2000g). *What Every Negotiator Ought to Know: Understanding Humiliation*. Oslo, Norway and Coalition for Global Solidarity and Social Development - Peace and Conflicts: globalsolidarity.transcend.org/articles/what.pdf.

Lindner, Evelin Gerda (2000h). *What Is a Good Life - Comparison Between Egypt and Germany*. Oslo, Norway: University of Oslo, manuscript presented at the Middle East Virtual Community (MEViC), first MEViC online Internet conference, 2000, on the basis of doctoral dissertation in medicine (1994).

Lindner, Evelin Gerda (2001a). How Research Can Humiliate: Critical Reflections on Method. In *Journal for the Study of Peace and Conflict*, Annual Edition 2001-2002, pp. 16-36, jspc.library.wisc.edu.

Lindner, Evelin Gerda (2001b). Humiliation - Trauma That Has Been Overlooked: An Analysis Based on Fieldwork in Germany, Rwanda / Burundi, and Somalia. In *TRAUMATOLOGYe*, 7 (1), Article 3 (32 pages), tmt.sagepub.com/cgi/content/abstract/7/1/43, or www.fsu.edu/%7Etrauma/v7/Humiliation.pdf.

Lindner, Evelin Gerda (2001c). Humiliation and the Human Condition: Mapping a Minefield. In *Human Rights Review*, 2 (2), pp. 46-63.

Lindner, Evelin Gerda (2001d). *Moratorium on Humiliation: Cultural and "Human Factor" Dimensions Underlying Structural Violence*. New York: Discussion paper presented at the Expert Group Meeting on Structural Threats to Social Integration: Indicators for Conflict Prevention, Session 2: Structural threats to social integrity 18th-20th December 2001, New York, organized by the United Nations Department of Economic and Social Affairs, Division for Social Policy and Development, Social Integration Branch, www.un.org/esa/socdev.

Lindner, Evelin Gerda (2001e). *On Globalisation and Quality of Life*. Regensburg: Submitted to the University of Regensburg, Department of Psychology, for Habilitation.

Lindner, Evelin Gerda (2002). *Humiliation, and the Building of Respect and Trust*. Oslo, Norway: University of Oslo, postdoctoral research proposal.

Lindner, Evelin Gerda (2003). Humiliation or Dignity: Regional Conflicts in the *Global Village*. In *International Journal of Mental Health, Psychosocial Work and Counselling in Areas of Armed Conflict*, 1 (1, January), pp. 48-63, www.transnational.org/forum/meet/2002/Lindner_RegionalConflicts.html.

Lindner, Evelin Gerda (2005). Human Rights, Humiliation, and Globalization. In Janus, Ludwig, Galler, Florian, and Kurth, Winfried (Eds.), *Symbolik, Gesellschaftliche Irrationalität und Psychohistorie, Jahrbuch für psychohistorische Forschung, Vol. 5, 2004*, pp. 143-172. Heidelberg, Germany: Mattes Verlag.

Lindner, Evelin Gerda (2006a). *A New Culture of Peace: Can We Hope That Global Society Will Enter into a Harmonious Information Age?* Human Dignity and Humiliation Studies, www.humiliationstudies.org/whoware/evelin02.php.

Lindner, Evelin Gerda (2006b). Emotion and Conflict: Why It Is Important to Understand How Emotions Affect Conflict and How Conflict Affects Emotions. *The Handbook of Conflict Resolution: Theory and Practice*, pp. 268-293. Jossey-Bass.

Lindner, Evelin Gerda (2006c). *Is It Possible to "Change the World"? Some Guidelines to How We Can Build a More Decent and Dignified World Effectively: The Case of Dignifying Abusers*. Human Dignity and Humiliation Studies, www.humiliationstudies.org#evelin02.php.

Lindner, Evelin Gerda (2006d). *Making Enemies: Humiliation and International Conflict*. Westport, CT: Praeger Security International, Greenwood.

Lindner, Evelin Gerda (2007a). Avoiding Humiliation - From Intercultural Communication to Global Interhuman Communication. In *Journal of Intercultural Communication, SIETAR Japan*, 10, pp. 21-38.

Lindner, Evelin Gerda (2007b). Dynamics of Humiliation in a Globalizing World. In *International Journal on World Peace*, XXXIV (3, September), pp. 15-52.

Lindner, Evelin Gerda (2007c). In Times of Globalization and Human Rights: Does Humiliation Become the Most Disruptive Force? In *Journal of Human Dignity and Humiliation Studies*, 1 (1, March) www.humiliationstudies.upeace.org/.

Lindner, Evelin Gerda (2008a). *The Need for a New World*. New York: Paper presented at the 5th Workshop on Humiliation and Violent Conflict, Columbia University, December 11-12, 2008, www.humiliationstudies.org/whoweare/evelin02.php.

Lindner, Evelin Gerda (2008b). *What the World's Cultures Can Contribute to Creating a Sustainable Future for Humankind*. Oslo, Norway: Paper presented at the 11th Annual Conference of Human Dignity and Humiliation Studies, Oslo, Bergen, Trondheim, 23th June - 1st July 2008, www.humiliationstudies.org/whoweare/evelin02.php.

Lindner, Evelin Gerda (2008c). Why There Can Be No Conflict Resolution As Long As People Are Being Humiliated. In *International Review of Education*, Special Issue on Education for Reconciliation and Conflict Resolution, Volume 55 (May 2-3, 2009), pp. 157-184, published OnlineFirst on December 27, 2008, at www.springerlink.com/content/bg5g32x832152953/?p=61dc6cf755b1443c83e89d49221b3e7a&pi=1, including the short version of Finn Tschudi's response and Evelin Lindner's rejoinder; long version at humiliationstudies.org/documents/evelin/ReconciliationforBirgitFinnEvelinlonginterview.pdf.

Lindner, Evelin Gerda (2009a). *Emotion and Conflict: How Human Rights Can Dignify Emotion and Help Us Wage Good Conflict*. Westport, CT: Praeger Security International, Greenwood.

Lindner, Evelin Gerda (2009b). Genocide, Humiliation, and Inferiority: An Interdisciplinary Perspective. In Robins, Nicholas A. and Jones, Adam (Eds.), *Genocides by the Oppressed: Subaltern Genocide in Theory and Practice*, pp. 138-158. Bloomington: Indiana University Press.

Lindner, Evelin Gerda (2009c). Traumatized by Humiliation in Times of Globalization: Transforming Humiliation into Constructive Meaning? In Kalayjian, Ani, Eugene, Dominique, and Reyes, Gilbert (Eds.), *Mass Trauma and Emotional Healing Around the World: Rituals and Practices for Resilience*, 2 Vols, Westport, CT: Greenwood/Praeger Security International.

Lindner, Evelin Gerda (2010a). Disasters As a Chance to Implement Novel Solutions That Highlight Attention to Human Dignity. In Awotona, Adenrele (Ed.), *Rebuilding Sustainable Communities for Children and Their Families After Disasters: A Global Survey*, pp. 335-358. Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars Publishing, proceedings of the International Conference on Rebuilding Sustainable Communities for Children and Their Families after Disasters, convened by Adenrele Awotona at the College of Public and Community Service University of Massachusetts at Boston, November 16-19, 2008, www.rebuilding.umb.edu/rscdfd.

Lindner, Evelin Gerda (2010b). *Gender, Humiliation, and Global Security: Dignifying Relationships From Love, Sex, and Parenthood to World Affairs*. Santa Barbara, CA: Praeger Security International, ABC-CLIO.

Lindner, Evelin Gerda (2012). Fostering Global Citizenship. In Deutsch, Morton and Coleman, Peter T. (Eds.), *The Psychological Components of Sustainable Peace*, New York: Springer.

Lindner, Evelin Gerda, Hartling, Linda M., and Spalthoff, Ulrich (2011). Human Dignity and Humiliation Studies: A Global Network Advancing Dignity Through Dialogue. In *Policy Futures in Education*, 9 (1, Special Issue: The Council of Europe's *White Paper on Intercultural Dialogue*), pp. 66-73, www.worldwords.co.uk/PFIE.

Lippmann, Walter (1922). *Public Opinion*. New York: Macmillan.

Locke, John (1689). *Two Treatises of Government*. London: Awnsham Churchill.

Lovelock, James (2009). *The Vanishing Face of Gaia: A Final Warning*. London: Allen Lane.

Lugard, Frederick John Dealtry (1965). *The Dual Mandate in British Tropical Africa*. London: Frank Cass.

Lutz, Catherine A. (2009). *The Bases of Empire: The Global Struggle Against U.S. Military Posts*. Washington Square, NY: New York University Press.

Mack, Andrew and Nielsen, Zoe (2010). *Human Security Report 2009/2010: The Causes of Peace and the Shrinking Costs of War*. Vancouver: Human Security Report Project, Simon Fraser University, <http://hsrgroup.org/human-security-reports/20092010/overview.aspx>.

Madrack, Jeffrey (2009). *The Case for Big Government*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Madrack, Jeffrey (2011). *Age of Greed: The Triumph of Finance and the Decline of America, 1970 to the Present*. New York: Knopf.

Mandela, Nelson Rolihlahla (1996). *Long Walk to Freedom: The Autobiography of Nelson Mandela*. London: Abacus.

Mandelbrot, Benoit B. and Hudson, Richard L. (2004). *The (Mis)Behavior of Markets: A Fractal View of Risk, Ruin, and Reward*. New York: Basic Books.

Mander, Jerry (Ed.) (2007). *Manifesto on Global Economic Transitions - Powering-Down for the Future. Toward a Global Movement for Systemic Change: Economies of Ecological Sustainability, Equity, Sufficiency and Peace - "Less and Local"*. San Francisco, CA: International Forum on Globalization, the Institute for Policy Studies, and the Global Project on Economic Transitions, www.ifg.org/pdf/manifesto.pdf.

Mankiw, N. Gregory (2004). *Essentials of Economics*. Mason, OH: Thomson.

Mann, Barbara Alice (2000). *Iroquoian Women, the Gantowisas*. New York: Peter Lang.

Marcuse, Herbert (1968). Liberation From the Affluent Society. In Cooper, David (Ed.), *The Dialectics of Liberation*, pp. 175-192. Harmondsworth, UK, Baltimore, MD: Penguin, given as a lecture in London in 1967.

Maren, Michael (1997). *The Road to Hell: The Ravaging Effects of Foreign Aid and International Charity*. New York: Free Press.

Margalit, Avishai (1996). *The Decent Society*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Martin, Glen T. (2010a). *A Constitution for the Federation of Earth - With Historical Introduction, Commentary, and Conclusion*. Sun City, AZ: Institute for Economic Democracy Press.

Martin, Glen T. (2010b). *Triumph of Civilization: Democracy, Nonviolence and the Piloting of Spaceship Earth*. Sun City, AZ: Institute for Economic Democracy Press.

Martin, Judith N., Nakayama, Thomas K., and Flores, Lisa A. (2002). A Dialectical Approach to Intercultural Communication. In Martin, Judith N., Nakayama, Thomas K., and Flores, Lisa A. (Eds.), *Readings in Intercultural Communication: Experiences and Contexts*, pp. 3-13. 2nd edition. Boston, MA: McGraw-Hill.

Maruna, Shadd and Toch, Hans (2001). *Making Good: How Ex-Convicts Reform and Rebuild Their Lives*. Washington, DC: American Psychological Association.

Masaaki, Honda (1998). The Road to a Theology of Soku. In *Nanzan Bulletin*, 22, pp. 59-74, paper written for the 10th Nanzan Symposium, "What does Christianity have to Learn from Buddhism? The Dialogue Among Religions, Nanzan Institute for Religion and Culture, Nagoya, Japan, www.nanzan-u.ac.jp/SHUBUNKEN/publications/Bulletin_and_Shoho/pdf/22-Honda.pdf.

Maté, Gabor (2008). *In the Realm of Hungry Ghosts: Close Encounter With Addiction*. Berkeley, CA: North Atlantic Books.

Mauboussin, Michael J. (2006). *More Than You Know: Finding Financial Wisdom in Unconventional Places*. New York: Columbia University Press.

Mauboussin, Michael J. (2009). *Think Twice: Harnessing the Power of Counterintuition*. Boston: Harvard Business Press.

Mauss, Marcel (1924). *Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*. In *L'Année Sociologique*, seconde série, 1923-1924 (tome I), pp. 1-106, édition électronique réalisée par Jean-Marie Tremblay le 17 février 2002, classiques.uqac.ca/classiques/mauss_marcel/socio_et_anthropo/2_essai_sur_le_don/essai_sur_le_don.pdf.

Max-Neef, Manfred A. (1992). *From the Outside Looking in: Experiences in 'Barefoot Economics'*. 2nd edition. London: Zed Books.

Max-Neef, Manfred A., Elizalde, Antonio, and Hopenhayn, Martin (1991). *Human Scale Development: Conception, Application and Further Reflections*. New York: Apex Press.

Max-Neef, Manfred A. and Goodman, Amy (2010). *Chilean Economist Manfred Max-Neef on Barefoot Economics, Poverty and Why The U.S. Is Becoming an "Underdeveloping Nation"*. November 26 edition. New York: Democracy Now: The War and Peace Report, www.democracynow.org/2010/11/26/chilean_economist_manfred_max_neef_on.

Maynard, Elliott and Fresco, Jacque (2003). *Transforming the Global Biosphere: Twelve Futuristic Strategies*. Sedona, AZ: Arcos Cielos Research Center.

Mayor, Federico Zaragoza (2010). *From Subjects to Citizens: The Great Transition*. Madrid: Fundación Cultura de Paz.

McDonough, William and Braungart, Michael (2002). *Cradle to Cradle: Remaking the Way We Make Things*. New York: North Point Press.

McKibben, Bill (2007). *Deep Economy: The Wealth of Communities and the Durable Future*. New York: Times Books.

McLuhan, Herbert Marshall (1962). *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*. Toronto: University of Toronto Press.

McMaster, Gerald and Trafzer, Clifford E. (2004). *Native Universe: Voices of Indian America*. Washington, DC: National Museum of the American Indian, Smithsonian Institution in association with National Geographic.

Meade, James E. (1965). *Principles of Political Economy*. London: Allen and Unwin.

Meharg, Sarah Jane (2006). *Identicide: Precursor to Genocide. Working Paper 05*, Ottawa, Canada: Centre for Security and Defence Studies, Norman Paterson School of International Affairs, Carleton University, www3.carleton.ca/csds/docs/working_papers/MehargWP05.pdf.

Meikle, Amber and Rubin, Vanessa (2008). *Living on the Edge of Emergency: Paying the Price of Inaction*. London: CARE International UK.

Mesquita, Batja (2001). Culture and Emotion: Different Approaches to the Question. In Mayne, Tracy J. and Bonanno, George A. (Eds.), *Emotions: Current Issues and Future Directions*, pp. 214-250. New York: Guilford Press.

Mezirow, Jack (1991). *Transformative Dimensions of Adult Learning*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Miegel, Meinhard and Börsch-Supan, Axel (Eds.) (2001). *Pension Reform in Six Countries: What Can We Learn From Each Other?* Berlin: Springer.

Mies, Maria (2006). *Patriarchy and Accumulation on a World Scale : Women in the International Division of Labour*. London: Zed Books.

Mies, Maria and Bennholdt-Thomsen, Veronika (1999). *The Subsistence Perspective: Beyond the Globalized Economy*. London: Zed Book.

Milgram, Stanley (1974). *Obedience to Authority*. New York: Harper and Row.

Mill, John Stuart (1859). *On Liberty*. London: Parker.

Mill, John Stuart (1873). *Autobiography*. London: Longmans.

Miller, Jean Baker (1976). *Toward a New Psychology of Women*. Boston, MA: Beacon Press.

Miller, Jean Baker (1986a). *Toward a New Psychology of Women*. 2nd edition. Boston, MA: Beacon Press.

- Miller, Jean Baker (1986b). What Do We Mean by Relationships? *Work in Progress*, No. 22, Wellesley, MA: Stone Center Working Paper Series.
- Miller, Jean Baker (2006). Forced Choices, False Choices. In *Research and Action Report*, 27 (2, Spring/Summer), pp. 16-17.
- Miller, Seymour M. (2011). *The Fourth Way: Policies, Politics and Persuasion*. forthcoming.
- Miller, Seymour M. and Roby, Pamela A. (1970). *The Future of Inequality*. New York: Basic Books.
- Miller, Seymour M. and Savoie, Anthony J. (2002). *Respect and Rights: Class, Race, and Gender Today*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield.
- Miller, William Ian (1993). *Humiliation and Other Essays on Honor, Social Discomfort, and Violence*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Mills, Pauls S. and Presley, John R. (1999). *Islamic Finance: Theory and Practice*. Basingstoke: Macmillan.
- Milner, Chris and Read, Robert (2002). *Trade Liberalization, Competition, and the WTO*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Moene, Karl Ove and Barth, Erling (2009). The Equality Multiplier. *NBER Working Paper No. 15076*, Cambridge, MA: The National Bureau of Economic Research (NBER), www.nber.org/papers/w15076.
- Mofid, Kamran (2002). *Globalisation for the Common Good*. London: Shephard-Walwyn.
- Mofid, Kamran (2010). *Globalisation and Education for the Common Good: A Path to Sustainability, Well-Being and Happiness*. Halifax, Nova Scotia: Public lecture presented at the School of Business Administration at Dalhousie University, Wednesday, 3 November 2010, <https://blogs.dal.ca/management/files/2010/11/mofid-lecture-2010.pdf>.

Mofid, Kamran (2011a). *How It Began: My Story and Journey*. United Kingdom: Globalisation for the Common Good Initiative, www.gcgi.info/index.php?option=com_content&view=article&id=53&Itemid=56.

Mofid, Kamran (2011b). *Student Manifesto for New Economics*. United Kingdom: Globalisation for the Common Good Initiative, www.gcgi.info/index.php?option=com_content&view=article&id=112:student-manifesto-for-new-economics&catid=1:latest-news&Itemid=50.

Morgenson, Gretchen (Ed.) (2009). *The Capitalist's Bible: The Essential Guide to Free Markets - and Why They Matter to You*. New York: HarperCollins.

Mundell, Robert A., Zak, Paul J., and Schaeffer, Derek M. (Eds.) (2005). *International Monetary Policy After the Euro*. Cheltenham, UK: Edward Elgar, Conference Proceedings of the Bologna-Clairemont International Monetary Conference.

Münkler, Herfried (2007). *Empires: The Logic of World Domination From Ancient Rome to the United States*. Cambridge: Polity Press.

Musoni, Yves M. (2003). *La problématique de la cohabitation conflictuelle entre les Banyarwanda et leurs voisins au Congo (RDC). Le cas du Nord-Kivu*. Butare, Rwanda: National University of Rwanda.

Naess, Arne (1978). Through Spinoza to Mahayana Buddhism or Through Mahayana Buddhism to Spinoza? In Wetlesen, Jon (Ed.), *Spinoza's Philosophy of Man: Proceedings of the Scandinavian Spinoza Symposium 1977*, Oslo, Norway: University of Oslo Press.

Nagata, Adair Linn (2006). Transformative Learning in Intercultural Education. In *Rikkyo Intercultural Communication Review*, 4, pp. 39-60.

Nagata, Adair Linn (2007). Bodymindfulness for Skillful Communication. In *Rikkyo Intercultural Communication Review*, 5, pp. 61-76.

Nakayama, Nobuji (1973). *Mujunteki Sosoku No Roni [The Logic of Soku]*. Kyoto, Japan: Hyakka En.

- Napoleoni, Loretta (2008). *Rogue Economics: Capitalism's New Reality*. New York: Seven Stories Press.
- Nijstad, Bernard A. and Levine, John M. (2007). Group Creativity and Stages of Creative Problem Solving. In Hewstone, Miles, Schut, Henk A. W., de Wit, John B. F., Van den Bos, Kees, and Stroebe, Margaret S. (Eds.), *The Scope of Social Psychology: Theory and Applications*, pp. 159-172. Hove, UK: Psychology Press.
- Nisbett, Richard E. and Cohen, Dov (1996). *Culture of Honor: The Psychology of Violence in the South*. Boulder, CO: Westview Press.
- Norberg-Hodge, Helena, Gorelick, Steven, and Merrifield, Todd (2002). *Bringing the Food Economy Home: Local Alternatives to Global Agribusiness*. London: Zed Books.
- Norgaard, Richard B. (1999). Beyond Growth and Globalisation. In *Economic and Political Weekly*, 34 (36), pp. 2570-2574.
- Norgaard, Richard B. (2011). *Economism and the Night Sky*. Great Barrington, MA: New Economics Institute, neweconomicsinstitute.org/e-newsletters/economism-and-night-sky.
- Norton, Michael I. and Ariely, Dan (2011). Building a Better America - One Wealth Quintile at a Time. In *Perspectives on Psychological Science*, 6 (1), pp. 9-12, www.people.hbs.edu/mnorton/norton%20ariely%20in%20press.pdf.
- Nussbaum, Martha C. (1997). *Cultivating Humanity: A Classical Defense of Reform in Liberal Education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Nussbaum, Martha C. (2011). *Creating Capabilities: The Human Development Approach*. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press.
- Nussbaum, Martha C. and Sen, Amartya Kumar (1993). *The Quality of Life*. Oxford: Clarendon Press of Oxford University Press.
- Nyborg, Karine (2007). Information and the Burden of Moral Responsibility. In Østreng, Willy (Ed.), *Consilience. Interdisciplinary Communications 2005/2006*, pp. 27-30. Oslo: Centre for Advanced Study, www.cas.uio.no/Publications/Seminar/Consilience.pdf.

O'Halloran, Patrick J. (1995). *Humanitarian Intervention and the Genocide in Rwanda*. London: Research Institute for the Study of Conflict and Terrorism.

O'Neill, Dan, Dietz, Rob, and Jones, Nigel (Eds.) (2010). *Enough Is Enough: Ideas for a Sustainable Economy in a World of Finite Resources: The Report of the Steady State Economy Conference*. Leeds, UK: Center for the Advancement of the Steady State Economy and Economic Justice for All.

O'Neill, Maggie (2009). Making Connections: Ethno-Mimesis, Migration and Diaspora. In *Psychoanalysis, Culture and Society*, 14 (3), pp. 289-302.

O'Neill, Maggie (2010). *Asylum, Migration and Community*. Bristol, UK: Policy Press.

Olivera, Oscar (2004). *Cochabamba: Water War in Bolivia*. Cambridge, MA: South End Press.

Olsen, Johan P. (2010). *Governing Through Institution Building: Institutional Theory and Recent European Experiments in Democratic Organization*. Oxford: Oxford University Press.

Olsen, Jørn Bue (2006). *Om doble normer i næringslivet: Etikken i tidsklemma*. Asker, Norway, Gothenburg, Sweden: University of Gothenburg, doctoral dissertation.

Opotow, Susan, Gerson, Janet, and Woodside, Sarah (2005). From Moral Exclusion to Moral Inclusion: Theory for Teaching Peace. In *Theory into Practice*, 44 (4), pp. 303-338.

Orton, Michael (2011). Flourishing Lives: The Capabilities Approach As a Framework for New Thinking About Employment, Work and Welfare in the 21st Century. In *Work, Employment and Society*, 25 (2), pp. 352-360.

Ostrom, Elinor, Poteete, Amy R., and Janssen, Marco A. (2010). *Working Together: Collective Action, the Commons, and Multiple Methods in Practice*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Palmer, Parker J. (2011). *Healing the Heart of Democracy: The Courage to Create a Politics Worthy of the Human Spirit*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Paris, Joel (2008). *Prescriptions for the Mind: A Critical View of Contemporary Psychiatry*. Oxford: Oxford University Press.

Parks, Tim (2005). *Medici Money: Banking, Metaphysics, and Art in Fifteenth-Century Florence*. London: Profile Books.

Pascarella, Ernest T., Wolniak, Gregory C., Seifert, Tricia A., Cruce, Ty M., and Blauch, Charles F. (2005). *Liberal Arts Colleges and Liberal Arts Education: New Evidence on Impacts: Association for the Study of Higher Education (ASHE) Report, Volume 31, Number 3*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Patel, Raj (2010). *The Value of Nothing: How to Reshape Market Society and Redefine Democracy*. New York: Picador.

Patomäki, Heikki (2002). *After International Relations: Critical Realism and the (Re)Construction of World Politics*. London: Routledge.

Patomäki, Heikki (2008). *The Political Economy of Global Security: War, Future Crises and Changes in Global Governance*. London, New York: Routledge.

Pauli, Gunter A. (1991). *Double-Digit Growth: How to Achieve It With Services*. Berlaar: Pauli Publishing.

Payutto, Prayudh A. (1994). *Buddhist Economics: A Middle Way for the Market Place*. Bangkok, Thailand: Buddhadamma Foundation, www.buddhanet.net/cmdsg/econ.htm.

Perkins, John (2004). *Confessions of an Economic Hit Man*. San Francisco, CA: Berrett-Koehler.

Peterson, V. Spike (2003). *A Critical Rewriting of Global Political Economy: Integrating Reproductive, Productive and Virtual Economies*. London: Routledge.

Pettigrew, Thomas F. and Tropp, Linda R. (2006). A Meta-Analytic Test of Intergroup Contact Theory. In *Journal of Personality and Social Psychology*, 90 (5), pp. 751-783.

Pettit, Philip (1997). *Republicanism: A Theory of Freedom and Government*. Oxford: Clarendon Press.

Pettit, Philip (2001). *A Theory of Freedom: From the Psychology to the Politics of Agency*. Cambridge: Polity Press.

Pink, Daniel H. (2009). *Drive: The Surprising Truth About What Motivates Us*. New York: Riverhead Books.

Pinker, Steven (2011). *The Better Angels of Our Nature: Why Violence Has Declined*. New York: Viking Adult.

Polak, Paul (2008). *Out of Poverty: What Works When Traditional Approaches Fail*. San Francisco, CA: Berrett-Koehler.

Polanyi, Karl (1944). *The Great Transformation*. New York: Farrar and Rinehart.

Polanyi, Karl (1977). *The Livelihood of Man (Studies in Social Discontinuity)*. New York: Academic Press.

Pollard, Sidney and Tedlow, Richard S. (2001). *Economic History*. London: Routledge.

Polman, Linda (2010). *The Crisis Caravan: What's Wrong With Humanitarian Aid?* New York: Metropolitan Books.

Pope, Kenneth S. (2007). Ethics and Critical Thinking. In Pope, Kenneth S. and Vasquez, Melba J. T. (Eds.), *Ethics in Psychotherapy and Counseling: A Practical Guide*, pp. 16-36. 3rd edition. San Francisco, CA: Jossey-Bass. See an adaptation of this chapter at kspope.com/apologies.php.

Porter, Michael F. (2010). *As If the Future Mattered: Translating Social and Economic Theory into Human Behavior*. Medford, MA: Global Development And Environment Institute at Tufts University (GDAE).

Putnam, Robert David (1995). *Bowling Alone: America's Declining Social Capital*. In *Journal of Democracy*, 6 (1), pp. 65-78.

Quiggin, John (2010a). *Zombie Economics: How Dead Ideas Still Walk Among Us*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Quiggin, John (2010b). *Zombie Economics: How Dead Ideas Still Walk Among Us*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Quilligan, James Bernard (2002). *The Brandt Equation: 21st Century Blueprint for the New Global Economy*. Philadelphia, PA, PA: Brandt 21 Forum, www.brandt21forum.info/BrandtEquation-19Sept04.pdf.

Qureshi, Anwar Iqbal (1967). *Islam and the Theory of Interest: With a New Chapter on Interest Free Banking*. London: Distributed by Luzac.

Rabin, Matthew (1996). *Psychology and Economics*. Berkeley: Department of Economics, University of California, draft prepared for *Journal of Economic Literature*, retrievable from emlab.berkeley.edu/users/rabin/peboth7.pdf.

Ramsey, V. Jean and Latting, Jean Katambu (2005). A Typology of Intergroup Competencies. In *Journal of Applied Behavioral Science*, 41 (3), pp. 265-284, www.creighton.edu/fileadmin/user/StudentServices/StudentActivities/DAT/images_-_DAT/intergroup_competencies.pdf.

Raskin, Paul D. (2008). World Lines: A Framework for Exploring Global Pathways. In *Ecological Economics*, 65 (3), pp. 461-470.

Raskin, Paul D., Banuri, Tariq, Gallopín, Gilbert, Gutman, Pablo, Hammond, Al, Kates, Robert, and Swart, Rob (2002). *Great Transition: The Promise and Lure of the Times Ahead*. Boston: Stockholm Environment Institute (SEI), Tellus Institute, a report of the Global Scenario Group, www.gtinitiative.org/documents/Great_Transitions.pdf.

Ray, Paul H. and Anderson, Sherry Ruth (2000). *The Cultural Creatives: How 50 Million People Are Changing the World*. New York: Three Rivers Press.

Raymond, Eric S. (1999). *The Cathedral and the Bazaar: Musings on Linux and Open Source by an Accidental Revolutionary*. Sebastopol, CA: O'Reilly.

Readings, Bill (1996). *The University in Ruins*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Reardon, Betty A. (1988). *Comprehensive Peace Education: Educating for Global Responsibility*. New York: Teachers College Press.

Reardon, Betty A. (1993). *Women and Peace: Feminist Visions of Global Security*. Albany: State university of New York press.

Reardon, Betty A. (1995). *Educating for Human Dignity: Learning About Rights and Responsibilities*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Reardon, Betty A. (2001). *Education for a Culture of Peace in a Gender Perspective*. Paris: UNESCO.

Reardon, Betty A. and Hans, Asha (Eds.) (2010). *The Gender Imperative: Human Security Vs State Security*. New Delhi: Routledge India.

Reich, Robert B. (2010). *Aftershock: The Next Economy and America's Future*. New York: Knopf.

Reinert, Erik S. (2007). *How Rich Countries Got Rich... And Why Poor Countries Stay Poor*. New York: Carroll and Graf.

Reinhart, Carmen M. and Rogoff, Kenneth (2009). *This Time Is Different: Eight Centuries of Financial Folly*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Richards, Howard (2008). *Paradigm Meltdown and Opportunities for Peacebuilding*. groups.yahoo.com/group/globalpolecon/message/457.

Richards, Howard (2010a). *Constructing a New Global Dispensation Beyond Economics*. Pretoria, South Africa: Keynote talk at an international conference on "Democracy, Human Rights and Social Justice in a New Global

Dispensation -Challenges and Transformations,” University of South Africa, 1-3 February 2010, howardrichards.org/pacem/index.php?option=com_content&task=view&id=137&Itemid=163.

Richards, Howard (2010b). *Human Development and the Transformation of the Academy*. Pretoria: Talk given at the University of South Africa, November 20, 2010.

Richards, Howard (2010c). *Humanizing Methodologies in Transformation*. Pretoria, South Africa: Lecture given at the University of South Africa, 20 July 2010.

Richards, Howard (2011a). *An Ethical Alternative to the Philosophy of Friedrich von Hayek*. Santiago de Chile: A presentation to the “Rethinking Economics” Group, 20 January 2011.

Richards, Howard (2011b). Human Development and the Transformation of the Academy. In *Journal of Developing Societies*, 27 (2, June), pp. 201-206.

Richards, Howard and Swanger, Joanna (2006). *The Dilemmas of Social Democracies*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield.

Riegel, Edwin Clarence (1976). *The New Approach to Freedom, Together With Essays on the Separation of Money and State*. New York and San Pedro, CA: Valun Institute for Monetary Research, New York 1949; expanded new edition published by the Heather Foundation, San Pedro, CA, 1976, www.newapproachtofreedom.info/naf/index.html.

Rifkin, Jeremy (1995). *The End of Work: The Decline of the Global Labor Force and the Dawn of the Post-Market Era*. New York: Putnam.

Rifkin, Jeremy (2009). *The Empathic Civilization: The Race to Global Consciousness in a World in Crisis*. New York: J.P. Tarcher/Penguin.

Roach, Mary (2008). *Bonk: The Curious Coupling of Science and Sex*. New York: Norton.

Robertson, James and Bunzl, John (2008). *Monetary Reform - Making It Happen!* London: International Simultaneous Policy Organisation, www.simpol.org/en/books/monetaryreform.pdf.

Robinson, Fiona (1999). *Globalizing Care: Ethics, Feminist Theory, and International Relations*. Boulder, CO: Westview Press.

Rogers, Deborah S., Deshpande, Omkar, and Feldman, Marcus W. (2011). The Spread of Inequality. In *PLoS ONE*, 6 (9), e24683, www.plosone.org/article/info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pone.0024683.

Roodman, David and Morduch, Jonathan (2009). The Impact of Microcredit on the Poor in Bangladesh: Revisiting the Evidence. *Working Paper 174*, Washington, DC: Center for Global Development.

Rorty, Richard (1979). *Philosophy and the Mirror of Nature*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Rosen, Richard J. (2009). How Should the Economy Be Regulated? The US System of Public Utility Commissions Provides a Model for Democratically Accountable Large-Scale Investment Making. In *Open Democracy*, September 8 www.opendemocracy.net/article/email/how-should-the-economy-be-regulated.

Ross, Lee D. and Jost, John T. (1999). Fairness Norms and the Potential for Mutual Agreements Involving Majority and Minority Groups. In Neale, Margaret A, Mannix, Elizabeth A, and Wageman, Ruth (Eds.), *Research on Managing Groups and Teams (Vol. 2): Groups in Their Context*, pp. 93-114. Greenwich, CT: JAI Press.

Ross, Lee D. and Ward, Andrew (1996). Naive Realism in Everyday Life: Implications for Social Conflict and Misunderstanding. In Brown, Terrance, Reed, Edward S., and Turiel, Elliot (Eds.), *Values and Knowledge*, pp. 103-135. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Rothkopf, David J. (2008). *Superclass: The Global Power Elite and the World They Are Making*. New York: Farrar, Straus and Giroux.

Rousseau, Jean-Jacques (1762). *Du contrat social ou principes du droit politique*. Amsterdam, The Netherlands: Marc Michel Rey, Archives de la Société Jean-Jacques Rousseau, un2sg4.unige.ch/athena/rousseau/jjr_cont.html.

Ruggie, John Gerard (2008). *Embedding Global Markets: An Enduring Challenge*. Aldershot: Ashgate.

Rushkoff, Douglas (2009). *Life Inc.: How the World Became a Corporation and How to Take It Back*. New York: Random House.

Russell, James A. (1991). Cultural Variations in Emotions: A Review. In *Psychological Bulletin*, 112 (2), pp. 179-204.

Sachs, Jeffrey D. (2005). *The End of Poverty: Economic Possibilities for Our Time*. New York: Penguin Group.

Sachs, Jeffrey D. (2011). *The Price of Civilization: Reawakening American Virtue and Prosperity*. New York: Random House.

Sagafi-nejad, Tagi and Dunning, John H. (2008). *The UN and Transnational Corporations: From Code of Conduct to Global Compact*. Bloomington: Indiana University Press.

Salecl, Renata (2004). *On Anxiety*. London: Routledge.

Samuelson, Paul Anthony (1947). *Foundations of Economic Analysis*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Samuelson, Robert J. (2009). *The Great Inflation and Its Aftermath: The Past and Future of American Affluence*. New York: Random House.

Sanders, T. Irene (1998). *Strategic Thinking and the New Science: Planning in the Midst of Chaos, Complexity, and Change*. New York: Free Press.

Sarfaty, Galit A. (1009). Why Culture Matters in International Institutions: The Marginality of Human Rights at the World Bank. In *American Journal of International Law*, 103 (4), pp. 647-683, knowledge.wharton.upenn.edu/papers/download/090210_Galit_Sarfaty_The_Marginality_of_Human_Rights_at_the_World_Bank.pdf.

Schäfer, Ulrich (2011). *Der Angriff. Wie der islamistische Terror unseren Wohlstand sprengt*. Frankfurt am Main, Germany: Campus.

Scharmer, Claus Otto (2007). *Theory U: Leading From the Future As It Emerges: The Social Technology of Presencing*. Cambridge, MA: Society for Organizational Learning.

Scharmer, Claus Otto (2009). *Theory U: Leading From the Future As It Emerges: The Social Technology of Presencing*. San Francisco, CA: Berret-Koehler Publishers.

Scheff, Thomas J. (2006). Aggression, Hypermasculine Emotions and Relations: The Silence/Violence Pattern. In *Irish Journal of Sociology*, 15 (1), pp. 24-37, www.soc.ucsb.edu/faculty/scheff/main.php?id=42.html.

Schei, Bitten and Rønnevig, Elisabeth (2009). *Vilje til endring: Sosialt entreprenørskap på norsk*. Notodden: Mother Courage.

Scheler, Max (1923). *Wesen und Formen der Sympathie*. Bonn, Germany: Friedrich Cohen, zweite, erweiterte Ausgabe von *Zur Phänomenologie und Theorie der Sympathiegefühle und von Liebe und Haß*, 1913.

Scheuch, Michael (2009). *Bankberatung trotz Krise mangelhaft: Stichprobe unter 25 Bankberatern von Verbraucherschützern und WISO*. Mainz, Germany: Zweites Deutsches Fernsehen (ZDF), WISO, 19.06.2009, wiso.zdf.de/ZDFde/inhalt/17/0,1872,7599377,00.html.

Schiff, Peter D. and Downes, John (2009). *Crash Proof 2.0: How to Profit From the Economic Collapse*. Hoboken, NJ: John Wiley.

Schmidt, Jeff (2000). *Disciplined Minds: A Critical Look at Salaried Professionals and the Soul-Battering System That Shapes Their Lives*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield.

Schor, Juliet B. (1992). *The Overworked American: The Unexpected Decline of Leisure*. New York: Basic Books.

Schor, Juliet B. (1998). *The Overspent American: Upscaling, Downshifting, and the New Consumer*. New York: Basic Books.

Schor, Juliet B. (2004). *Born to Buy: The Commercialized Child and the New Consumer Culture*. New York: Scribner.

Schor, Juliet B. (2010). *Plenitude: The New Economics of True Wealth*. New York: Penguin Press.

Schor, Juliet B. and You, Jong Il (Eds.) (1995). *Capital, the State, and Labour: A Global Perspective*. Aldershot: Edward Elgar.

Schrift, Alan D. (1997). *The Logic of the Gift: Toward an Ethic of Generosity*. New York: Routledge.

Schultz, Ellen E. (2011). *Retirement Heist: How Companies Plunder and Profit From the Nest Eggs of American Workers*. New York: Portfolio.

Schumacher, Ernst Friedrich (1966). Buddhist Economics. In Wint, Guy (Ed.), *Asia: A Handbook*, London: Anthony Bont, www.schumachersociety.org/buddhist_economics.html.

Schumacher, Ernst Friedrich (1973). *Small Is Beautiful: A Study of Economics As If People Mattered*. London: Blond and Briggs.

Schumacher, Ernst Friedrich (1999). *Small Is Beautiful: Economics As If People Mattered : 25 Years Later ... With Commentaries*. Point Roberts, WA: Hartley and Marks.

Schuster, Jack H. and Finkelstein, Martin J. (2006). *The American Faculty: The Restructuring of Academic Work and Careers*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Schweickart, David (2002). *After Capitalism*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield.

Searle, John R. (1969). *Speech Acts, an Essay in the Philosophy of Language*. New York: Cambridge University Press.

Sechrest, Larry J. (1993). *Free Banking: Theory, History, and a Laissez-Faire Model*. Westport, CT: Quorum Books.

Selgin, George A. (1988). *The Theory of Free Banking: Money Supply Under Competitive Note Issue*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, files.libertyfund.org/files/2307/Selgin_1544_EBk_v5.1.pdf.

Selgin, George A. (1996). *Bank Deregulation and Monetary Order*. London: Routledge.

Sen, Amartya Kumar (1980). Equality of What? In McMurrin, Sterling M. (Ed.), *Tanner Lectures on Human Values: Volume I*, Cambridge: Cambridge University Press.

Sen, Amartya Kumar (1999). *Development As Freedom*. Oxford: Oxford University Press.

Sen, Amartya Kumar (2006). *Identity and Violence: The Illusion of Destiny*. London: Penguin.

Sen, Amartya Kumar (2009). *The Idea of Justice*. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press.

Sen, Amartya Kumar and Drèze, Jean (1995). *India: Economic Development and Social Opportunity*. Delhi, India: Oxford University Press.

Senge, Peter M. (1990). *The Fifth Discipline: The Art and Practice of the Learning Organization*. New York: Doubleday.

Sennett, Richard (1998). *The Corrosion of Character: The Personal Consequences of Work in the New Capitalism*. New York: Norton.

Serres, Michel (1997). *The Troubadour of Knowledge*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

Shapiro, Harold T. (2005). *A Larger Sense of Purpose: Higher Education and Society*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Shaw, Martin (2000). *Theory of the Global State: Globality As Unfinished Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press.

Sher, Leo and Vilens, Alexander (2009). *War and Suicide*. New York: Nova Science Publishers.

Shikshantar (2008). Reclaiming the Gift Culture. In *Vimukt Shiksha*, December

Shiller, Robert J. (2000). *Irrational Exuberance*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Shipman, Alan (1999). *The Market Revolution and Its Limits: A Price for Everything*. London: Routledge.

Shiva, Vandana (1997). *The Enclosure and Recovery of the Commons: Biodiversity, Indigenous Knowledge and Intellectual Property Rights*. New Delhi, India: Research Foundation for Science, Technology, and Ecology.

Shiva, Vandana (2006). *Earth Democracy: Justice, Sustainability, and Peace*. London: Zed books.

Sidanius, Jim and Pratto, Felicia (1999). *Social Dominance: An Intergroup Theory of Social Hierarchy and Oppression*. Cambridge: Cambridge University Press.

Silver, Hilary and Miller, Seymour M. (2006). From Poverty to Social Exclusion: Lessons From Europe. In Hartman, Chester (Ed.), *Poverty and Race in America: The Emerging Agendas*, pp. 57-70. Lexington, MA: Lexington Books.

Simms, Andrew, Johnson, Victoria, and Chowla, Peter (2010). *Growth Isn't Possible: Why We Need a New Economic Direction*. Totnes, London: Schumacher College and nef (the new economics foundation), www.neweconomics.org/sites/neweconomics.org/files/Growth_Isnt_Possible.pdf.

Singer, Peter Albert David (1973). *Democracy and Disobedience*. Oxford: Clarendon Press.

Singer, Peter Albert David (1981). *The Expanding Circle: Ethics and Sociobiology*. Oxford: Clarendon Press of Oxford University Press.

Singer, Peter Albert David (2004). *One World: The Ethics of Globalization*. 2nd edition. New Haven, CT: Yale University Press.

Singer, Peter Albert David (2009). *The Life You Can Save: Acting Now to End World Poverty*. London: Picador.

Skjervheim, Hans (2002). Eit grunnproblem i pedagogisk filosofi. In Hellesnes, Jon and Skirbekk, Gunnar (Eds.), *Mennesket*, pp. 103-117. Oslo, Norway: Universitetsforlaget.

Slaughter, Sheila and Rhoades, Gary (2004). *Academic Capitalism and the New Economy: Markets, State, and Higher Education*. Baltimore, NJ: Johns Hopkins University Press.

Smith, Adam (1759). *The Theory of Moral Sentiments*. London, Edinburg, UK: Printed for A. Millar, London; and A. Kincaid and J. Bell, Edinburgh.

Smith, Adam (1776). *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*. London: Strahan/Cadell, www.adamsmith.org/smith/won-index.htm.

Smith, Adam (1968). *The Money Game*. London: Pan Books.

Smith, M. Brewster, Bruner, Jerome S., and White, Robert W. (1956). *Opinions and Personality*. New York: John Wiley.

Smithin, John N. (2000). *What Is Money?* London: Routledge.

Snauwaert, Dale T. (2010). Democracy As Public Deliberation and the Psychology of Epistemological World Views and Moral Reasoning: A Philosophical Reflection. In *Journal of Peace Education and Social Justice*, 4 (1), pp. 120-126, www.infactispax.org/volume4dot1/Snauwaert.pdf.

Snyder, Jack (1985). Perceptions of the Security Dilemma in 1914. In Jervis, Robert, Lebow, Richard Ned, and Stein, Janice Gross (Eds.), *Psychology and Deterrence*, pp. 153-179. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.

Snyder, Jack and Walters, Barbara. (Eds.) (1999). *The Security Dilemma and Intervention in Civil Wars*. New York: Columbia University Press.

Soddy, Frederick (1926). *Wealth, Virtual Wealth and Debt*. London: George Allen and Unwin.

Soros, George (2008). *The New Paradigm for Financial Markets: The Credit Crisis of 2008 and What It Means*. London: PublicAffairs.

Speth, James Gustave (2008). *The Bridge at the Edge of the World: Capitalism, the Environment, and Crossing From Crisis to Sustainability*. New Haven, CT: Yale University Press.

Speth, James Gustave (2010). Towards a New Economy and a New Politics. In *The Solutions Journal*, 1 (5, May), pp. 33-41, www.thesolutionsjournal.com/node/619.

Spratt, Stephen, Simms, Andrew, Neitzert, Eva, and Ryan-Collins, Josh (2009). *The Great Transition: A Tale of How It Turned Out Right*. London: nef (the new economics foundation), www.neweconomics.org/publications/growth-isnt-possible.

Staub, Ervin (1989). *The Roots of Evil: The Origins of Genocide and Other Group Violence*. Cambridge: Cambridge University Press.

Staub, Ervin (2003). *The Psychology of Good and Evil: Why Children, Adults, and Groups Help and Harm Others*. Cambridge: Cambridge University Press.

Steele, David (2007). Global Society and Its Ancient Greek Antecedents. In *The European Legacy*, 12 (1), pp. 1-21, pdfserve.informaworld.com/55441_751315987_762428366.pdf.

Steiner, Claude M. (2003). *Emotional Literacy: Intelligence With a Heart*. Fawnskin, CA: Personhood Press.

Steinsland, Gro (2007). *Myth and Power in the Cultural Transformation of the Nordic Countries From Viking to Medieval Age*. Oslo, Norway: Centre for Advanced Study (CAS) at the Norwegian Academy of Science and Letters, Opening ceremony, September 4, 2007, Lecture by Professor Gro Steinsland, ILN, University of Oslo, Group leader at CAS, 2007/2008, www.cas.uio.no/research/0708rulership/lecture_040907.pdf.

Stern, Nicholas (2006). *Stern Review of the Economics of Climate Change*. Cambridge: Cambridge University Press.

Stern, Nicholas (2011). *How Should We Think About the Economics of Climate Change? Lecture for Leontief Prize, 8th March 2011*. Medford, MA: www.ase.tufts.edu/gdae/about_us/leontief/SternLecture.pdf.

Stevenson, Betsey and Wolfers, Justin (2009). *The Paradox of Declining Female Happiness*. Cambridge, MA: The National Bureau of Economic Research, www.nber.org/papers/w14969.

Stiglitz, Joseph E. (2003). *Globalization and Its Discontents*. New York: Norton.

Stiglitz, Joseph E. and Charlton, Andrew (2006). *Fair Trade for All: How Trade Can Promote Development (Initiative for Policy Dialogue)*. Oxford, New York: Oxford University Press.

Stiglitz, Joseph E., Edlin, Aaron S., and DeLong, J. Bradford. (Eds.) (2008). *The Economists' Voice: Top Economists Take on Today's Problems*. New York: Columbia University Press.

Stiglitz, Joseph E., Sen, Amartya Kumar, and Fitoussi, Jean-Paul (2011). *Mismeasuring Our Lives: Why GDP Doesn't Add Up*. New York: New Press.

Stiglitz, Joseph E. and Serra, Narcís. (Eds.) (2008). *The Washington Consensus Reconsidered: Towards a New Global Governance*. Oxford: Oxford University Press.

Stoknes, Per Espen (1996). *Sjelens Landskap: Refleksjoner Over Natur Og Myter*. Oslo, Norway: Cappelen.

Strasburger, Victor C., Jordan, Amy B., and Wilson, Barbara J. (2009). *Children, Adolescents, and the Media*. Los Angeles: Sage.

Sullivan, Paul (2010). *Clutch: Why Some People Excel Under Pressure and Others Don't*. New York: Portfolio.

Sundararajan, Louise (2011). Belief, Emotion, and Health: Toward an Integrative Account: Commentary on John Cromby's "Beyond Belief". In *Journal of Health Psychology*, forthcoming.

Sundararajan, Louise, Kim, Chulin, Reynolds, Martina, and Brewin, Chris R. (2010). Language, Emotion, and Health: A Semiotic Perspective on the Writing Cure. In Hamel, Steven C. (Ed.), *Semiotics: Theory and Applications*, pp. 65-97. New York: Nova Science.

Sundararajan, Louise and Schubert, Lenhart K. (2005). Verbal Expressions of Self and Emotions: A Taxonomy With Implications for Alexithymia and Related Disorders. In Ellis, Ralph D. and Newton, Natika (Eds.), *Consciousness and Emotion: Agency, Conscious Choice, and Selective Perception*, pp. 243-284. Amsterdam, The Netherlands: John Benjamins.

Suskind, Ron (2011). *Confidence Men: Wall Street, Washington, and the Education of a President*. Harper.

Syse, Henrik Preben (2009). *Måtehold i grådighetens tid*. Oslo, Norway: Cappelen Damm.

T., Anne (2009). *Die Gier war Grenzenlos: Eine deutsche Börsenhändlerin packt aus*. Düsseldorf, Germany: Econ Verlag.

Tajfel, Henri and Turner, John C. (1986). The Social Identity Theory of Intergroup Behavior. In Worchel, Stephen and Austin, William G. (Eds.), *Psychology of Intergroup Relations*, pp. 204-227. Chicago: Neston-Hall.

Taylor, Charles (1993). To Follow a Rule... In Calhoun, Craig, LiPuma, Edward, and Postone, Moishe (Eds.), *Bourdieu: Critical Perspectives*, pp. 45-60. Cambridge: Polity Press, published in association with Blackwell, and written in association with the Center for Psychosocial Studies.

Taylor, Frederick Winslow (1911). *The Principles of Scientific Management*. New York: Harper and Brothers.

Tedlow, Richard S. (2010). *Denial: Why Business Leaders Fail to Look Facts in the Face - and What to Do About It*. New York: Portfolio.

Tett, Gillian (2009). *Fool's Gold: How the Bold Dream of a Small Tribe at J.P. Morgan Was Corrupted by Wall Street Greed and Unleashed a Catastrophe*. New York: Free Press.

Thaler, Richard and Sunstein, Cass (2008). *Nudge: Improving Decisions About Health, Wealth and Happiness*. New Haven, CT: Yale University Press.

The Green New Deal Group (2008). *A Green New Deal: Joined-Up Policies to Solve the Triple Crunch of the Credit Crisis, Climate Change and High Oil Prices*. London: The report is published on behalf of the Green New Deal Group by nef (the new economics foundation).

The International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank (2011). *World Development Report 2011: Conflict, Security, and Development*. Washington DC: The International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank, wdr2011.worldbank.org/sites/default/files/Complete%202011%20WDR%20Conflict%20Security%20and%20Development_0.pdf.

Thomas, Alexandar R. (1998). Ronald Reagan and the Commitment of the Mentally Ill: Capital, Interest Groups, and the Eclipse of Social Policy. In *Electronic Journal of Sociology*, , www.sociology.org/content/vol003.004/thomas.html.

Thomas, Caroline (2001). Global Governance, Development and Human Security: Exploring the Links. In *Third World Quarterly*, 22 (2), pp. 159-175, www.jstor.org/pss/3993404.

Thoreau, Henry David Glick, Wendell and Zinn, Howard (Eds.) (2004). *The Higher Law: Thoreau on Civil Disobedience and Reform*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Thoreau, Henry David and Sharp, Gene (1963). *Thoreau: On the Duty of Civil Disobedience*. London: Peace News.

Thoren, Theodore R. and Warner, Richard F. (Eds.) (1980). *The Truth in Money Book*. Chagrin Falls, OH: A Truth in Money Publication.

Todd, John and Todd, Nancy Jack (1980). *Tomorrow Is Our Permanent Address: The Search for an Ecological Science of Design As Embodied in the Bioshelter*. New York: Harper & Row.

Transnational Institute (2008). *The Global Economic Crisis: An Historic Opportunity for Transformation*. Amsterdam The Netherlands: Transnational Institute, www.tni.org/archives/beijingstatementoncrisis.

Tremblay, Rodrigue (2010). *The Code for Global Ethics: Ten Humanist Principles*. Amherst, NY: Prometheus.

Tschudi, Finn (2008). Dignity Violations: An Alternative View of “Administrative Evil”. In *Public Administration*, 96 (4), pp. 895-903.

Twenge, Jean M. (2006). *Generation Me: Why Today’s Young Americans Are More Confident, Assertive, Entitled - and More Miserable Than Ever Before*. New York: Free Press.

Twenge, Jean M. and Campbell, W. Keith (2009). *The Narcissism Epidemic: Living in the Age of Entitlement*. New York: Free Press.

Twenge, Jean M., Konrath, Sara H., Foster, Joshua D., Campbell, Keith W., and Buschman, Brad J. (2008). Egos Inflating Over Time: A Cross-Temporal Meta-Analysis of the Narcissistic Personality Inventory. In *Journal of Personality*, 76 (4, August), pp. 875-901, www.psychology.sdsu.edu/new-web/FacultyLabs/twenge/narctimeJP.pdf.

United Nations Department of Economic and Social Affairs (2005). *2005 Report on the World Social Situation*. New York: United Nations, www.un.org/esa/socdev/rwss/media%2005/cd-docs/fullreport05.htm.

United Nations Environment Programme (UNEP) (2009). *International Environmental Governance: Outcome of the Work of the Consultative Group of Ministers or High-Level Representatives*. Nairobi: United Nations Environment Programme (UNEP), “Belgrad Process” on June 27 and 28, 2009 in Belgrade, and on October 28 and 29, 2009, in Rome, by a regionally representative, consultative group of ministers or highlevel representatives, following Governing Council decision 25/4 of February 20, 2009, on international environmental governance, www.unep.org/gc/gcss-xi/working_docs.asp.

Ury, William (1999). *Getting to Peace: Transforming Conflict at Home, at Work, and in the World*. New York: Viking.

Vaitheeswaran, Vijay V. (2003). *Power to the People: How the Coming Energy Revolution Will Transform an Industry, Change Our Lives, and Maybe Even Save the Planet*. New York: Farrar, Straus and Giroux.

Valle, Victor M. (2001). *Spiraling in Human Insecurity: The Historic Evolution of a Country*. New York: Discussion paper presented at the Expert Group Meeting on Structural Threats to Social Integration: Indicators for Conflict Prevention, Session 2: Structural threats to social integrity 18th 20th December 2001, New York, organized by the United Nations Department of Economic and Social Affairs, Division for Social Policy and Development, Social Integration Branch, www.un.org/esa/socdev.

Valone, Thomas F., Cullen, T., and Carter, Susan M. (2004). Tom Valone Reviews a Myriad of Alternative Energy Technologies: Report on Thomas Valone’s Lecture at the New Energy Movement Conference, September 25, 2004, Portland, Oregon, USA. In *Pure Energy Systems News*, October 16, www.pureenergysystems.com/events/conferences/2004/NewEnergyMovement/6900056_ThomasValone/.

Vaughan, Genevieve (1997). *For-Giving: A Feminist Criticism of Exchange*. Austin, TX: Plain View Press.

Vaughan, Genevieve (Ed.) (2007). *Women and the Gift Economy: A Radically Different Worldview Is Possible*. Toronto: Innana, www.gift-economy.com.

- Veblen, Thorstein Bunde (1899). *The Theory of the Leisure Class: An Economic Study in the Evolution of Institutions*. New York: Macmillan.
- Verba, Sidney, Schlozman, Kay Lehman, and Brady, Henry E. (1995). *Voice and Equality: Civic Voluntarism in American Politics*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Vetlesen, Arne Johan (Ed.) (2008). *Nytt klima: Miljøkrisen i samfunnskritisk lys*. Oslo, Norway: Gyldendal.
- Victor, Peter A. (2008). *Managing Without Growth: Slower by Design, Not Disaster*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Villa-Vicencio, Charles (2000). *Transcending a Century of Injustice*. Rondebosch, South Africa: Institute for Justice and Reconciliation.
- Villa-Vicencio, Charles (2009). *Walk With Us and Listen: Political Reconciliation in Africa*. Washington, DC: Georgetown University Press.
- Villa-Vicencio, Charles and Du Toit, Fanie (2006). *Truth and Reconciliation in South Africa: 10 Years on*. Claremont, South Africa: David Philip.
- von Weltzien Høivik, Heidtraut (Ed.) (2002). *Moral Leadership in Action: Building and Sustaining Moral Competence in European Organizations*. Cheltenham: Edward Elgar.
- von Weltzien Høivik, Heidtraut (2005). *Consultants As Destructive Confidants and the Unethical Games That People Play*. Oslo, Norway: Cappelen.
- von Weltzien Høivik, Heidtraut (2007). East Meets West: Tacit Messages About Business Ethics in Stories Told by Chinese Managers. In *Journal of Business Ethics*, 74 (4), pp. 457-469.
- von Weltzien Høivik, Heidtraut (2009). Developing Students' Competence for Ethical Reflection While Attending Business School. In *Journal of Business Ethics*, 88 (1), pp. 5-9.

von Weltzien Høivik, Heidetraut and Melé, Domènec (2009). Can an SME Become a Global Corporate Citizen? Evidence From a Case Study. In *Journal of Business Ethics*, 88 (3), pp. 551-563.

Wadhwa, Vivek, Saxenian, AnnaLee, Freeman, Richard B., and Gereffi, Gary (2009). *America's Loss Is the World's Gain: America's New Immigrant Entrepreneurs, Part 4*. Durham, NC: Duke University, ssrn.com/abstract=1348616.

Walker, Gabrielle and King, David A. (2008). *The Hot Topic: What We Can Do About Global Warming*. Orlando, FL: Harcourt.

Wallerstein, Immanuel Maurice (1974). *The Modern World-System (Three Volumes 1974-1989)*. New York: Academic Press.

Walsh, Roger (2011). Lifestyle and Mental Health. In *American Psychologist*, 66 (7, October), pp. 579-592.

Waltz, Kenneth (1979). *Theory of International Politics*. Reading, MA: Addison-Wesley.

Walzer, Michael (1970). *Obligations: Essays on Disobedience, War, and Citizenship*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Walzer, Michael (1992). The Civil Society Argument. In Mouffe, Chantal (Ed.), *Dimensions of Radical Democracy: Pluralism, Citizenship, Community*, pp. 89-107. London: Verso.

Waring, Marilyn (1988). *If Women Counted: A New Feminist Economics*. San Francisco, CA: Harper and Row.

Washington, Harriet A. (2007). *Medical Apartheid: The Dark History of Medical Experimentation on Black Americans From Colonial Times to the Present*. New York: Doubleday.

Washington, Harriet A. (2011). *Deadly Monopolies: The Shocking Corporate Takeover of Life Itself - and the Consequences for Your Health and Our Medical Future*. New York: Doubleday.

Weber, Max (1904). Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. In *Archiv für Sozialwissenschaften und Sozialpolitik*, Erstveröffentlichung 1904, 20. Band, Heft 1, Seiten 1-54, sowie 1905, 21. Band, Heft 1, Seiten 1-110

Weber, Thomas (1999). Gandhi, Deep Ecology, Peace Research and Buddhist Economics. In *Journal of Peace Research*, 36 (3), pp. 349-361.

Weiss, Thomas G. (2009). What Happened to the Idea of World Government? In *International Studies Quarterly*, 53 (2), pp. 253-271, www3.interscience.wiley.com/cgi-bin/fulltext/122437391/PDFSTART.

Wendt, Alexander (2004). *Social Theory As Cartesian Science: An Auto-Critique From a Quantum Perspective*. Columbus, OH: www.humiliationstudies.org/documents/WendtAutoCritique.pdf.

Werlhof, Claudia von, Bennholdt-Thomsen, Veronika, and Faraclas, Nicholas. (Eds.) (2001). *There Is an Alternative: Subsistence and Worldwide Resistance to Corporate Globalization*. North Melbourne, Victoria: Spinifex Press.

Werner, Götz Wolfgang and Presse, André. (Eds.) (2007). *Grundeinkommen und Konsumsteuer. Impulse für „Unternimm die Zukunft.“* Karlsruhe, Germany: Universitätsverlag, Tagungsband zum Karlsruher Symposium “Grundeinkommen: bedingungslos,” digbib.ubka.uni-karlsruhe.de/volltexte/1000006351.

Westra, Laura (2011). *Globalization, Violence and World Governance*. Leiden, The Netherlands: Brill.

Wettstein, Florian (2009). *Multinational Corporations and Global Justice: Human Rights Obligations of a Quasi-Governmental Institution*. Stanford, CA: Stanford Business Books.

Whitaker, Robert (2010). *Anatomy of an Epidemic: Magic Bullets, Psychiatric Drugs, and the Astonishing Rise of Mental Illness in America*. New York: Crown.

White, Lawrence H. (1984). *Free Banking in Britain: Theory, Experience, and Debate, 1800-1845*. Cambridge: Cambridge University Press.

White, Lawrence H. (1999). *The Theory of Monetary Institutions*. Malden, MA: Blackwell.

Wichterich, Christa (2000). *The Globalized Woman: Reports From a Future of Inequality*. London: Spinifex Press.

Wichterich, Christa (2011). *The Other Financial Crisis: Poor Women, Small Credits, Big Businesses*. Brussels, Belgium: Women In Development Europe (WIDE), 62.149.193.10/wide/download/TheOtherFinancialCrisis_Microcredit_christa.pdf?id=1415.

Wickert, Ulrich (2011). *Redet Geld, schweigt die Welt: Was uns Werte wert sein müssen*. Hamburg, Germany: Hoffman und Campe.

Wierzbicka, Anna (1986). Human Emotions: Universal or Culturespecific? In *American Anthropologist*, 88, pp. 584-594.

Wierzbicka, Anna and Harkins, Jean. (Eds.) (2001). *Emotions in Crosslinguistic Perspective*. Berlin, Germany: Mouton de Gruyter.

Wilkinson, Richard G. (2005). *The Impact of Inequality. How to Make Sick Societies Healthier*. London: Routledge.

Wilkinson, Richard G. and Pickett, Kate (2009a). *The Spirit Level: Why Greater Equality Makes Societies Stronger*. New York: Bloombury Press.

Wilkinson, Richard G. and Pickett, Kate (2009b). *The Spirit Level: Why More Equal Societies Almost Always Do Better*. London: Allen Lane.

Wilkinson-Maposa, Susan, Fowler, Alan, Oliver-Evans, Ceri, and Mulenga, Chao F. N. (2009). *The Poor Philanthropist: How and Why the Poor Help Each Other*. Cape Town, South Africa: Compress.

Williams, Raymond (1961). *The Long Revolution*. London: Chatto and Windus.

Williams, Rowan and Elliott, Larry. (Eds.) (2010). *Crisis and Recovery: Ethics, Economics and Justice*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Williamson, Thad, Imbroscio, David, and Alperovitz, Gar (2003). *Making a Place for Community: Local Democracy in a Global Era*. New York: Routledge.

Wilshire, Bruce (1990). *The Moral Collapse of the University: Professionalism, Purity, and Alienation*. Albany: State University of New York Press.

Wintersteiner, Werner (1999). *Pädagogik Des Anderen: Bausteine für eine Friedenspädagogik in der Postmoderne*. Münster, Germany: Agenda.

Wobst, Martin (1978). The Archaeo-Ethnology of Hunter-Gatherers or the Tyranny of the Ethnographic Record in Archaeology. In *American Antiquity*, 43 (2), pp. 303-309.

Wolf, Martin (2009). *Fixing Global Finance: How to Curb Financial Crises in the 21st Century*. New Haven: Yale University press.

Wolin, Sheldon S. (2008). *Democracy Incorporated: Managed Democracy and the Specter of Inverted Totalitarianism*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Wood, Donna J. (1991). Corporate Social Performance Revisited. In *The Academy of Management Review*, 16 (4), pp. 691-718, www.jstor.org/stable/258977.

Wood, Ellen Meiksins (2003). *Empire of Capital*. London: Verso.

World Commission on Environment and Development and Brundtland, Gro Harlem (1987). *Our Common Future*. Oxford: Oxford University Press, en.wikisource.org/wiki/Brundtland_Report.

Wyatt-Brown, Bertram (2005). *The Changing Faces of Honor in National Crises: Civil War, Vietnam, Iraq, and the Southern Factor*. Baltimore, MD: The Johns Hopkins History Seminar, Fall 2005.

Yergin, Daniel (2008). *The Prize: The Epic Quest for Oil, Money & Power*. New York: Free Press.

Yergin, Daniel (2011). *The Quest: Energy, Security, and the Remaking of the Modern World*. New York: Penguin Press.

Yoshikawa, Muneo Jay (1980). *The "Double Swing" Model of Eastern-Western Intercultural Communication*. Paper prepared for the Seminar on Communication Theory from Eastern and Western Perspectives, East-West Communication Institute, Honolulu, Hawaii.

Yoshikawa, Muneo Jay (1987). The "Double Swing" Model of Intercultural Communication Between the East and West. In Kincaid, D. Lawrence (Ed.), *Communication Theory: Eastern and Western Perspectives*, pp. 319-329. San Diego, CA: Academic Press.

Yudkin, Michael (Ed.) (1969). *General Education: A Symposium on the Teaching of Non-Specialists*. Harmondsworth: Penguin.

Zarlenga, Stephen A. (2002). *The Lost Science of Money*. Valatie, NY: American Monetary Institute.

Zehr, Howard (1990). *Changing Lenses: A New Focus for Crime and Justice*. Scottdale, PA: Herald Press.

Zehr, Howard (2002). *The Little Book of Restorative Justice*. Intercourse, PA: Good Books.

Zembylas, Michalinos (2002). Of Troubadours, Angels, and Parasites: Reevaluating the Educational Territory in the Arts and Sciences Through the Work of Michel Serres. In *International Journal of Education & the Arts*, 3 (3, March 17) ijea.asu.edu/v3n3.

Zerubavel, Eviatar (1997). *Social Mindscapes: An Invitation to Cognitive Sociology*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Zimbardo, Philip G. (1971). *The Power and Pathology of Imprisonment*. *Congressional Record*. (Serial No. 15, 1971-10-25). *Hearings Before Subcommittee No. 3, of the Committee on the Judiciary, House of Representatives, Ninety-Second Congress, First Session on Corrections, Part II, Prisons, Prison Reform and Prisoner's Rights: California*. Washington, DC: Government Printing Office.

Zimbardo, Philip G. (2007). *The Lucifer Effect: Understanding How Good People Turn Evil*. New York: Random House.

Zoche, Georg (2009). *Welt Macht Geld*. Berlin: Blumenbar, weltmachtgeld.de.

Zsolnai, László and Ims, Knut J. (2006). *Business Within Limits: Deep Ecology and Buddhist Economics*. Oxford: Peter Lang.

